



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

**A PAUTA DA SECA NA TV SERGIPE: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA JORNALÍSTICA À LUZ DO JORNALISMO DE
SOLUÇÕES**

SÃO CRISTÓVÃO, SE
2022

CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

**A PAUTA DA SECA NA TV SERGIPE: UMA ANÁLISE DA
COBERTURA JORNALÍSTICA À LUZ DO JORNALISMO DE
SOLUÇÕES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação junto ao mestrado em Comunicação - PPGCOM/UFS, realizado sob orientação do Prof. Dr. Vitor Curvelo Fontes Belém.

SÃO CRISTÓVÃO, SE
2022

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

F224p Farias, Camila Gabrielle Oliveira de
A pauta da seca na Tv Sergipe : uma análise da cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções / Camila Gabrielle Oliveira de Farias ; orientador Vitor Curvelo Fontes Belém. – São Cristóvão, SE, 2022.
201 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. Comunicação de massa. 2. Jornalismo – Aspectos sociais. 3. Jornalismo local. 4. Telejornalismo – Sergipe. I. Belém, Vitor Curvelo Fontes, orient. II. Título.

CDU 659.3(813.7)

**ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – UFS**

Título do trabalho: "A PAUTA DA SECA NA TV SERGIPE: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA À LUZ DO JORNALISMO DE SOLUÇÕES."

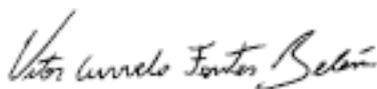
Aluno (a): CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS

Data da defesa: 30/03/2022

Às 14 (quatorze) horas do dia 30 (trinta) do mês março de 2022, o Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a defesa de dissertação de Mestrado da discente CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS intitulado: "A PAUTA DA SECA NA TV SERGIPE: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA À LUZ DO JORNALISMO DE SOLUÇÕES", conforme o que estabelece a resolução Nº 04/2021/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi realizada na modalidade híbrida motivada pela necessidade de distanciamento social diante da pandemia de COVID-19. Composição da banca: VITOR CURVELO FONTES BELEM (PPGCOM-UFS) – presidente da banca e orientador, CARLOS EDUARDO FRANCISCATO (PPGCOM-UFS) – avaliador interno e ELOISA BELING LOOSE – avaliador externo (UFRGS). Após a discente apresentar seu trabalho, a banca fez os questionamentos e comentários referentes à pesquisa, os quais foram respondidos. Ao final, a banca se reuniu e considerou a discente CAMILA GABRIELLE OLIVEIRA DE FARIAS aprovada no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 30 de março de 2022

Banca Examinadora:



Prof. Dr. VITOR CURVELO FONTES BELEM (PPGCOM-UFS) –
PRESIDENTE DA BANCA (presencial)



Prof. Dr. CARLOS EDUARDO FRANCISCATO (PPGCOM-UFS) –
avaliador interno (presencial)

Profa Dra ELOISA BELING LOOSE (UFRGS) –
avaliador externo (participação à distância por
videoconferência)

SÃO CRISTÓVÃO, SE
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força para chegar até aqui e superar meus medos e ansiedade, mesmo em um período de pandemia.

Ao meu noivo, Jonathan, por ter sido tão paciente comigo durante todo o processo do mestrado, desde a seleção até a entrega do dissertação. Agradeço também por ter sido meu braço forte, sendo um suporte e apoio na jornada da vida.

Aos meus pais, por terem investido nos meus estudos desde cedo, colaborando com meu aprendizado e crescimento profissional. Sem vocês, eu não teria nem a graduação. Obrigado por me apoiarem e serem presentes nessa caminhada. Preciso falar também das minhas irmãs Priscila e Vanessa e do meu irmãozinho Gabriel, com dois aninhos - exatamente o tempo dessa caminhada no mestrado, e que trouxe tanta alegria em nossas vidas. Vocês me completam!

Ao meu orientador, por ter acreditado no meu projeto, dando-me a chance de ingressar no mestrado com sua orientação. Muito obrigada por todas as reuniões, conversas, puxões de orelha e pelos livros emprestados. Com certeza, nunca me esquecerei das suas palavras. Agradeço também à banca, na figura do professor Franciscato, que também me acompanhou em disciplinas na pós-graduação e já me atendeu em várias reuniões. Obrigada por ser paciente comigo e por tanto aprendizado. À professora Eloísa, gostaria de agradecer por ter aceitado o meu convite para integrar à banca, gostaria que soubesse que seus artigos foram uma inspiração para eu pensar o jornalismo de soluções.

À Universidade Pública, especialmente, à Universidade Federal de Sergipe (UFS) por atuar na formação acadêmica de diversos alunos, prezando pela qualidade e valorização científica. Foi uma grande honra e sempre serei vinculada à Instituição em meu coração.

A todos os amigos da vida e colegas de trabalho que acreditaram em mim e me incentivaram a nunca desistir!

“Information that helps people understand and solve problems in a timely manner has always been vital.” (David Bornstein e Tina Rosenberg. Annual Report of Solutions Journalism, 2020, p.3)

RESUMO

A região Nordeste é composta por 9 estados no Brasil, que juntos compõem praticamente todo o semiárido. Com características como chuvas irregulares, o local também pode ser afetado com períodos de seca; um tipo de pauta recorrente na mídia televisiva. A partir de um levantamento bibliográfico sobre o assunto, esse trabalho investigou como o telejornalismo local, especificamente, na TV Sergipe - que é uma emissora de televisão afiliada à Rede Globo, realizou a cobertura da seca entre os anos de 2017 a 2019, identificando se políticas públicas, técnicas de convivência com a seca ou ações para o combate ao desmatamento da caatinga no estado foram abordadas. O objetivo foi verificar se as soluções apresentadas pela TV Sergipe à questão da seca estavam dentro da perspectiva voltada ao jornalismo de soluções. O recorte temporal foi escolhido por ser posterior à grave seca que atingiu pontos da região. O estado de Sergipe foi escolhido porque mais de 50% de seu território integra o semiárido, além da identificação cultural por parte da autora da pesquisa. Como método, a análise de conteúdo foi utilizada, por meio da criação de categorias que investigaram a cobertura da seca a partir de diversos agentes como as fontes e agentes de resposta, assim como as soluções propostas. Como resultado, foi possível visualizar uma cobertura que cita soluções e respostas emergenciais, sem apontar os detalhes da implementação, as evidências, assim como as limitações da resposta. Visualizamos também uma cobertura sem criticidade de forma predominante em relação ao fenômeno da seca, por meio de uma generalização do local, assim como culpabilização do clima, o que nos levou a refletir como essa cobertura poderia ser feita a partir do jornalismo de soluções e com um aspecto preventivo de abordagem.

Palavras-chaves: Telejornalismo local; Sergipe; seca; jornalismo de soluções.

ABSTRACT

The Northeast region is composed of 9 states in Brazil, which together make up practically the entire semiarid region. With characteristics such as irregular rainfall, the site can also be affected by periods of drought; a type of recurring agenda in the television media. Based on a bibliographic survey on the subject, this work investigated how local television journalism, specifically on TV Sergipe - which is a television station affiliated with Rede Globo, covered the drought between the years 2017 to 2019, identifying whether public policies, techniques of coexistence with the drought or actions to combat deforestation of the caatinga in the state were addressed. The objective was to verify if the solutions presented by TV Sergipe to the drought issue were within the perspective focused on solutions journalism. The temporal cut was chosen because it was after the severe drought that hit parts of the region. The state of Sergipe was chosen for this analysis because more than 50% of its territory is part of the semi-arid region, in addition to the cultural identification by the research author. As a method, content analysis was used, through the creation of categories that investigated drought coverage from different agents such as sources and response agents, as well as the proposed solutions. As a result, it was possible to visualize coverage that cites emergency solutions and responses, without pointing out the implementation details, evidence, as well as the limitations of the response. We also visualized an uncritical coverage predominantly in

relation to the drought phenomenon, through a generalization of the place, as well as blaming the climate, which led us to reflect on how this coverage could be done from the journalism of solutions and with a preventive aspect of approach.

Keywords: Local telejournalism; Sergipe; dry; solutions journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA	20
1.1 Finalidades do jornalismo	20
1.2 As notícias e os elementos que afetam a escolha jornalística	28
1.3 O telejornalismo e as rotinas produtivas	38
1.4 A noção de local no telejornalismo	43
CAPÍTULO 2: JORNALISMO DE SOLUÇÕES	48
2.1 Do jornalismo cívico ao jornalismo construtivo	48
2.2 O foco em soluções	58
2.3 Mais a fundo no jornalismo de soluções: características e pontos críticos a noção do local no telejornalismo	67
CAPÍTULO 3: O JORNALISMO, A SECA E O NORDESTE	74
3.1 O cenário da seca no Nordeste	80
3.2 A seca em Sergipe	81
3.3 Os impactos da seca em Sergipe entre 2012 a 2016	83
3.4 Sergipe e a seca: políticas públicas, convivência e o bioma da caatinga	87
CAPÍTULO 4: COBERTURA DA SECA EM SERGIPE	97
4.1 TV Sergipe: breve histórico e programação	97
4.2 Percurso metodológico	100
4.3 Análise de conteúdo como método	102
4.4 A categorização	104
CAPÍTULO 5: RESULTADOS	112
5.1 Disposição do tempo total de exibição do conteúdo	113
5.2 Delimitação do local a partir do semiárido	114
5.3 A análise das fontes	117
5.4 O vínculo das fontes e o total de aparições	118
5.5 Jornalismo de soluções	122
5.5.1. Análise de matérias fora das características do jornalismo de soluções	152

5.5.1.1 A chuva/deus apresentada como solução para a seca, sem citar outras respostas	153
5.5.1.2 Os casos de solidariedade	157
5.5.1.3 Matérias ligadas ao aspecto da seca, sem apresentar soluções	159
5.5.1.4 Matérias relacionadas ao sertão, mas que não se encaixam nas outras delimitações	160
5.6 Os agentes que praticaram a solução ou resposta	160
5.7 Soluções por predominância	162
CAPÍTULO 6: ASPECTOS COMPLEMENTARES AO TEMA	168
6.1 Jornalismo de soluções e prevenção: uma combinação possível de conceitos?	168
6.2 proposta de cobertura da seca para o telejornalismo e sugestões de pautas	170
6.3 Propostas de pauta	173
CONCLUSÃO	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
APÊNDICES	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proposta de valores-notícia apresentada por Gislene Silva (2005)	36
Quadro 2 - Levantamento das teorias apresentadas neste capítulo	65
Quadro 3 - 10 características para o jornalismo de soluções	69
Quadro 4 - Semiárido brasileiro, seus estados e municípios (2017)	80
Quadro 5 - Municípios sergipanos que integram o semiárido brasileiro	82
Quadro 6 - Variabilidade climática de Sergipe, em diferentes pontos do estado	86
Quadro 7 - Ações que demonstram como o estado de Sergipe se organizou para lidar com a questão da seca	88
Quadro 8 - Ações que demonstram como o estado de Sergipe se organizou para lidar com a questão da seca	90
Quadro 9 - Possíveis respostas associadas ao problema da seca	96
Quadro 10 - Livro-código utilizado por matéria	106
Quadro 11-Matéria que exemplifica a implementação da resposta	124
Quadro 12 - Matéria sobre a melhoria genética em Nossa Senhora da Glória	127
Quadro 13 -Trecho ao vivo sobre o Senar realizar o credenciamento para produtores de leite	129
Quadro 14 - Descrição de parte da matéria “gado morre de sede e fome no sertão sergipano”	130
Quadro 15 -Matérias analisadas e com algumas características do jornalismo de soluções	133
Quadro 16- Conteúdos que abordam somente a chuva como resposta	153
Quadro 17- Trecho da matéria: seca mata gado e destrói plantação	155
Quadro 18 - Conteúdos que abordam casos de solidariedade	157
Quadro 19-Conteúdos ligados à seca, sem soluções	158
Quadro 20-Conteúdos ligados à seca, sem outras delimitações	159

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os ramos do jornalismo construtivo e técnicas psicológicas usadas em cada	55
Figura 2 - Região semiárida de Sergipe, obtida via satélite	83
Figura 3 - As mudanças na caatinga, manutenção florestal e desmatamento no semiárido sergipano	84
Figura 4 - Municípios em situação de emergência no estado de Sergipe	86
Figura 5 - Disposição por programas jornalísticos analisados	112
Figura 6 - Exibição de municípios vinculados ao semiárido	115
Figura 7 -Exemplo de imagem nas matérias ao abordar a chuva como resposta	156
Figura 8 - Agentes que realizam soluções	160
Figura 9 -Soluções por predominância	163

TABELAS

Tabela 1 - 5 pilares do jornalismo de soluções	70
Tabela 2- Tempo e total de conteúdos	113
Tabela 3 - Total de aparições e tempo das matérias por programas	114
Tabela 4 - Tempo dedicado às fontes (soma total dos conteúdos investigados)	118
Tabela 5 - Vínculo das fontes	119
Tabela 6 - Área de atuação dos sujeitos	121
Tabela 7 -As características do jornalismo de soluções distribuídas na análise	123
Tabela 8- 5 pilares do jornalismo de soluções e as matérias que atenderam a essas características	132
Tabela 9 - Soluções por predominância e quantificação das matérias	162

INTRODUÇÃO

A região Nordeste é uma das cinco regiões do Brasil, possui a segunda maior população do país (57.071.654 milhões de residentes) e abriga nove estados brasileiros: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Ainda, é a terceira maior região em proporção territorial e dentre os seus climas, está o semiárido, que apresenta como característica a presença de chuvas irregulares, com má distribuição e um clima mais seco e quente. No local, o bioma é a caatinga e as precipitações pluviométricas variam de 500 a 800 mm (SUASSUNA, 2007), podendo ser acometido pelo fenômeno da seca.

Como os primeiros registros sobre a seca no Nordeste datam do século XVI, é possível verificar que esta não é uma temática nova na região. O estado de Sergipe pertence à região Nordeste e é a menor unidade federativa do país, com o clima Megatérmico Semiárido, que apresenta como característica períodos de estiagem longos em cerca de 7 a 8 meses e ainda, “altas taxas de evaporação condicionada pela irregularidade de distribuição das chuvas e pelo sistema de circulação atmosférica.” (SANTOS; ARAUJO; OLIVEIRA; SILVA, 2009, p.64). É interessante verificar que a área total dos municípios dentro do semiárido (11.175,64 km²) corresponde a mais da metade da área total do estado (21.915,116 km²).

A princípio, é fundamental entender que como o semiárido passou a enfrentar diversos períodos de seca e a partir disso, essa questão começou a ser discutida do ponto de vista governamental, sendo considerado fundamental “desenvolver esforços objetivando mapear a vulnerabilidade e o risco, além de conhecer profundamente suas causas, setor por setor, e subsidiar políticas públicas de mitigação e de adaptação, ainda que se situa bem aquém de suas necessidades.” (MARENGO; ALVES; BESERRA; LACERDA, 2011, p. 415).

Isso já indica a necessidade de investigar se políticas públicas foram apontadas na cobertura jornalística televisiva e se sim, como essa cobertura ocorreu. As técnicas de convivência com a seca, que partem da noção de que a seca é um fenômeno climático e que o semiárido apresenta características de déficit de chuvas, já apontam também a noção de que é necessário desenvolver técnicas de convivência com o fenômeno, gerando uma adaptação.

A última perspectiva deveria ser analisada do ângulo preventivo, já que o desmatamento, por exemplo, é um problema que poderia ser evitado. Mas, levando em conta o desmatamento na caatinga em Sergipe e como isso pode afetar a intensidade das secas, além do processo de desertificação no local, é importante criar uma conscientização na população e governantes acerca da educação ambiental.

Por isso, esta pesquisa analisou como a cobertura da seca foi feita pela TV Sergipe, por meio de seus produtos jornalísticos diários (mídia local), assim como seu produto semanal (estação agrícola), identificando as soluções que foram apontadas e se elas se encaixam dentro da proposta do jornalismo de soluções a partir das características apontadas pela Rede de Jornalismo de Soluções.

Neste aspecto, as soluções foram analisadas a partir de três perspectivas: políticas públicas, técnicas de convivência com a seca e ações para minimizar o problema do desmatamento e desertificação no estado de Sergipe identificadas nas reportagens. A escolha destes três eixos de análise tem um forte embasamento no capítulo 2 desta dissertação, no qual discutimos acerca do fenômeno da seca, assim como do que os autores acreditam em relação às mudanças climáticas, às técnicas de convivência ou a criação e elaboração de políticas públicas.

Para a realização desta pesquisa, inicialmente, o levantamento bibliográfico a respeito do conceito de seca do ponto de vista meteorológico e climático foi realizado. Este aspecto voltado à geografia foi fundamental para a compreensão do que é o fenômeno da seca que atinge o semiárido nordestino e como esse cenário se dá em Sergipe, estado analisado nesta pesquisa. Para que o levantamento de dados ocorresse, a autora do projeto buscou informações em sites oficiais do Governo do Estado de Sergipe, representado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMARH), assim como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Buscaram-se também publicações locais dos órgãos públicos a respeito das análises climáticas no estado entre os anos de 2017 a 2019. Por meio do contato com representantes do Instituto de Meteorologia de Sergipe, que está vinculado à SEMARH, a autora conseguiu materiais importantes acerca do clima em Sergipe, assim como o regime pluviométrico nos anos de pesquisa. A análise compreendeu os anos de 2017 a 2019 em Sergipe, pois representa um período posterior a uma seca mais intensa vivenciada em pontos da região (sobretudo entre os anos de 2012-2016). Além disso, a ideia era analisar pelo menos 3 anos de conteúdos da emissora para identificar como a cobertura da seca foi realizada no estado. Com isso, começou-se a delimitar o espaço de tempo a ser observado neste estudo.

Em um terceiro momento de levantamento teórico, foram realizadas buscas bibliográficas acerca do jornalismo de soluções e alguns termos que circundam este conceito. Com isso, conseguimos identificar bibliografias sobre jornalismo cívico, preventivo/riscos e

de paz. É importante ressaltar que os estudos voltados para o jornalismo de soluções não são antigos e por isso, foi mais palpável o levantamento teórico sobre estudos já consolidados e trabalhados por vários autores. Compreendemos nesta análise as dificuldades de conceituar o jornalismo de soluções, principalmente, pelo fato de esse ser um tema pouco trabalhado na academia. Mas, por meio de levantamentos bibliográficos, foi possível identificar, sobretudo, em literatura americana, alguns autores e jornalistas que têm se debruçado em cima deste “braço” do jornalismo construtivo.

Em 2016, Andrea Wenzel, Daniela Gerson e Evelyn Moreno, integrantes do Tow Center for Digital Journalism na Graduate School of Journalism de Columbia, publicaram um material sobre uma pesquisa com um grupo focal de pessoas acerca do jornalismo de soluções. Para as autoras, este tipo de jornalismo “explora respostas para problemas sociais sistêmicos - examinando criticamente os esforços de resolução de problemas que têm potencial para escalar (WENZEL, GERSON, MORENO, 2016, tradução nossa)”. Outro artigo que serviu como base neste trabalho foi o “*View of constructive journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production*”, das pesquisadoras Karen McIntyre e Cathrine Gyldensted (2017).

As autoras explicam as dificuldades em conceituar a temática do jornalismo construtivo, e conseqüentemente, do jornalismo de soluções, pela falta de estudos acadêmicos na área. Mas, por meio de estudos que envolvem a psicologia positiva, as autoras apresentam o jornalismo construtivo como, “uma forma emergente de jornalismo que envolve a aplicação de técnicas de psicologia positiva aos processos e produção de notícias em um esforço para criar uma cobertura produtiva e envolvente, mantendo-se fiel às funções essenciais do jornalismo.” (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017,p.20, tradução nossa). Com base também no *toolkit* da rede de jornalismo de soluções (2015), foi possível compreender 10 características desta cobertura que nos ajudaram a identificar neste trabalho se a cobertura da seca em Sergipe tem traços deste modo de fazer jornalismo.

Do ponto de vista a compreender o jornalismo de soluções no cenário atual de produção jornalística, realizamos um levantamento bibliográfico que envolveu a busca teórica na área de concentração da Comunicação, assim como o entendimento de conceitos que envolvem a lógica de produção no jornalismo e elementos que afetam a noticiabilidade no telejornalismo local.

Após o processo de qualificação desta dissertação, foi necessário analisar o jornalismo de soluções a partir das finalidades desta profissão, levando em conta a proposta de Reginato (2016). Estas finalidades foram importantes porque nos ajudaram a visualizar que

o jornalismo de soluções, apesar de não ser muito discutido ou consolidado academicamente, apresenta características que se ligam ao processo informativo de qualidade, com a finalidade primordial de informar, levando em conta uma informação precisa, plural, contextualizada e verificada.

Para o desenvolvimento metodológico, verificou-se a importância da análise de conteúdo neste contexto em uma análise quali-quantitativa. Laurence Bardin (1977) é uma das grandes pesquisadoras acerca da análise de conteúdo. Segundo a autora (1977, p.34), esta é “uma análise dos «significados» (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos «significantes» (análise léxica, análise dos procedimentos)”. Ainda, Bardin aponta a definição de análise de conteúdo como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. (1977, p. 38)

Neste caso, como a pesquisa é voltada para identificar como a cobertura da seca foi feita pela TV Sergipe, buscando verificar se as respostas apontadas pela TV Sergipe em relação à seca se encaixam dentro do jornalismo de soluções, a delimitação de categorias foi necessária, assim como uma perspectiva quantitativa que identificou o total de matérias que respondem a categoria, assim como uma análise qualitativa, que buscou analisar os resultados apresentados com criticidade.

A TV Sergipe teve início em 15 de novembro de 1971, sendo a primeira emissora inaugurada no estado e com uma cobertura atingindo praticamente todos os municípios de Sergipe. Por conta deste alcance, a emissora foi escolhida, levando em conta seus programas jornalísticos: Bom Dia Sergipe, SE 1ª Edição, SE 2ª Edição e Estação Agrícola. Compreendendo que o telejornalismo local “pode ser conceituado como o espaço para a prática e a experiência televisiva do que é próximo, para a vivência da cidade e da região na tela de TV” (COUTINHO; EMERIM, 2019, p.34), válido ressaltar que ele causa um pertencimento, identidade e reconhecimento por parte dos moradores, contribuindo para o aumento de um vínculo com a população. Por isso, a investigação deste tema sobre uma perspectiva local é tão importante.

A Rede Globo disponibiliza seu conteúdo no site do Globoplay, uma plataforma digital. Como os jornais da TV Sergipe não são vinculados na íntegra nessa plataforma, aplicou-se um filtro de buscas, a partir de temas associados à seca, levando em conta a parte agrícola e climática. Para isso, os filtros aplicados nesta plataforma digital foram os seguintes: “seca em Sergipe”, “sertão de sergipe”; “produtores em Sergipe”, “produtores rurais em Sergipe”, “semiárido de sergipe”, “estiagem em sergipe” e “caatinga”. No site do

Google, algumas técnicas de localização também foram utilizadas para a filtragem de material. Por exemplo, o recurso de utilização de palavras em aspas, assim como de busca específica no site Globoplay, tendo como exemplo a escrita “seca em Sergipe” site:globoplay.com. A partir disso, foi possível identificar o total de 50 matérias distribuídas na análise de três anos.

Ao final desta investigação, identificamos uma predominância de respostas emergenciais relacionadas à seca apontadas pela imprensa, com déficits na contextualização do conteúdo, falta de apresentação da implementação da resposta, evidências e até mesmo, as limitações. Percebemos também matérias que contribuíram para o estereótipo da seca, sem apontar soluções ou respostas, além de uma culpabilização do clima ou exaltação da chuva. Diante da análise que realizamos, entendemos que o jornalismo televisivo por conta do imediatismo e das características ligadas a imagens de alto impacto pode comprometer como a seca é noticiada, afetando a orientação da população e favorecendo uma imagem dominante.

Como alternativa, propomos que o jornalismo de soluções passe a ser adotado nas redações em relação a este tema, mesmo que de maneira inicial, buscando aumentar a pluralidade de vozes, entendendo a população do local como um agente de mudanças e considerando o tema com maior criticidade, sem apenas relacioná-lo como uma “culpa” do clima.

1. INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA

Há muito tempo se discute sobre quais são as finalidades do jornalismo, na tentativa de compreender para que serve esta profissão. Neste aspecto, diversos autores, em diferentes épocas, discutiram em seus trabalhos o que podemos considerar sobre quais são as finalidades do jornalismo, assim como da imprensa. Nesta primeira parte do capítulo, esta dissertação aborda alguns autores e seus principais apontamentos sobre o tema.

Na segunda parte, relacionamos algumas das finalidades apresentadas com o desenvolvimento das teorias de comunicação, para assim, compreender a lógica da rotina produtiva no telejornalismo, que será analisado neste trabalho, com a TV Sergipe sendo nosso objeto. Ao longo do desenvolvimento das pesquisas, diversos autores assumiram que “informar” era a principal finalidade da área do jornalismo, colocando a informação como um elemento essencial do fazer jornalístico. Por isso, vale a pena compreendermos como essa informação precisa ser apresentada ao público.

1.1. Finalidades do Jornalismo

No século XVII, Tobias Peucer (1660) apresentou o que seria a primeira tese voltada para o jornalismo e apontou que apesar de ter outras finalidades, a sua função essencial era de informar. Assim como Peucer, apesar de considerar outras funções para o jornalismo, anos mais tarde, em 1954, Fraser Bond entende que informar é uma função básica da área desde o início. Em 1971, Philippe Gaillard discute sobre a “A função da imprensa” e defende que o jornalista “deve dar ao público as informações que lhe interessam e as explicações que lhe podem ser úteis, com uma informação “completa” e “exata” (GAILLARD, 1971, p. 10), o que reforça o posicionamento do autor sobre a finalidade informativa do jornalismo, só que apresentando uma maior complexidade, no sentido de como essa informação deveria ser.

Luiz Beltrão (1976), primeiro doutor em Comunicação no Brasil, entende que a informação e a orientação são as finalidades primordiais do jornalismo, o que foi reforçado também por Mar de Fontcuberta, em 1993, que escreveu para que serve o jornalismo e trouxe a ideia de informar como um processo de refletir a realidade. De certa forma, Lima (1998, p.9) também ressaltou a função informativa do jornalismo, afirmando que “seu papel principal é relatar os acontecimentos, de maneira que as pessoas tenham conhecimento do que ocorre nos diversos campos da realidade social e da existência humana”. Com isso, o jornalista relata o que ocorreu e faz com que as pessoas conheçam

diversas realidades, ou seja, nos fazer pensar sobre o poder que a informação jornalística pode ter.

Com a virada do século, em 2002, Jorge Pedro Sousa enfatiza a função do jornalismo de informar e que a informação pode permitir aos cidadãos atuarem responsabilmente (SOUSA, 2002). Neste sentido, já começamos a perceber a finalidade da informação tornando-se mais complexa do ponto de vista de explicar o que seria essa finalidade informativa.

Ao longo do desenvolvimento teórico relacionado ao jornalismo, Michael Schudson (2008) é um importante autor, pois apontou sete possíveis funções para o jornalismo (levando em consideração que o termo “funções” não se refere ao funcionalismo, teoria norte-americana e sim, no sentido de finalidade). A primeira função apontada pelo autor consiste na informação, o qual ainda defende que é dever dos meios de comunicação fornecer as notícias de modo completo, para que os cidadãos possam ter autonomia para realizar suas escolhas na política. Ou seja, o autor também traz uma complexidade ao apontar a função informativa no jornalismo, relacionando-a com o processo democrático e do envolvimento cívico.

Reginato (2016) é uma pesquisadora que realizou o levantamento de diversos pesquisadores de comunicação, assim como teorias da área, e neste processo, verificou sentidos diferentes no entendimento da informação como a principal função do jornalismo. Neste aspecto, em sua análise de doutorado, a autora percebeu que “existem dois níveis de percepção sobre o papel de informar: a) como um processo finalístico, que possui um fim em si mesmo e não precisa ser explicado; b) como um processo qualificado, que deve cumprir certas exigências e distingue informação de informação jornalística.” (REGINATO, 2016, 143).

Neste aspecto, o primeiro nível entende a informação apenas como uma transmissão, em seu sentido operacional e tendo o jornalista somente com o papel de relatar um fato. Porém, mais adiante, Reginato (2016, p.217), em sua tese, vai defender que a principal função do jornalismo é informar, só que de forma qualificada. Ou seja, para a autora é insuficiente afirmar que o papel do jornalismo é somente informar. É preciso refletir que tipo de informação é essa e por isso, a autora defende que a informação seja de modo qualificado, pois ela permite distinguir todas as informações gerais de um conteúdo de uma informação jornalística (REGINATO, 2016). Para ser qualificada, a autora entende que a “informação deve ser atual, plural, verificada, relevante, correta, contextualizada, bem redigida.” (2016, p.217)

É interessante que este entendimento que a autora tem sobre a informação qualificada, é exatamente o que diferencia as informações abordadas pelo jornalismo, diante de uma crescente exposição da sociedade a uma variedade de informações e dados. Neste processo de qualificação da informação, retomando as características apontadas por Reginato (2016), existe o entendimento de que ela deve ser atual, ou seja, versar sobre assuntos que envolvam a atualidade para que a sociedade conheça o que ocorre ao seu redor. O jornalismo deve ser plural, tanto no acesso a fontes e abordagens diferenciadas, mas também no entendimento de que, na maioria das vezes, o jornalismo não vai se dirigir somente a um determinado grupo, mas para a sociedade. Ou seja, um jornalismo plural também deve atuar em uma diversidade de opiniões.

Reforçando esta ideia de pluralidade, Schudson (2008) defende que o jornalismo “relata-nos vivências de outras comunidades em nosso redor, de outros países para além do nosso. Explica aos homens algo sobre as mulheres; explica aos negros algo sobre os brancos; explica aos heterossexuais algo sobre os homossexuais. E isso é fundamental” (SCHUDSON, 2008, p. 174). Isso reitera que, o jornalismo tem a capacidade de trazer diversas experiências e amostras do mundo, seja em diferentes cidades, estados ou países, fazendo com que as pessoas conheçam diferentes vivências.

No caso de uma informação verificada, estamos nos referindo a um processo de checagem que identifica a veracidade das informações. Inclusive, a veracidade no aspecto das informações serem verdadeiras estabelece uma relação de confiança do público com o veículo de comunicação. “O público confia na notícia como o discurso verdadeiro sobre a realidade porque os jornalistas prezam por buscar a verdade sobre os fatos que acontecem e podem ser de interesse para as pessoas” (GUERRA, 2008, p.29).

Com isso, é possível compreender que a credibilidade é um ponto fundamental em uma instituição de jornalismo, pois o público não consegue verificar tudo que ocorre ao seu redor, assim como se cada notícia apresenta veracidade. O jornalismo ganha força exatamente porque consegue suprir demandas informativas que não estão ao alcance de todos (GUERRA, 2008). Neste aspecto, em sua tese, Reginato (2016) cita Kovach e Rosenstiel (2004) a respeito de métodos que ajudam na verificação da informação, como,

procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão, avaliar se o fio condutor da história está suficientemente fundamentado, se nomes e títulos foram reconfirmados, se todos os envolvidos na história foram identificados e contatados para poderem dar sua versão, se todas as citações estão corretas, devidamente

atribuídas e transmitem o que a pessoa quis dizer.” (KOVACH; Bill; ROSENSTIEL, 2004, *apud* REGINATO, 2016, p.219-220).

O aspecto da informação ser verificada já apresenta também um complemento no sentido de ela ser correta, assim como ter sua parte técnica bem redigida. Não é à toa, que diversos veículos de comunicação, ao longo dos anos, desenvolveram manuais de redação para orientar seus repórteres.

No aspecto de ser relevante, o jornalismo utiliza diversas técnicas de filtro e seleção de conteúdo, que discutiremos mais adiante neste trabalho. Mas, vale a pena retomar Beltrão (1980, p.13), que entende que o jornalismo é uma “atividade social por excelência” e por isso, ele deve selecionar de forma crítica o que ocorre na sociedade.

Com isso, já é possível visualizar o jornalista como um selecionador de informação, desenvolvendo um processo de julgar o que é relevante para o seu público ou não, além de sofrer outras influências que falaremos mais adiante e que afetam diretamente a lógica de produção.

Nelson Traquina (1999) também reforçou a ideia de que o objetivo do jornalismo é “fornecer relatos dos acontecimentos julgados significativos e interessantes” (TRAQUINA, 1999, p. 167). Para ser relevante, a informação jornalística também precisa ser contextualizada. Inclusive, isto foi abordado anteriormente por outros autores, como Genro Filho (1987), que é referenciado por Reginato (2016, p.221) “o jornalismo deve cumprir o papel de interpretar e analisar a realidade porque não basta apresentar a singularidade dos fatos. É preciso contextualizar e inserir os fatos no quadro mais geral que explica as suas condições de existência”. Com isso, o jornalista deve explicar ao seu público o contexto de uma determinada informação e discussão, para facilitar o entendimento sobre um assunto.

Além da função de informar e desta informação ocorrer de forma qualificada, vale a pena citar também outras finalidades do jornalismo que foram apontadas ou reforçadas por alguns autores. Por exemplo, retomando Schudson (2008), o autor aponta que a segunda finalidade do jornalismo é voltada para a investigação, sobretudo, no papel de “*watchdog*”, voltado a um jornalismo que promove o engajamento da sociedade civil em relação à política e que tem um papel fiscalizador. Sousa (2002) enfatiza também que os meios de comunicação atuam como agentes que conseguem vigiar alguns poderes, além de defender determinados setores sociais.

Outra função do jornalismo, apontada por Schudson (2008), é voltada para a análise, ou seja, ao processo de ajudar às pessoas na interpretação do mundo, fazendo com que a população compreenda o que está acontecendo. Esta função é seguida da “empatia social”, ou

seja, em um aspecto de abordar diferentes pontos de vistas e histórias - o que pode até mesmo se relacionar com a pluralidade que citamos acima, o “fórum público”, no sentido de proporcionar um diálogo com os cidadãos dentro da esfera pública e um aspecto de mobilização, no sentido de defender alguns modelos, programas ou ideias. A sétima função para Schudson (2008) seria a de promover e divulgar a própria democracia, defendendo que o jornalismo cumpra um papel democrático (REGINATO, 2016).

É interessante perceber como estas finalidades se relacionam com a informação de modo qualificado, proposta por Reginato (2019), já que o papel de fiscalizar o estado, defender a democracia, incentivar um engajamento público nas pautas políticas, ser empático e até mesmo abordar diferentes pontos de vista envolve um processo qualificado na informação, no sentido de checar os dados, de desenvolver um conteúdo com pluralidade, de verificar o que é relevante dentro de cada tema e até mesmo, do processo de contextualização do conteúdo para o esclarecimento do cidadão.

Neste levantamento teórico, é possível notar e reforçar como as finalidades do jornalismo acabam se ligando com um processo democrático e de formação da opinião pública, contribuindo para o engajamento da população em um processo cívico.

O efeito político do bom jornalismo é o fortalecimento da democracia: esta é a sua causa nobre. Por isso o jornalismo é, ou deve ser, ou deve-se esperar que seja, um fator de educação permanente do público – um fator de combate aos preconceitos, sejam eles quais forem. [...] Ele se constrói no diálogo crítico da cidadania [...] (BUCCI, 2000, p. 49).

Nesta questão do jornalismo atuando no processo democrático e como um elemento para promoção do engajamento social em pautas públicas, mais adiante falaremos sobre o jornalismo cívico. Antes disso, é importante perceber que cumprindo essas finalidades o jornalismo apresenta uma responsabilidade com seu público, assim como para o exercício da cidadania e democracia.

O processo de responsabilidade com a sociedade consiste no envolvimento da outra pessoa. Isso representa dizer que é necessário que o jornalista tenha um olhar inclusivo, pois isso traz a possibilidade de acolher diferentes visões do mundo e não somente àquelas que o público está acostumado a ver. (LAGO, 2010).

Olhar o “outro” surge reforçando a ideia de pluralidade, que vimos na informação qualificada apontada por Reginato (2016), assim como da empatia, que foi apresentada por Schudson (2008) e representa também uma crítica ao jornalismo a partir do momento que

existe uma consulta ou busca somente por determinadas classes sociais em detrimento de outras para a produção de conteúdo.

Diante disso, existe uma ideia de que o jornalismo está comprometido com a população e a sociedade de modo geral, “que lhe delega o poder de fiscalizar as instituições” (PEREIRA, 2004, p.3.a). Levando em Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros¹, que foi aprovado em assembleia da Federação Nacional dos Jornalistas, em agosto de 2007, no artigo 2º é possível verificar que,

Art. 2º - Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que: [...] III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão. (CÓDIGO..., 2007)

Ou seja, o jornalismo, apesar de estar ligado a uma lógica capitalista, que discutiremos mais adiante, carrega uma responsabilidade muito grande na forma como os assuntos serão noticiados à população. Isso traz credibilidade e confiança por parte da população na imprensa de não ser somente uma profissão ligada ao capital, mas que têm valores a prezar. Não estamos afirmando que o respeito ao Código de Ética é respeitado em todos os veículos de comunicação, mas da diferença de responsabilidade informativa com a sociedade que a imprensa tem em detrimento de outros setores.

É interessante refletir também que o código entende a informação como um direito da população, o que nos leva a compreender, que o jornalismo tendo o seu papel de informar, contribui para que a sociedade tenha acesso a um direito fundamental. Inclusive Noblat (2004, p.22) entende que “a democracia depende de cidadãos bem informados”. Isso representa dizer que só teremos cidadãos engajados e com conhecimento sobre seu papel social, assim como seus direitos e deveres, se houver informação, isso é, visualizar a informação como um processo de definição da cidadania. Com isso, o autor acredita também no papel transformador do jornalismo em uma sociedade.

Neste aspecto, o autor ressalta que “antes de ser um negócio, o jornal deve ser visto como um serviço público [...] Mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento. Porque é do entendimento que deriva o poder. E em uma democracia, o poder é dos cidadãos” (NOBLAT, 2004, p.22). Inclusive, Reginato (2016)

¹ Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <https://www.sindjorce.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 01/06/2021.

entende que o jornalismo também tem a finalidade de integração e mobilização da sociedade “em torno das causas cidadãs, que possam gerar o engajamento da população, e que não estejam subordinadas a interesses privados ou econômicos.” (REGINATO, 2016, p.226)

Isto reforça, portanto, que o jornalismo possui um papel social específico e que não é executado por outras instituições. “A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Neste sentido de fidelidade, Kovach e Rosentiel (2004) apontaram que o jornalismo tem uma obrigação com a verdade e a lealdade com os cidadãos, tendo como essência o processo de verificar uma informação. Michael Schudson (2010), que trouxe sete finalidades para o jornalismo, também explicou sobre o compromisso da profissão com a verdade. Com isso, o autor aponta que os jornalistas devem “ confiar em si mesmos e em seus pares e no mundo, o suficiente para assimilar tudo, enquanto desconfiam de si mesmos, dos outros e das aparências do mundo o suficiente para que não sejam engolidos por tudo” (SCHUDSON, 2010, p. 226). Isso demonstra uma convicção do autor sobre a influência midiática na população no processo de entendimento e assimilação de um conteúdo.

Sobre esse processo de influência, Reginato (2016) aponta que “existe um imaginário social sobre o papel do jornalista como aquele que consegue explicar os acontecimentos e apresentá-los ao público, que por sua vez terá mais condições de organizar seu cotidiano e tomar decisões a partir dessas informações” (REGINATO, 2016, p.128). Inclusive, Guerra (2008) aponta que “Quando um jornal noticia algo, a tendência imediata do público é acreditar na realidade daquilo que foi noticiado.” (GUERRA, 2008, p.28), reforçando a credibilidade dos meios de comunicação. Isto ocorre, segundo o autor, porque existe uma ética, que serve como um elemento imperativo no jornalismo, pois,

se constitui num conjunto de normas de conduta das relações humanas, partilhadas por uma comunidade, que estabelecem parâmetros de conduta a partir dos quais os indivíduos tanto se orientam para viver com outros membros da comunidade como se servem desses mesmos parâmetros para criticar a conduta daqueles que venham a desrespeitar as normas. (GUERRA, 2008, p.32)

Desde a época de Peucer, o autor apontou sobre a necessidade de ter uma ética jornalística e as qualidades do profissional. O autor fez críticas aos jornais da época, apontando que ocorriam publicações de “coisas de pouco peso” (cap. XVI) , “desgraças

humanas”(cap. XVI) ou até mesmo, a ação de “anunciar fábulas falsas junto com histórias verdadeiras” (cap. VII). (SOUSA, 2004, p.37)

Ou seja, já no século XVII, Peucer faz uma crítica ao que era a “imprensa” da época, no sentido das informações que eram divulgados à população não serem verdadeiras ou apontarem somente para pontos de vista que abordassem aspectos negativos, como desgraças, mentiras, fábulas e pessoas da elite local. Neste sentido, a confiança e a credibilidade do jornalismo foi se desenvolvendo ao longo do tempo e com o desenvolvimento de vertentes que apontam sobre as finalidades da profissão. Com isso, Guerra (2008) explica que tanto a confiança como a credibilidade do jornal atuam de forma recíproca com o público e que a sociedade apresenta mecanismos para fiscalizar o jornalismo, exigindo qualidade em seu material.

Os atropelos que colocam o interesse pela vendagem, a busca desregrada ao furo, a autopromoção de jornais e jornalistas acima do interesse pela informação correta, verdadeira, tornaram-se objeto de reflexão por parte dos profissionais, especialistas e cidadãos preocupados com o que se anda noticiando por aí. (GUERRA, 2008, p.30).

Após esta apresentação sobre algumas finalidades do jornalismo e a compreensão sobre a responsabilidade social e ética que a imprensa tem ao levar informação para o público, é importante finalizar a primeira parte deste capítulo apontando outras finalidades da profissão que foram apresentadas por Reginato (2016) em sua tese. A autora propôs 12 finalidades do jornalismo, que se ligam aos elementos já citados anteriormente e que serão utilizadas nas discussões posteriores. Essas finalidades foram apontadas a partir do levantamento de diversos autores da área da comunicação e por terem relação com as discussões anteriores e que teremos posteriormente, serão citadas neste trabalho.

A autora aponta uma sistematização de finalidades, que apontam a função de informar, investigar, verificar a veracidade das informações; interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória; divertir; integrar e mobilizar as pessoas; defender o cidadão, fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

Após identificar essas finalidades no jornalismo, é importante partirmos para a discussão a respeito da lógica de produção de conteúdo em um veículo de comunicação, para entender as rotinas produtivas e os desafios da profissão em cumprir sua finalidade principal que é a informação de forma qualificada.

1.2. A notícia e os elementos que afetam a escolha jornalística

Na primeira parte do capítulo, vimos que os autores consideram que informar é a principal finalidade do jornalismo e que ela se associa com as demais, inclusive, que sem a informação, é impossível vivermos em uma sociedade democrática. Diante do papel essencial da informação jornalística na sociedade, é necessário nos remetermos ao seu pilar, que é a notícia.

Ela pode ser compreendida de forma reducionista como um conjunto destas informações que serão traduzidas, selecionadas pelos jornalistas e transmitidas ao público, com uma linguagem objetiva e clara. Do ponto de vista técnico, a notícia é um formato jornalístico que pertence ao gênero informativo (MARQUES DE MELO, 2010).

Em muitas situações, ela está ligada ao imediatismo e tem uma estrutura técnica voltada à pirâmide invertida, que basicamente organiza os dados de uma notícia, por ordem decrescente, ou seja, de maior a menor importância, buscando responder algumas perguntas como: o que, quem, como, onde, quando e por quê. (CANAVILHAS, 2006). Vale ressaltar, que o processo que consiste na elaboração da estrutura técnica da notícia sofreu influências de teorias da comunicação norte-americanas, sobretudo, do modelo de Harold Lasswell, que ajudou na elaboração das perguntas do que deve ser respondido pela mídia por meio da notícia.

Apesar desta breve explanação, pensar acerca do que é notícia, a base da informação jornalística, assim como sua caracterização, apresenta uma grande complexidade a partir do que Franciscato (2014, p.91) aponta de que a notícia “é resultante de uma combinação complexa de elementos díspares: sua forma e conteúdo final representam a convergência de vários processos sociais [...], acentuados em complexidade pelos aspectos cultural, expressivo e emotivos impressos em sua ‘materialidade’ ”. Para ele, isto faz com que a notícia assumam algumas características e contornos de limitações mais particulares, o que nos leva à reflexão para além do aspecto técnico de como fazer.

Por conta desta complexidade, ao longo dos estudos em comunicação, diversos autores apontaram uma definição para a compreensão do que é a notícia, não necessariamente ligada somente à parte técnica. É interessante, neste primeiro momento, retomar a tese de Tobias Peucer, escrita no século XVII, que traz um conceito de “notícia”, de forma mais descritiva, mas, entendendo também que as notícias devem ser sobre acontecimentos atuais, trazerem novidades, serem úteis e satisfazer a curiosidade das pessoas. Além disso, Peucer entende as notícias também como,

relatos “precipitados” (cap. VI), ou seja, sujeitos à pressão do tempo, que se limitam “somente a uma simples exposição, unicamente a bem do reconhecimento dos factos históricos mais importantes” (cap. IV), onde se põe “por escrito a memória dos acontecimentos”. Falam ainda de “coisas singulares” (cap. XV) e como as possibilidades de escolha de notícias são quase infinitas é preciso “estabelecer uma selecção de modo a que seja dada preferência aos (...) [factos] que merecem ser recordados ou conhecidos” (cap. XV) (SOUSA, 2004, p.37)

Neste sentido, já é importante perceber que apesar de escrita no século XVII, o entendimento de Peucer sobre notícia nos ajuda a pensar uma rotina de produção no jornalismo e serve também como um possível início de pensamento acerca de alguns conceitos que serão apresentados posteriormente, como critérios de noticiabilidade e valores-notícia, que afetam o aspecto de seleção do que é relevante. Voltando ao conceito do que é a notícia, lidaremos pelo menos com mais duas propostas: a primeira é trazida por Alsina (2009, p.14), que entende que a “notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível.” Já a segunda noção é abordada por Marcondes Filho (1998), que entende a notícia como uma mercadoria, a partir da lógica do capital.

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sobre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. (MARCONDES FILHO, 1998, p.19)

A partir dessa definição de notícia ligada ao capitalismo e servindo a uma lógica mercadológica, é possível compreendê-la como um elemento utilizado para legitimar os atores sociais que exercem poder sobre a sociedade, dentro de uma lógica de representação e da influência mercadológica. Em outras palavras, é como se a notícia precisasse servir a interesses não somente ligados à técnica jornalística, que apresentamos brevemente no início desta discussão.

Quando abordamos o conceito de Alsina (2009) sobre essa representação social, isso só ocorre por meio de uma construção jornalística do conteúdo, que tem a finalidade de interpretar a realidade para o público. Este processo de construção e representação da notícia é complexo e pode envolver não somente técnicas jornalísticas, mas interesses políticos, pessoais, da empresa ou mercadológicos. Daí, o motivo pelo qual explicamos que é importante relacionar também estes dois conceitos acerca da definição de notícia.

Nestas duas perspectivas, é importante verificarmos o que Guerra (2008) aponta sobre a notícia, verificando-a como um processo de construção da realidade ou de representação. O aspecto da representação se associa à teoria do espelho, já que,

um evento que ao ser conhecido pelo repórter é levado para outras pessoas, mantendo uma fidelidade ao fato jornalístico. Isso se associa também à ideia de objetividade, que traz um aspecto de mediação no jornalismo, entendendo que a mídia é mediadora entre um fato e o público, sendo que os jornalistas reportam o que ocorre, assim como se torna um elemento importante para afirmar se o jornalismo tem negligenciado seu imperativo ético fundante. (GUERRA, 2008, p.52)

Com isso, o jornalista é visto somente com um relator fiel dos fatos jornalísticos, que consegue preservar o fato em sua totalidade para o público. Apesar dessa visão, que chega a ser até mesmo mais romantizada do jornalismo, existem outras teorias que pensam a notícia como uma construção da realidade e se apoiam na ideia da subjetividade, assim como no construcionismo. Neste caso, há o entendimento de que “ Não há uma realidade fatural anterior à notícia, mas o fato noticiado se constitui e se torna realidade através de um processo ativo de atribuição de sentido ao mundo”. (GUERRA, 2008, p.55).

Com isso, o autor explica que a partir do momento que um repórter ou veículo de comunicação escolhe determinada pauta ou se direciona para um fato, já existe uma ideia de subjetividade, que é contrária ao ideal da objetividade, que entende o jornalismo em um processo de relator do fato. Além disso, existem aspectos culturais que podem afetar a forma como o repórter visualiza o mundo ou sua realidade, além de influências em sua rotina produtiva e no ambiente organizacional, que discutiremos de forma mais detalhada a seguir.

Se por um lado “os profissionais do jornalismo são os autores do discurso, a notícia, que se pretende fiel à realidade”, por outro lado são seres humanos que, por mais bem intencionados que sejam, sempre apreendem ‘a verdade da ocorrência’ sendo a ordem de suas próprias condições de conhecimento, logo, sempre interpretam os fatos a partir de perspectivas (pessoal, cultural, institucional, organizacional). (GUERRA, 2008, p.61)

Diante disso, mesmo com este impasse que existe no compromisso jornalístico com a ética de sua profissão, Guerra (2008) explica que muitas vezes isto é colocado em discussão diante do processo de uma sustentação de perspectivas hegemônicas, que acaba negligenciando outros setores sociais. Com estes conceitos sobre o que é a notícia e compreendendo que dentro de uma lógica de mercado existem alguns elementos de influência que podem ir para além da função de informar de forma qualificada, podemos refletir também sobre as dificuldades do jornalismo em cumprir suas finalidades voltadas para a

investigação, assim como acerca do que será selecionado como relevante, como será feito o processo de defesa do cidadão, fiscalização do poder e o esclarecimento social.

Além da própria organização servir como um elemento de influência da produção jornalística, o imediatismo também é um elemento que afeta a finalidade investigativa da profissão. Todo o processo que envolve a apuração jornalística e conseqüentemente, uma investigação, leva tempo e requer uma dedicação dos profissionais. Mas, com as redações cada vez mais enxutas e levando em conta o imediatismo na produção, Schudson (2008) entende que muitas vezes o jornalismo informa, mas sem investigar, pois isso, é “muito dispendioso e moroso” (SCHUDSON, 2008, p. 174).

Este aspecto se relaciona ao tempo da notícia, levando em conta sua efemeridade, “seja em conseqüência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos.” (FRANCISCATO, 2005,p.3-4). Isso representa dizer que a notícia tem um tempo de duração muito breve e que a lógica de produção jornalística, muito acelerada, inclusive, pela globalização e a enxurrada de informações com os meios digitais, contribuiram para fragilizar ainda mais este processo.

No processo de produção noticiosa, Abramo (1997), que foi trazido por Vizeu em seu livro, explica que “o jornalista trabalha com representações ideológicas, palavras, informações, dados, opiniões e atitudes que são as que a empresa adota” (ABRAMO, 1997 *apud* VIZEU, 2005,p.58). Isto implica em uma relação do jornalista com o mercado. Ainda, o autor aponta que na elaboração do texto jornalístico, o profissional utilizará “procedimentos de seleção e combinação, mediante unidades que, articuladas, vão se transformar em mensagens, ou, de um modo mais abrangente, em discursos sociais” (VIZEU, 2005,p.59), o que nos leva a finalidade de selecionar o que é relevante. Já que existem filtros e procedimentos que são utilizados pelos jornalistas para escolherem e selecionarem um fato em detrimento de outro, é importante conceituar quais são os fatores que contribuem para isto, por meio das teorias da comunicação e a relação com as finalidades do jornalismo apontadas anteriormente.

Para se aprofundar na discussão sobre o processo de seleção noticiosa, é importante verificar Herbert Gans (2004), que levantou diversas teorias e estudos de comunicação que estavam em vigência, ou que já tinham sido propostos, acerca dos elementos que afetam o processo de seleção e motivam a origem das notícias. Essas classificações foram resumidas pelo pesquisador Marcos Paulo da Silva (2014), em seu artigo “Perspectivas históricas da

análise da noticiabilidade”. A primeira classificação trouxe a questão do julgamento subjetivo dos jornalistas e do processo de *gatekeeping*, com um editor filtrando o que deveria entrar ou não em um jornal, a partir de sua percepção.

Em outros trabalhos, como o de David White (1950) existe o apontamento do *gatekeeper*, como um “porteiro” profissional que servia para filtrar e selecionar os eventos que deveriam ser noticiados. Sobre o *gatekeeper*, Traquina (2005a, p.150) aponta que “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalismo [...] tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não”.

Neste caso, decisões positivas representam que a notícia passou por esse portão e será publicada. Baseado em White (1950) e na sua percepção acerca da temática, Traquina explica que para o autor, esse processo de seleção apresentava subjetividade e arbitrariedade, ou seja, dependia de juízos de valor do jornalista, que em uma redação geralmente assume o papel de editor-chefe.

Para além do *gatekeeper* e seu processo subjetivo de escolha, a segunda classificação apontada por Gans (2004) levava em conta as rotinas de produção das organizações noticiosas, assim como aspectos voltados às divisões de trabalho, imperativos comerciais e outras influências na empresa sobre o trabalho jornalístico. Com isso, é possível visualizar a forma de produção jornalística também a partir da Teoria organizacional. Isso porque essa teoria, a partir de Breed (1955/1993) acredita que fatores como constrangimentos na organização afetam a atividade do jornalista como um profissional. Além disso, existem normas, política editorial, e questões impostas pela organização. “O primeiro mecanismo que promove o conformismo é a socialização do redator que diz respeito às normas do seu trabalho” (BREED 1955/1993:154 *apud* TRAQUINA, 2005a, p.152).

De certa forma, a perspectiva da Teoria Organizacional, também pode ser reforçada na fala de Lage. “Na realidade das empresas de comunicação, esses fatores influem segundo a ordem de interesses de classe ou grupo dominante; secundariamente, operam ainda gostos individuais de pessoas que dispõem momentaneamente de algum poder [...]”. (LAGE, 2001,p.61)”. Ou seja, é como se os fatores impostos mercadologicamente pela organização fossem anteriores até mesmo ao *gatekeeper*, que é o jornalista editor, pessoa que dispõe do “poder”, e que seleciona o conteúdo que entra ou não.

Neste aspecto, a força do mercado chega a ser apontada na tese de Peucer como um constrangimento ao jornalista, ao mesmo tempo que explica que, “a busca de lucro tanto da

parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciais foi uma das razões que levou ao aparecimento dos jornais (cap. VIII)” (SOUSA, 2004, p.40). Isto já demonstra que a origem dos periódicos não se atrela necessariamente a uma finalidade informativa ou de responsabilidade com o público. Estes foram elementos que se desenvolveram posteriormente, recebendo influências de outras correntes de pensamento.

A terceira classificação remete à teoria do espelho e acreditava na questão da natureza dos eventos noticiáveis determinarem o processo de seleção e que o trabalho do jornalista era “espelhar” o acontecimento. Inclusive, como já apontamos, remete-se a uma notícia que é representada pelo jornalista, sem um processo de construção de uma realidade (GUERRA,2008). Isto remete também ao que Reginato (2016) apontou sobre que a finalidade de informar no jornalismo era vista por alguns autores e jornalistas somente com essa ideia de relatar um fato, como se não houvesse um processo de seleção ou de intencionalidade. Traquina (2005b, p.62) aponta que essa definição do jornalista somente como um mero relator e que tem capacidade de retransmitir um fato, sendo somente um mediador é considerada como simplista. Com isso, o autor apresenta a ideia de um comunicador que é desinteressado, ou seja, um observador neutro de um fato ou acontecimento jornalístico.

Apesar disso, Traquina (2005a, p.149) explica que a Teoria do Espelho era vista de forma positiva pelo jornalismo, pois reforçava uma crença social de que as notícias são um reflexo da realidade e que o trabalho do jornalista é imparcial. Mas, uma recusa à teoria do espelho não tem como objetivo colocar à prova a integridade dos profissionais e sim, de questionar essa questão da imparcialidade e do jornalista ser um mero reproduzidor da notícia.

Por fim, a quarta perspectiva apontada por Gans (2004) pendia para as forças oriundas do exterior das organizações e que incidiam diretamente sobre os jornalistas. “O jornalista é, ao mesmo tempo, funcionário de uma empresa capitalista, responsável pela produção de uma mercadoria (notícia) submetida às leis de mercado; e uma espécie de contra-poder, cuja autoridade, delegada pela sociedade, lhe permite fiscalizar as instituições em nome do interesse público”. (PEREIRAb, 2004, p.2)

Esta perspectiva das forças oriundas que afetam o trabalho das organizações e da notícia como mercadoria, nos remete ao conceito de notícia apontado por Marcondes Filho (1987), que apresentamos neste trabalho. O interessante ao pensar nesta quarta perspectiva é sobre o paradoxo que o jornalismo se encontra: ao mesmo tempo em que produz a notícia, que é uma mercadoria submetida a diversas influências externas e de mercado, o jornalista tem uma responsabilidade com a sociedade, que confia nele para trazer um conteúdo verdadeiro,

investigativo e que conte com a fiscalização e o pensamento em pautas que envolvam o interesse público.

Ainda, neste processo de delimitação do que leva um acontecimento virar notícia em detrimento de outros, ou seja, do jornalismo cumprir a sua finalidade de selecionar o que é relevante, assim como investigar e fazer a mediação entre os fatos e o leitor (REGINATO, 2016), Sousa (2004, p.40-41) aponta que “se um fato for enquadrado e percebido como sendo notável e potencialmente noticiável devido à obediência a um ou vários critérios de noticiabilidade, então poderá facilmente vir a tornar-se notícia.” Com isso, é possível compreender que existe este conjunto de critérios que definem a noticiabilidade e que são pontos essenciais para a compreensão da notícia.

“Eleger o panorama dos principais acontecimentos, que se tornam importantes por serem atuais, úteis e impactarem a vida pública e privada das pessoas; filtrar o que merece destaque e hierarquizar os ângulos que devem ser explorados.” É assim, que Reginato (2016, p.217) define a finalidade de selecionar o que é relevante e nesta parte do capítulo, traremos a relação disto com os critérios de noticiabilidade.

Traquina (2005b, p.63), definiu o conceito de noticiabilidade como “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Nesta definição, a noticiabilidade possui os valores-notícia que determinariam a seleção de um acontecimento. Mas, assim como as definições que circundam a notícia apresentam complexidades, no campo na noticiabilidade também existem barreiras.

Por isso, no artigo “Para pensar critérios de noticiabilidade”, da professora Gislene Silva (2005), a autora acredita que estes critérios se aplicam a partir de três eixos: a origem dos fatos, ou seja, a partir de uma seleção primária das informações, no tratamento dos fatos (focando-se na hierarquização do conteúdo) e na visão dos fatos que envolve desde o interesse público, até questões filosóficas, éticas, epistemológicas, que segundo a autora, não funcionam de forma isolada, mas integrados.

É importante ressaltar também que a visão trazida por Silva (2005) sobre o processo de tratamento do conteúdo envolve os valores-notícia, mas também o processo de organização do material, seu formato, qualidade, tecnologia empregada, relacionamento do repórter com o público e fontes. Ou seja, torna o processo da noticiabilidade ainda mais complexo. A autora ainda explica que este é um processo de longa cadeia, o que significa que requer uma ampla investigação dos critérios de noticiabilidade, assim como de fatores potenciais que influenciam ou atuam no processo de produção jornalística,

desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p.96)

Ou seja, é possível compreender a noticiabilidade como uma soma de fatores que envolvem desde a empresa jornalística, a cultura profissional, o ponto de vista do jornalista, a ideologia da emissora e os processos técnicos, como a edição e a hierarquização do conteúdo. De certa forma, ao trazermos isso, estamos retomando as quatro perspectivas apontadas por Gans (2004), do jornalista como *gatekeeper*, que sofre influências mercadológicas, pressões internas e externas, mas que precisa ter uma responsabilidade e compromisso com a população.

A partir dessa compreensão sobre noticiabilidade, surge a necessidade de entender também os valores-notícias como atributos dos acontecimentos, assim como elementos que auxiliarão de forma operacional na escolha de um fato e no processo de hierarquização de uma notícia. Alguns autores conceituam os valores-notícia, como é o caso de Wolf (2003, p. 202), que entende que os “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

Stuart Hall (1984) via os valores-notícia como um “mapa cultural”. “Se os jornalistas não o tiveram, não podem tornar perceptíveis às suas audiências os acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que ajudam a formar o conteúdo básico do que é noticiável” (HALL, 1984, *apud* TRAQUINA, 2005, p.86). Neste aspecto, os valores-notícia podem ser vistos como elementos essenciais para a escolha dos fatos que serão vistos como notícia pelos jornalistas, a partir da soma de características deste objeto.

Vale ressaltar, que como discutimos anteriormente, os valores-notícia não são os únicos elementos que determinam o que será escolhido pelas empresas jornalísticas, mas é um dos fatores que afetam este processo de escolha. Neste aspecto, é muito interessante como os critérios de noticiabilidade e valores notícia se encaixam na função informativa do jornalismo, no sentido desta informação ser relevante e do jornalista ter o papel de selecionar os conteúdos a partir disso.

A conceituação sobre os atributos que afetavam a produção jornalística no momento da escolha de um fato já surge desde Tobias Peucer, como já apontamos neste trabalho. Segundo Sousa (2004, p.41), desde o século XVII, o autor já apontava uma série de categorias que as notícias versavam. Por exemplo, podemos destacar “coisas acontecidas recentemente;

fatos históricos importantes; temas de interesse cívico; acontecimentos insólitos; catástrofes; e o que se passa com pessoas ilustres”.

Walter Lippmann, em 1922, a partir da obra “Opinião pública” , aponta a clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal como valores-notícia. Erbolato (1991) em sua obra de “Técnicas de codificação no jornalismo” cita como critérios a proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência (voltado para artistas ou figuras públicas), interesse humano, oportunidade, dinheiro, culto de heróis, descobertas e repercussão como exemplo. Chaparro (1994) delimita alguns valores como atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, curiosidade, consequência e até mesmo a dramaticidade. Outro autor que vale a pena ressaltar é Lage (2001) que cita a proximidade, atualidade, intensidade, ineditismo e identificação humana e social.

Silva (2005, p.63) em sua análise realizou um levantamento de vários autores em seu percurso teórico, consolidando em um quadro (Quadro 1).² Após isso, o que a autora tenta fazer é separar os atributos, que são “macro-valores-notícia”, ou seja, um pré-requisito para qualquer matéria no jornalismo, dos micro-valores, que podem ser elementos adicionais ou relacionados ao macro-valor. Como exemplo de valores no âmbito macro, a autora cita “atualidade (novidade), importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão. A partir disso, a autora propõe um novo quadro com valores-notícia para serem operacionalizados na produção de conteúdo jornalístico.

Quadro 1 - Proposta de valores-notícia apresentada por Gislene Silva (2005)

² Ver “Para pensar critérios de noticiabilidade”, 2005, p.62. Disponível em: [https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091#:~:text=Este%20estudo%20prop%C3%B5e%20uma%20sistematiza%C3%A7%C3%A3o,etc%3B%20\)%20crit%C3%A9rios%20de%20noticiabilidade](https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091#:~:text=Este%20estudo%20prop%C3%B5e%20uma%20sistematiza%C3%A7%C3%A3o,etc%3B%20)%20crit%C3%A9rios%20de%20noticiabilidade). Acesso: 20/11/2020.

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural

SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: Silva (2005, p.65-66)

Sobre os valores notícia, Guerra (2008, p.81) aponta que “eles representam, por um lado, as características que os fatos devem ter e, por outro, a expectativa, o desejo, manifestado pelo público em relação àquilo que querem ver nos jornais”. Ou seja, é como se estes valores fossem “guias para toda organização jornalística”. Com isso, os jornalistas conseguem perceber até que ponto devem captar um fato ou não, lembrando que a audiência também afeta na escolha dos valores-notícia que serão levados em conta no telejornal.

Neste processo de seleção do que é relevante e compreendendo que a ligação entre o jornalismo e o público afetam no processo de construção noticiosa, este valor ajuda os veículos de comunicação a perceberem e atribuírem “a um evento, um caráter imperativo para

que se torne notícia e tenha, portanto, existência pública” (FRANCISCATO, 2003, p. 298). A relevância também se relaciona com o processo de interpretação do conteúdo, pois “o jornalista tem condições de apresentar ao público o porquê de aquela pauta ser significativa para a vida dele” (REGINATO, 2016, p. 224), em detrimento de outros assuntos.

Na tabela proposta por Silva (2005), é importante refletir também que os valores-notícia não atuam de forma isolada, sendo necessário aplicá-los em todo o processo de produção jornalística, desde a seleção até a hierarquização no momento de apresentar um conteúdo. Ainda, existe o entendimento de que estes valores, ao integrar os critérios de noticiabilidade, são importantes por estarem enraizados na forma como a notícia será produzida. Como diria Nelson Traquina (2005b, p.77), eles são os óculos do jornalista, pois permitem que o mundo seja visto com diferentes facetas. Diante dessa exposição sobre teorias da comunicação e os elementos que afetam a produção noticiosa, partiremos para a compreensão disso, dentro do cenário do telejornalismo.

1.3 O telejornalismo e rotinas produtivas

Após esta discussão sobre as finalidades do jornalismo e sua relação com as teorias de comunicação, nesta parte do capítulo, faremos uma relação com o telejornalismo e as rotinas produtivas na área. Ao longo dos anos, desde a chegada da TV no Brasil em 1950, o telejornalismo assumiu um papel fundamental na sociedade em relação ao processo informativo, “ocupando cada vez mais um lugar central numa cultura eletronicamente mediada, contribuindo decisivamente para a formação da sociedade contemporânea” (VIZEU, 2005, 19). Dados do IBGE da pesquisa de “Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC”³ mostraram que em 2019, 96,3% dos domicílios no Brasil tinham um aparelho de televisão (IBGE, 2019).

Isto já demonstra a força e poder televisivo, que tem como um de seus produtos o telejornal, que é definido como “um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos, por temas, geralmente exibido com horário, cenários e apresentadores fixos” (BRASIL; EMERIM, 2011, p. 03). Quando falamos sobre a seleção de notícias que ocorre em um telejornal, é preciso compreender que os fatores que citamos anteriormente afetam o processo de escolha das pautas por parte da imprensa e que, conseqüentemente, contribuem

³ Uso de Internet, televisão e celular no Brasil. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso: 25/06/2021.

para a criação de imagens e construção de um mundo por meio da representação que é transmitida ao telespectador. Inclusive, para Vizeu (2005, p.90), o telejornalismo pode ser compreendido como o “meio mais simples, cômodo, econômico e acessível para conhecer e compreender tudo o que acontece na realidade e como se transforma a sociedade”. Neste aspecto, este trabalho não entende a notícia a partir do jornalismo como um mero relator da informação, mas sim, que um agente atuante no processo de seleção, que também sofre pressões externas e internas.

Essa compreensão da realidade por parte do telespectador é construída, não somente pelos veículos midiáticos, já que também existem experiências coletivas que afetam esta construção, mas, o telejornalismo permite que este processo seja muito mais eficaz por conta do discurso midiático e dos recursos utilizados, como as imagens (BECKER, 2005).

Para atingir o seu público e contribuir para esta construção de realidade e de imagens, o telejornal, utiliza, por exemplo, “o uso de técnicas sustentadas nos enquadramentos e nos processos de conotações valorativas, por meio de uma determinada sequência de imagens” (BECKER, 2005, p.67), o que, segundo a autora, conseqüentemente, levará ao telespectador algumas simulações e versões do que está ocorrendo na atualidade.

Assim como nos outros veículos de comunicação, no telejornalismo, a notícia é a base da produção do conteúdo. Segundo Vizeu (2005), do ponto de vista técnico, a notícia televisiva precisa ter uma abertura, ou seja, um fato considerado importante para ser anunciado pelo apresentador, a entrada da matéria e do VT (*videotape*). Este *videotape* é editado e contém créditos das pessoas que participaram das entrevistas, do repórter e do cinegrafista.

Vizeu (2005, p.126) destaca também que “a notícia de televisão é concebida para ser completamente inteligível quando visionada na sua totalidade. O seu foco é, pois, um tema que perpassa toda a notícia e que se desenrola do início até o meio e do meio até o fim”. Isto representa dizer que a notícia de televisão tem que ser tão clara, que somente em uma única transmissão, o telespectador precisa compreender a mensagem em sua totalidade.

Na composição das notícias que participam de um telejornal, Vizeu (2005, p.92) faz uma divisão das notícias, chamando de “notícias duras” as factuais e com um tom de atualidade. “Notícias leves” não perdem sua atualidade e não precisam ser dadas de forma imediata. No caso das “notícias súbitas”, são aquelas que não foram programadas e devem ser apresentadas de forma imediata pelo jornal, como um acidente, uma tragédia, a renúncia de um ministro, por exemplo. Com essa divisão das notícias, já é possível perceber como a informação atual é importante dentro do jornalismo.

Diante deste cenário, na apresentação de um telejornal (que é dividido por blocos), o editor-chefe cumpre seu papel como *gatekeeper*, distribuindo os conteúdos nos blocos, ou seja, hierarquizando a apresentação das matérias, apontando primeiro para um factual “forte”, fatos que tenham interesse e que atinjam um grande número de pessoas e que tenham uma “boa imagem” (VIZEU, 2005, p.100).

No telejornalismo, a imagem é um fator que apresenta uma relevância muito forte, ao contrário dos outros meios de comunicação. Inclusive, ao longo dos estudos sobre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, Traquina (2005,b) baseado em Gans (1979), aponta a visualidade como um valor-notícia. No telejornalismo, uma das primeiras perguntas ao fazermos um conteúdo jornalístico é se existem imagens para cobrir esse acontecimento. Ainda, não basta ter imagens, mas elas precisam apresentar qualidade do ponto de vista técnico.

Para compreender melhor a relação entre a rotina de produção em um telejornal e as finalidades do jornalismo, é importante pensar na experiência de observação da rotina telejornalística descrita por Vizeu (2005). Os profissionais que atuam em uma emissora, de modo geral, são editores-chefe, editor-executivo, produtores, repórteres, subchefia de reportagem, editores de texto, editor/apresentador e pessoal responsável pela captação e edição de imagem/som.

A distribuição de matérias é feita a partir de uma reunião de pauta, ou quando os editores vão chegando à redação. Os repórteres são liberados para o trabalho na rua e é comum que as matérias realizadas pela manhã já estejam logo no jornal do meio dia. (VIZEU,2005). Na pauta, ficam os produtores e assim que os demais profissionais chegam à redação, é necessário se inteirar sobre os acontecimentos. Enquanto isso, os chefes de reportagem estão em contato com os responsáveis pelas editorias, assim como com os repórteres no andamento da produção e em uma primeira seleção do conteúdo que entra para o telejornal.

Os editores de texto e os de vídeo são responsáveis por editar matérias que estão na rua ou que já chegaram na redação, contribuindo para a organização do espelho do jornal, que reúne todas as notícias que serão divulgadas na edição (BITTENCOURT, 1993). De modo geral, a organização do espelho é função do editor-chefe, mas pode receber algumas influências de outros editores. Esses editores ficam em locais conhecidos como ilha de edição, onde o material, equipamentos de vídeo e de tecnologia estão instalados para favorecer a edição.

O procedimento feito pelos editores de texto no momento de editar suas matérias, já buscam um enquadramento para padronizar o conteúdo dentro de uma rotina de produção. O editor/apresentador fica com a missão de criar a escalada do jornal, as passagens e chamadas de bloco e as notas. Para a apresentação do jornal, o editor-chefe entra no *switcher*, onde em contato com diretor de TV, comandará a mesa de cortes, andamento e seguirá o script do telejornal.

Ele mantém contato também com a equipe de sonoplastia, assistentes do estúdio, *cameraman* e com o apresentador. No primeiro bloco do jornal buscam-se matérias mais fortes, no segundo, matérias secundárias, assim como matérias de “gaveta”. Durante o telejornal, repórteres entram ao vivo para atualizar sobre as notícias e no último bloco do jornal, o objetivo do editor-chefe é trazer mais leveza.

Por meio desta breve apresentação sobre a rotina de um telejornal, que é trazida por Vizeu (2005), já é possível perceber que a rotina de produção em uma emissora é bastante agitada e requer uma tomada de decisões rápidas. Desde a escolha da pauta, a correria no dia a dia dos repórteres, as negociações para a montagem do espelho do jornal e até mesmo, o processo de edição do texto e imagem, exigem rapidez e muita técnica.

Para Vizeu (2005), a noticiabilidade está diretamente relacionada ao processo de rotina de um veículo de comunicação e das práticas de produção, sendo composta, inclusive, por uma série de elementos que serão utilizados pela empresa jornalística. Por isto, o autor aponta que “a noticiabilidade de uma notícia é constantemente negociada: o editor-chefe negocia com a subchefia de reportagem e com os editores de texto os fatos que podem ser noticiáveis, e os editores de texto já podem ter negociado com os editores de imagens a melhor forma de montar matéria.”(VIZEU, 2005, p.120).

Ainda, até o jornal ser exibido, o espelho pode ser modificado pelo editor-chefe, que organiza também as entradas ao vivo com a produção, além de conseguir administrar problemas que afetam o andamento das matérias e da reportagem, assim como o tempo do jornal. Se pensarmos de forma mais abrangente, esta negociação já tem início desde a seleção da pauta, já que diariamente, produtores são expostos a diversas notícias da rede que são filiadas, de veículos de comunicação que são referência nacional, das assessorias de imprensa e da interação com seus públicos, por meio de sugestões.

Nas reuniões de pauta, a negociação segue ocorrendo, pois, para cumprir sua finalidade de informar de forma qualificada, é necessário realizar a apuração do conteúdo (o que traz também um aspecto investigativo), assim como no processo de produção da matéria

por parte do repórter, que vai precisar de uma contextualização, conversa com as fontes para trazer uma pluralidade, dentre outros aspectos.

Além de uma abordagem mais técnica do que é um telejornal, também existe uma abordagem mais complexa quando Vizeu (2005) reforça que no processo de produção das notícias televisivas existem algumas influências que vão da cultura profissional, até restrições que são ligadas ao trabalho e retomam as outras teorias de comunicação que abordamos na primeira parte deste capítulo. Ainda, não somente o processo de produção de conteúdo recebe influências, mas também a captação de imagens (no caso do telejornalismo), a edição e sua apresentação ao telespectador.

Isso faz com que Vizeu (2005) também aponte o produto televisivo como uma mercadoria complexa com 3 variantes: “por seu conteúdo (diversidade de conteúdos genéricos, de conteúdos temáticos ou pelos sistemas de emissão), pelas indústrias que o compõem (cinema, edição, informação, música) e pelas relações entre programação e publicidade.” (VIZEU, 2005, p.38).

Com a influência capitalista e mercadológica, por exemplo, Traquina (2005b, p.155) aponta que o jornalista não contesta a política editorial da empresa porque precisa “ir em busca das notícias; é preciso vencer a hora do fechamento”. Ou seja, existe uma pressão constante em uma redação telejornalística por causa do tempo. Todos os dias, matérias precisam ser exibidas, tornando essa correria automatizada.

A notícia dentro de um telejornal, que já foi conceituada neste capítulo, também é vista dentro dessa perspectiva da indústria cultural. O fato de relacionar a lógica de produção às indústrias culturais, está ligado também com a definição de Marcondes Filho sobre a notícia como um elemento do capital e relacionada também com o *newsmaking*, pelo fato de ser uma teoria que estuda os elementos que afetam a produção noticiosa, ligando-a ao mercado e pressões organizacionais.

O *newsmaking* tem como objetivo entender as práticas comunicativas, além de “mostrar como os jornalistas, no seu dia a dia, constroem a notícia” (VIZEU, 2005, p.19). A partir disso, a teoria começa a sistematizar as influências sofridas pela rotina do jornalismo a depender da dinâmica do meio de comunicação, quais os constrangimentos e restrições causados pela empresa, como a cultura profissional afeta os jornalistas, dentre outros aspectos que já foram apresentados neste trabalho.

Isto nos leva a reflexão se diante dessa correria para cumprir o deadline, o jornalismo consegue cumprir suas finalidades de informar de forma qualificada, investigar o conteúdo, verificar se as informações são verídicas, interpretar e analisar essa realidade para transmitir

ao público, assim como esclarecer o cidadão, integrando e mobilizando as pessoas. Neste trabalho, é importante ressaltarmos a compreensão de que em uma reportagem nem sempre é possível cumprir todas as finalidades propostas pelos autores e por isso, a finalidade de informar de modo qualificado é utilizada neste trabalho como a base do que os conteúdos jornalísticos deveriam ter: ou seja, serem atuais, plurais, verificados, relevantes, corretos, contextualizados e bem redigidos.

1.4 A noção do local no telejornalismo

A partir da compreensão acerca das rotinas de produção no telejornalismo de modo geral e sua relação com as finalidades do jornalismo, é importante realizar essa conexão a partir de uma perspectiva do telejornalismo local, que será investigado neste trabalho por meio da TV Sergipe, emissora afiliada da Rede Globo no estado de Sergipe. Para discutir a temática, é fundamental ter uma noção do que é “local” ou “regional”. Estas definições são complexas e não podem ser delimitadas e não pode ser somente do ponto de vista geográfico. Peruzzo e Volpato (2009) aponta o “local” tem sido valorizado em uma sociedade que é cada vez mais globalizada, pois isso resgata um apelo à comunidade e ao familiar.

Ou seja, mesmo em uma sociedade globalizada, o conceito de “local” tem ganhado espaço a partir do momento que é necessário ter uma ideia de proximidade, o que realmente afeta e cria as identidades. Inclusive, como discutimos neste capítulo, um dos valores-notícia do jornalismo é a proximidade, que pode se dar, segundo Silva (2005) pelo marco geográfico ou cultural. Isto é reforçado na fala de Traquina (2005b, p.80), que também aponta que “outro valor-notícia fundamental da cultura jornalística é a proximidade, sobretudo, em termos geográficos, mas também em termos culturais”

O valor-notícia “proximidade” é praticamente uma unanimidade entre os autores que pesquisam a temática, mesmo que sob perspectivas teóricas diferentes. É interessante que Fernandes (2014, p.147) aponta que “as pessoas buscam a identidade própria, um elemento de significação que as distingam, que as tornem diferentes, que as identifiquem enquanto indivíduo singular”. As pessoas precisam de informações que gerem uma identidade e contexto, produtos que a indústria cultural nem sempre atendeu em um processo de homogeneização da sociedade, que era vista como “de massa”. Este aspecto já reforça, inclusive, a importância de um conteúdo jornalístico ser contextualizado, tanto no seu aspecto geográfico, como também cultural, pois isso pode gerar uma identificação pessoal.

É importante ressaltar também que o conceito de “local” pode adotar vários significados, desde um aspecto geográfico e técnico, com a delimitação física (rios, oceanos e

até mesmo as diferenças climáticas), assim como sofrer influências. Segundo Peruzzo e Volpato (2009), essas delimitações de local também podem ser influenciadas por diversidade cultural, histórica, de linguagem, de tradições, “ou seja, estão em jogo as várias singularidades nas quais se constroem as práticas sociais.” (PERUZZO, VOLPATO, 2009, p.146).

Assim como o conceito de “local” apresenta uma complexidade em sua definição, o mesmo ocorre com a ideia de “região” ou de regional. Pela geografia, por exemplo, a região Nordeste é composta por 9 estados brasileiros, com cerca de 1,5 milhão de km². Porém, “apesar de estar envolto em ambiguidades e subjetividades, o conceito de “região” não se baseia apenas na geografia, mas na intersecção entre as ciências, pois está ligado, basicamente, à noção de diferenciação de áreas.” (PERUZZO, VOLPATO, p.150).

Nas ciências sociais, por sua vez, esse conceito pode sofrer alteração, também tendo influências sócio-culturais, de interesses e políticas. Peruzzo e Volpato (2009) apontam que as mídias locais e regionais conseguem trazer relações de interesse, sentimento de pertencimento e identidade. Por exemplo, o ser humano, ao longo de sua vida, desenvolve afetividade por alguns locais, seja o do seu nascimento, de um marco familiar ou pessoal, assim como em outras situações. Por isso, o local também “evoca sentimentos de familiaridade e vizinhança, congrega certa identidade e história, hábitos e linguagem comuns (PERUZZO, VOLPATO, 2009, p.145).

A partir desta perspectiva de familiarização e pertencimento, quando trabalhamos com a temática voltada ao jornalismo local, compreende-se que pode estar atrelado à “proximidade geográfica com o público, as fontes e os conteúdos com os quais lidam os veículos; e a identidade sociocultural e histórica com os território e sociedades dos quais emergem ou nos quais se inserem” (AGUIAR, 2016, p.31). Ou seja, é um veículo de comunicação que está próximo no quesito geográfico e que aborda temáticas que envolvem a comunidade local.

Ou seja, é um modo de fazer jornalismo “pode ser conceituado como o espaço para a prática e a experiência televisiva do que é próximo, para a vivência da cidade e da região na tela de TV” (COUTINHO; EMERIM, 2019, p.34). As autoras explicam que a realização de um telejornal local depende da produção simbólica e de que os jornalistas estejam identificados com aquele local, para serem reconhecidos pelos moradores. A partir disso, seria possível estabelecer vínculos afetivos e o pertencimento. É uma forma da comunidade se reconhecer e por isso, as autoras entendem que o telejornalismo local contribui para fundamentar o vínculo, assim como a identidade social da população.

Além disso, no âmbito local, a contextualização dos fatos fica mais facilitada, pois implica um conhecimento maior da área, ou vivências em comum. É interessante pensar que

para este processo de reconhecimento, o jornalismo local, sobretudo na televisão, se apropria do uso de personagens, pois essa personificação além de reforçar a credibilidade, reforça também a identificação do público. Inclusive, essa personificação por meio das fontes facilita a mediação do jornalismo com seu público, na transmissão de um conteúdo ou mensagem e pode favorecer a pluralidade de vozes.

O uso de personagens é o exemplo que imprime o real processo de identificação, seja pela proximidade ou pela diferença. Questões de vida ganham exemplos de pessoas reais que vivenciam os problemas, que serão afetados pelas decisões (VIZEU; CERQUEIRA; BORGES; 2019, p.13). Quando falamos sobre o “local”, existem alguns entendimentos a partir de Aguiar (2016) sobre o que é isso. Primeiro, a autora aborda o conceito de mesolocal, que diz respeito ao que município, cidade e centro urbano. Ainda, incorpora conceitos do macrolocal, que aborda a região metropolitana. “Entende-se uma abordagem regional, no âmbito de estado ou unidade de federação, que é coberto pela imprensa das capitais” (AGUIAR, 2016, p.57).

Neste aspecto do telejornalismo local, é importante discutirmos sobre a filiação de algumas empresas de televisão, com emissoras da rede, ou seja, as de vínculo nacional. Se por um lado temos um tipo de imprensa que vai cobrir um estado, capital e sua região metropolitana, por outro lado, temos uma imprensa que é considerada como nacional, ou seja, que recebe pautas de todas as unidades de federação do país.

A ideia do jornalismo ser somente nacional foi se tornando insustentável ao longo dos anos (AGUIAR, 2016), e com isso "as instituições de mídia locais e regionais apresentam-se como dispositivos importantes nas relações de poder e de produção simbólica, orientadas pelos referenciais de proximidade." (AGUIAR, 2016, p.68). Diante desse cenário, as emissoras de televisão com o apelo local podiam se filiar a uma emissora de cunho nacional (geralmente localizada no eixo da comunicação midiática brasileira, nas capitais do Rio de Janeiro ou São Paulo), ou a emissora nacional poderia demonstrar interesse em ter uma nova filiada em um determinado local.

Na relação de afiliação, “as emissoras locais transmitiriam na maior parte do tempo a programação das chamadas “cabeças-de-rede” ou geradoras, e alimentariam as redes nacionais com informações locais.” (COUTINHO; EMERIM, 2019, p.32) Ou seja, a experiência do telejornalismo local consiste em filiações com emissoras nacionais e parte de sua programação vem da rede. Em contrapartida, as produções locais são enviadas e selecionadas pela rede nacional.

É interessante que quando falamos acerca da filiação de uma emissora local a uma rede nacional, a influência não diz respeito somente ao tipo de conteúdo exibido, mas também, os horários de exibição de um material e padrão de “formatos, cenários, vinhetas de abertura, conteúdos.” (COUTINHO; EMERIM, 2019,p.33). Inclusive, este foi um modelo da transmissão que se popularizou na década de 80, sendo considerado uma estratégia comercial.

Meneses e Montoro (2008, p. 4) apontam que “inevitavelmente, o interesse da grande mídia pelo local se dá mais pela via mercadológica do que pelo conteúdo, tendo em vista que a diferenciação local constitui-se em um nicho de mercado. (...)” e reforçando as influências externas e mercadológicas que citamos anteriormente e que afetam o jornalismo.

Com isso, Temer (2019) aponta que o jornalismo local “na prática era uma estratégia empresarial-mercadológica com o objetivo de alcançar audiências ampliadas junto às classes populares, por meio da aproximação com um formato telejornalístico sensacionalista/popularesco” (TEMER, 2019, p. 83). Dessa forma, temas como violência, pobreza, problemas e mazelas começaram a ter coberturas. O problema é que muitas dessas coberturas foram colocadas “de forma descontextualizadas, como verdades absolutas - comprovadas inclusive por imagens ao vivo - a cobertura oblitera os elementos ideológicos que estão inseridos nestes conteúdos” (TEMER, 2019, p. 87). Ou seja, apesar destes conteúdos terem uma intencionalidade nas imagens e na forma como foi abordado pelo jornalista ou pela emissora, não é possível perceber isso de forma tão clara pelo fato de terem imagens que servem para “comprovar” o discurso.

Essa cobertura pode se encaixar, inclusive, dentro de alguns valores-notícia que citamos, como drama/tragédia, polêmica, impacto e o cenário de proximidade e que infringem diretamente a finalidade do jornalismo de contextualizar a informação, assim como de ter um aspecto investigativo e até mesmo, investir em um elemento plural, para que o mundo não pareça ser somente de uma forma.

Vizeu e Cerqueira explicam que, nesta dinâmica, “profissionais são proibidos, às vezes coagidos, a anular esses saberes por causa de interesses de grupos, detentores do poder econômico e maiores financiadores da mídia local.” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p.49). Inclusive, essa dinâmica do telejornalismo local e suas redes de influência, que passam pela cabeça de rede, remetem a teorias já apontadas neste trabalho como a teoria organizacional, assim como pressões externas que o jornalista sofre na produção do conteúdo.

Outra questão importante quando falamos sobre jornalismo local, a partir de Aguiar (2016), é possível compreender que os jornalistas “extraem ‘leis gerais’ da prática profissional a partir da forma como é exercida nas grandes cidades do mundo, sob a ótica da imprensa

comercial fortemente integrada ao capitalismo mundial.” (AGUIAR, 2016, p.47). Isso afeta a forma como um assunto de caráter local é noticiado pelo próprio jornalismo local, que pode se apropriar de como esse assunto é tratado em âmbito nacional. Isto pode até ser visto também como um agendamento intermedia, conceito abordado por McCOMBS (2009, p.179) como um desdobramento da teoria da agenda. “Os jornalistas validam seu senso de notícias observando o trabalho de seus colegas. Os jornais locais e as estações de televisão observam todos os dias as agendas noticiosas de seus competidores diretos que disputam a atenção local”.

Diante desse levantamento teórico, fica mais fácil compreender que a lógica da cabeça de rede tem vínculos mercadológicos e da expansão de uma empresa ou veículo de comunicação. Como afiliada, a empresa local pode trabalhar com temas de proximidade para causar uma identificação em quem acompanha o material, assim como para informar a população de determinado local geográfico.

Mas, essa empresa também precisa seguir diretrizes e pautas da rede, assim como uma linguagem, padronizações, formas de agir, assim como protocolos que podem influenciar na abordagem jornalística de um tema e conseqüentemente levar a uma reflexão sobre como essa emissora tem informado o público e se ela tem cumprido as outras finalidades do jornalismo como profissão.

Diante de um cenário que envolve a complexidade de produção jornalística e o imediatismo que as redações televisivas impõem ao profissional, é interessante refletirmos se o jornalismo consegue cumprir sua finalidade principal informativa de forma qualificada, levando em conta, a disponibilização para o seu público um conteúdo mais aprofundado, contextualizado e que consiga esclarecer à sociedade para tomada de decisões e engajamento social. Por isso, no próximo capítulo, temos o objetivo de abordar o jornalismo a partir de uma cobertura acerca da perspectiva de soluções.

2. JORNALISMO DE SOLUÇÕES

O jornalismo tem como principal finalidade informar e isso é feito por meio das notícias. No processo de produção das notícias, que vimos no capítulo anterior (capítulo 1), existem diversos elementos de influência que afetam o que será selecionado pelos veículos de comunicação e como uma história será contada. Neste aspecto, foi importante relacionarmos alguns conceitos da comunicação, com outras finalidades percebidas no jornalismo, por exemplo, de selecionar o que é relevante, realizar uma análise e interpretação da sociedade, assim como “avaliar os fatos que acontecem e explicá-los de forma aprofundada à sociedade.” (REGINATO, 2016, p.190).

Para buscar uma perspectiva de cobertura que aborde esses elementos e que lide com uma análise dos temas de forma diferenciada, neste capítulo, abordaremos sobre o jornalismo de soluções. Como os estudos voltados a esta vertente são relativamente recentes, foi necessário buscar outras fontes que consolidaram este percurso. Estas fontes são estudos teóricos que perpassam pelo jornalismo cívico, de prevenção e riscos, assim como o jornalismo de paz. Este levantamento é importante porque mostra a trajetória de vertentes da comunicação e a necessidade de abordar as pautas e coberturas jornalísticas de forma diferenciada.

Por exemplo, para que o jornalismo cumpra sua finalidade de ser plural e selecione temáticas relevantes é importante que novas pautas sejam mostradas. Isto nos leva a discussão de que se o “jornalismo mostra sempre as mesmas pautas, parece que o mundo é sempre do mesmo jeito. Trazer a complexidade do mundo ajuda na formação da cidadania e na formação de uma opinião pública crítica, esclarecida e atuante.” (REGINATO, 2016, p.229).

Neste aspecto e com a responsabilidade social que é necessária à profissão, faremos um percurso teórico entre algumas vertentes do jornalismo, mostrando a importância de apontar soluções aos problemas sociais no processo de engajamento da população e na promoção da cidadania.

2.1. Do jornalismo cívico ao jornalismo construtivo

A definição de jornalismo de soluções não é tão simples. A partir da dificuldade de levantamento de teóricos e autores sobre o assunto, existem outras teorias que circundam o jornalismo de soluções e que, por vezes, tornam as definições confusas ou com um certo aspecto de que são sinônimas. Por isso, nesta primeira parte do capítulo, nossa proposta é

apresentar quais são estes conceitos e seus limites, a partir dos profissionais que trabalham e buscam definições para o jornalismo de soluções. Vale ressaltar, que os conceitos apresentados neste trabalho não são excludentes, ou seja, apresentam pontos em comum, mas com suas particularidades. Mesmo assim, é importante conhecer esses conceitos, que acabam se relacionando e trazendo discussões importantes para este trabalho.

Antes de discutirmos com maior profundidade sobre o jornalismo de soluções, é importante falarmos o que é o jornalismo. “Do ponto de vista social, o jornalismo é uma prática que se desenvolve para atender a uma demanda de informações sobre a atualidade, isto é, um recorte temporal do mundo, que dê conta dos fatos” (GUERRA, 2008, p.99). Mais uma vez, o jornalismo ligado à atividade informativa e atual.

Guerra (2008, p.99) também aponta que o jornalismo se consolida a partir de um “conjunto normativo de princípios que definem compromissos institucionais e sociais para a atividade, a definição de um objeto específico, o desenvolvimento de técnicas de trabalho, a racionalidade organizacional para a produção em escala e o público, que também é visto como um cliente”. Neste sentido, podemos relacionar a consolidação do jornalismo com as propostas das teorias que apresentamos anteriormente que passam desde uma responsabilidade na produção, até processos de seleção e filtragem, assim como, influências organizacionais e externas.

Neste cenário do que é o jornalismo e em seu processo de consolidação, nosso caminho teórico para entender o contexto do jornalismo de soluções tem início com a compreensão a respeito do jornalismo cívico, que remete à crise do jornalismo tradicional para motivação do seu surgimento. O movimento, com origem nos Estados Unidos, surge por volta de 1980 em um cenário de desconfiança dos norte-americanos nos veículos de comunicação, pois o público não se identificava com o conteúdo transmitido e faltavam notícias de interesse coletivo. Ainda, Traquina (2001, p.172) aponta que em levantamentos acerca do percentual de pessoas que tinham “muita confiança” nos *media*, somente 10% tinham feito esta afirmação em 1994, por exemplo.

Na época, algumas pesquisas foram realizadas para compreender como as pessoas enxergavam as notícias e a cobertura política, e como resultado obtido constatou-se que mais de 60% das pessoas da pesquisa entendiam que as empresas jornalísticas eram influenciadas por outras organizações de poder, o que vimos no capítulo anterior acerca das influências externas que afetam o veículo de comunicação. Outras questões também reforçaram esta “desconfiança” da população na imprensa. Traquina (2001) explica que o ano de 1998, durante as eleições, foi um momento crucial neste processo. Houve superficialidade,

publicidades com tom negativo e uma cobertura que indicava uma dependência jornalística de fontes oficiais, ou seja, ocorreu uma falta de pluralidade de fontes.

Diante deste cenário de incredulidade da mídia, o “Jornalismo Público” como um sinônimo do termo “jornalismo cívico” surge e seus principais fundadores (Jay Rosen, Davis Merritt e Arthur Charity) acreditavam na conexão do jornalismo com a democracia e ainda, em pilares que são compilados abaixo, a partir do que Traquina e Mesquita (2003) resume a respeito de Merritt.

1) ir para além da missão de dar as notícias para uma missão mais ampla de ajudar a melhorar a vida pública; 2) deixar para trás a noção do “observador desprendido” e assumir o papel de “participante justo”; 3) preocupar-se menos com as separações adequadas e mais com as ligações adequadas; 4) conceber o público não como consumidores, mas como atores na vida democrática, tornando assim prioritário para o jornalismo estabelecer ligações com os cidadãos (TRAQUINA & MESQUITA, 2003, p.13)

Ou seja, era necessário, de certa forma, que o jornalismo deixasse de ser tão tradicional, com práticas voltadas a uma ideia de “imparcialidade” ou afastamento da situação, criando um vínculo com a comunidade, sendo que alguns dos defensores acreditavam que era responsabilidade dos jornalistas o estímulo ao “engajamento cívico e à participação ativa no processo democrático” (HAAS, 2007, p.3).

Haas (2007, p.40) salienta que o Jornalismo Cívico não diz respeito apenas “à criação das condições para uma deliberação genuinamente inclusiva e aberta, mas, para além disso, diz respeito à criação e manutenção das condições para a solução conjunta dos problemas, mesmo que os cidadãos discordem sobre quais problemas são politicamente mais relevantes.”

Ou seja, estes autores visualizavam que o jornalismo tinha um papel fundamental no processo de reforçar a cidadania, por meio da melhora do debate público, sobre questões que eram inicialmente políticas, mas que podiam atingir outras esferas sociais. Portanto, trata-se de um processo de interação e engajamento do seu público, mas também de novas propostas de transmissão do conteúdo e de se “fazer jornalismo”. O papel de informar no jornalismo de modo qualificado leva a esta discussão, de que “Não há cidadão sem conhecimento, é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade. Sem isso, sua atuação ficaria restrita ou seria inexistente” (TRAVANCAS, 1993, p. 107).

Isto só reforça o que discutimos no primeiro capítulo sobre a importância informativa do jornalismo no processo de percepção do cidadão, acesso ao conhecimento e participação social. Inclusive, o *Pew Center for Civic Journalism*, órgão de pesquisa do tema nos Estados

Unidos, entende que o “jornalismo cívico está relacionado a munir as pessoas com notícias e informações necessárias para que possam atuar como cidadãos e tomar as decisões que lhes cabem numa sociedade democrática” (FOUHY, 1996 apud Reginato, 2016, p.44).

Sabe-se que, anteriormente, algumas mudanças na profissão jornalística trouxeram impactos como o surgimento da “necessidade de informação menos opinativa, mais imparcial, favorecendo o amadurecimento da concepção de notícia objetiva e informativa e, posteriormente, de notícias dramatizadas e fortemente emotivas, em busca de um público habituado a esse tipo de narrativa.” (LIMA; FILHO, 2012, p. 43).

A ideia de trazer uma “imparcialidade” para o objeto jornalístico, contribuiu para consolidar o conceito de objetividade, que carrega uma ideia de que o jornalismo noticiava uma “verdade desinteressada”, ou seja, é como se ele somente noticiasse porque precisa, sem ter implicações da própria profissão, seus julgamentos e critérios empresariais, políticos e mercadológicos por trás. Isto remete à teoria do espelho, que já discutimos anteriormente e que se choca com outros conceitos da comunicação já que a objetividade é inatingível. Ainda, como um critério importante para os jornalistas, existia “o desejo de separar fazendo jornalismo de fazendo política, a tentativa disciplinada de reprimir inclinações pessoais, utilizando a perspectiva de outra pessoa para encarar as coisas.” (TRAQUINA, 2015a, p.41.)

Todos estes elementos para mostrar a notícia, assim como “[...] a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço” (TRAQUINA, 2005a, p. 34), são vistos como parte da vivência jornalística e se encaixavam dentro de um jornalismo considerado tradicional. Todavia, estas ideias agregam conflitos entre a neutralidade jornalística, influências sofridas no momento de seleção e hierarquização da notícia e a ideia da subjetividade, que indica uma seleção intencional dos comunicadores acerca de um elemento noticioso ou um processo de reflexão que é influenciado por perspectivas de vivência. Neste quesito, o jornalismo cívico vem para trazer uma nova abordagem e direcionamento, focado em como os cidadãos participam da vida política e pública e quais são as discussões nas comunidades.

É por isso que “o jornalismo cívico representa uma importante brecha com a busca frenética de notícias, a postura cínica com a vida política, a dependência excessiva nas fontes oficiais, e a desatenção flagrante para com os cidadãos enquanto participantes ativos na vida pública.” (TRAQUINA, 2003, p.16). O jornalismo cívico, a partir destas definições, demonstra a mudança no comportamento dos veículos de comunicação, inserindo a população e comunidade em seus debates. Jay Rosen (1999), que foi um dos pesquisadores sobre jornalismo cívico, apontou que os jornalistas deveriam enxergar as pessoas como cidadãos e

por isso, potenciais participantes das questões públicas, não devendo ser vistos como meros espectadores ou vítimas da situação.

“A mobilização, seja ela comunitária, social, cultural, enfim, seja qual for seu caráter, exige convicção e envolvimento de todos os envolvidos. Requer, por parte de seus integrantes, acreditarem na relevância da ação proposta, seu sentido e significado”(SILVA, 2012,p.322). Por isso, a informação qualificada é tão importante nesse processo de criar uma consciência e uma perspectiva acerca de um determinado tema. Esta mobilização diz respeito a ações coletivas, assim como uma participação ativa da população nos processos de transformações da vida na comunidade.

Após esta introdução acerca do jornalismo cívico, que já traz essa ideia de engajamento popular junto com os jornalistas e uma mudança na forma tradicional de se fazer jornalismo, iniciaremos a apresentação acerca do jornalismo construtivo - que muitas vezes é visto como um sinônimo do jornalismo de soluções, tendo outros termos como jornalismo contextual ou de impacto. Para isso, a base dessa discussão é no artigo “*View of constructive journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production*”, das pesquisadoras da área, Karen McIntyre e Cathrine Gyldensted (2017).

As autoras explicam as dificuldades em conceituar a temática do jornalismo construtivo, por existir poucos estudos acadêmicos na área. Mas, por meio de estudos que envolvem alguns pontos da psicologia positiva, as autoras apresentam o jornalismo construtivo como, “uma forma emergente de jornalismo que envolve a aplicação de técnicas de psicologia positiva aos processos e produção de notícias em um esforço para criar uma cobertura produtiva e envolvente, mantendo-se fiel às funções essenciais do jornalismo”. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017,p.20, tradução nossa)

Estas funções essenciais podem se remeter às finalidades do jornalismo, que como já explicamos, refere-se a uma ação de comprometimento com a informação de qualidade, que apura e investiga os fatos, assim como que tem ligação com o interesse público e cívico. Para explicarmos a importância do jornalismo construtivo e posteriormente, o jornalismo de soluções, em um aspecto de uma nova forma de realizar a cobertura das notícias, levando em conta não somente a exposição de problemas, mas apresentando contextos e investigando respostas para promover o engajamento das pessoas, retomaremos a produção jornalística.

Em um cenário mais tradicional dessa produção e a partir do levantamento bibliográfico das autoras, existem diversas evidências que apontam o fato dos jornalistas serem atraídos pelo drama e o conflito (McINTYRE; GYLDENSTED,2017,p.20, tradução nossa).

Já abordamos, inclusive, que estes são valores-notícia dentro do jornalismo, sendo elementos que contribuem para a seleção de um tema, em detrimento de outro. Ainda, as autoras reforçam que é preferencial ao jornalismo “insistir nas más notícias, visto que eventos ou emoções negativas têm um impacto mais forte e duradouro sobre os indivíduos do que eventos ou emoções positivas” (Baumeister, Bratslavsky, Finkenauer, & Voh, 2001, *apud* McINTYRE; GYLDENSTED,2017,p.21, tradução nossa).

Diante deste cenário, autores como Kinnick, Krugman e Cameron (1996) (*apud* McIntyre; Gyldensted, 2017, p.21) apontaram que a mídia tem uma contribuição para a “fadiga da compaixão por meio de seu sensacionalismo, “más notícias” constantes, falta de contexto e falta de soluções para problemas sociais”. Apesar da mídia não ser autossuficiente para influenciar e determinar o pensamento das pessoas, é impossível negar o seu poder no processo de transmissão de informações e de fato, assim como de sua importância para a cidadania.

Com esta cobertura voltada às notícias que pendem a um negativismo ou com uma cobertura mais superficial, sem contexto e/ou pluralidade de fontes, McIntyre e Gyldensted (2017) apontam que os jornalistas ao penderem para a direção das notícias negativas podem trazer impactos negativos aos consumidores de notícias. Uma pesquisa realizada pelo *Institute for Applied Positive Research* identificou que “uma porcentagem significativa de pessoas diz que está exausta com resultados negativos, notícias sensacionais e relato de que uma enxurrada de notícias negativas deixa eles se sentindo desamparados, sem esperança e desanimados.” (GIELAN; FURL; JACKSON, 2017, p.1, tradução nossa).

Em um estudo feito anteriormente, a equipe descobriu que em apenas 3 minutos de exposição a notícias negativas pelo período da manhã, podem aumentar em 27% as possibilidades da pessoa ter um dia ruim. Quando a pesquisa mudou o foco no relatório, voltado para as soluções, eles perceberam que “aumentaram as habilidades nos leitores em 20% na resolução de problemas, sem mencionar que esses artigos fizeram as pessoas se sentirem menos ansiosas e mais energizadas” (2017, p.1, tradução nossa). Ou seja, como conclusão, o grupo percebeu que os jornalistas conseguem influenciar de forma positiva uma comunidade a partir do momento que seleciona histórias e verifica a forma como isto será apresentado. Notícias com soluções foram mais eficientes e conseguiram conectar a comunidade.

A partir destes estudos e de algumas das várias técnicas da psicologia positiva, que tem um objetivo de fazer com que as pessoas e a comunidade vivam melhor, o jornalismo construtivo adota algumas técnicas pensando também em sua comunidade. O embasamento

teórico para apontar a necessidade de apresentar contextos e levantar respostas, promovendo discussão na sociedade também tem referências em Habermas (1991) que afirma que “os indivíduos precisam se reunir para discutir os problemas da sociedade e, posteriormente, influenciar a ação política. A formação da opinião pública ajuda a criar uma sociedade democrática” (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017,p.22, tradução nossa).

Inclusive, existem semelhanças entre o jornalismo cívico, que apresentamos no início deste capítulo e no jornalismo construtivo, pois ambos demandam que os jornalistas atuem de forma ativa e participativa com a comunidade nas discussões democráticas e políticas. Para contextualizar de forma mais assertiva o que é este modelo de jornalismo construtivo, as autoras (2017) apontam matérias do *Huffington Post*⁴ e da editora Arianna Huffington, que tentam trabalhar com notícias construtivas, levando em conta a verificação do que está funcionando.

Enquanto continuaremos a cobrir as histórias do que não está funcionando - disfunção política, corrupção, irregularidades, violência e desastres - tão implacavelmente como sempre fizemos, queremos ir além de "Se sangra, leva." E para ser claro, não estou falando sobre histórias simples comoventes, ou momentos horríveis, ou animais adoráveis (embora, não se preocupe, ainda daremos a você muitos deles também). O que estou falando é contar histórias de pessoas e comunidades fazendo coisas incríveis, superando grandes probabilidades e surgindo com soluções para os desafios reais que enfrentam. (HUFFINGTON, 2015)

A partir dessa declaração já é possível identificar diferenças entre a cobertura jornalística tradicional e a direcionada para o jornalismo construtivo. Mas, é importante neste aspecto não se confundir de que esta é uma forma de jornalismo que conta “notícias positivas”. O jornalismo construtivo tem comprometimento com as funções centrais do jornalismo, assim como se relacionam com as finalidades que já apontamos neste trabalho, levando em conta a apuração de uma questão, contextualização, pluralidade, esclarecimento do cidadão e até mesmo, o fortalecimento da democracia por meio das notícias. Estas finalidades, conseqüentemente, se ligam à finalidade central do jornalismo que é a informação.

Para realizar o jornalismo construtivo é possível utilizar algumas estratégias que podem variar desde a forma como uma entrevista e as perguntas são construídas, levando em conta não somente os aspectos negativos de uma questão, mas estimulando outras discussões em seu entrevistado. Ressaltando, mais uma vez, que isso não quer dizer noticiar fatos que sejam somente engraçados ou negligenciar a cobertura de uma catástrofe ou de uma *hard*

⁴ Site Huffington Post. Disponível em: <https://www.huffpost.com/>. Acesso: 29/07/2021

news, por exemplo. São eventos excludentes e formas diferentes de se fazer jornalismo, ambas aceitáveis, desde que com apuração e rigor jornalístico.

Para compreender de forma mais profunda sobre este modelo de jornalismo, assim como as técnicas de psicologia positiva que as autoras levam em questão, como um grande guarda-chuva, o jornalismo construtivo abriga em suas particularidades quatro ramos (ou braços) que são: o jornalismo de soluções, jornalismo prospectivo, jornalismo de paz e narrativa restaurativa. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017)

Figura 1 - Os ramos do jornalismo construtivo e técnicas psicológicas usadas em cada

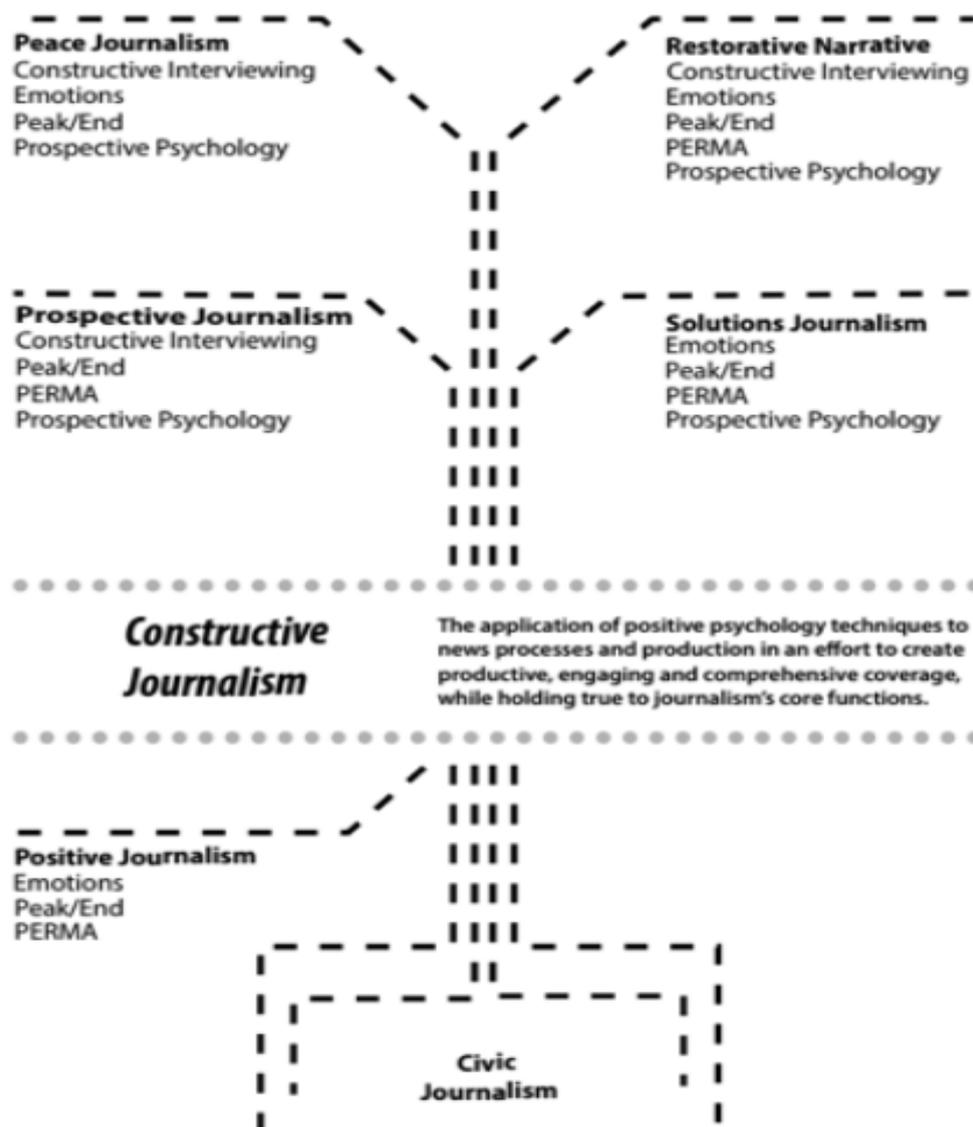


Figure 1: The branches of constructive journalism and psychological techniques used in each

Fonte: Os braços do jornalismo construtivo e as técnicas de psicologia utilizadas em cada um deles. (McIntyre; Gyldensted, 2017, p.24, tradução nossa)

Para a compreensão desta figura, é fundamental que no início deste capítulo abordamos sobre o jornalismo cívico e seu surgimento a partir de uma necessidade de mudança na cobertura midiática, para promover o engajamento popular. Neste aspecto, quando falamos sobre jornalismo construtivo, é importante compreender que existe um esforço de criar uma cobertura e produção de notícias que sejam produtivas e envolventes,

sem deixar de ser fiel às funções centrais do jornalismo, que já falamos neste trabalho. Para isso, é importante compreender os “braços” apontados pelas autoras, assim como as técnicas utilizadas.

A partir da apresentação das autoras e do levantamento de outros pesquisadores da área, a primeira técnica apontada é “Considerare o modelo de bem-estar do mundo” (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017,p.26, tradução nossa). Isso representa dizer que em muitas ocasiões a cobertura midiática é focada para emoções negativas, conflito, estresse após um trauma e até mesmo, uma vitimização, que reforça alguns aspectos sensacionalistas.

Por isso, este modelo de “bem-estar” do mundo é voltado para coberturas que abordem crescimento, relacionamentos positivos, engajamentos, emoções positivas, crescimento após um trauma, dentre outras questões. Esta técnica acredita que somente uma abordagem negativa do mundo traz uma visão equivocada e induz preconceitos. A segunda técnica que pode ser aplicada em notícias é “Evocar emoções positivas em notícias”.

Por exemplo, McIntyre e Gibson (2016) descobriram que adicionar uma fresta de esperança a uma notícia inerentemente negativa fazia com que os leitores se sentissem significativamente mais positivos do que se tivessem lido uma história exclusivamente negativa. Isso sugere que os profissionais de notícias podem manter sua função de vigilância e relatar informações negativas, evitando alguns dos efeitos negativos das más notícias, incluindo uma fresta de esperança. (McINTYRE; GYLDENSTED,2017, p.27, tradução nossa).

Ou seja, ao criar essa sensação no público, é possível até mesmo promover novas discussões sobre um assunto, incentivar à criatividade e gerar engajamento. A terceira técnica é “Incluir os Elementos PERMA no Trabalho de Notícias”, que não tem uma tradução com as mesmas letras iniciais do inglês. As autoras consideram PERMA, com P de *positive emotion*, E de *engagement*, R de *good relationships*, M de *meaning* e A de *achievement*. Em português, isso representa realizar uma cobertura que envolva a emoção positiva, envolvimento, bons relacionamentos, significado e conquistas no processo de notícias. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017.p.28).

A quarta técnica é a utilizar “técnicas construtivas de entrevista”. É interessante como o jornalismo construtivo acaba atingindo os jornalistas de forma direta, sobretudo, os produtores e repórteres, incentivando que, uma mudança da abordagem das perguntas mude a perspectiva e até mesmo, incentive o entrevistado a refletir. Estas técnicas construtivas para a entrevistas são resumidas a seguir.

1. É importante que o repórter tome cuidado para acabar não sendo conservador em suas perguntas, por conta do jornalismo tradicional e evocando, conseqüentemente, defensividade e julgamentos.
2. É importante realizar perguntas reflexivas, que facilitem a discussão com o entrevistado. O intuito é estimular as fontes a mobilizarem seus próprios recursos de resolução de problemas.
3. O repórter pode ter intenções de realizar descobertas. Por exemplo, ele pode perguntar “Alguma coisa parecida com isso já aconteceu no passado?”. Esse estilo de questionamento, segundo o autor, tem um efeito libertador, em que os repórteres facilitam uma conversa na qual as fontes podem se tornar cientes das conexões e padrões e ver sua situação de uma nova perspectiva (TOMM, 1988 *apud* McINTYRE; GYLDENSTED, 2017, p.29)

Por fim, a última técnica da psicologia positiva e que é aplicada nesta tabela para o jornalismo construtivo é o “Foco em soluções”. As autoras entendem que apesar de alguns profissionais dos veículos de comunicação acreditem que não é função ou finalidade da mídia verificar quais são as soluções para os problemas na sociedade, os defensores deste modelo de jornalismo acreditam que é necessário confrontar o público com as informações que envolvem conflito, pois dessa forma é possível incentivar as pessoas a se envolverem e agirem sobre esta situação. (McINTYRE, 2015).

A partir desse desdobramento, nesta dissertação, nos debruçaremos de forma mais intensa para contextualizar o jornalismo de soluções, por acreditarmos que é por meio desta perspectiva que conseguiremos analisar e atingir os objetivos deste trabalho. O fornecimento de informações sobre soluções potenciais que envolvam questões ligadas à sociedade pode ser considerada uma técnica da psicologia positiva, no processo de criação de uma notícia construtivista, com o ramo no jornalismo de soluções.

2.2 Foco em Soluções

Quando falamos sobre jornalismo e seu papel de informar e de noticiar o que é interesse público, é importante que não somente o problema seja exposto, mas suas respostas e contextualização. Estas “soluções” podem gerar discussões na sociedade, acerca de possibilidades para resolução de problemas ou uma verificação de respostas que foram inadequadas para o momento, o que pode gerar um questionamento dos motivos pelos quais essas respostas são apontadas em detrimento de outras. Neste aspecto, consideramos que isto também é informar de maneira qualificada, retomando Reginato (2016), que aponta que informação deve ser atual, plural, verificada, relevante, correta, contextualizada, bem redigida. Ou seja, o jornalismo pode buscar soluções e questões atuais para a discussão,

apostando em uma pluralidade de fontes, contextualizando as questões e com certeza, indo pelo caminho da apuração.

Como citamos no início do capítulo, ainda não existem muitos estudos na academia que contribuam para uma definição clara do jornalismo de soluções, mas, existe a tentativa neste trabalho, de agregar as referências e pesquisadores da área, com o esforço de trazer diferenciação e explanação entre os conceitos. Em 2016, Andrea Wenzel, Daniela Gerson e Evelyn Moreno, integrantes do *Tow Center for Digital Journalism na Graduate School of Journalism* de Columbia, publicaram um material sobre uma pesquisa com um grupo focal de pessoas acerca do jornalismo de soluções. Para as autoras, este tipo de jornalismo “explora respostas para problemas sociais sistêmicos - examinando criticamente os esforços de resolução de problemas que têm potencial (WENZEL, GERSON, MORENO, 2016, tradução nossa)⁵”.

Apesar disso, Loose (2019, p.92) aponta que existe no “campo jornalístico um pressuposto de que notícias boas são notícias ruins, afinal são elas que prendem a atenção do público e geram desmembramentos (suítes), muitas vezes alavancando lucros e até certo prestígio.” Neste cenário é mais comum que as mortes, tragédias e até mesmo catástrofes ganhem um espaço maior nos meios de comunicação, influenciados também por um lado mercadológico do jornal. Com esta inquietação em alguns jornalistas, sobre a forma como as notícias são feitas, em 2013, foi criada uma Rede de Jornalismo de Soluções, que entende que este modelo de jornalismo⁶,

umenta a responsabilidade ao relatar onde e como as pessoas estão se saindo melhor em relação a um problema - removendo desculpas e estabelecendo um padrão para o que os cidadãos devem esperar de instituições ou governos. Oferece uma visão mais abrangente e representativa do mundo. E faz circular o conhecimento oportuno para ajudar a sociedade a se autocorriger, destacando as respostas adaptativas com as quais as pessoas e as comunidades podem aprender (*SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK*, 2013, tradução nossa).

⁵ Engaging Communities Through Solutions Journalism. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/engaging_communities_through_solutions_journalism.php#introduction. Acesso: 16/05/2021.

⁶ Solutions Journalism Network. “Who we are mission”. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org/who-we-are/mission>. Acesso: 16/05/2021.

Em uma entrevista de David Bornstein⁷, um dos integrantes do grupo “*Solutions Journalism Network*”, ele explica que o trabalho destes repórteres é compreender que

todo problema na sociedade produz uma variedade de respostas. Portanto: se os jornalistas cobrem os problemas, eles também devem cobrir as respostas. Isto é simplesmente contar toda a história. No entanto, a reportagem deve ser feita com o mesmo nível de rigor, discernimento e obstinação que os jornalistas trazem para a cobertura tradicional. Se bem feito, o jornalismo de soluções torna nossa reportagem mais forte e completa. Ele injeta informações valiosas na conversa pública, atrai leitores e os envolve profundamente e ajuda a despolarizar o debate público (*AMERICAN PRESS INSTITUTE*, 2014, tradução nossa).

Com isso, é possível compreender que o jornalismo de soluções, além de se envolver de forma mais ativa com o público, tem a missão de investigar histórias e formas de respostas aos problemas, sem privilegiar uma pessoa ou entidade especificamente. A ideia é apontar trabalhos realizados, que deram certo ou não, agregar contexto às situações, por meio de um trabalho investigativo. Isto é reforçado na entrevista de David (*AMERICAN PRESS INSTITUTE*, 2014), ao explicar que “Histórias de soluções não celebram ou glorificam indivíduos ou organizações. Elas não recorrem a uma cobertura superficial e acrítica das organizações” (tradução nossa). É o que falamos no início sobre este não ser um modelo de jornalismo de “notícias bonitas ou de histórias engraçadas” e sim, que também pode cumprir as finalidades da profissão.

Por isso, através de um levantamento de dados e evidências, os repórteres ao produzir um conteúdo que trabalha com o jornalismo de soluções podem fazer algumas perguntas para entender o que está acontecendo no local, se existe uma resposta e se ela funciona, quais foram os resultados e se isto é novo ou não, assim como quais são as limitações.

Todavia, este modelo de jornalismo ainda sofre preconceitos, segundo David (*AMERICAN PRESS INSTITUTE*, 2014). O primeiro medo diz respeito ao fato de parecer que os jornalistas estão defendendo algum tipo de resposta e ainda existe uma confusão de que o jornalismo voltado para soluções é composto por notícias ou reportagens “boas”. Ao mesmo tempo, também ocorre uma resistência nos veículos de comunicação em adotar este modelo porque ainda existe uma ideia de que más notícias conseguem atrair mais a atenção das pessoas.

⁷ American Press Institute. Reporting ‘the whole story’: 9 good questions with David Bornstein of Solutions Journalism Network. 2014. Disponível em: <https://www.americanpressinstitute.org/publications/good-questions/moving-toward-whole-story-9-good-questions-david-bornstein-solutions-journalism-network/#:~:text=BORNSTEIN%3A%20Solutions%20journalism%20is%20simply.best%20models%20for%20addressing%20problems>. Acesso: 18/05/2021.

Ainda, como vimos na lógica de produção, este é um trabalho que se depara com redações cada vez mais enxutas e uma necessidade muito rápida de apurar um fato, o que leva a uma superficialidade, sobretudo, no telejornal. Inclusive, essa característica, assim como o imediatismo e a instantaneidade são apontadas por Paternostro (1987) como características da televisão.

Apesar destas dificuldades impostas por uma forma tradicional de fazer jornalismo e até mesmo uma lógica de produção, David (*AMERICAN PRESS INSTITUTE*, 2014) aponta que “uma das premissas do jornalismo de soluções é que os problemas muitas vezes persistem porque as pessoas ignoram o que poderiam fazer para resolvê-los com mais sucesso.” (tradução nossa). Por isso, no momento que o jornalismo expõe as pessoas ao funcionamento da questão, desmistifica, aponta os motivos e possíveis soluções, é possível trazer conhecimento, estimular o senso crítico e promover a cidadania. Inclusive, isso pode atrair as pessoas e ser considerado rentável. O grupo *Solutions Journalism Network* (2021), em seu site, aponta que “as pessoas provavelmente pagarão por notícias que as ajudem a entender como o mundo funciona.” (tradução nossa)

Isto é importante também por começar a indicar uma mudança no que o público deseja, assim como foi constatado na origem do jornalismo cívico. “Quando bem feitas, as histórias podem fornecer percepções valiosas sobre como as comunidades podem lidar melhor com importantes problemas. Como tal, o jornalismo de soluções pode ser altamente informativo e envolvente.” (CURRY; HAMMONDS, 2014, p.6, tradução nossa). Ou seja, o conteúdo oferecido pelo jornalismo de soluções, de fato, pode interessar à comunidade.

Por isto, este jornalismo examinará como a comunidade e as instituições estão fazendo para identificar as soluções dentro de um contexto, podendo abordar também o que não está funcionando. É importante destacar que o jornalismo de soluções lida com a busca por respostas a “problemas sociais arraigados” (CURRY; HAMMONDS, 2014, p.1, tradução nossa), ou seja, que estão consolidados em determinada comunidade. Por exemplo, um acidente da queda de um avião em um local não implica o uso do jornalismo de soluções, a não ser que este seja um problema frequente.

Compreendendo de forma inicial o que é o jornalismo de soluções, é possível entender acerca dos outros “braços” do jornalismo construtivo. Na próxima parte do capítulo, voltaremos a nos debruçar sobre o jornalismo de soluções. Outro “braço” do jornalismo construtivo é o jornalismo de paz, que será brevemente apresentado neste trabalho. Entre grupos acadêmicos, assim como jornalistas entre 1960 e 1970, o sociólogo Johan Galtung trouxe a questão do “jornalismo de paz” em oposição ao “jornalismo de guerra”.

Esta oposição incide diretamente em noticiar que um ganhou em detrimento da perda do outro. Salhani (2017) acredita que este jornalismo deve contar com manuais que auxiliam no processo de cobertura jornalística relacionadas, sobretudo, a situações de conflitos, violência ou guerras. Para o autor,

Coberturas jornalísticas consistem em escolhas (em seu enquadramento, em relação a fontes, à linguagem ou fotografias a serem utilizadas, etc.), e as escolhas feitas pelo jornalismo para a paz buscam a humanização e o entendimento, uma vez que dá voz a todas as partes, é orientado para as pessoas e para a cultura de paz em vez de somente reportar a violência direta. (SALHANI, 2017, p.73)”

Ainda, o autor defende que “as coberturas devem ser equilibradas e atenção deve ser dada a todas as etapas do que se propõe a narrar: o antes (o que levou àquela situação), o durante (o que deve ser feito para transformá-la) e o depois (legado: quais são as consequências e estratégias de prevenção). (SALHANI, 2017, p.73)” . Em outras palavras, “o jornalismo de paz requer que um jornalista olhe para o conflito não como uma batalha de duas partes onde o foco está em ganhar e perder” (Galtung & Fischer, 2013 *apud*, McINTYRE; GYLDENSTED, 2017, p. 25).

Loose (2019, p.94) também aponta que existem processos de contextualização neste tipo de jornalismo e que ele é feito não voltado somente para uma elite, mas para os grupos que estão enfrentando o conflito, que foram atingidos pelo sofrimento. “A humanização e a proatividade também são elementos dessa proposta, que costuma receber críticas por não manter o distanciamento esperado pela objetividade jornalística”. Ou seja, neste ponto, verificamos algumas mesclas com o jornalismo de soluções no processo de contextualização e na busca por soluções (podendo se sobrepor a ele), assim como no jornalismo de prevenção a determinado problema.

Além do jornalismo de soluções e do jornalismo de paz, a narrativa restaurativa também é citada como um ramo do jornalismo construtivo, envolvendo alguns proponentes que, “evitam situações em que jornalistas “pulem” de paraquedas dentro e fora de uma cidade para cobrir um desastre ou tragédia; em vez disso, eles encorajam notícias que cobrem as raízes mais profundas de tais conflitos, bem como o esforço de recuperação que os segue. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017, p.25-26, tradução nossa)

Uma história voltada à narrativa restaurativa, pode ter ligações com o jornalismo de solução, pela utilização de técnicas semelhantes no momento de criar uma narrativa, mesmo tendo processos distintos. Neste caso, é incentivado que as notícias não abordem o

sensacionalismo, ou uma desconexão por parte do repórter, muito menos, que somente uma tragédia seja coberta. É importante identificar de forma profunda os motivos que levaram ao conflito e se a comunidade tem conseguido se recuperar.

Por fim, o jornalismo prospectivo é o outro braço do jornalismo construtivo que faltava ser abordado neste trabalho para uma contextualização. Segundo as autoras, é o tipo de jornalismo que se concentra no futuro. Dessa forma, é possível incluir algumas noções de previsão e planejamento. (McINTYRE; GYLDENSTED, 2017).

Ou seja, este tipo de jornalismo consegue imaginar o futuro trazendo alguns moldes de emoção e cognição, sendo uma forma dos jornalistas se direcionarem para o futuro. É interessante refletir que apesar de cada “braço” do jornalismo construtivo ter uma particularidade, eles não se excluem, já que podem existir mesclas a depender do conteúdo.

Para prosseguirmos a análise relacionada ao jornalismo de soluções, apesar de não fazer parte do “guarda-chuva” do jornalismo construtivo, vale a pena citarmos o jornalismo de prevenção, até porque, esse é um termo que pode se relacionar com o jornalismo de soluções e prospectivo, apesar das particularidades.

“Jornalistas constroem seus relatos a partir de fatos concretos, reais. Os critérios de noticiabilidade vigentes orientam sobretudo a repercussão de acontecimentos já vividos, os quais possibilitam análises e mensurações posteriores” (Girardi IMT, Loose EB, Steigleder DG, Belmonte RV, Massierer C, 2020, p. 286). Ou seja, esta é uma etapa inicial para compreender o jornalismo de prevenção, já que em um cenário mais tradicional, as redações esperam um problema ocorrer, para depois cobrir a questão.

O jornalismo de prevenção tem uma forte relação com as temáticas ambientais, como o efeito estufa e o desmatamento. Provavelmente, já assistimos notícias sobre queimadas no Centro-Oeste, secas no Nordeste, alagamentos no Sudeste, e em uma análise mais técnica, algumas destas “catástrofes” poderiam ser evitadas ou amenizadas pela ação humana, além de poderem ser resultados do desmatamento ambiental. As medidas de prevenção a estas catástrofes, portanto, poderiam ser noticiadas pela mídia com o objetivo de causar uma discussão e mobilização social. De certa forma, a mídia tem um papel de orientar e educar que poderia ser mais explorado, se os veículos de comunicação contextualizarem os problemas climáticos, incentivando à prevenção e ao mesmo tempo, promovendo uma mobilização social em cima desses temas.

Este tipo de comunicação, também ocorre na comunicação de riscos. Neste caso, o objetivo é alertar a população, assim como apontar soluções que sejam capazes de reduzir os danos. De acordo com Rodríguez e Puga (2017) o jornalismo de riscos atua também no

processo de esclarecimento para apontar soluções que reduzam a possibilidade de danos. Para isso, é possível fornecer alguns quadros de interpretação para o risco, assim como mostrar atores que estejam articulados para gerir o risco e atuar nas atividades de prevenção do risco. Isto inclusive, tem relação com o processo de democratização. Neste aspecto, é possível compreender que tanto o jornalismo de prevenção, prospectivo e de riscos estão associados.

Na Espanha, Alende Castro (2016) apresenta uma proposta chamada Jornalismo de Prevenção (periodismo de prevención), que busca aproximar os públicos dos riscos e de suas formas de gestão, de modo que evitem ou minimizem desastres. Ambas abordagens seguem alinhadas à necessidade de o Jornalismo ser mais atento a preceitos da comunicação de riscos, fundamental para a boa gestão de problemas que podem vir a se tornar desastres, ainda que considerem as especificidades do fazer jornalístico. (LOOSE, GIRARDI, 2018, p.210)

Assim como no jornalismo de soluções existe a crítica à ideia de que notícias ruins podem atrair mais pessoas, em muitos casos, o jornalismo, seguindo esta rotina (que pode ser influenciada pelo capital e pelo lucro) acaba deixando de abordar os riscos e a prevenção em sua cobertura. Isto impede até mesmo, a contextualização dos fatos e conseqüentemente, o processo informativo de forma qualificada.

Considera-se aqui o papel-chave da mídia, de forma geral, e do Jornalismo, de forma específica, para melhores esclarecimentos dos riscos para população, porém destaca-se que a lógica de produção de notícias é outra, baseada em muitos critérios que visam capturar a atenção do público em razão da sua sustentabilidade econômica – e, por isso, pode causar alarmismo e muitas distorções. É evidente que informações de desastres possuem mais audiência do que aquelas que trazem elementos de prevenção, devido às próprias imagens fortes e aos valores-notícias atrelados à tragédia e à morte que ficam ressaltados nas catástrofes. (LOOSE, GIRARDI, 2018, p.213)

Mas, o jornalismo não pode se esquecer do seu papel fiscalizador, contribuindo para enfrentar e prevenir crises, por meio de orientação à população. Isto ocorre também por meio de investigação e busca apurada e precisa que a informação de qualidade exige. Apesar disso, Loose e Girardi (2018, p.219) apontam que esta busca apurada, assim como estes aspectos investigados são sobrepostos “pela espetacularização que rende a audiência fácil, pela falta de profissionais e de tempo para apuração adequada. Muitas deficiências encontradas na cobertura de riscos seriam sanadas se a orientação principal dos veículos fosse a informação qualificada.”

Diante dos conceitos aqui apresentados, na relação com o jornalismo de soluções, compreendemos que o jornalismo de prevenção e de riscos estão voltados para uma

antecipação de uma questão que pode ocorrer, sendo que no jornalismo de soluções um problema social existe e soluções para isto são levantadas. Porém, é importante discutir até que ponto esses conceitos não se relacionam. Dessa forma, este trabalho tem o entendimento de que o jornalismo de soluções pode ser complementar ao jornalismo preventivo e que a prevenção apresentada pode representar um das soluções para um problema.

O jornalismo preventivo se antecipa aos problemas, trazendo uma orientação para o público sobre ações que podem ser feitas para que determinada situação negativa não ocorra. Ou seja, gera um engajamento e provoca a reflexão sobre mudanças que podem ser feitas na sociedade. De certa forma, o que o jornalismo preventivo faz é apresentar soluções, só que a problemas que podem ocorrer. No jornalismo de soluções, um tipo de problema já é recorrente na sociedade e respostas são apresentadas com o objetivo de também promover um engajamento e provocar reflexão social. Por isso, existe o entendimento sobre a complementaridade dos conceitos, que será retomada no capítulo 6.

Com essa apresentação e levando em conta que esses conceitos exercem semelhanças e diferenças com o jornalismo de soluções, a autora da dissertação elaborou um quadro (QUADRO 2) que reúne as definições destes conceitos, assim como realiza um comparativo com o jornalismo de soluções. Acredita-se que assim, seja mais fácil visualizar as teorias apresentadas e chegarmos nos limites com nosso referencial, que é o jornalismo de soluções.

Quadro 2 - Levantamento das teorias apresentadas neste capítulo

Conceitos	Definições	Semelhanças ou diferenças com o jornalismo de soluções
Jornalismo cívico	É um modelo de jornalismo que surge a partir da identificação de um incômodo social, que leva à imprensa ao processo de relacionar ativamente a profissão com a democracia. O engajamento da população (ou um papel mais ativo) nestas discussões políticas também se tornou um desafio do jornalista.	O jornalismo cívico, apesar de ter como um de seus objetivos a promoção do engajamento em uma comunidade, assim como uma mobilização social, é considerado como mais abrangente, já que o jornalismo de soluções possui mais especificidades em sua cobertura, como identificar um problema enraizado na comunidade e levantar se existem respostas para estes apontamentos.
Jornalismo de soluções	Este jornalismo não se foca apenas em contar boas histórias, ou histórias que deram certo. Inclusive, não existe a negação de um problema e tentativas que não deram certo também podem ser apresentadas. É mais uma intenção	Não se aplica

	de responder a certos problemas por meio das soluções que estão em andamento. Para realizar este tipo de jornalismo é necessário um levantamento e apuração da comprovação de determinada solução para uma problemática. É mostrar para a população que existe uma ou algumas saídas para as questões.	
Jornalismo de prevenção, riscos e prospectivo	Este jornalismo busca antecipar os problemas. A ideia deste modelo de jornalismo é não esperar que um problema ocorra, mas que os riscos sejam levantados de forma prévia, orientando o público e gerando uma mobilização. Ou seja, existe um trabalho para um jornalismo mais voltado para o futuro, ou seja, busca representar aspectos de previsão de um assunto.	O jornalismo de prevenção se assemelha com propostas do jornalismo cívico, público e do jornalismo ambiental. No caso do jornalismo de soluções, apesar de existir a ideia de causar uma mobilização social, a ideia da “prevenção” é evitar que um problema ocorra e não buscar alternativas após o problema. Como o jornalismo de soluções se aplica em problemáticas sociais que estão arraigadas na sociedade, muitas questões não foram prevenidas e sua intenção é resolver essas problemáticas. Apesar disso, encontramos uma complementaridade nos conceitos de jornalismo preventivo e de soluções.
Narrativa restaurativa	A narrativa restaurativa é utilizada para que o jornalista não vá por um caminho de análise sensacionalista, mas que existam notícias que abordem de forma mais profunda as questões, investigando a recuperação do local, a história e o contexto.	Uma história de narrativa restaurativa, é possível ter um vínculo maior com o jornalismo de soluções, pelo fato de encorajar que esta discussão seja mais profunda e contextualizada na comunidade, apesar de existirem diferenças no objetivo desse “braço” do jornalismo construtivo.
Jornalismo de paz	Segundo Lynch e McGoldrick (2007) este tipo de jornalismo apresenta um conflito, mas dá voz a todas as partes, aos povos que foram afetados e que são minorias (mulheres, crianças e idosos). Trata o conflito e a guerra como um problema na sociedade e tenta pensar de forma criativa para prevenir a origem de outras guerras. Aborda sobre questões de traumas, cultura e reconciliação.	Dentre as semelhanças, podemos destacar a necessidade de apresentar um problema, buscando soluções para este conflito apresentando iniciativas de paz. Como diferença, podemos citar a parte da prevenção ao problema, além da temática “guerra” ser a principal analisada dentro da perspectiva do jornalismo de paz.

Fonte: Autora da dissertação

A partir desta exposição e diferenciação dos conceitos, é possível buscar uma maior profundidade no jornalismo de soluções, por meio do “*The solutions journalism tool kit*”, um material preparado por representantes do *Solutions journalism Network*, que é uma organização sem fins lucrativos, sendo uma rede independente de jornalismo e traz diversas orientações aos jornalistas sobre o que é o jornalismo de soluções e como ele deve ser feito.

2.3 Mais a fundo no jornalismo de soluções

Elaborado em 2015, o “*The solutions journalism toolkit*” tem o objetivo de trazer uma definição para o tema, assim como mostrar aos jornalistas como este jornalismo pode ser feito. Como este é um assunto relativamente novo em comparação com outros estudos e teorias, existem dúvidas acerca de como a informação jornalística pode ser voltada para soluções.

A partir disso, discutiremos alguns conceitos que foram apresentados neste material. Se existem diversas histórias interessantes ocorrendo, por que algumas não são cobertas pela imprensa? Esta discussão ocorreu no capítulo anterior, quando falamos que a imprensa possui alguns filtros de seleção e influências que afetam a noticiabilidade. “O campo do jornalismo tradicionalmente resistiu em ver as respostas como alimento legítimo para investigação. [...]Definimos o jornalismo de soluções como uma cobertura rigorosa e convincente das respostas aos problemas sociais” (BANSAL; COURTNEY, 2015, p.4, tradução nossa).

Ao longo dos anos e com uma estrutura de produção muito mais rápida, o jornalismo foi se consolidando por um percurso de olhar somente os problemas, sem se aprofundar no contexto ou apontar caminhos para os problemas propostos. Este tipo de ação dentro do jornalismo tem algumas explicações. Traquina (2005b, p.72-73), por exemplo, apresenta os alguns fatores que fazem as notícias negativas ou voltadas para os problemas terem preferência. Primeiro, “as notícias negativas satisfazem melhor o critério de frequência; [...] são mais facilmente consensuais e inequívocas no sentido de que haverá acordo do acontecimento como negativo”. Esse “acordo” pode ser discutido em uma reunião de pauta, por exemplo, quando apontamos a rotina televisiva. Um acontecimento negativo como um acidente, uma catástrofe, um desmoronamento e as tragédias chamam a atenção e inclusive, fazem parte dos valores-notícia que já abordamos neste trabalho.

Traquina, a partir da visão de alguns autores, explica que outro motivo também é que as notícias que são negativas apresentam maior consonância com pré-imagens dominantes, ou seja, imagens que já estão consolidadas, ou um aspecto de cobertura que se já se sabe como

realizar. No dia a dia do jornalista, que precisa lidar com o imediatismo, isso pode ser um fator que o ajuda no ganho de tempo.

E por que é importante apontar caminhos ou respostas aos problemas? Porque isso faz com que o jornalismo cumpra sua finalidade principal informativa de modo qualificado (que envolve a contextualização, apuração rigorosa, pluralidade de fontes, dentre outros aspectos), além de estimular um engajamento, integração e mobilização da sociedade. Com isso, não estamos afirmando que o jornalismo de soluções não seja objeto de interesses ou que faça parte de uma ideia romantizada ou mais correta de se fazer notícia.

O que estamos tentando apresentar é o que é este modelo de jornalismo, qual é sua importância e diferenciação na comparação com o jornalismo tradicional, em que contexto ele surge, por que ele pode ser importante para a cobertura jornalística e quais são suas características, assim como limitações. Para isso, é importante compreender que para se apresentar as respostas, é preciso conhecer o problema, ou seja, uma matéria direcionada ao jornalismo de soluções não é utilizada para negação de problemas, mas sim, a partir destes problemas, é possível identificar como as pessoas estão tentando resolvê-los.

Isso leva à reflexão de que abordar um problema, uma situação ruim ou difícil que acontece na sociedade é importante para o jornalismo no seu papel de fiscalizador e de cobrar os governantes e agentes políticos. Mas, é importante considerar também que “as pessoas não mudam apenas porque alguém aponta seus problemas” (BANSAL; COURTNEY,2015,p.5,tradução nossa)”. Esta mudança pode vir a partir da identificação de respostas. Este é outro aspecto que traz dúvida dentro das redações: eu devo apresentar uma solução? Ou seja, existe uma solução absoluta para aquele problema, um milagre, algo totalmente inovador? Nem sempre isso representa jornalismo de soluções, pois este jornalismo é sobre trazer respostas para a comunidade, inclusive, as que não deram certo.

Até porque se o jornalismo trazer uma resposta como um milagre, ele estará sendo semelhante ao jornalismo praticado no século XVI, da época de Peucer, que era direcionado para assuntos negativos, milagres, pessoas ilustres e até mesmo, algumas ficções. Por meio de um resgate histórico, feito no livro “Teorias do jornalismo - volume 2”, Traquina (2005b, p.64) remete-se às folhas volantes, no século XVII, que eram publicadas na Europa e geralmente tratavam somente de um tema, ao contrário de alguns jornais que já existiam em locais no mundo. O autor aponta que os temas mais “preferidos” das folhas volantes traziam assassinatos, mortes, acontecimentos bizarros, catástrofes, milagres, abominações. Sobre os milagres, eles poderiam ser desde uma ação divina, até a visão de dragões. No decorrer dos

anos, com o avanço da imprensa, muitas notícias acabavam tendo um teor com certa semelhança com o conteúdo do século XVII.

Além disso, se o jornalismo traz uma resposta é preciso ter também criticidade ao analisar quem realizou essa resposta, quem foi ouvido na produção da matéria, assim como quem foi de fato o beneficiado com a divulgação dessa informação. Outro ponto a se verificar é se o jornalismo somente se foca em uma resposta, pois para o mesmo problema, podem existir diferentes caminhos e perspectivas. Diante desse cenário, os autores que defendem a prática do jornalismo de soluções elaboraram uma lista com 10 características do que é este tipo de jornalismo e quais perguntas ele deve responder. Esta é uma tentativa de tornar este modelo de jornalismo normativo, a partir de alguns elementos que tragam aspectos de diferenciação. A partir disso, reunimos as informações em um quadro e apresentamos a seguir.

Quadro 3 - 10 características para identificar o jornalismo de soluções

Como identificar se é ou não jornalismo de soluções?
1. A história explica as causas de um problema social? Uma solução deve ser explicada no contexto do problema que está tentando resolver. Documentando as causas desse problema é possível identificar uma oportunidade de uma solução para criar influência e impacto.
2. A história apresenta uma resposta associada a esse problema? O teste ácido: se a história não descreve uma resposta, não é jornalismo de soluções.
3. A história aborda a resolução de problemas e os detalhes de como fazer para a implementação? Uma história de grandes soluções investiga os procedimentos de resolução de problemas, investigando questões como: O que os modelos estão tendo sucesso melhorando um resultado educacional e como eles realmente funcionam?
4. O processo de resolução de problemas é central para a narrativa? O jornalismo de soluções, como todo jornalismo, é uma ótima maneira de contar histórias. Deve incluir personagens lutando com desafios, experimentando, tendo sucesso, fracassando, aprendendo. Mas, a narrativa é impulsionada por resolver o problema e a tensão está localizada na dificuldade inerente em resolver um problema.
5. A história apresenta evidências de resultados vinculados à resposta? O jornalismo de soluções trata de ideias - mas, como todo bom jornalismo, a determinação do que funciona (ou não) é apoiado, sempre que possível, por evidências sólidas. Para ideias em estágio inicial, onde o único "Evidências" podem ser as afirmações de observadores confiáveis, a chave é não exagerar.
6. A história explica as limitações da resposta? Não existe uma solução perfeita para um problema social. Cada resposta tem ressalvas, limitações, e riscos. O jornalismo de boas soluções não foge da imperfeição.
7. A história transmite uma visão ou lição ensinável? O que torna o jornalismo de soluções atraente é a descoberta - a jornada que traz o leitor ou visualizador para uma visão sobre como o mundo funciona e, talvez, como ele poderia ser feito para funcionar melhor.

8. A história se baseia em fontes que têm um entendimento básico? O jornalismo de soluções se baseia em ideias práticas de pessoas que têm conhecimento das realidades locais e dos detalhes de implementação.
9. Como sua história é lida? O jornalismo de soluções não visa expressamente a defesa de modelos, organizações e ideias específicas. Jornalistas em busca de histórias de soluções estão trazendo seu discernimento para explorar ideias e métodos, não para avançar uma agenda ou fazer as pessoas se sentirem bem.
10. A história dá mais atenção à resposta do que a um líder / inovador / benfeitor? Vemos uma distinção clara entre o jornalismo de soluções e o que costuma ser chamado de "boas notícias". Histórias de "boas notícias" tendem a celebrar indivíduos e atos inspiradores. Jornalismo de soluções é sobre ideias, como as pessoas estão tentando fazê-las funcionar e seus efeitos observáveis.

Fonte: BANSAL; COURTNEY ,2015, p. 6-7 (tradução nossa)

Esses 10 passos sobre como aplicar o jornalismo de soluções são importantes para a análise, no momento de identificar se este é um conteúdo que se aproxima ou não deste modelo de jornalismo. Além desse quadro, a rede de jornalismo de soluções divulga um relatório anual e no material disponível em 2019 e 2020, a rede apontou 4 elementos básicos⁸ para vincular um conteúdo ao jornalismo de soluções.

Você saberá que é jornalismo de soluções se o relatório realmente inclui: uma resposta, ou seja, um foco em uma resposta, a um problema social— e como isso resposta funcionou, ou porque não, “insights”, ou seja, Um ou mais “lições ensináveis” que fazem o resposta relevante e acessível para outros, evidência, ou seja, Dados ou qualitativos resultados que indicam eficácia, ou falta dela e limitações, Revelador de deficiências, representando aquelas fraquezas com precisão e colocando-os no contexto (*ANNUAL REPORT*, 2019, p.6, tradução nossa)

Com esses 04 pilares, realizamos uma divisão de 5 características que podem ser consideradas básicas para vincular um conteúdo ao jornalismo de soluções, que foi elaborada na tabela a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 - 5 pilares do jornalismo de soluções

APRESENTAR UMA RESPOSTA
APRESENTAR COMO UMA RESPOSTA FUNCIONA
TRAZER UM INSIGHT PARA AS PESSOAS
APRESENTAR A EVIDÊNCIA DA RESPOSTA
APRESENTAR AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA

Fonte: Autora da dissertação, com base no relatório anual do jornalismo de soluções

⁸ Disponível em: <https://sjn-static.s3.amazonaws.com/reports/2020AnnualReport.pdf> e <https://sjn-static.s3.amazonaws.com/reports/2019AnnualReport.pdf>. Acesso: 19/05/2021.

Vale ressaltar que essa ideia de trazer um “*insight*” também pode ser compreendida como a ação de tornar uma lição ou visão ensinável para as pessoas. A partir das orientações apontadas no material é possível compreender também que neste jornalismo não existe um culto aos heróis, assim como não ocorre uma apresentação de solução rápida para um grande problema ou de difícil resposta. Este também não é um serviço de relações públicas, que favorece um amigo ou instituição, assim como não traz uma possível solução ao final da matéria, como uma reflexão tardia. O jornalismo de soluções também não cobra valores financeiros das pessoas e não é sobre ser comovente, engraçado ou mostrar que existem pessoas “boas”, incentivando doações (BANSAL; COURTNEY,2015).

Apesar de parecer uma ideia mais romantizada do jornalismo, realizar o jornalismo voltado para soluções é também um desafio do ponto de vista mercadológico e empresarial, já que o seu objetivo não é favorecer uma pessoa em detrimento de outras. Por isso, que acima falamos que é importante observar as soluções propostas pela imprensa com criticidade, visto que existem outros fatores de influência que afetam o processo organizacional.

O jornalismo como um agente que possui uma responsabilidade social, que pode contribuir para a democracia e formação de opinião não deve somente “observar o que está errado e esperar que a sociedade crie leis melhores ou fornecer supervisão adequada. Os problemas do mundo são muito complexos e mudam rapidamente.” Diante disso, é fundamental que a imprensa compreenda seu papel social, pois “as pessoas devem aprender sobre exemplos confiáveis de respostas aos problemas, a fim de se tornarem atores com poder e discernimento, capazes de moldar uma sociedade melhor. Neste contexto, o jornalismo deve aumentar seu papel tradicional, destacando respostas adaptativas para males sociais arraigados.” (BANSAL; COURTNEY,2015, p.10, tradução nossa).

Ou seja, é sobre despertar um engajamento nas pessoas, promover discussões, debates, trazer para o interesse público pautas de mudanças, trazer esperança, orientar, mostrar o que está sendo feito de errado. Inclusive, isso se encaixa também dentro da finalidade de esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade, proposta por Reginato (2016). Para criar uma história voltada para o jornalismo de soluções, o grupo criador do Toolkit aponta 7 passos que são importantes e apresentaremos alguns deles (BANSAL; COURTNEY, 2015, p.12, tradução nossa). O primeiro passo é identificar os fatores do problema, assim como as questões de preocupação (segurança pública, falta de educação, saúde, problemas climáticos). É importante verificar se existem evidências para estas histórias e selecionar quais já foram discutidas na comunidade e quais perspectivas podem ser abordadas.

Na verdade, estamos interessados em fazer com que jornalistas cubram as respostas aos problemas, independentemente de como eles estão trabalhando. Os jornalistas devem ter clareza sobre o que está funcionando nessas respostas e o que não está funcionando. O objetivo principal de histórias de soluções é produzir insights práticos para a sociedade sobre como um problema, ou problemas semelhantes, podem ser mais endereçados com sucesso. Nesta definição, seria possível trazer uma lente de soluções para uma resposta aparentemente falhada - contanto que faça sociedade mais inteligente de alguma forma. (BANSAL; COURTNEY,2015, p.14, tradução nossa)

Para isso, o jornalista pode desenvolver o seu olhar, assim como suas perguntas ao entrevistado, verificando aspectos: como isso foi feito?. “No jornalismo de soluções, o que mais importa não são as peculiaridades e qualidades do personagem principal, mas a sabedoria transferível encontrada em suas ações.” (BANSAL; COURTNEY, 2015, p.20, tradução nossa). Com isso, diversas perguntas podem ser feitas pelo jornalista, por exemplo: como uma pequena organização revolucionou a maneira como uma cidade recicla? Quais são as lições ensináveis da ação praticada em determinada comunidade?

Com essa mudança de foco, o jornalismo consegue identificar as medidas utilizadas no projeto, sua importância, o que a comunidade pensa sobre isso, quais são os pontos de sucesso e de falha. De certa forma, o jornalismo de soluções também é investigativo, tendo como características não somente abordar um acontecimento, mas os motivos pelos quais isso ocorreu. Com isso, os autores orientam:

Enquadre sua investigação com uma história de soluções: Digamos que você esteja expondo um mau comportamento. [...] Algum lugar resistiu com sucesso a essa pressão para fazer a coisa certa? Se sim, você pode contar a história de um lugar com esforços bem-sucedidos para desafiá-lo. (BANSAL; COURTNEY,2015, p.27, tradução nossa)

A partir desta consolidação do que é o jornalismo de soluções, assim como quais são suas características e importância social, é possível finalizar este capítulo compreendendo que este modelo de jornalismo direciona a atenção das pessoas para a solução de problemas em sua comunidade, pois, os pesquisadores que tentam conceituar o assunto, acreditam que a cobertura centrada apenas nos problemas acarreta desânimo na população, falta de esperança além de não promover engajamento político e público.

Para isso, é necessário buscar investigar os problemas da comunidade, levantando questões de contexto e trabalhos da comunidade, representantes civis e outras personalidades para entender o que tem dado certo ou errado na comunidade, com o objetivo de promover o engajamento. Esta é uma proposta que pode contrariar de certa forma o modelo de jornalismo

que é praticado há anos, assim como uma lógica e rotina produtiva que pende cada vez mais para a velocidade das informações e da produção.

Vale ressaltar que não estamos propondo um modelo ideal ou romantizado do jornalismo, pois, o jornalismo de soluções também deve ser analisado com criticidade, verificando os agentes que realizaram a resposta, quais foram as soluções apresentadas para a imprensa e se de fato há o envolvimento com a comunidade. A partir dos assuntos discutidos no capítulo 1 e 2 desta dissertação, partimos para uma contextualização do jornalismo no cenário da seca, assim como do ponto geográfico e sua ocorrência no estado de Sergipe, que é o nosso material de estudo.

3. O JORNALISMO E A TEMÁTICA DA SECA NO NORDESTE

Para falarmos sobre o jornalismo e sua relação com a seca vivenciada em alguns locais do Nordeste, é preciso compreender de forma breve (que será detalhada no decorrer do capítulo 3) no que consiste este fenômeno na região. Desde o século XVI já existem relatos de seca da região. Inclusive, estas secas já demonstravam impacto na parte agrícola, sobretudo, em áreas litorâneas que cultivavam cana, mandioca, milho e gado bovino (CAMPOS, 2014). No período do Brasil Colônia, as autoridades e governantes locais começaram a ter conhecimento dos períodos de seca, criando assim um registro desse acontecimento.

O primeiro registro de seca na história do Brasil é devido ao padre jesuíta Fernão Cardim, que chegou ao Brasil em 1583[...]. De 1583 a 1590, o padre Cardim viajou da costa brasileira de Pernambuco ao Rio de Janeiro e fez um relato epistolar que se constitui no primeiro documento a registrar uma seca no Nordeste[...]. Segundo ele, desceram dos sertões para o litoral de quatro a cinco mil índios apertados pela fome. (CAMPOS, 2014, p.67)

Indo para o século XVIII, também ocorreram outros registros de seca, que trouxeram um impacto no Brasil colônia, entre os anos de 1777 e 1778 (CAMPOS, 2014). Apesar das secas, Campos (2014) aponta que não ocorriam somente isto, mas que cerca de 32 anos de bons invernos ocorreram depois desse período, o que ocasionou o crescimento das populações e do rebanho. Porém, esse crescimento populacional não foi acompanhado pelo fortalecimento de infraestrutura na região.

Campos (2014, p.69) explica que o impacto das secas nas regiões de semiárido se agravou por conta do aumento populacional sem ter a infraestrutura tanto hidráulica quanto de estradas para dar o suporte necessário ao sertanejo. Com uma sociedade que o autor considerava como “vulnerável”, ocorreu a grande seca de 1877 a 1879. “As cartas régias do período mostram que não havia política de secas e sim, uma política econômica de Portugal que utilizou como premissa que a culpa pelos impactos das secas era do ócio das populações.” (CAMPOS, 2014, p. 69). Essa falta de infraestrutura e investimento na região do semiárido são sentidos até os dias atuais e causam um impacto negativo na população.

Hoje, a disponibilidade hídrica per capita na região é insuficiente nos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, sem contar as variações regionais de déficit hídrico, que tornam a situação ainda mais insustentável para os habitantes do semiárido afetados pelo stress hídrico. São esperados impactos significativos na agricultura de subsistência, agroindústria e agropecuária, na geração de energia e irrigação, na saúde humana, migração e geração de emprego. (MARENGO; ALVES; BESERRA; LACERDA, 2011, p. 415)

A região Nordeste é uma das cinco regiões do Brasil e possui a segunda maior população do país (57.071.654 milhões de residentes)⁹, abrigando nove estados brasileiros: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Ainda, é a terceira maior região em proporção territorial e dentre os seus climas, está o semiárido, que apresenta como características a presença de chuvas irregulares, com má distribuição e um clima mais seco e quente (SUASSUNA, 2007). Apresentando como bioma a caatinga,

No Semiárido chove pouco (as precipitações variam entre 500 e 800 mm, havendo, no entanto, bolsões significativos de 400 mm) e as chuvas são mal distribuídas no tempo[...]. Portanto, o que realmente caracteriza uma seca não é o baixo volume de chuvas caídas e sim a sua distribuição no tempo. (SUASSUNA, 2007, p.135)

Como o semiárido tem como características climáticas a má distribuição de chuvas, o local pode ser acometido pelo fenômeno da seca. Por meio da última delimitação realizada pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 2017¹⁰, 1.262 municípios integram o semiárido, em todos os estados nordestinos (só que em diferentes proporções) e alguns municípios de Minas Gerais. “O período de estiagem não ocorre simultaneamente em toda a região, em virtude das diferenças das características ambientais.” (SANTOS; ARAUJO; OLIVEIRA; SILVA, 2009, p.57).

Apesar disso, ao longo dos anos, foi-se consolidando uma relação muito forte do Nordeste com a seca em detrimento das outras regiões. “Na Região, a seca está intimamente associada à penúria, à fome, ao êxodo rural, aos carros pipas e às frentes de serviço.”(CAMPOS; STUDART, p.9, 2001). Ainda, “a seca na região Nordeste do Brasil é um fenômeno climático de efeitos ideologicamente produzidos e historicamente consolidados” (GOMES; ROSADO, 2018, p.73). Inclusive, esse processo de associação da seca com o Nordeste também se deu em espaços como no cinema e na literatura.

⁹Estimativas da população residente no Brasil e Unidades de Federação com data de referência em 1º de julho de 2019. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em 04/07/2020.

¹⁰ Dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html?=&t=sobre> . Acesso em 04/07/2020.

A região Nordeste foi e permanece como um “espaço”, não só geográfico, do qual permanentemente são construídas discursividades. Diferentes ramos sociais assumiram a tarefa de criar discursivamente definições para a região. Esses empreendimentos foram feitos em diversos campos e os primeiros a focarem-se no tema foram: o jornalismo, o fotojornalismo, a literatura, o cinema e as produções fotográficas (ALVES, 2009, p.25).

Silva e Massuchin (2019) citam Albuquerque Júnior (2011), que explica que desde o cinema, os filmes que relatam a respeito do Nordeste, trazem os personagens como,

coitados, humorísticos, matutos, caipiras, com o inverso do civilizado, do grã-fino, entre outros aspectos. Acontece que no meio jornalístico essa realidade não é muito distante e nota-se em diversas matérias, mesmo que forma sutil, a figura dos nordestinos como pobres, coitados, castigados pela seca, necessitados.” (SILVA; MASSUCHIN, 2019 p.12).

Diante dessa busca por referências que apontassem a forma como o semiárido foi coberto pela imprensa jornalística, encontramos Alves (2009), que explica que, “mediante o fluxo de imagens, fotografias e fotogramas, publicados regularmente na imprensa jornalística das principais cidades brasileiras do período, instaurou-se um sistema de tensão com tema e face: o sertão-Nordeste como uma região-problema, como síntese de tudo que não se desejava ser” (ALVES, 2009, p. 25).

A forma como a imagem da seca em relação ao nordeste foi instaurada no país reforça o poder dos meios de comunicação e nos leva a refletir acerca do que Lippman (1922) discutiu em seu livro “Opinião Pública”. Sua tese era de que os veículos de notícia são “nossas janelas ao vasto mundo além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo” (MCCOMBS, 2009, p.19).

Nesse caso, é como se fosse construído um “pseudoambiente” a partir do que é veiculado pela imprensa, o que pode representar uma construção da realidade a partir do jornalismo, que já discutimos neste trabalho. Dentro da temática da seca no semiárido sergipano, que é o nosso objeto de estudo, como moradores de outras regiões do país no Sul ou Centro-Oeste e até mesmo para quem vive na capital Aracaju poderiam conhecer sobre esse fenômeno climático e os longos períodos de estiagem que afetaram partes deste estado? Uma das formas é por meio do que é veiculado na mídia, que tem o papel de informar para diferentes pessoas.

Traquina (2005b, p.92), tem o entendimento que a dramatização é “reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual”. No cenário

televisivo, que integra texto e imagem, mas que depende fortemente da imagem como um recurso visual, Paternostro (1987, p.75), já orientava que “A imagem tem narrativa própria, e para transmitir a emoção de um momento, o silêncio ou o som original do que está acontecendo, vale mais do que frases descritivas, longas, repetitivas. [...]”.

Por isso, a imagem no cenário da produção audiovisual no telejornalismo carrega um peso muito forte de transmitir essa emoção ao telespectador. Como consequência, a imagem, a depender do enquadramento e dos recursos que são utilizados, pode contribuir para essa construção do real. Essas imagens e produção de conteúdo pela mídia, segundo Zanforlin (2008, p.23), “vêm ancorada em concepções naturalistas e eugênicas, em que figuram como tipo nacional preferencial a imagem do branco europeu, onde se inclui a região Sul como o modelo a ser seguido”.

Como a mídia contribui para representação do mundo, boa parte do que conhecemos e que temos contato vem a partir do nosso conhecimento obtido pelos meios de comunicação, seja na internet, televisão ou jornal. Não estamos afirmando com isso que o ambiente midiático, sobretudo o televisivo, seja o responsável pela criação ou consolidação de um estereótipo acerca da seca no Nordeste.

Mas, Biroli (2011), aponta que “a presença dos estereótipos no discurso midiático pode colaborar para seu impacto e permanência. Difundidos para um grande número de pessoas, transformam-se em referências compartilhadas que fazem parte, simultaneamente, da experiência individual e social.” (BIROLI, 2011,p. 84). Com isso, a autora entende que a mídia atua difundindo estereótipos e colabora para naturalizar algumas visões em detrimento de outras.

Neste aspecto, em relação à seca como registro midiático e das autoridades, “a partir da seca de 1877 até a virada para o século seguinte, o sertão foi alvo de uma inflação da sua realidade: no momento em que foi devastado pela seca tornou-se foco de registros que se fizeram determinantes na definição do que era o Nordeste.” (MONTEIRO; RODRIGUES, 2019, p.265).

Barbalho (2004) reforça que desde o início do século XX, a região Nordeste é reproduzida pela imprensa em São Paulo como atrasada e estagnada. Diante desta cobertura, Monteiro e Rodrigues (2019, 265) destaca-se que “a seca passou a ser tratada como assunto de muito interesse para o jornalismo, gerando uma vasta produção de grande impacto no campo da produção cultural”. A popularização da temática da seca, segundo as autoras, tiveram um grande espaço e foco no cenário da mídia nacional, sobretudo, no Rio de Janeiro e São Paulo, que eram locais com grandes centros de impressão das revistas e dos jornais.

A questão levantada neste momento não é o fato da imprensa realizar uma cobertura da temática da seca e sim, como essa cobertura foi feita. Santana (2016, p.22), explica que “O que a mídia não se interessa é por essas entrelinhas que constitui a história da região nordestina”, ou seja, a seca passa a ser noticiada com uma realidade aumentada, sem levar em conta as particularidades, história, contexto e especificidades de cada local.

Em contrapartida, a cobertura da seca ganhou uma frequência de expansão, só que de forma equivocada do ponto de vista dos acontecimentos locais. “Por muitas vezes, os aspectos regionais e suas peculiaridades são convertidos em uma cobertura estereotipada e bastante restrita” (SILVA; MASSUCHIN, 2019, p.187). Ou seja, é como se a mídia priorizasse de forma frequente os mesmos enquadramentos relacionados à seca, miséria, pobreza, gerando uma homogeneização da região.

Quando pensamos sobre o aspecto de tornar uma cobertura homogênea, e que Leitão e Santos (2012, p.153) apontam que as imagens sobre o sertão eram sobre um local “seco, quente, improdutivo, miserável, arcaico, um olhar real sobre a região, mas não o único”, é possível refletir sobre que tipo de seleção é feita quando o assunto é a seca, assim como o que é considerado como relevante para o jornalismo ao falar deste assunto. É possível questionar também se o jornalismo cumpre sua finalidade de informar de modo qualificado e até mesmo de mostrar uma pluralidade social e de fontes, a partir do momento que as coberturas são feitas sob um mesmo ângulo e com a repetição das mesmas fontes oficiais.

Mas, as autoras entendem que esta abordagem, apesar de ocorrer em diversos pontos que são afetados pela seca, não deve ser a única sobre a região. Ou seja, é preciso buscar diferentes visões, novas pautas e formas de abordar o tema, o que nesta dissertação defendemos que soluções sejam apontadas como um possível caminho para as coberturas jornalísticas sobre a seca.

Em muitas situações, de acordo com Traquina (2005, p.75) “o significado de um acontecimento é muitas vezes julgado antes, ao ponto em que o repórter visualizará o que vai acontecer e produz então uma notícia que torna o resultado completamente previsível independentemente do que já transpirou”. Com isso, o autor se baseia em Rock (1973) para explicar que esses tipos de cobertura, nas quais o repórter já vai com uma pré-imagem, além de construir conhecimentos estereotipados, garantem visualmente “a eterna repetição dos mesmos elementos”.

Diante disso, “não podemos esquecer que, ao dar visibilidade pública a determinados fatos, a instituição jornalística não só mostra ao seu ‘leitor’ que certos conteúdos possuem sentido de relevância para a vida social, mas também investe um sentido de relevância para

estes eventos (FRANCISCATO, 2003, p.45).” Selecionar o que é relevante, assim como registrar a história e construir memória são finalidades do jornalismo, propostas por Reginato (2016).

Abordamos no capítulo 1 que o jornalismo passa por diversas pressões internas e externas, fatores que afetam a noticiabilidade, assim como valores-notícia que contribuem para que um fato seja noticiado em detrimento de outro. Neste aspecto, o entendimento de Franciscato (2003) sobre relevância é fundamental, ao apontar que a partir do momento que a mídia noticia um conteúdo, ela traz relevância para ele, assim como mostra às pessoas que aquele assunto é importante.

Por isso, Reginato (2016) considera que é muito importante que os veículos jornalísticos tenham atenção e cuidado sobre as pautas que eles dão visibilidade e o que isso vai representar para sua audiência. Quando falamos sobre jornalismo de soluções no capítulo 2, compreendemos que este modelo tenta dar visibilidade também às respostas de um problema social, levando em conta suas limitações, assim como sua implementação. Este jornalismo surge com a intenção de trazer uma visão mais abrangente e representativa do mundo (*SOLUTIONS JOURNALISM NETWORK, 2013*), assim como de contar a história de uma forma mais completa. Basicamente, isto representa dizer que se o jornalismo cobre os problemas sociais, eles também devem cobrir as respostas.

Porém, a partir do momento que a mídia se consolida sobre aspectos negativos e se foca somente nos problemas sociais, este conteúdo é que o terá maior relevância, podendo trazer uma falta de esperança e até mesmo, uma ideia de que não há o que fazer para resolver aquela determinada situação. Se a informação é a principal finalidade do jornalismo e se uma sociedade bem informada tem o poder de atuar como cidadã, como a mídia promoverá o engajamento social mostrando somente os problemas? Se os veículos de comunicação têm o poder de construir uma memória, é importante refletir que tipo de memória está sendo construída sobre diversos aspectos da sociedade e quem é beneficiado com isso.

Mais uma vez reiteramos que não existe um modelo perfeito ou ideal de “jornalismo” e que as soluções apontadas pela imprensa precisam ser vistas com criticidade pela academia, ao investigar quem é beneficiado com isso, mas é importante compreender que somente abordar os problemas sociais também favorece um indivíduo em detrimento de outro, além de apostar de forma exclusiva em fontes consideradas oficiais (reduzindo o aspecto da pluralidade e praticamente sem consulta à população ou comunidade sobre o fato, além de poder afetar a forma como um problema é cobrado diante dos responsáveis pelo poder público) e conseqüentemente, deixando de cumprir as finalidades da profissão.

Por isso, já que ao longo dos anos, a seca se consolidou como um fenômeno, é importante buscar orientações sobre como conviver com ela, desenvolver políticas públicas duradouras, assim como ações que contribuam para a preservação do meio ambiente. Sobre isso, discorreremos a seguir.

3.1 O cenário da seca no nordeste

Um dos climas presentes na região nordeste é o semiárido, e para que um local seja considerado como integrante deste clima, é necessário apresentar algumas características como precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50 e Percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano.

Quadro 4 - Semiárido brasileiro, seus estados e municípios (2017)

Estados	Municípios do Semiárido
Alagoas	38
Bahia	278
Ceará	175
Espírito Santo	-
Maranhão	2
Minas Gerais	91
Paraíba	194
Pernambuco	123
Piauí	185
Rio Grande do Norte	147
Sergipe	29
TOTAL	1.262

Fonte: SUDENE, 2020.

Fonte: Eliézer Silva e Josué Bezerra, presente no artigo: Região e território: um breve olhar sobre a nova delimitação do semiárido, tendo como fonte a Sudene (p.79)

É importante ressaltar a heterogeneidade observada nesta área, já que o período da estiagem não tem ocorrência similar na região. Ou seja, é incorreto associar o Nordeste à seca de forma homogênea, já que seus impactos e formas de intensidade variam a depender do local, assim como suas características particulares e influências climáticas.

Para quem desconhece o conceito regional, a afirmação de um ano sem inverno soa tão absurda a de um ano sem os meses de junho, julho e agosto. O nordestino entende inverno como a ocorrência de chuvas regularmente distribuída ao longo do período tradicional de cultivo (fevereiro-maio) em

quantidade suficiente para proporcionar uma boa safra agrícola. (CAMPOS; STUDART, p.9, 2001)

Diante dessas características é possível que os municípios que integram o semiárido sejam afetados por períodos de seca, apesar dessa condição não ser uma característica exclusiva do semiárido. Segundo Suassuna (2007, p.135), o que caracteriza uma situação de seca é a distribuição das chuvas, que na região, são consideradas como mal distribuídas, sofrendo influência de outros fenômenos, como o El Niño. Cunha (2008, p.5) também apresenta uma definição de seca, “como uma condição física e transitória que se caracteriza pela escassez de água”. Porém, a autora explica que outros fatores como “elevadas temperaturas do ar e elevados níveis de evapotranspiração contribuem para um agravamento da severidade e duração de uma situação de seca.” (CUNHA, 2008, p.6). De acordo com Marengo,

O Nordeste brasileiro tem incrustado em 62% da sua área, o Polígono das Secas, uma região semiárida de 940 mil km², que abrange nove Estados do Nordeste e enfrenta um problema crônico de falta de água e chuva abaixo de 800 mm por ano. No Semiárido, espalhado por 86% do território nordestino, vivem aproximadamente 30 milhões de pessoas, ou cerca de 15% da população nacional. São números que fazem do conjunto dessas áreas, a região seca mais populosa do mundo. (MARENGO, 2008, p.149)

Esses números são de 2008 e já demonstravam a proporção do semiárido. Mesmo as condições climáticas do semiárido ocorrendo de forma diferenciada a depender do estado e essas condições serem naturais ao local, a temática da seca é conhecida na região de forma histórica e utilizada “Ano após ano, governo a governo [...] como o maior elemento limitante ao desenvolvimento da região nordestina. (TRAVASSOS; SOUZA; SILVA, 2013. p.156).

Mas, ao falarmos sobre a temática da seca é importante compreender que não existe somente um tipo de seca e que seus efeitos ultrapassam as condições climáticas. Segundo Campos e Studart (2001), existem basicamente quatro tipos de seca: a climatológica, edáfica, social e hidrológica. A primeira diz respeito à causa inicial que contribuiu para desencadear esse processo climático (podendo ser o fenômeno El Niño, por exemplo). Por conta de uma irregularidade na distribuição de chuvas, ocorre a seca edáfica, que afeta a umidade nas plantas e conseqüentemente, as plantações. Como resultado: a seca social inicia, podendo causar sofrimento, miséria e migrações na população que depende da agricultura. Por fim, a seca hidrológica tem impacto no escoamento da água, disponibilidade hídrica, presença de água em rios e açudes, assim como nos reservatórios.

Diante do conhecimento desses tipos de secas é possível estudar estratégias voltadas para os aspectos de convivência, assim como a redução da possibilidade de desertificação do solo, contribuindo para preservação do bioma local, que é a caatinga.

3.2. A seca em sergipe

Neste trabalho, dentre os estados que integram a região semiárida, Sergipe foi escolhido para ser analisado. Em 16 de março de 2005, o Ministério da Integração Nacional atualizou a relação dos municípios pertencentes à região do semiárido, vinculado ao Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste - FNE. Essa delimitação levou em conta algumas características climáticas como Índice de Aridez e Déficit Hídrico. Para o estado de Sergipe, 29 municípios (de um total de 75 ou 38,6%) entraram para essa delimitação (Quadro 5).

Quadro 5 - Municípios sergipanos que integram o semiárido brasileiro

Ordem	Município	Estado	Área (km ²)	Pop. Total	Antigo Semi-Árido	Novo Semi-árido
	ESTADO DE SERGIPE					
1	Amparo de São Francisco	SE	39,76	2.181		
2	Aquidabã	SE	370,17	18.220		
3	Canhoba	SE	165,83	3.966		
4	Canindé de São Francisco	SE	908,17	17.739		
5	Carira	SE	634,6	17.734		
6	Cedro de São João	SE	73,01	5.376		
7	Cumbe	SE	131,42	3.643		
8	Feira Nova	SE	189,25	5.062		
9	Frei Paulo	SE	406,78	11.962		
10	Gararu	SE	640,45	11.364		
11	Gracho Cardoso	SE	236,22	5.516		
12	Itabi	SE	202,88	5.160		
13	Macambira	SE	137,42	5.803		
14	Monte Alegre de Sergipe	SE	418,52	11.550		
15	Nossa Senhora Aparecida	SE	347,05	8.282		
16	Nossa Senhora da Glória	SE	745,4	26.822		
17	Nossa Senhora das Dores	SE	482,56	22.129		
18	Nossa Senhora de Lourdes	SE	80,58	6.021		
19	Pedra Mole	SE	79,02	2.626		
20	Pinhão	SE	152,66	5.195		
21	Poço Redondo	SE	1219,95	25.987		
22	Poço Verde	SE	380,65	19.936		
23	Porto da Folha	SE	895,12	25.427		
24	Propriá	SE	95,52	27.292		
25	Ribeirópolis	SE	262,95	15.425		
26	São Miguel do Aleixo	SE	143,26	3.441		
27	Simão Dias	SE	560,82	36.795		
28	Telha	SE	56,51	2.636		
29	Tobias Barreto	SE	1119,11	43.109		
		SE	11.175,64	396.399		

Fonte: Ministério da Integração Nacional e Observatório de Sergipe

É importante ressaltar que os critérios técnicos e científicos para delimitação do Semiárido são competência do Conselho Deliberativo - CONDEL da Superintendência do

Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), através da Lei Complementar n. 1254, de 3 de janeiro de 2007, que o fez por meio das Resoluções do Conselho Deliberativo da Sudene de n. 107, de 27.07.2017 e de n. 115, de 23.11.2017.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou em 2017 um documento que apresentava a área do semiárido em 1.262 municípios brasileiros, distribuído em todos os 9 estados da região Nordeste e em alguns municípios no Estado de Minas Gerais. O estado de Sergipe segue com 29 municípios dentro dessa delimitação (ou 50,9% de sua área) e apresenta como características do clima megatérmico semiárido ter períodos de estiagem que compreendem 7 a 8 meses e irregularidades na distribuição de chuvas. A base agrícola de produção é voltada principalmente para a produção de milho, uma cultura que depende de fatores climáticos para ocorrer de forma produtiva.

Figura 2 - Região semiárida de Sergipe, obtida via satélite

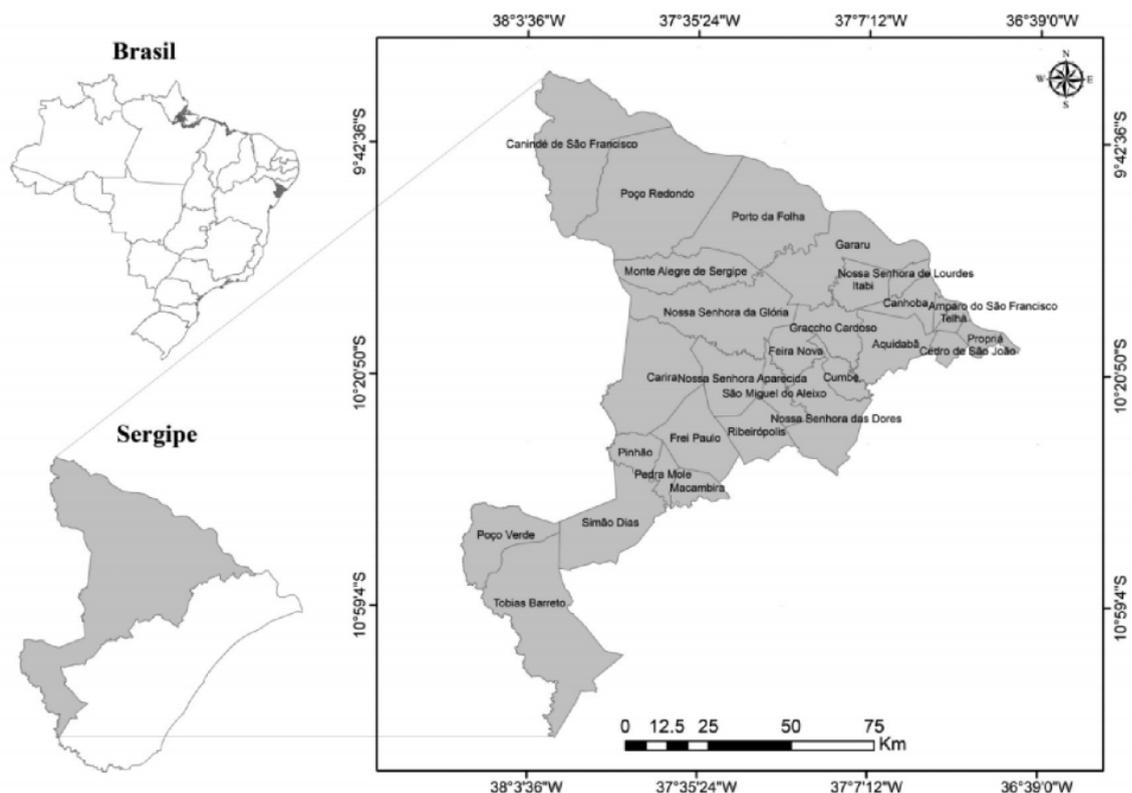


Figura 1. Localização da área de estudo.
Figure 1. Location of the study area.

Fonte: Material extraído do artigo Mudanças do Uso e de Cobertura da Terra na Região Semiárida de Sergipe (FERNANDES; MATRICARDI; ALMEIDA; FERNANDES, 2015, p.474)

A região do semiárido sergipano abriga pequenas e médias propriedades, por meio do cultivo de subsistência, sobretudo do milho. Porém, o estado também produz outras culturas

como coco da baía, cana-de-açúcar e leite. Neste processo, o bioma da caatinga vem sendo afetado no estado nos últimos anos.

A Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, ocupa uma área de aproximadamente 844.453 km², o equivalente a 10% do território nacional (SFB, 2013). Originalmente, ela recobria quase todo o semiárido nordestino (IBGE, 2010) e, no Estado de Sergipe, correspondia no ano de 2007 a 26% do estado (PROBIO, 2007). A região semiárida, ocupada predominantemente pelo bioma Caatinga, vem sendo exposta a um intenso processo de degradação pelo avanço da pecuária, cujo início se deu ainda no século XVII (Nogueira & Simões, 2009). A situação se agravou ao longo dos anos pelo uso incorreto das suas terras, submetidas à exploração predatória, desmatamentos e queimadas (Brasileiro, 2009). Em Sergipe, a região semiárida é marcada pela degradação da cobertura florestal e é inevitável deixar de relacioná-la com os modos de produção predominante. (FERNANDES; MATRICARDI; ALMEIDA; FERNANDES, 2015, p. 473)

Figura 3 - As mudanças na caatinga, manutenção florestal e desmatamento no semiárido sergipano

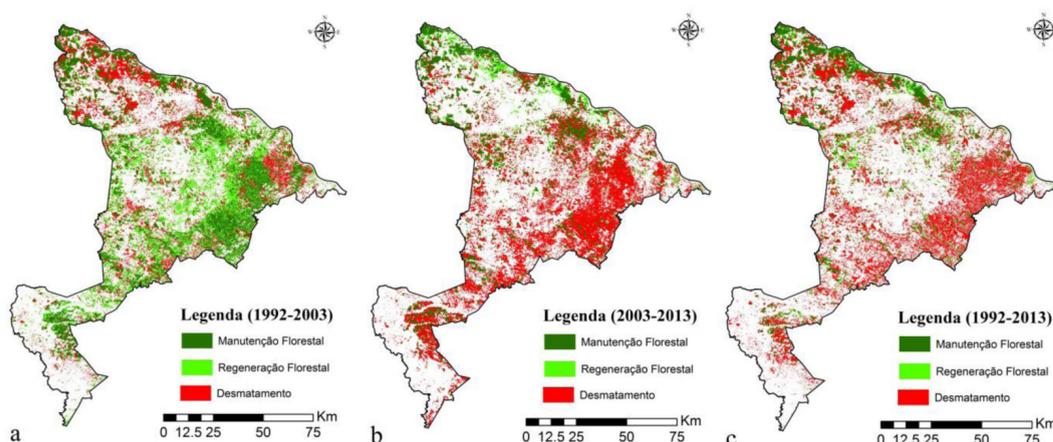


Figura 5. Mapas da dinâmica da cobertura florestal para os períodos de 1992 a 2003(a), 2003 a 2013(b) e 1992 a 2013(c).

Figure 5. Maps of the dynamics of forest cover for the periods 1992-2003 (a); 2003-2013 (b) and 1992-2013 (c).

Fonte: Material extraído do artigo Mudanças do Uso e de Cobertura da Terra na Região Semiárida de Sergipe (FERNANDES; MATRICARDI; ALMEIDA; FERNANDES, 2015, p .479)

Diante da análise dos mapas apresentados, é possível verificar que está ocorrendo uma redução da regeneração da floresta e um consequente aumento do desmatamento na região semiárida de Sergipe. Isso representa dizer que o semiárido sergipano sofreu com os processos de antropização, sendo que boa parte da vegetação da caatinga foi transformada em pastagem. (FERNANDES; MATRICARDI; ALMEIDA; FERNANDES, 2015).

3.3 Os impactos da seca em sergipe entre 2012 e 2016

Como falamos no início deste capítulo, a seca é um fenômeno climático que pode atingir ou não a região do semiárido. Ela também ocorre há muito tempo, com registros desde o século XVI. Mas, como vimos, existem ciclos desse fenômeno que é afetado por vários elementos climáticos, podendo trazer alguns anos de maior ou menor impacto a depender de sua ocorrência. Entre os anos de 2012 a 2015, a região do semiárido voltou a enfrentar uma seca prolongada e com diversos efeitos sociais.

A seca que se intensificou em 2012 e ampliou em 2015 é considerada a mais grave das últimas décadas e tem tido um impacto em muitos distritos das regiões semiáridas nos estados do NEB, afetando quase 9 milhões de pessoas (Marengo et al. 2016). Políticas públicas para mitigar os impactos da seca, tais como linhas de crédito disponíveis aos pequenos agricultores e a distribuição de água por meio de carros pipa) fez diminuir um pouco os impactos, mas, as políticas de gestão de crises, podem ter sido insuficientes para suportar a seca pluriannual excepcional de 2012-2015. (MARENGO; CUNHA; ALVES, 2016, p.2)

Por conta do impacto dessa seca, entre os anos de 2015 e 2016, a produção agrícola e vegetal voltou a ser afetada. O Governo Federal, segundo os autores, decretou um estado de emergência em 997 municípios brasileiros. Ainda, é como se a região semiárida recebesse apenas algumas ações pontuais por parte do poder público, no sentido de fornecer água por meio dos carros pipa. (SANTOS; ARAUJO; OLIVEIRA; SILVA, 2009)

Na zona semiárida de Sergipe, os impactos também foram sentidos, estendendo-se também para anos posteriores, como os de 2017 e 2018, devido a não recuperação climática suficiente no período anterior.

De 2005 a 2011 os índices pluviométricos anual das regiões; litoral, Agreste e Sertão, apresentam-se acima da média com excedentes hídricos em torno de 20mm a 38mm, índices pluviométricos suplantados pela evaporação. Já 2012 e 2016 os índices pluviométricos das regiões; Litoral, Agreste e Sertão, apresentam-se negativo e abaixo da média climatológica e com déficit hídrico, exaurindo reservatórios de superfície até mesmo o lençol freático hídrico reduzindo a afluência e vazão dos rios das bacias hídricas; Rio Sergipe, Rio Japarutuba, Rio Piauí, Rio Vaza-Barris e Rio Real e Baixo São Francisco. (AMARAL, 2017 p.1)

E não somente os anos de 2012 a 2016 foram afetados pela seca no Estado, pois os resultados desse período com instabilidade climática geraram problemas e dificuldades de recuperação para os anos seguintes.

Em Sergipe, 73,96% da área do Estado está suscetível à desertificação, compreendendo 48 municípios. Em decorrência da longa estiagem, em abril de 2017, 29 municípios já tinham decretado estado de emergência, representando uma população atingida de quase 450 mil pessoas. As consequências causadas pela seca e as ações dela decorrentes representam

um alto custo para a sociedade, muito embora seja difícil definir e quantificar os números exatos. A seca assolada no período de 2010-2016 pode ser considerada a mais severa registrada há décadas. (ROCHA, 2017, p.181)

Figura 4 - Municípios em situação de emergência no estado de Sergipe (2016/2017)

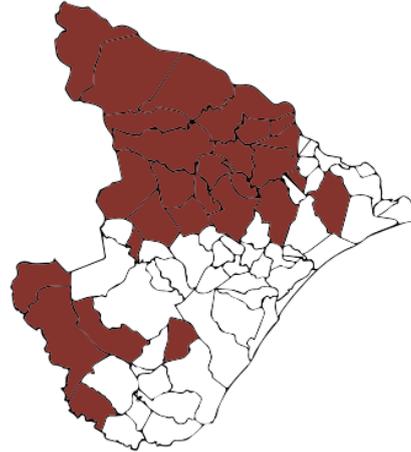


Figura 1. Municípios em situação de emergência – seca 2016/2017

Fonte: Defesa Civil Estadual (2016).

Fonte: Material extraído do Panorama da seca no Estado de Sergipe: Impactos e ações de enfrentamento, do autor Ailton Francisco da Rocha. 2017

Como já citamos, o milho, que é uma cultura muito forte e tradicional no estado, se viu altamente afetado, apresentando queda entre os anos de 2011, 2012 e 2015. (ROCHA, 2017). Desde 2012 a 2016, percebe-se uma variabilidade climática negativa nas zonas de litoral, agreste e Sertão no Estado de Sergipe. Em 2017, por sua vez, apesar dos índices serem positivos, não foram suficientes para uma possível recuperação climática.

Quadro 6 - Variabilidade climática de Sergipe, em diferentes pontos do estado

Anos/ Variabilidade Climática	Litoral	Agreste	Sertão
2000	32	25	-4
2001	2	2	-15
2002	-4	8	3
2003	-7	-5	-9
2004	-16	7	15
2005	13	4	19
2006	22	15	24
2007	17	18	7

2008	23	8	-3
2009	18	18	9
2010	30	14	15
2011	18	8	38
2012	-47	-52	-23
2013	-33	-24	11
2014	-23	-35	-14
2015	-18	7	-12
2016	-52	-48	-32
2017	18	17	8

Fonte: Dados elaborados pela SEMARH - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos/
Retrato da variabilidade climática no local

Na análise do quadro 6 é possível verificar que entre os anos de 2012-2016, a variabilidade climática não foi positiva em praticamente todo o estado, levando em conta o litoral (que costuma ser mais chuvoso), o agreste (zona intermediária) e o sertão (semiárido). Sobretudo, o ano de 2016 apresentou um déficit muito grande, o que resultou que mesmo em 2017, a variabilidade climática (que são essas variações de forma periódica no clima) trazendo aspectos positivos para o estado, não foi o suficiente para recuperar os períodos anteriores de seca mais intensa.

3.4 Sergipe e a seca: políticas públicas, convivência e o bioma da caatinga

Durante o planejamento desta dissertação, um dos questionamentos que surgiram foi a respeito de que se na cobertura midiática sobre a seca, alguma política pública, técnica de convivência com o fenômeno e até mesmo, ações de combate e conscientização em relação ao desmatamento da caatinga e dos processos de desertificação foram abordados. Entendendo esses três elementos como possíveis respostas para o problema da seca (apesar da complexidade do tema), investigamos essa questão dentro da perspectiva do jornalismo de soluções, identificando a forma que conteúdo foi noticiado.

O primeiro passo necessário foi compreender que não existe somente uma definição do que é uma política pública, mas ao longo dos anos, existem autores que tentaram trazer uma problematização em torno do tema.

Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Peters (1986) segue o mesmo veio: política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que

influenciam a vida dos cidadãos. Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como “o que o governo escolhe fazer ou não fazer”.³ A definição mais conhecida continua sendo a de Laswell, ou seja, decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por quê e que diferença faz. (SOUZA, 2006, p.24).

Diante dessas definições, é possível visualizar as políticas públicas como ações ligadas ao setor político ou governamental, ao mesmo tempo em que precisa envolver a comunidade. A partir de uma demanda social e do agendamento de um tema, seja na mídia ou em outras discussões, isso pode se tornar uma pauta que mobilize as políticas públicas. A partir disso, o artigo “Panorama da seca no Estado de Sergipe: Impactos e ações de enfrentamento”¹¹ realizou uma apresentação de algumas ações que foram realizadas e seus respectivos órgãos.

Por exemplo, segundo o autor, em novembro de 2015 (época de vigência da seca de 2012 a 2016) foi criado um grupo que reuniu a Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), representantes da Superintendência Especial de Recursos Hídricos e Meio Ambiente (Semarh), Secretaria de Estado da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e da Pesca (Seagri), Empresa de Desenvolvimento Agropecuário (Emdagro), Companhia de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos e Irrigação (Cohidro) e Defesa Estadual de Proteção e Defesa Civil (Depec).

No apoio do grupo estavam instituições como Agência Nacional de Águas (ANA), Ministério da Integração Nacional, Ministério do Meio Ambiente e o Banco Mundial, com as ações do Projeto Águas de Sergipe. Com este grupo criado, algumas ações foram desenvolvidas para minimizar o impacto da seca com efeitos de curto e longo prazo (Quadro 7).

Quadro 7 - Ações que demonstram como o estado de Sergipe se organizou para lidar com a questão da seca (2015)

Órgão responsável	Principais ações
Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh)	Instalação de Dessalinizadores e Combate à Desertificação. O Programa Água Doce foi desenvolvido em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, no qual foi elaborado 33 projetos de sistemas de dessalinização nos municípios do Semiárido (Canindé do São Francisco, Carira, Monte Alegre, Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo, Poço Verde, Tobias Barreto e Simão Dias). Em 2017, a primeira etapa de execução envolveu 25 sistemas de

¹¹ O link do material pode ser obtido em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/851/779#:~:text=Em%20Sergipe%2C%2073%2C96%25.de%20quase%20450%20mil%20pessoas. Acesso em: 10/12/2020.

	dessalinização, o que beneficiou cerca de 2 mil pessoas
Secretaria de Estado da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e da Pesca (Seagri) / Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro)	Implantação de palma forrageira em pequenas áreas (0,33 ha) de propriedade de produtores familiares; distribuição de forragens aos agricultores familiares dos municípios citados pelos Decretos Municipais de situação de emergência; distribuição de sementes; mecanização agrícola e apoio à qualificação; regularização das queijarias; regularização fundiária e Projeto Dom Távora com objetivo de contribuir para a remissão da pobreza rural, mediante apoio aos pequenos produtores.
Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (Cohidro)	Perfuração e instalação de poços tubulares; recuperação e ampliação de barragens.
Secretaria de Estado da Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano (Seinfra)/ Companhia de Saneamento de Sergipe (Deso) Principais Ações	Projeto de ampliação de rede e sistemas simplificados; dispensa da cobrança de carro-pipa; ampliação da produção de água do Sistema Alto Sertão e do Sistema Sertaneja.
Secretaria da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social (Seides)/ Departamento Estadual de Proteção e Defesa Civil (Depec)	Operação Carro-Pipa e aquisição de material forrageiro para o consumo animal com logística de distribuição para os municípios em situação de emergência, atendendo 46.596 cabeças de gado, beneficiando 7.513 produtores localizados em 32 municípios.

Fonte: ROCHA, 2017, p.195-196 (tabela elaborada pela autora)

Ao trazer para este trabalho a apresentação de alguns projetos e políticas públicas que foram desenvolvidas a partir deste grupo (Quadro 7), não existe uma afirmação nesta dissertação de que essas ações foram suficientes para lidar com o período de seca intensa no estado de Sergipe. Isso demandaria uma análise e levantamento técnico por parte de representantes do poder público, estudiosos da área e sociedade civil, o que não é o objeto deste trabalho.

Mas, trazer o quadro 7 é importante porque as atividades investigadas serviram como base para a criação de um formulário por parte da autora da dissertação, com o objetivo de identificar se essas ações foram realizadas no tempo investigado pela pesquisa (2017-2019). Este formulário foi enviado¹² para as assessorias de imprensa da SEMARH, SEAGRI, EMDAGRO, COHIDRO, SEINFRA, DESO, SEIDES e DEPEC, pois assim foi possível identificar as ações realizadas por estes órgãos dentro do período proposto. Estes dados foram

¹² Link com formulário “Políticas públicas no semiárido de Sergipe”: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpOLSea48cnu_qDqQLqMce3KgEHNF5nMfXy6rACRex38--dooSKEQ/viewform.

utilizados no momento da análise para verificar se alguma dessas ações foram citadas nas matérias jornalísticas sobre seca.

Quadro 8 - Ações que demonstram como o estado de Sergipe se organizou para lidar com a questão da seca (2017/2019)

Órgão responsável	Principais ações
Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh)	Instalação de Dessalinizadores e Combate à Desertificação. Em 2017, a primeira etapa de execução envolveu 25 sistemas de dessalinização, o que beneficiou cerca de 2 mil pessoas do Programa Água Doce. Segurança das barragens e eventos críticos, manutenção da rede hidrométrica, monitor das secas, fiscalização do uso dos recursos hídricos, manutenção da rede meteorológica, educação ambiental, arborizar-se, unidades de conservação, conservação de água e solo em microbacias hidráulicas, manejo da caatinga, dentre outras.
Secretaria de Estado da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e da Pesca (Seagri) / Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro)	Implantação de palma forrageira em pequenas áreas (0,33 ha); distribuição de sementes; mecanização agrícola e apoio à qualificação; regularização das queijarias; regularização fundiária e Projeto Dom Távora com objetivo de contribuir para a remissão da pobreza rural, mediante apoio aos pequenos produtores. Perfuração e instalação de poços tubulares, recuperação e ampliação de barragens.
Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (Cohidro)	Perfuração e instalação de poços tubulares; recuperação e ampliação de barragens. Assistência técnica aos perímetros irrigados, Obras da cobertura e recuperação de canais de irrigação do perímetro de Canindé; Reservatórios de irrigação do perímetro de Canindé receberam mutirões de limpeza; Capacitação de técnicos para Uso de Agrotóxicos, Agroecologia, Modernização de Sistemas de Irrigação e Recuperação das Áreas Degradadas; revitalização de estação; Em Tobias Barreto, irrigantes do Perímetro Irrigado Jabiberi construíram reservatórios de irrigação em parceria com a Cohidro, racionando água da barragem.
Secretaria de Estado da Infraestrutura e Desenvolvimento Urbano (Seinfra)/ Companhia de Saneamento de Sergipe (Deso) Principais Ações	Projeto de ampliação de rede e sistemas simplificados; dispensa da cobrança de carro-pipa; ampliação da produção de água do Sistema Alto Sertão e do Sistema Sertaneja. Redução de perdas e fiscalização da área.
Secretaria da Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social (Seides)/ Departamento Estadual de Proteção e Defesa Civil (Depec)	Operação Carro-Pipa e aquisição de material forrageiro para o consumo animal com logística de distribuição para os municípios em situação de emergência. Capacitação periódica de coordenadores municipais para auxiliar na Decretação de Situação de Emergência, relacionado à seca e/ou estiagem, e para captação de recursos federais para minimizar os efeitos ocasionados pelo desastre. Anualmente o

	<p>Depec lança editais para contratação de pipeiros, com o objetivo de atuarem no transporte e distribuição de água potável para consumo humano, em locais que sofrem com o exaurimento hídrico.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Implantação de caixas d'água em Tobias Barreto. A ação conjunta foi desenvolvida entre a Deso e o Depec, com o objetivo de minimizar o impacto negativo em relação ao desabastecimento de água no município. Os reservatórios foram colocados em áreas específicas, com base em relatórios que apontaram os principais pontos de desabastecimento da cidade e são abastecidos por carros-pipa. - Desenvolvimento de Programas de Governo para discutir políticas públicas para convivência com o semiárido, com ênfase em ações de prevenção e respostas aos efeitos da estiagem. -Decretar municípios em Situação de emergência
--	---

Fonte: Formulário elaborado pela autora da dissertação com as respostas das fontes

Após a identificação destas ações, que são políticas públicas (Quadro 8), realizadas dentro do período de análise, é importante entender sobre a atuação do poder público na gestão da seca no semiárido nordestino, já que algumas ações e abordagens são feitas de forma pontual ou reativa à crise. Ou seja, quando se tem uma seca grave, discute-se sobre isso.

A questão, que é apontada por Rocha (2017, p.197), é que a depender da severidade da falta de chuvas, “as soluções estruturais implementadas ao longo dos anos revelam-se ainda insuficientes para suportar os índices pluviométricos de chuvas abaixo da média”. Isso representa dizer que em muitas situações a seca não é pensada do ponto de vista preventivo aos seus impactos e sim, reativo (que tem um tom de minimizar a situação).

Como não existe uma receita mágica ou única solução para uma melhora na estação da seca, o autor explica sobre o estímulo ao debate sobre o tema, com a intenção de levantar formas mais eficientes de utilizar a água.

Nesse sentido, uma gestão proativa da seca significa tratar as vulnerabilidades - e não os sintomas -, a partir de mecanismos para melhor monitorar e antecipar esses eventos, orientando, assim, as medidas de preparação e alívio aos efeitos da estiagem, tornando-as mais objetivas, eficientes e eficazes. Tais medidas destinam-se a aumentar a resiliência à seca por meio de três conjuntos de ações ou pilares: monitoramento robusto e previsão/alerta precoce; melhor compreensão das vulnerabilidades/resiliência e impactos e um planejamento da resposta mais coordenado e sistemático, além do desenvolvimento de uma estratégia de mitigação de longo prazo. (ROCHA, 2017, p.198)

No capítulo 2, apontamos a questão da complementaridade do jornalismo de soluções com o aspecto preventivo e é muito interessante que, dentro do tema da seca, a ideia de

trabalhar com uma gestão proativa se refere a ter um sistema de monitoramento preventivo, ou seja, de alerta e um planejamento da resposta coordenado, que vise a elaboração de estratégia de mitigação de longo prazo. Isso representa dizer que apesar de haver ações emergenciais relacionadas ao impacto da seca, para pensar o problema é essencial pensar em respostas que se antecipem a ele.

Assim como Rocha (2017), Marengo ressalta que “desenvolver esforços objetivando mapear a vulnerabilidade e o risco, além de conhecer profundamente suas causas, setor por setor, e subsidiar políticas públicas de mitigação e de adaptação, ainda que se situa bem aquém de suas necessidades.” (MARENGO; ALVES; BESERRA; LACERDA, 2011, p. 415). Ou seja, é uma ação que demanda mobilização governamental e social no aspecto de criação de políticas públicas que ajudem a reduzir o impacto da seca a longo prazo, ao mesmo tempo que explica sobre adaptação e conscientização.

Diante disso, é importante discutir também sobre as técnicas de convivência com o período da seca, que como vimos anteriormente, não é um assunto novo e por isso, requer um preparo de quem trabalha no campo, com o apoio e orientação. No material “Desafios à convivência com a seca”, elaborado em 2014, a ideia abordada sobre técnicas de convivência com a seca apontam que o objetivo não é corrigir de forma pontual os problemas que a falta de água traz, mas sim,

adotar medidas preventivas que instrumentalizem os nordestinos a encontrar alternativas para minimizar os efeitos das variações cíclicas nos índices de precipitação pluviométrica. O manejo da água passa a fazer parte de um planejamento integrado que inclui uso do solo, preparação de sementes, técnicas de cultivo, ganhos de produtividade, estoques reguladores, armazenagem, transporte, financiamento, pesquisa, assistência técnica e vínculo permanente com os centros geradores de conhecimento para incorporar inovações” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2014, p.16)

Ou seja, são ações que preparam os trabalhadores do campo para esse período, mas que incidem diretamente em como o processo de manejo dos recursos hídricos e das formas de plantio são feitos. No material “Portfólio de Convivência com a seca no Semiárido”, elaborado pela Embrapa, em 2019, é possível compreender que

Desde a década de 1980, entendeu-se que não era possível "combater" ou "enfrentar" a seca. Mudou-se o olhar, aparecendo a palavra como mais apropriada. O entendimento é de que, se por um lado o fenômeno natural sempre ocorreu e deverá inclusive se agravar no futuro por conta das mudanças climáticas globais, por outro, pode-se desenvolver propostas e experimentar alternativas baseadas na ideia de que é necessário conviver com ele (EMBRAPA, 2019, p.11).

Neste aspecto, o material apresenta algumas tecnologias de convivência com a seca que variam de cisternas rurais, barragens subterrâneas, sistemas de captação da água da chuva, práticas de manejo do solo para o aumento de sua umidade, uso de plantas forrageiras adaptadas ao semiárido, tecnologia para a criação animal, envolvendo o uso da caatinga de forma correta para a alimentação destes animais. A partir do Plano Diretor 2020-2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que foram estabelecidos pela ONU, a Embrapa tem organizado suas inovações e pesquisas a partir destes portfólios. No caso do portfólio de Convivência com a Seca no Semiárido alguns desafios para a inovação são,

Disponibilizar água em quantidade e qualidade nos períodos de seca no Semiárido para dessedentação e suplementação hídrica nos sistemas de produção agropecuários; Estruturar e ampliar o uso de sistemas integrados de produção agropecuária adaptados às especificidades regionais do Semiárido; Estruturar sistemas e plataformas digitais para auxiliar na gestão da propriedade rural de agricultores familiares do Semiárido [...]; Integrar tecnologias de captação de água in situ, uso de água salina e reuso de água doméstica para a irrigação de salvamento e na produção de culturas alimentares e forrageiras no Semiárido; Melhorar o desempenho técnico da avicultura e dos rebanhos de caprinos, ovinos e bovinos em sistemas agropecuários no Semiárido. (EMBRAPA, 2020)¹³

Por fim, analisaremos este trabalho sobre a perspectiva do desmatamento da caatinga, que pode causar desertificação ou aridização em áreas do semiárido. “Atualmente, mais de 50 % da área de Caatinga já foi alterada ou comprometida, e a perda da cobertura vegetal pode ser considerada como a principal prova da diminuição da diversidade.” (EMBRAPA, 2007, p.29).¹⁴ Com isso, é possível afirmar que o bioma foi um dos mais afetados e alterados no país.

Em 2007, quando essa publicação foi feita, já existiam conteúdos falando sobre a degradação do bioma e a pouca quantidade de sua área em ambientes de proteção e conservação. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA)¹⁵, já foi removido quase 46% da cobertura vegetal original do bioma (MMA, 2017).

O desmatamento da caatinga pode ter como reflexo alguns fatores como as queimadas, que provocam a erosão do solo, o pastoreio desenfreado de animais e a própria exploração madeireira. “O desmatamento acelerado tem sérias implicações para a conservação da

¹³ Embrapa e a convivência com a seca no semiárido. Disponível em: https://www.embrapa.br/portfolio/convivencia-com-a-seca-no-semiarido?p_auth=MQSMuEaR&p_p_id=82&p_p_lifecycle=1&p_p_state=normal&p_p_mode=view&_struts_action=%2Flanguage%2Fview&_struts_redirect=%2Fportfolio%2Fconvivencia-com-a-seca-no-semiarido&_struts_languageId=en_US. Acesso em: 05/10/2021.

¹⁴ Prevenção e uso da caatinga. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/11949/2/00081410.pdf>. Acesso em: 10/12/2021.

¹⁵ Antigo Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/biomas/caatinga.html>. Acesso: 10/07/2021.

biodiversidade, decorrente não apenas da perda direta de habitats, mas também da fragmentação, tendo em vista que, em muitas regiões, os remanescentes de vegetação são muito pequenos e isolados e têm poucas chances de perpetuação a longo prazo. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017, p.5)”.

Junto ao problema do desmatamento, precisamos falar sobre o aquecimento global, que pode ser um fator de intensidade dos períodos de seca, assim como da possibilidade de torná-la mais frequente. O biofísico Carlos Nobre, que trabalha com a Universidade de São Paulo (USP) e é membro da Academia de Ciências dos EUA explicou que as regiões brasileiras podem ser inviabilizadas sócio-economicamente se a temperatura até o final deste século aumentar em 5° C (AGÊNCIA SENADO, 2019).

Isto pode ocorrer se as emissões de gases do efeito estufa continuarem neste ritmo, o que poderia fazer com que o país sofresse com mais períodos de secas ou chuvas, nas regiões Nordeste e Sudeste. Durante a entrevista,¹⁶ o pesquisador apontou que “Condições extremas destes fenômenos já vêm se manifestando com uma frequência muito maior nos últimos anos, e estes extremos podem tornar-se o "novo normal" nestas regiões [...] A seca entre 2012 e 2018 foi a mais longa da história, e estas medições são feitas desde o período do Império. A região já vive um período de aridização, por exemplo, no norte da Bahia (AGÊNCIA SENADO, 2019)”.

O pesquisador José Marengo, do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), em uma entrevista ao Estadão¹⁷ apontou que os sete anos consecutivos de seca no Nordeste registraram um recorde, desde que o volume das chuvas passou a ser medido, em 1850. Ele explica que “cerca de 1.100 municípios foram afetados, atingindo mais de 20 milhões de pessoas. Inédito nos registros históricos, esse cenário pode se tornar cada vez mais comum no futuro se não for possível conter o aquecimento global” (ESTADÃO, 2018). A partir das falas destes pesquisadores é possível compreender que apesar da seca ser um fenômeno climático, ela pode ser intensificada ou ter efeitos maiores por conta da ação humana.

¹⁶ Aquecimento global pode ser catastrófico para o Brasil, alertam cientistas. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/30/aquecimento-global-pode-ser-catastrofico-para-o-brasil-alertam-cientistas?utm_medium=share-button&utm_source=facebook&fbclid=IwAR3Iy99QUOAGbx6N8KpwnUmBcvCSbKti_NwshcBxd5zpZ07ygV7h-mng3Gw. Acesso em: 18/05/2021.

¹⁷ Aquecimento eleva risco de desertificação no nordeste. Disponível em: <https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral/aquecimento-eleva-risco-de-desertificacao-no-nordeste.70002510467>. Acesso em: 18/05/2021.

Neste caso, a preservação da caatinga e seu manejo de forma adequada possuem um papel fundamental no processo de manutenção do semiárido. Por exemplo, algumas orientações de preservação dizem respeito,

na prática de extração de raízes de certas plantas, como o umbuzeiro e o mamãozinho-de-veado, deve-se evitar que toda a raiz seja tirada, já que isso provoca a morte da planta. No caso de criação de gado bovino e de caprinos dentro da vegetação de Caatinga, para que haja uma melhor regeneração das espécies é preciso saber quantos animais a área suporta sem sofrer degradação. (EMBRAPA, 2007, p.24-25).

Além disso, o material de preservação orienta que “No caso de exploração da madeira, deve-se evitar o corte raso das plantas (derrubada total das árvores), bem como a destoca e a queima”(EMBRAPA, 2007, p.26). Existem algumas técnicas também que podem ser importantes para contribuir com o processo de regeneração de algumas espécies. “Aconselha-se deixar algumas árvores inteiras como porta-sementes. Isso facilita a produção e a dispersão de sementes na área. O reflorestamento é uma boa alternativa de preservação das espécies e de recuperação de áreas degradadas ou com problemas de erosão. Devem ser utilizadas as espécies mais procuradas pelos agricultores e nativas da região”. (EMBRAPA, 2007, p.27). A junção entre técnicas de convivência com a seca e o conjunto de ações de preservação da caatinga para a redução do desmatamento passam pela união destes itens com a criação de políticas públicas eficientes.

Para que tudo isso ocorra, é necessário o estabelecimento de programas de educação ambiental por meio de campanhas de conscientização e valorização do meio ambiente. A agricultura deve ser sustentável e envolver sistemas de produção mistos – agrícolas, pecuários e florestais –, bem como formas de beneficiamento e comercialização dos produtos, visando à sustentabilidade econômica. É preciso também maior rigor e fiscalização dos órgãos competentes, que devem agir conforme as leis em vigor. (EMBRAPA, 2007, p.28)

A partir da importância da junção de políticas, técnicas de convivência com a seca e ações para reduzir o desmatamento, este trabalho considera que estes elementos são possíveis soluções e respostas à problemática da seca. De forma a organizar as possíveis respostas que foram trabalhadas nesta parte do capítulo, preparamos o quadro abaixo (QUADRO 9), que une políticas públicas, técnicas de convivência com a seca e ações para combate do desmatamento do bioma. Não fizemos uma separação em 3 categorias, pois entendemos que elas são complementares e não excludentes.

Quadro 9 - Possíveis respostas associadas ao problema da seca

Possíveis respostas à problemática da seca (consolidação do capítulo 3)
<ul style="list-style-type: none">● Instalação de Dessalinizadores● Segurança das barragens e eventos críticos● Manutenção da rede hidrométrica● Programa Monitor das Secas● Fiscalização do uso dos recursos hídricos● Manutenção da rede meteorológica● Ações de educação ambiental● Instalação de unidades de conservação do bioma (UC)● Sistemas de produção agrícola mistos – agrícolas, pecuários e florestais● Fiscalização de órgãos competentes● Conservação de água e solo em microbacias hidráulicas● Preservação de nascentes● Manejo adequado da caatinga● Campanhas de conscientização e valorização do meio ambiente● Implantação de palma forrageira● Distribuição de sementes● Apoio à qualificação do produtor● Perfuração e instalação de poços tubulares● Recuperação e ampliação de barragens● Assistência técnica aos perímetros irrigados● Limpeza dos canais de irrigação● Capacitação de técnicos para Uso de Agrotóxicos● Recuperação das Áreas Degradadas● Modernização dos sistemas de irrigação● Aquisição de material forrageiro para o consumo animal com logística de distribuição para os municípios em situação de emergência● Capacitação periódica de coordenadores municipais para auxiliar na Decretação de Situação de Emergência● Implantação de caixas d'água● Desenvolvimento de Programas de Governo para discutir políticas públicas para convivência com o semiárido, com ênfase em ações de prevenção e respostas aos efeitos da estiagem● Reflorestamento para a preservação das espécies● Instalação de cisternas rurais e barragens subterrâneas● Sistemas de captação da água da chuva● Práticas de manejo do solo para o aumento de sua umidade● Tecnologia para a criação animal● Uso da caatinga de forma correta para a alimentação dos animais.

Fonte: Autora da dissertação

Ao abordarmos isto, fazemos de uma forma muito consciente entendendo que não existe uma resposta pronta ou única para as diversas questões sociais, ambientais e econômicas. Mas, entendemos que é necessário que as respostas existentes sejam de conhecimento da população, sobretudo, à que vive no semiárido nordestino, pois isto faz parte do processo informativo de qualidade, que é responsabilidade dos veículos de comunicação.

4. A COBERTURA DA SECA EM SERGIPE

A TV Sergipe, com 50 anos, foi investigada neste trabalho por meio dos telejornais: Bom Dia Sergipe, SE 1ª edição, SE 2ª edição e a produção semanal Estação Agrícola. Esse capítulo traz uma apresentação sobre o histórico da TV Sergipe no estado, assim como o percurso metodológico que foi obtido nesse trabalho, levando em conta a análise de conteúdo, apresentação das categorias que foram investigadas e os motivos que levaram a essas escolhas.

4.1. TV Sergipe

Em 15 de novembro de 1971, o sistema de comunicação sergipano recebeu a inauguração da primeira emissora de televisão: a TV Sergipe. Vale ressaltar que a televisão foi inaugurada no Brasil no dia 18 de setembro de 1950, com a estreia da TV Tupi. São Paulo foi a cidade que sediou a primeira transmissão da televisão brasileira, que foi trazida pelo empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello.

No início da década de 60, Irineu Fontes, então representante de rádios e radiolas, viaja a São Paulo e vê de perto a revolução que a televisão causa na vida da cidade e das pessoas. Ao retornar a Aracaju, Irineu conversa com o prefeito da capital na época, Godofredo Diniz, que fica entusiasmado com o que ouve e libera uma verba para a compra de antena. Começa a nascer o embrião da televisão em Sergipe. (REDE GLOBO, 2016)¹⁸.

A TV Sergipe foi a primeira emissora montada com equipamentos produzidos no Brasil, recebendo o apoio de uma empresa nacional, em seu processo de montagem. A empresa foi responsável por toda a estrutura necessária para o funcionamento da TV, desde a torre até a câmera do estúdio (REDE GLOBO, 2016). A emissora foi ao ar com o jornalista Acival Gomes e até então, afiliada da TV Tupi. Somente em 1973, a TV Sergipe passou a ser afiliada da Rede Globo de Televisão.

Ao se tornar afiliada das Organizações Globo, a TV Sergipe passa por duas significativas mudanças. A primeira diz respeito à implantação de um projeto de reestruturação de equipamentos e das formas de produção, ou seja, toda a produção realizada pela TV Sergipe deveria passar pelo aval da cabeça de rede. A segunda mudança, foi uma brusca redução dos conteúdos produzidos localmente. O amadorismo seria, assim, substituído por uma concepção de empresa, adequada à nova condição. (MOTA, 2014, p.9)

18

Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/TV-Sergipe-45-Anos/noticia/2016/11/pioneirismo-e-inovacao-marcam-historia-de-45-anos-da-emissora.html>. Acesso em: 26/10/2020.

Segundo a autora, essa dinâmica de produção gerou dois problemas: “primeiro, os conteúdos transmitidos são, essencialmente, dependentes das constelações culturais do eixo Rio-São Paulo, e deixa de lado a essência das culturas regionais e locais; segundo, inviabilizou o fortalecimento da produção audiovisual regional, sobretudo a produção independente.” (MOTA, 2014, p.13).

Esses problemas foram viabilizados por conta do que a autora chama de “*Sudeste way of life*”, que era um modelo focado no eixo dominante (Rio-São Paulo) e que por isso, poderia sufocar a criatividade dos outros locais. Outra questão a ser levada em consideração diz respeito à relação da política local nos meios de comunicação. Desde o jornal impresso, até a rádio, que foram meios de comunicação anteriores ao surgimento e instalação da TV Sergipe, já existiam oligarquias locais que realizavam o domínio dos meios de comunicação.

“Ao obter a indicação para governar Sergipe de 1979 a 1982, Augusto Franco iniciou sua fase de maior poder político no Estado. Comprou, em 1982, o segundo canal de televisão do Estado, a TV Sergipe.” (FRANCISCATO; SILVA, 2020, p.45). É importante ressaltar que vinculada a um ou mais políticos, as emissoras ou veículos de comunicação podem ter seu trabalho influenciado por esses interesses.

Atualmente, a emissora tem 50 anos e possui área de atuação e cobertura limitada ao estado de Sergipe, com localização na cidade de Aracaju (SE), no endereço Rua Alto da TV, s/n. Bairro Cidade Nova. Ainda, a emissora declara um apoio à cultura, como uma de suas missões institucionais, assim como busca pela inovação tecnológica em suas atividades, por meio de investimentos. Desde 2007, a TV investe para que a transição do sistema analógico para o digital ocorra, sendo que a inauguração oficial e pioneira do sistema HDTV pela TV Sergipe ocorreu no dia 1º de março de 2010.

Em relação aos números de cobertura no estado dentro do período analisado na pesquisa (2017-2019), o Atlas de Cobertura da Globo, com dados de dezembro de 2016, mostrava que 97% da população era atingida pela TV Sergipe e que a emissora era líder de audiência em todos os horários. O documento também mostrou que o sinal em 2015 e 2016, chegava a 69 municípios sergipanos, cobrindo praticamente 665 mil domicílios em todo o estado. Dados atualizados¹⁹ confirmam esse número, sendo que a emissora atinge 92% dos municípios sergipanos, o que representa mais de 2 milhões de pessoas (NEGÓCIOS GLOBO, 2021).

¹⁹ Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=SE>. Acesso em: 15/10/2020.

Nos anos de análise deste trabalho (2017-2019), a emissora apresentava os seguintes programas jornalísticos: Bom Dia Sergipe, SE 1ª Edição, SE 2ª edição e o Estação agrícola (REDE GLOBO,2016).²⁰ Dados do Kantar IBOPE Media Workstation Telereport, de abril de 2017, mostram informações a respeito da audiência e participação dos domicílios. Esse material está contido no Atlas de Cobertura da Rede Globo e se refere a dezembro de 2016.

Os dados mostram que o “Bom Dia Sergipe” atingiu 18 pontos de audiência, tendo um público predominantemente feminino (57%) e com 48% tendo de 25 a 49 anos de idade. O Bom Dia Sergipe²¹, em 2021, foi exibido de 6h às 8h30 da manhã e traz notícias sobre o estado de Sergipe, assim como informações sobre o trânsito e previsão do tempo. A apresentadora atualmente é Priscila Bittencourt, mas na época analisada, era Lyderwan Santos.

Já o SE 1ª Edição, apresentou 26 pontos de audiência, também com público feminino predominante (58%). Cerca de 43% do público tinha 50 anos ou mais. O telejornal do SE 1ª edição tem início às 11h45, com duração de cerca de uma hora e traz informações de prestação de serviço à comunidade, assim como notícias e reportagens. Possui quadros como “Você na TV Sergipe”, “Bicho Solto” e o “Chama o SE 1 que resolve”. Atualmente, é apresentado por Susane Vidal, mas em 2017, contava com apresentação do jornalista Ricardo Marques.

No caso do SE 2ª edição, os pontos chegaram a 35, apresentando um público que é 62% feminino e 41% com a idade entre 25 a 49 anos. O SE 2ª edição contava com apresentação de Susane Vidal, com início às 19h10 e duração de cerca de 25 minutos, trazendo notícias também de prestação de serviço, mas atualmente é apresentado por Lyderwan Santos.

O Estação Agrícola é um programa que passa aos domingos pela manhã, a partir das 7h25 e que tem duração aproximada de 30 minutos. Atualmente, o apresentador é o jornalista Rafael Carvalho, mas, no período de análise, era Cleverton Macedo. Sobre as características, ele pode ser compreendido a seguir:

O Estação Agrícola é o espaço onde o homem do campo encontra o resultado das últimas pesquisas sobre agricultura e pecuária, a cotação de produtos do campo e os esclarecimentos sobre perguntas de telespectadores com problemas no plantio ou criação. O programa abre espaço também para os bons exemplos adotados por produtores rurais. Sem contar com as receitas

²⁰

Disponível

em:

<http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/TV-Sergipe-45-Anos/noticia/2016/10/tv-sergipe-mantem-seis-producoes-locais-na-grade-de-programacao.html>. Acesso: 26/10/2020.

²¹ Disponível em: <https://mi.tv/br/canais/tv-sergipe-hd/ontem>. Acesso em: 26/10/2020.

que agradam quem é do campo e da cidade também. (NEGÓCIOS REDE GLOBO, 2021).

Por meio dessa descrição, é possível compreender que o programa é voltado para esclarecer aspectos relacionados ao campo, tendo um conteúdo segmentado, com o objetivo de facilitar a vida do agricultor. Neste trabalho, os telejornais do Bom Dia Sergipe, SE 1ª Edição e SE 2ª edição, assim como o Estação Agrícola serão analisados por terem cunho jornalístico, apesar de suas particularidades de horário e de abordagens.

Apesar dos quatro programas serem analisados, vale a pena explicar que existe a compreensão de que os tipos de produção são diferenciados. Por exemplo, enquanto o Bom Dia Sergipe, SE 1ª Edição e SE 2ª edição apresentam produções diárias, o Estação Agrícola é um programa semanal, exibido aos domingos, ou seja, enquanto os telejornais apresentam uma dinâmica muito voltada ao imediatismo, factual e *hard news*, um programa semanal trabalha com um fechamento de pautas diferenciado, não levando em conta necessariamente a ideia do imediatismo. Neste caso, o programa tem um tempo maior de elaboração e discussão, sobretudo, das pautas voltadas ao campo.

Outro ponto a ser destacado em relação às particularidades dos telejornais é seu horário de exibição e tempo de duração. Por exemplo, enquanto o jornal da manhã é mais longo e conta com pelo menos 2 horas de exibição, o telejornal noturno dura no máximo 30 minutos. Por essa distribuição de tempo já é possível entender que isso pode afetar a forma como as matérias são distribuídas e pautadas nos telejornais, no aspecto de ter ou não profundidade na cobertura. Diante disso, na análise é possível perceber se estas particularidades e diferenças afetam a forma como o tema da seca foi tratado.

4.2. Percorso metodológico

A seca é um assunto coberto por muitos veículos de comunicação, que possuem uma abrangência nacional. Como já foi abordado em outros momentos desta dissertação, é possível perceber que em muitas situações, esta cobertura ocorre de uma forma que culpabiliza o clima, apontando para questões como falta de água, morte dos animais e a apresentação de um local precário.

A questão é que a temática da seca no Nordeste envolve particularidades, diferentes áreas e formas de atuação e impacto, assim como pode ser mais intensa em zonas como o semiárido, pelas suas características climáticas (ver capítulo 3). Outra questão que acaba circundando a temática da seca é a desertificação, que pode ser intensificada por ação

humana, por meio do desmatamento da caatinga (bioma natural da região). É válido lembrar que existem também políticas públicas para a região, que podem ser apontadas nas matérias ou cobradas pelos veículos de imprensa.

Por isso, esta pesquisa analisou como a cobertura da seca foi feita pela TV Sergipe, por meio de seus produtos jornalísticos diários (mídia local), assim como seu produto semanal (estação agrícola), identificando as soluções que foram apontadas e se elas se encaixam dentro da proposta do jornalismo de soluções a partir das características apontadas pela Rede de Jornalismo de Soluções. A identificação de soluções neste trabalho representa formas de lidar com o problema, não sendo um fator que resolva a questão da seca. Até porque, como já discutimos neste trabalho, a temática da seca é complexa e não envolve uma única resposta.

Neste aspecto, as soluções foram analisadas a partir de três perspectivas: políticas públicas, técnicas de convivência com a seca e ações para minimizar o problema do desmatamento e desertificação no estado de Sergipe identificadas nas reportagens.

Em relação à obtenção das matérias analisadas nos telejornais da TV Sergipe, foram aplicados alguns filtros, com o objetivo de encontrar reportagens em que o semiárido sergipano tenha sido pautado. O objetivo foi identificar conteúdos telejornalísticos levando em conta aspectos climáticos, de pecuária e agricultura. Este filtro não tem a intenção de agregar um juízo de valor, mas de obter de forma mais prática o conteúdo.

A rede Globo disponibiliza seu conteúdo no site do Globoplay, uma plataforma digital. Como os jornais da TV Sergipe não são disponibilizados na íntegra nessa plataforma, aplicou-se um filtro de buscas, levando em conta os seguintes termos: “seca em Sergipe”, “sertão de sergipe”; “produtores em Sergipe”, “produtores rurais em Sergipe”, “semiárido de sergipe”, “estiagem em sergipe”. No site do Google, algumas técnicas de localização também foram utilizadas para a filtragem de material. Por exemplo, o recurso de utilização de palavras em aspas, assim como de busca específica no site Globoplay, tendo como exemplo a escrita “seca em Sergipe” site:globoplay.com.

Por se tratar de uma temática ligada de forma predominante à agricultura e levando em consideração que a principal cultura agrícola do estado de Sergipe é voltada à plantação de milho, o filtro “milho em Sergipe” também foi utilizado no Globoplay, assim como nas ferramentas de busca do Google. Dados da Produção Agrícola Municipal (PAM)²², pesquisa realizada pelo IBGE, referentes ao ano de 2019, mostram que a produção de milho em grão

22

Pesquisa disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 20/08/2020

no estado saltou de 106.814 toneladas para 687.221 toneladas, devido às boas condições climáticas neste ano.

Os maiores produtores de milho em Sergipe foram Simão Dias e Carira, sendo que juntos, essa produção corresponde a mais de 50% do total em todo o estado. Como esses dois municípios se encontram dentro da região do semiárido, a temática do milho foi utilizada como um filtro, na tentativa de obter matérias com referências climáticas sobre seca, estiagem ou chuvas na região. Por se tratar do bioma vinculado ao semiárido, assim como parte do estado de Sergipe, o termo “caatinga” também foi utilizado como filtro, levando em conta as matérias que estivessem ligadas a temas ambientais de forma direta.

As matérias que foram encontradas por meio do uso de filtros envolvem os telejornais da TV Sergipe, como Bom dia SE, SE 1ª edição, SE 2ª edição e Estação Agrícola, que foram veiculadas entre os anos de 2017 a 2019. Ao todo, foram localizadas 18 matérias no ano de 2017, 19 em 2018 e 5 no ano de 2019, totalizando 50 matérias pela análise.

4.3. A análise de conteúdo como método

A análise de conteúdo, por meio de um conjunto de técnicas que são sistemáticas, pode ser aplicada em diversas áreas do saber, inclusive, dentro do jornalismo e que ajudam a descrever o conteúdo (BARDIN, 1977). Ainda, é um método que, por meio de variáveis escolhidas e identificadas pelo pesquisador, consegue comprovar algumas hipóteses.

Aplicados aos estudos de mídia e jornalismo, a análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios, mas também em análise mais aprofundadas que busquem - por exemplo - compreender o objetivo dos emissores, já que permite desde a análise da frequência com que as pessoas, lugares e situações aparecem na mídia, como reflexões sobre categorias, gêneros, formatos e conteúdos midiáticos e seus usos. Desta forma, a análise de conteúdo permite inferências que ajudam a entender as relações sobre quem produz e quem recebe a notícia, estabelecendo parâmetros culturais e aspectos sobre a rotina e a lógica de produção de conteúdos. (TEMER, 2017,p.8).

No cenário do jornalismo, a pesquisa permite que um grande volume de informações seja analisada, levando em conta a análise de sons, dos textos, das imagens e dos símbolos jornalísticos, a partir de uma amostra que foi pré-selecionada pelo pesquisador. (TEMER, 2017). Laurence Bardin (1977, p.34) é uma das grandes pesquisadoras acerca da análise de conteúdo e entende o método como, “uma análise dos «significados» (exemplo: a análise

temática), embora possa ser também uma análise dos «significantes» (análise léxica, análise dos procedimentos)».

Segundo a autora, o processo de descrição do conteúdo pode ser quantitativo (mas, não necessariamente) e permite a realização de inferências acerca de conhecimentos relativos tanto de produção como da recepção de mensagens. A análise de conteúdo, que também pode ser chamada de AC, é utilizada nos estudos vinculados às Ciências Sociais há muito tempo. O início dessa metodologia parte do aspecto quantitativo, voltando para a coleta de dados de forma abundante, assim como a aplicação de fórmulas da matemática. A ideia era ter não somente o rigor científico, mas obter um resultado objetivo.

Como as Ciências sociais, muitas vezes, trabalham com a parte de motivações, crenças e valores (questões que não podem ser reduzidas a um aspecto quantitativo), em muitas ocasiões houve uma dificuldade neste tipo de aplicação. Anterior a Bardin (1977), um precursor da análise de conteúdo é Harold Lasswell, que utilizou esta técnica nos Estados Unidos. No caso dele, a ideia era investigar a relação da imprensa com as propagandas no cenário da segunda guerra mundial.

Ao longo dos anos e de sua aplicação, verificou-se que para ser realizada, a análise de conteúdo precisa seguir três fases, segundo Fonseca (2006). Para o autor, existe uma fase de pré-análise, no qual o pesquisador realiza o planejamento do que ocorrerá no trabalho, por meio da sistematização das ideias. Sobre a fase da pré-análise, existe uma sistematização que orienta sobre como este processo deve ser feito e quais etapas necessárias. Existe uma,

a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas; b) Escolha dos documentos: consiste na definição do corpus de análise; c) Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados; d) Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material coletado; (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.3)

Em um segundo momento da etapa, este material será explorado, ou seja, trata-se da realização da análise por meio do contato com o material jornalístico (fotos, imagens, textos, símbolos), a partir de regras que foram definidas de forma prévia. Por fim, existe o processo de tratar estes resultados e interpretar os dados brutos, trazendo significado.

Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados. (HERSCOVITZ, 2007, p.127).

Neste aspecto, é fundamental seguir o rigor da tecnicidade científica que o método exige, pois, para que todas estas fases ocorra é necessário uma exaustão do corpus. Bardin (1977) descreve essa regra, detendo-se ao fato de que “o ato de exaurir significa não deixar fora da pesquisa qualquer um de seus elementos, sejam quais forem as razões.” (SILVA; FOSSÁ, 2015, p.3).

Na segunda fase, inclusive, Bardin (1977) aponta que existe a codificação, ou seja, ações de recorte, assim como delimitação de regras que serão precisas no que se refere às características de um material. É uma fase onde existem recortes do material analisado, com a delimitação de categorias que falaremos a seguir.

4.4. A categorização

Para retornar a aplicação da análise de conteúdo para um produto jornalístico, temos que este método é “escolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados [...]” (HERSCOVITZ, 2008, p.126). O autor ainda explica que é possível realizar inferências sobre um assunto, a partir de categorias, que são “mutuamente exclusivas e passíveis de replicação”, ou seja, que podem ser replicadas por outros pesquisadores.

Bardin (1977, p.117) aponta que a categorização é uma das formas para a realização do método, pois se trata de “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.” Segundo Temer (2014), não há análise de conteúdo sem uma definição das categorias para a análise.

De fato, o ponto central do método está na qualidade da definição dos conceitos, categorias, tipos, gêneros ou formatos, ou qualquer outra denominação adotada para qualificar, selecionar e mensurar o conteúdo da comunicação. (TEMER, 2014,p. 37)

Mas, quais categorias são essas? Em um processo de levantamento teórico acerca da análise de conteúdo, é possível compreender que as categorias podem sofrer alterações a depender do objeto, ou seja, não existe uma regra fixa que determine quais são as categorias obrigatórias para cada estudo. Neste caso, dependerá de uma ação do pesquisador de identificar seus objetivos e questionamentos com o objeto da pesquisa, que variam entre a

análise do texto, palavras, legendas, fotografias e títulos. Além deles, Bardin (1977) aponta outros elementos.

Todas as palavras do texto podem ser levadas em consideração, ou podem-se reter unicamente as palavras-chave ou as palavras-tema (symbols em inglês); pode igualmente fazer-se a distinção entre palavras plenas e palavras vazias; pode-se ainda efetuar a análise de uma categoria de palavras: substantivos, adjetivos, verbos, advérbios ... a fim de se estabelecerem quocientes. O tema: a noção de tema, largamente utilizada em análise temática, é característica da análise de conteúdo [...]. O personagem: o ator ou atuante pode ser escolhido como unidade de registo. Neste caso, o codificador indica os «personagens» (ser humano ou equivalente, tal como um animal, etc.) e, no caso de uma análise categorial, as classes em função da grelha escolhida [...] (BARDIN, 1977, p. 105 e 106)

Ou seja, o processo de descrição de um produto jornalístico, que deve ser bastante objetivo e com sistematização, incluirá todos esses elementos, levando em conta também o tipo de programa jornalístico, canal, linha editorial, dentre outros aspectos. Por isso, a orientação é que o pesquisador em comunicação e jornalismo realize previamente a definição de categorias para poder realizar sua análise. “O primeiro passo do pesquisador, portanto, é definir as categorias de análise, que por sua vez deverão ser escolhidas em função do objetivo proposto, incluindo-se eventualmente objetivos cruzados” (TEMER, 2014, p.37). Para definir categorias é necessário estabelecer regras que apontem os limites de cada categoria, assim como que apontem sua definição. Além disso,

as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobre conteúdos não conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo. Estas mesmas regras lógicas valem, também, para a criação de categorias e a classificação de atributos de quaisquer objetos de pesquisa (não apenas “mensagens”), em termos mais gerais, para outros estudos, ainda que não aplicados à análise de conteúdo. Ou seja, ainda que o leitor discorde da perspectiva teórico-metodológica adotada na primeira parte do artigo, poderá fazer uso das regras sintetizadas na segunda parte para adequadamente conduzir suas pesquisas. (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016,p.12)

Para a categorização, neste trabalho, estas regras foram seguidas, levando em conta o conteúdo obtido na reportagem telejornalística, a partir das características de cada programa, identificando, por exemplo, as causas desse problema, suas fontes, se foi apontada alguma solução para o problema e quem é o responsável por essa solução (creditada pela mídia).

Quadro 10 - Livro-código utilizado por matéria

SUJEITOS

<p align="center">TIPOS DE FONTES (Lage, 2001) (presença ou ausência e quantificação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • OFICIAIS • OFICIOSAS • TESTEMUNHAIS • EXPERTS 								
<p align="center">VÍNCULO DAS FONTES</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CODEVASF • COHIDRO • EMDAGRO • SEAGRI • DESO • ANA • EMBRAPA • DEFESA CIVIL (MUNICIPAL OU ESTADUAL) • OUTRO ÓRGÃO • MORADORES 								
<p align="center">ÁREA DE ATUAÇÃO DOS SUJEITOS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • TÉCNICOS AGRÍCOLAS • AGRICULTORES E/OU MORADORES DO LOCAL • ECONOMISTAS • METEOROLOGISTA • OUTRAS REPRESENTAÇÕES QUE SURGIREM 								
<p align="center">TEMPO DE FONTES (tempo somado para cada tipo de fonte)</p>	<table border="1"> <tr> <td>• OFICIAIS</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• OFICIOSAS</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• TESTEMUNHAIS</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• EXPERTS</td> <td></td> </tr> </table>	• OFICIAIS		• OFICIOSAS		• TESTEMUNHAIS		• EXPERTS	
• OFICIAIS									
• OFICIOSAS									
• TESTEMUNHAIS									
• EXPERTS									

JORNALISMO DE SOLUÇÕES

<p>ALGUMA POLÍTICA PÚBLICA, TÉCNICA DE CONVIVÊNCIA COM A SECA E ORIENTAÇÃO ACERCA DA REDUÇÃO DOS PROCESSOS DE DESMATAMENTO E DESERTIFICAÇÃO FOI APRESENTADA?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • SIM • NÃO
<p>CASO SIM.....</p>	<p>1. A HISTÓRIA EXPLICA AS CAUSAS DE UM PROBLEMA SOCIAL? 2. A HISTÓRIA APRESENTA UMA RESPOSTA ASSOCIADA A ESSE PROBLEMA?</p>

	<p>3. A HISTÓRIA ABORDA OS DETALHES DE COMO FAZER PARA A IMPLEMENTAÇÃO?</p> <p>4. O PROCESSO DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS É CENTRAL PARA A NARRATIVA?</p> <p>5. A HISTÓRIA APRESENTA EVIDÊNCIAS DE RESULTADOS VINCULADOS À RESPOSTA?</p> <p>6. A HISTÓRIA EXPLICA AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA?</p> <p>7. A HISTÓRIA TRANSMITE UMA VISÃO OU LIÇÃO ENSINÁVEL?</p> <p>8. A HISTÓRIA SE BASEIA EM FONTES QUE TÊM UM ENTENDIMENTO BÁSICO SOBRE O PROBLEMA?</p> <p>9. A HISTÓRIA DÁ MAIS ATENÇÃO À RESPOSTA DO QUE A UM LÍDER / INOVADOR / BENFEITOR?</p>
<p>A SOLUÇÃO APRESENTADA TEM TOM “PREVENTIVO” DO PONTO DE VISTA DA MATÉRIA?</p>	<p>SIM OU NÃO</p>
<p>QUEM PRATICOU A SOLUÇÃO OU RESPOSTA?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • CODEVASF • COHIDRO • EMDAGRO • SEAGRI • DESO • ANA • EMBRAPA • DEFESA CIVIL (MUNICIPAL OU ESTADUAL) • TÉCNICOS AGRÍCOLAS • AGRICULTORES E/OU MORADORES DO LOCAL • ECONOMISTAS • METEOROLOGISTA • OUTROS AGENTES QUE SURGIREM

SOLUÇÕES APRESENTADAS A PARTIR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, TÉCNICAS DE CONVIVÊNCIA E AÇÕES NA CAATINGA APRESENTADAS NESTE TRABALHO

<p>EMERGENCIAL (CURTO PRAZO - ATÉ 1 ANO DE DURAÇÃO)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • DECRETAR SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA NOS MUNICÍPIOS • CARRO-PIPA • ENTREGA DE CESTAS BÁSICAS
---	---

	<ul style="list-style-type: none"> ● AÇÕES DE SOLIDARIEDADE ● DISTRIBUIÇÃO DE CRÉDITO EMERGENCIAL E OU NEGOCIAÇÃO DE DÍVIDAS
SOLUÇÃO ESTRUTURANTE (MÉDIO PRAZO - 1 A 5 ANOS)	<ul style="list-style-type: none"> ● INSTALAÇÃO DE DESSALINIZADORES, ADUTORAS, AÇUDES E POÇOS TUBULARES ● RECUPERAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE BARRAGENS ● MANEJO ADEQUADO DA CAATINGA ● RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS ● IMPLANTAÇÃO DA PALMA FORRAGEIRA ● MODERNIZAÇÃO DOS SISTEMAS DE IRRIGAÇÃO
SOLUÇÕES ESTRUTURANTES (LONGO PRAZO - 5 A 10 ANOS)	<ul style="list-style-type: none"> ● IMPLANTAÇÃO DE CAIXAS DE ÁGUA ● INSTALAÇÃO DE INFRAESTRUTURA HÍDRICA - REDE DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA
SOLUÇÕES COM CARÁTER PERMANENTE (POLÍTICA DE ESTADO, SEM TEMPO DE DURAÇÃO DEFINIDA)	<ul style="list-style-type: none"> ● TECNOLOGIA PARA A CRIAÇÃO DE ANIMAIS OU PARA AÇÕES DE PLANTIO/COLHEITA ● FISCALIZAÇÃO DO USO DE RECURSOS HÍDRICOS ● AÇÕES DA COMUNIDADE NA CONVIVÊNCIA COM A SECA ● AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ● ASSISTÊNCIA TÉCNICA AOS PERÍMETROS DE IRRIGAÇÃO ● CAPACITAÇÃO DE TÉCNICOS AGRÍCOLAS ● MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA ● DISTRIBUIÇÃO DE SEMENTES ● APOIO À QUALIFICAÇÃO DO AGRICULTOR ● SEGURO-SAFRA

Fonte: Autora da dissertação

Antes de falarmos sobre a categoria, vale a pena explicar que buscamos identificar cada uma das matérias. Isso foi feito por meio da captação de aspectos gerais do conteúdo como o título da matéria, data, ano de publicação e período de duração, que ajudam na caracterização do conteúdo jornalístico. Posteriormente, indicamos em qual programa o conteúdo analisado estava vinculado, se no Bom Dia Sergipe, Se 1ª edição, Se 2ª edição ou Estação Agrícola. Verificamos também se o município pertence ou não à lista dos 29 municípios sergipanos que integram a região do semiárido nordestino, a partir da definição da Sudene que foi apresentada neste trabalho. Temer (2014) explica que na análise de conteúdo é possível apontar “classificação da origem, ou seja, o local onde o material foi produzido” (2014,p.38) e este aspecto torna-se ainda mais relevante nesta pesquisa, já que trabalhamos com o telejornalismo local.

A verificação das fontes (primeira categoria) que participaram da produção jornalística também assume importância, pois representa os personagens que tiveram “voz” por parte da mídia televisiva para discutir o assunto da seca, seja um especialista, um representante do poder público, representantes da população local ou alguém da comunidade que criou um projeto interessante.

Coutinho e Martins (2019, p.5), em seus trabalhos apontam a importância da “identificação das vozes que compõem o telejornal”, assim como o tempo dedicado para fala. Esse tempo pode ajudar na compreensão de qual fonte teve mais visibilidade por parte da imprensa. Neste aspecto, a identificação de fontes será feita a partir de Nilson Lage (2001), que delimita as fontes como oficiais, oficiosas, testemunhais e experts. O autor entende as fontes oficiais como,

mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações, etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele” (LAGE, 2001, p.27 e 28)

O autor aponta também para os “experts”, ou especialistas, que para ele “são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.” (LAGE, 2001, p.30). As fontes testemunhais, por sua vez, são aquelas que presenciaram um fato ou vivenciaram a experiência em uma determinada ocasião. Neste trabalho, buscamos identificar também qual era o vínculo das fontes (por exemplo, se vinculada à órgão público ou não), assim como sua área de atuação (como exemplo, podemos citar agricultores, meteorologistas, biólogos, técnicos agrícolas).

A categoria de “Jornalismo de Soluções”, sem dúvidas, é o grande foco deste trabalho, apesar de que as outras categorias são importantes para que a análise tenha profundidade. Nossa proposta investigou o jornalismo de soluções a partir de três verificações: identificação se políticas públicas foram citadas na matéria, assim como se técnicas de convivência com a seca e ações de orientação para resolução de problemas relacionados ao desmatamento e desertificação da caatinga.

A escolha destes três eixos de análise tem um forte embasamento no capítulo 3 desta dissertação. Identificando se alguma política pública foi citada, é importante verificar também se ela privilegia algum político, em detrimento, da abordagem do projeto e os impactos na sociedade, ou seja, o viés desta cobertura.

A segunda investigação sobre técnicas de convivência com a seca parte da noção de que a seca é um fenômeno climático e de que o semiárido apresenta características de déficit de chuvas. Com as próprias características climáticas e do ecossistema, já existem barreiras no acesso à água e plantio. Diante disso, é importante desenvolver técnicas de convivência com a seca, que podem estar sendo desenvolvidas pela comunidade ou instituições.

A última perspectiva diz respeito a ações que podem ser feitas para a preservação e redução do desmatamento da caatinga, pois estas ações ajudam no processo de conscientização e orientação da sociedade sobre o manejo correto do bioma, evitando um processo de aceleração da desertificação.

As matérias que citaram uma resposta dentro dessas três divisões, foram avaliadas a partir das 10 regras estabelecidas no “*The solutions journalism tool kit*”, com o objetivo de identificar se esta matéria utiliza ou não técnicas do jornalismo de soluções. Para que a avaliação fosse direta, com respostas de “sim” ou “não”, removemos duas perguntas do quadro (“como sua matéria é lida?” e “A história se baseia em fontes que têm um entendimento básico sobre o problema?”) e deixamos um tópico para explicar com detalhes as percepções sobre cada uma das matérias investigadas.

Além do mapeamento das características e técnicas do jornalismo de soluções, este trabalho também se propôs a investigar quem praticou a(s) solução (ões) apresentadas pela imprensa (os agentes da resposta), assim como quais foram essas soluções. A análise das soluções partiu do levantamento apresentado no capítulo 3 sobre as políticas públicas, técnicas de convivência e estratégias para o combate do desmatamento, tendo como base uma entrevista semi-estruturada que foi realizada com o pesquisador Ailton Rocha.

As soluções foram investigadas a partir do levantamento de técnicas de convivência com a seca e políticas públicas em vigência no período de análise, que abordamos no capítulo

3. A partir disso, foi feita uma entrevista com o profissional Ailton Rocha (Apêndice B), vinculado à SEMARH, na qual foi possível categorizar essas soluções a partir de um caráter de predominância, no qual ficaram definidas as seguintes classificações: emergencial (até 1 ano - curto prazo), estrutural de médio prazo (1 a 5 anos), estruturante de longo prazo (de 5 a 10 anos) e ações permanentes, que podem ser desde políticas de estado ou ações com realizações anuais.

Para obter essa classificação, realizamos uma entrevista no formato semi-estruturado, que é caracterizado por ter questionamentos a partir de hipóteses, dentro do tema pesquisado, mas que pode sofrer modificações a depender da resposta do entrevistado (TRIVINOS, 1987). Manzini (1990) também detalha que a entrevista semi-estruturada apresenta um roteiro com as perguntas que serão realizadas pelo pesquisador e que podem ser complementadas a depender das respostas, que são mais livres e sem uma determinada padronização.

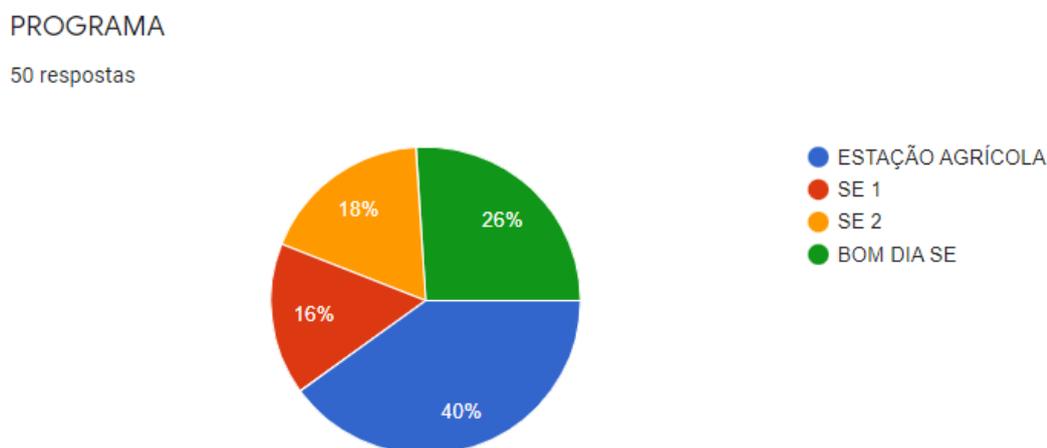
A partir disso, no dia 06 de dezembro de 2021, a entrevista foi realizada no prédio da SEMARH e por meio dela foi possível compreender uma solução emergencial como um aspecto realizado dentro do período de até 01 ano e que tem como foco uma gestão reativa a seca, ou seja, ocorre em um período de crise.

Também existem ações consideradas como estruturantes de médio prazo de 1 a 5 anos e de longo prazo, de 5 anos a 10 anos, que estão vinculadas a ações de convivência com o fenômeno. Ações permanentes foram classificadas do ponto de vista de serem uma política de estado, ou seja, terem realização anual ou serem subjetivas, do ponto de vista da classificação, ou seja, não sabermos o período que isso pode ocorrer. Os resultados estão dispostos a seguir.

5. RESULTADOS

A análise nesta dissertação será dividida, na compreensão das 50 matérias, vinculadas à TV Sergipe, por meio dos programas “Bom Dia Se”, “SE 1ª edição”, “SE 2ª edição” e “Estação Agrícola”. De forma prévia ao início da análise, vale destacar que do total de matérias, 44% foram de 2017, 38% de 2018 e 18% de 2019. Na disposição por programas jornalísticos, foi possível notar uma predominância de matérias vinculadas ao Estação Agrícola (40%).

Figura 5 - Disposição por programas jornalísticos analisados



Fonte: Autora da dissertação

Já era esperado que o programa com vínculo a pautas agrícolas abordasse de forma predominante a temática da seca. Em 2º lugar, visualizamos o telejornal do “Bom dia Sergipe”, que tem mais de 2 horas de duração, ou seja, é um telejornal que necessita de muitas pautas para dar conta do tempo. Nos outros telejornais (meio-dia e noite), a incidência do tema da seca foi menor. Para facilitar a compreensão dos resultados e o desenvolvimento da análise, as 50 matérias foram organizadas por ordem de data, levando em conta os títulos utilizados e o programa abordado. (Apêndice A)

A partir das 50 matérias, é possível visualizar que a pauta da seca foi tratada com uma boa distribuição nos anos investigados, tanto no aspecto de uma crise, como em momentos de melhoria por conta da chuva, sobretudo, no ano de 2019. Percebe-se que em períodos do verão, que compreende de dezembro a março, existem matérias com maior incidência de

problemas vinculados à seca, o que se modifica a partir da entrada do inverno, em junho, no qual inicia-se o período chuvoso.

Por uma breve observação dos títulos, nota-se algumas ações que são atribuídas à seca, como “reduz produção”, “provoca prejuízo”, “provoca desemprego”, “mata”, “destrói” e “preocupa”. Em contrapartida, a chuva “alivia”, “ameniza”, “alegra” e “garante boa safra”. A partir dessa introdução, iniciamos a apresentação dos resultados que estão vinculados à análise nessa dissertação e que foram obtidos com a observação dos dados coletados no formulário.

5.1 Disposição do tempo total de exibição do conteúdo

Sabe-se que no telejornalismo, o tempo é um fator muito relevante. Por isso, foi do interesse da autora da dissertação compreender o tempo que as matérias investigadas tiveram, na tentativa de entender o espaço que foi dado à discussão do assunto. Fazendo isso, foi possível perceber esse tempo, dentro do total comum dos telejornais, assim como do Estação Agrícola, facilitando também o processo de compreensão sobre a rotina produtiva.

Tabela 2 - Tempo e o total de conteúdos

Tempo e o total de conteúdos	
Menos de 1 minuto	02
De um a dois minutos	05
De 2 a 3 minutos	11
De 3 a 5 minutos	19
Mais de 5 minutos	13

Fonte: Autora da dissertação

A partir dessa tabela, é possível notar que houve um predomínio de conteúdos de 3 a 5 minutos, seguido por mais de 5 minutos (13) e de 2 a 03 minutos, com 11 conteúdos disponibilizados pela emissora. Neste aspecto, é possível fazer um destaque em relação à quantidade de matérias com mais de 5 minutos (13 ou 26%), que é um tempo elevado na lógica de produção do *hard news*, o que mostra que o conteúdo da seca é um tema que assume relevância e que desperta o interesse da linha editorial. Sabe-se que, em relação à durabilidade do telejornal, o Bom Dia Sergipe é o de maior duração, com 2 horas e 30 minutos, seguido pelo seguido pelo SE 1ª edição, com duração média de 1 hora, o Estação Agrícola e o SE 2ª edição, que variam de 25 a 30 minutos.

Diante disso, na análise por programa foi possível verificar, o tempo que foi predominante para a cobertura da seca em cada um dos telejornais, assim como no Estação Agrícola.

Tabela 3 - Total de aparições e tempo das matérias por programa

	Estação agrícola (20 aparições)	Bom Dia Sergipe (13 aparições)	Se 1ª edição (08 aparições)	Se 2ª edição (09 aparições)
Menos de 1 minuto	00	00	00	02
De 1 a 2 minutos	02	01	01	01
De 2 a 3 minutos	04	01	03	03
De 3 a 5 minutos	10	05	02	02
Mais de 5 minutos	04	06	02	01

Fonte: Autora da dissertação

No caso do Estação Agrícola, que é um programa que contou com maior número de aparições relacionados ao tema da seca, houve um predomínio de conteúdo de 3 a 5 minutos, mais de 5 minutos no “Bom Dia Sergipe” e 2 a 3 minutos nos telejornais SE 1 e SE 2. Com isso, é possível perceber que telejornais com maior tempo de exibição, como é o caso do Bom Dia Sergipe, assim como um programa que seja especializado em temas agrícolas e que a pauta da seca pode despertar maior interesse no público-alvo, é possível destinar um tempo mais longo para as reportagens e entradas ao vivo, se comparado a telejornais do meio-dia (que costumam ser mais agitados e volumosos na quantidade de pautas) e da noite (que costuma ter um tempo menor de duração).

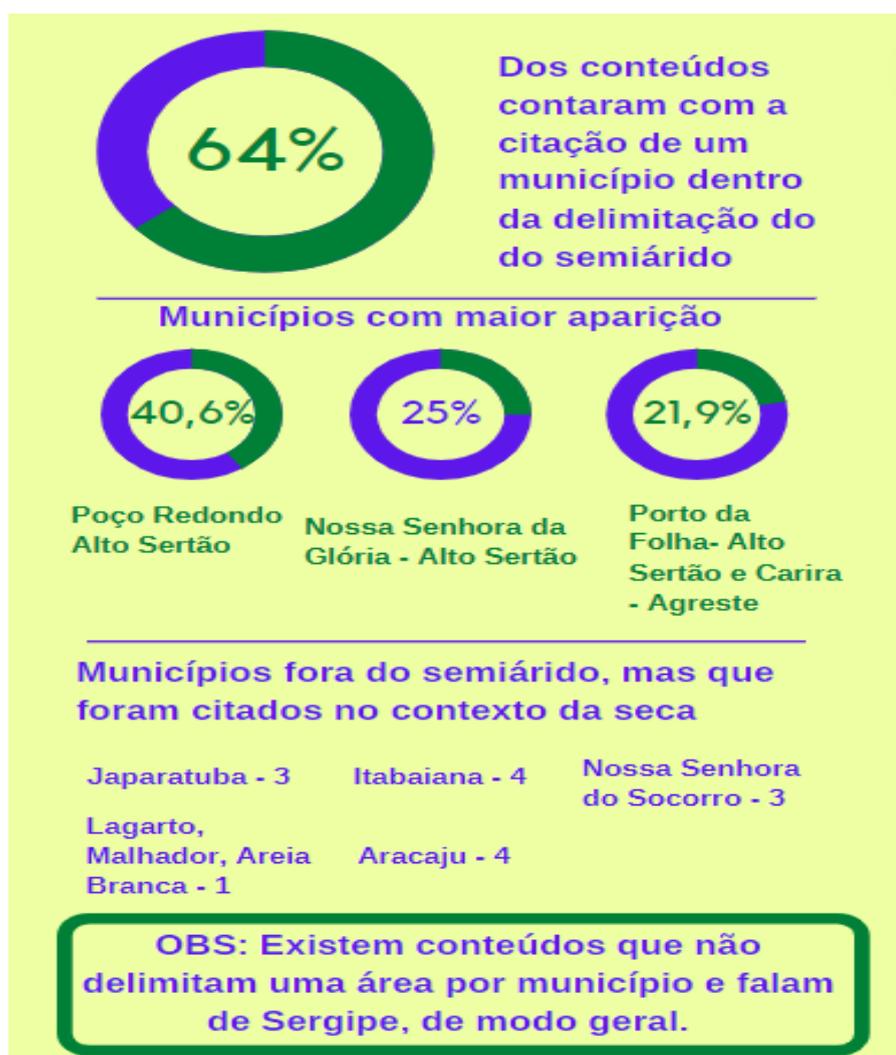
Inclusive, no jornal da noite, ou SE 2, das 09 aparições, tivemos 02 com menos de 1 minuto, ocorrendo por meio de nota, o que não ocorreu nos outros programas investigados. Portanto, nesta primeira investigação já é possível visualizar que o tempo disponibilizado no telejornal, assim como sua linha editorial, influenciam na quantidade de pautas sobre um assunto, assim como no tempo abordado.

5.2 Delimitação do local a partir do semiárido

Como o nosso campo de análise se dá, de forma preponderante, no ambiente do semiárido, foi interesse da pesquisa identificar a delimitação do município, assim como o nome do local que foi pautado. Essa delimitação se deu em “Agreste Central”, “Alto Sertão”, “Baixo São Francisco”, “Centro Sul Sergipano”, “Médio Sertão”, “Leste Sergipano”, “Sul Sergipano” e “Grande Aracaju”. Essa divisão teve como base o mapa do Governo do Estado de Sergipe, por meio do Observatório de Sergipe, com região atualizada em 2020.²³

Este trabalho contabilizou as áreas que contam com os 29 municípios que pertencem ao semiárido, segundo a Sudene, vinculados ao Alto Sertão, agreste central, médio sertão, parte do Centro-Sul e Baixo São Francisco. Áreas fora dessa delimitação foram investigadas à parte e serão expostas a seguir.

Figura 6 - Exibição de municípios vinculados ao semiárido



²³ OBSERVATÓRIO DE SERGIPE. Mapa de Território e planejamento. Disponível em: <http://docs.observatorio.se.gov.br/wl/?id=25jYdhItBsK9RIiyP2DN4mOHleFYDcsn>. Acesso: 05/08/2021.

É importante ressaltar que, apesar do município dentro do semiárido ser citado, somente 27 matérias delimitaram sua área de abrangência, como alto sertão, por exemplo. Em matérias restantes (23), o sertão era abordado de forma superficial, sem levar em consideração a divisão por região, se era agreste, alto sertão, baixo são francisco, centro sul ou médio sertão. Esse é um aspecto negativo que pode indicar uma generalização da imprensa em relação ao tema da seca. Apesar de se tratar de um jornalismo local, é a “Seca em Sergipe”, e não a seca no “Agreste” ou no “Alto Sertão”, por exemplo.

Das pautas que citaram uma divisão de área, percebemos uma predominância do alto sertão (66,7%), assim como do agreste central (51,9%). Vale ressaltar que em alguns conteúdos, mais de uma área foi citada, levando em conta o impacto climático em áreas próximas, já que o estado apresenta uma área territorial pequena.

Em 32 matérias, tivemos a citação de um município que estava dentro da delimitação do semiárido, ou que ao menos, aparecia o nome do município dentro dessa área quando a repórter gravava a passagem. Neste aspecto, tivemos a predominância de matérias em Poço Redondo (40,6%), seguido por Nossa Senhora da Glória (25%), Carira e Porto da Folha (ambos com 21,9%) e Poço Verde, com 18,8%.

Com isso, percebe-se que ao falar sobre o semiárido, alguns municípios costumam ser “palco” da matéria com maior frequência em detrimento de outros. Um dos motivos que podem levar a isso é o fato de que Traquina (2005) chama de critérios contextuais, levando em conta a disponibilidade de um conteúdo ser coberto pela imprensa. Ou seja, para cobrir um fato, ele precisa contar com disponibilidade seja de equipamento, de pessoas e até mesmo, de recursos financeiros. Isso pode indicar o motivo pelos quais alguns locais costumam ser repetidos pela imprensa em coberturas jornalísticas.

Em 3 matérias, o município de Japarutuba é citado, sendo que ele está fora da delimitação do semiárido. O município de Aracaju é citado 4 vezes, ou contou com a presença do repórter ou fonte nesse local. Uma vez, o cenário de gravações foi o município de Nossa Senhora do Socorro. Os municípios de Lagarto, Malhador, Areia Branca e Riachuelo, assim como Tomar do Geru e Riachão do Dantas foram citados por decreto de situação de emergência. Outro município que está fora da delimitação do semiárido, mas foi citado, é o de Laranjeiras, que retomou a produção de hortaliças, segundo a matéria, após um período de estiagem no local. Alguns municípios como Itabaiana e Aracaju foram citados pelo fato de

sediarem eventos e serem palco de reuniões e discussões para os produtores, com o objetivo de discutir sobre o tema da seca.

5.3 A análise das fontes

Em relação à análise das fontes, esse trabalho investigou entre fontes oficiais, oficiosas, testemunhais e experts (LAGE, 2001). Em relação às fontes oficiais, tivemos 68% dos conteúdos com alguma presença ou citação de fonte oficial. Esse percentual é menor na comparação com fontes testemunhais, que foram de 54%. Em 10,2% ou em somente 5 matérias, houve a presença de uma fonte expert e em nenhuma matéria, de forma explícita, houve uma fonte oficiosa.

Durante a investigação, foi possível identificar a quantidade de fontes oficiais por matéria, verificando a predominância de 1 fonte oficial em 81,3% do total das matérias analisadas que contavam com este tipo de fonte. Somente em 4 matérias, apareceram duas fontes oficiais e em 1 matéria, 3 fontes oficiais de forma simultânea.

Em contrapartida, das matérias que contavam com fontes testemunhais, em 20,8% delas havia a presença de 4 ou 5 fontes testemunhais de forma simultânea. Ou seja, foi possível verificar matérias com várias testemunhas e uma fonte oficial para explicar ou consolidar o que havia sido citado pelos moradores do local.

O fato de existirem muitas fontes na abordagem jornalística é compreendida como um elemento que ajuda na convicção de uma credibilidade, ou de um aspecto de que houve uma apuração. “É preciso averiguar se quando um fato acontecido recentemente é anunciado imediatamente em locais diversos, é confirmado pelo testemunho de muitos” (PEUCER, 2004, p.20).

Porém, apesar de ter mais fontes testemunhais em uma matéria na comparação com fontes oficiais, é possível notar que o tempo dedicado a essas fontes é maior se comparado às fontes testemunhais. Por exemplo, se por um lado, a soma das fontes testemunhais de uma matéria tiveram predominância de um a dois minutos (em 10 conteúdos), as fontes oficiais apresentaram uma boa distribuição entre um a dois minutos (6 vezes), 2 a 3 minutos (5 vezes) e 3 a 5 minutos (7 vezes).

Isso pode se justificar porque “os relatos de acontecimentos relevantes impõem uma ordem social, onde os jornalistas associam a credibilidade de uma fonte à posição hierárquica, por isso a preferência pelas institucionalizadas” (SCHMITZ, 2010, p.07), que neste trabalho também consideramos como fontes oficiais, pela definição de Lage (2001). Apesar dessa

preferência, podemos problematizar a questão direcionada ao oficialismo de fontes, que se refere à uma preferência quase que excessiva da imprensa por fontes oficiais, deixando de buscar o pluralismo de fontes que é uma das características da informação qualificada.

Tabela 4 - Tempo dedicado às fontes (soma total dos conteúdos investigados)

	Oficiais	Testemunhais	Experts
Menos de 1 minuto	11	10	02
De 1 a 2 minutos	06	11	01
De 2 a 3 minutos	05	02	01
De 3 a 5 minutos	07	01	01
Mais de 5 minutos	01	00	00

Fonte: Autora da dissertação

5.4 O vínculo das fontes e total de aparições

Em relação ao vínculo das fontes, foi possível notar a presença de 78 personagens em que essa fonte era sem vínculo com órgão público, consistindo de forma predominante em moradores, agricultores, produtores rurais e outros personagens, como pipeiros²⁴, vendedores e comerciantes. Na análise por órgão público, percebe-se uma incidência de 33 aparições de fontes vinculadas a órgãos públicos, sendo de maior incidência órgãos da Secretaria de Estado da Agricultura (SEAGRI), assim como secretarias municipais de agricultura, seguida pela Secretaria do Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH), Defesa Civil e Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro).

Houve 14 aparições que se tratavam de instituições de direito privado, sendo sem fins lucrativos ou não. Neste aspecto, podemos destacar a presença de representantes da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado (FAESE) e Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), além do Serviço Nacional de Aprendizado Rural (SENAR) em seis conteúdos. Essas fontes estão diretamente interligadas pelas temáticas agrícola e climática.

Vale explicar que o sistema CNA é composto por três entidades, segundo o site da instituição²⁵: a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que realiza uma representação de produtores rurais em pautas no Congresso Nacional, o Serviço Nacional de

²⁴ Pipeiro, neste contexto, é a pessoa responsável pela operação de carro-pipa

²⁵ Site da Confederação Nacional de Agricultura (CNA). Disponível em: <https://www.cnabrazil.org.br/>. Acesso: 15/01/2022.

Aprendizagem Rural (SENAR), que é responsável pela formação profissional das pessoas que vivem no campo e o Instituto CNA, que desenvolve pesquisas na área. O sistema também funciona interligado com as Federações de Agricultura e Pecuária nos estados, que representam os sindicatos rurais, funcionando como instituições privadas.

Durante a análise, também houve representantes de outras empresas privadas ou empresários que deram depoimentos. Enquanto que a Seagri, Emdagro e Federação da Agricultura e Pecuária são órgãos que trabalham ligados ao aspecto agrícola, que envolve o semiárido sergipano pela produção de milho, assim como a produção de leite, a SEMARH e Defesa Civil ficam atentas em relação ao aspecto climático, de estiagens, secas prolongadas e especificamente no caso da Defesa Civil, o auxílio para esses locais, no caso do decreto da situação de emergência e ações preventivas.

Tabela 5 - Vínculo das fontes

ÓRGÃO PÚBLICO	
COHIDRO	01
SEAGRI	08
EMDAGRO	03
DESO	01
SEMARH	08
DEFESA CIVIL	03
ADEMA	01
GOVERNO FEDERAL E SEUS ÓRGÃOS	03
GOVERNADOR E/OU PREFEITOS	03
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA/ CÂMARA DOS DEPUTADOS	01
REPRESENTANTE DE ESCOLA PÚBLICA	01
NÃO VINCULADO A ÓRGÃO PÚBLICO	
MORADORES E OU AGRICULTORES / PIPEIRO/ POPULAÇÃO MOBILIZADAS	69
OUTROS VÍNCULOS - GARÇOM, CLIENTES, VENDEDORES	05
GRUPO DE ESCOTEIROS	01
EXPERTS	03
EMPRESA PRIVADA	

REPRESENTANTES DE OUTRAS EMPRESAS PRIVADAS (SEM CITAR O NOME DA EMPRESA)	06
CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL(CNA), FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO (FAESE) e SENAR (SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL)	06
PRESIDENTE DE ASSOCIAÇÃO	01
ASSOCIAÇÃO DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS DE SERGIPE (AESE)	01

Fonte: Autora da dissertação

Em relação à área de atuação dos sujeitos, ou seja, o que essas pessoas fazem ou representam para um órgão, temos uma predominância de agricultores, produtores rurais e de leite, assim como criadores de animais vinculados às fontes testemunhais. Existem reportagens, por exemplo, com 5 ou 6 agricultores/produtores rurais sendo entrevistados de forma breve e uma fala de fonte oficial. Por isso, esse número se torna superior na comparação com a disponibilidade de fontes oficiais em comparação com os testemunhais.

Por predominância das fontes oficiais, vinculado à Seagri, temos a presença do Secretário da Agricultura do Estado, assim como de municípios. Neste aspecto, classificamos a área de atuação desses sujeitos, entendendo essas fontes como políticas, pelo fato de representarem um órgão público.

Por fontes técnicas e /ou especialistas, temos a predominância de representantes de técnicos agrícolas vinculados à Emdagro e meteorologista, vinculado ao SEMARH. Apesar da Emdagro e Semarh serem órgãos públicos, vinculados ao Governo do Estado, a presença dessas fontes demonstrou explicações técnicas sobre o conteúdo. Em relação às empresas de direito privado, temos como predominância o presidente do Senar e da Federação da Agricultura e Pecuária de Sergipe (FAESE), que tratava-se da mesma pessoa. Já no caso das fontes comunitárias, tivemos a predominância de agricultores, produtores rurais e de leite, assim como criadores de animais.

Como crítica, percebemos a falta de entrevistas voltadas a profissionais experts, ou seja, a pesquisadores de Universidades, estudantes e outros especialistas da área acadêmica para discutir o tema da seca, de modo que as matérias ficaram muito atreladas a falas de moradores sobre o problema da seca, ligados a uma fala de fonte oficial. Em alguns casos, não há fonte testemunhal, mostrando somente uma ação ou projeto realizado por órgão público do Governo ou da iniciativa privada.

Tabela 6- Área de Atuação dos sujeitos

FONTE TÉCNICA E/OU ESPECIALISTA	
TÉCNICOS AGRÍCOLAS /EMDAGRO	03
METEOROLOGISTA (SEMARH)	04
TÉCNICO AGRÍCOLA SEM VÍNCULO COM A SEMARH	01
DIRETOR TÉCNICO DA SECRETARIA DE AGRICULTURA DE MUNICÍPIO	01
BIÓLOGA DO SEMARH	01
ENGENHEIRO AGRÔNOMO	02
SUPERINTENDENTE DA DESO	01
DELEGADO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO DE SERGIPE	01
COORDENADOR DO CEPETEC/INPE	01
FONTE POLÍTICA	
SECRETÁRIO DE AGRICULTURA DE SERGIPE OU DE MUNICÍPIOS	08
SUPERINTENDENTE DE RECURSOS HÍDRICOS DA SEMARH	02
SECRETÁRIO EXECUTIVO DA DEFESA CIVIL, DIRETOR DA DEFESA CIVIL, GERENTE DE PLANEJAMENTO DA DEFESA CIVIL	03
DEPUTADO DA COMISSÃO DE AGRICULTURA	01
SUPERINTENDENTE DE FLORESTAS DE SERGIPE	01
DIRETOR DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE	01
PRESIDENTE DO PAÍS, GOVERNADOR E PREFEITOS, SECRETÁRIO DE GOVERNO	05
PRESIDENTE DA ADEMA	01
FONTE COMUNITÁRIA	
AGRICULTORES, PRODUTORES RURAIS E DE LEITE, E CRIADORES DE ANIMAIS	59
OUTROS PERSONAGENS: COMERCIANTES, PIPEIRO, POPULAÇÃO MOBILIZADA, VENDEDORES, GARÇONS, CLIENTES, MOTORISTA, LÍDER COMUNITÁRIO, DONAS DE CASAS	22
PRESIDENTE DE ASSOCIAÇÃO	01
DIRETORA DA ESCOLA	01
REPRESENTANTE DOS ESCOTEIROS	01

FONTE DA INICIATIVA PRIVADA	
ENGENHEIRO DA AEASE	01
ADMINISTRADOR DE FAZENDA	01
GERENTE DE CAPTAÇÃO DE LEITE	02
EMPRESÁRIOS	04
PRESIDENTE DO SENAR, REPRESENTANTE DA CNA OU DA FEDERAÇÃO DE AGRICULTURA E PECUÁRIA DE SERGIPE	06

Fonte: Autora da dissertação

Esses resultados retomam a discussão sobre o oficialismo das fontes, já que vemos a presença de fontes que foram consolidadas ao longo do tempo como legitimadas dentro da redação jornalística, por uma falta de tempo durante o processo produtivo, o que afeta a questão da pluralidade de fontes. Dessa forma, as fontes que se tornam convencionais são governamentais ou de grandes grupos de empresas, o que gera uma restrição à busca por grupos que são “menos legitimados” (SILVA; GIMENES, 2020).

Neste cenário, é importante refletir acerca do que Leal e Carvalho (2015) explicam de que pode existir uma ideia equivocada sobre fontes, o que, sem problematizar, pode reduzir a complexidade de um processo de obtenção da informação, assim como nos modos de interpretação, enquadramentos e dinâmicas que envolvem interesses de poder. Como falamos, neste trabalho, percebemos a presença de 68% dos conteúdos com alguma presença ou citação de fonte oficial, diante de 54% de fontes testemunhais. Por isso, é fundamental realizar a discussão acerca da importância do pluralismo de fontes e da necessidade da imprensa expandir a sua “lista” de contatos, por meio de uma apuração jornalística.

5.5 Jornalismo de soluções

Para aplicar as características do jornalismo de soluções que foram apresentadas nessa dissertação, a pesquisa questionou a respeito da citação de políticas públicas, técnicas de convivência com a seca e/ou ações de orientação e constatou que em 66% dos conteúdos investigados (ou 33 conteúdos), algum desses elementos havia sido citado e que em 34% não houve citação de solução ou resposta.

A partir de uma resposta que se refere a algum desses elementos, as características apresentadas pela rede *Journalism Network* foram aplicadas. À princípio, são 10 características apontadas, mas na análise, foram consideradas 08 características, pelo fato de

uma das características perguntar como a matéria é lida, ou seja, como ela pode ser interpretada e a quem ela beneficia ou exalta. Para isso, fizemos uma análise separada que será apresentada no decorrer da leitura.

A outra característica que foi retirada, diz respeito se a matéria contém fontes com o entendimento básico sobre o tema, pois consideramos que isso pode ter uma interpretação subjetiva, comprometendo a exatidão dos dados. Por isso, fizemos uma análise separada das fontes que foi abordada no tópico anterior e que será retomada nesta discussão. Dessa forma, mantivemos 08 perguntas, com resposta de “sim” ou “não” e posteriormente, uma análise voltada para cada matéria, apontando como ela é interpretada. As características analisadas foram as seguintes:

Tabela 7 - As características do jornalismo de soluções distribuídas na análise

Características do jornalismo de soluções (análise de 33 conteúdos)	
Explicaram as causas de um problema social	81,8%
A resposta foi central para a narrativa	24,2%
Apresentaram como implementar a resposta	8%
Apontaram evidências da resposta para a narrativa	12,1%
Transmitiram uma lição ou visão ensinável	45,4%
Apontaram as limitações da resposta	3,03%
O conteúdo deu mais atenção à resposta, do que quem a realizou	9%

Fonte: Autora da dissertação

De forma a explicar esses percentuais, temos 33 matérias que citaram alguma política pública, técnica de convivência com a seca ou ação de orientação, apresentaram algum tipo de resposta para a questão da seca, mesmo que de forma rápida ou apenas por uma citação e por isso, entraram para serem analisadas a partir de características do jornalismo de soluções.

É importante ressaltar que este trabalho compreende que não existe uma resposta ou solução única para a seca, visto que existem particularidades, diferentes níveis de atuação e por se tratar de um fenômeno natural. Por isso, quando falamos sobre resposta ou solução, isso deve ser entendido como ações feitas para minimizar, prevenir, reduzir ou levar à convivência com o fenômeno, assim como ações que estimulem uma preservação e

conservação do bioma da caatinga, que abrange a área do semiárido e que sofre com processo intenso de desmatamento.

Em 81,8% do conteúdo investigado (33 matérias), houve uma apresentação das causas do problema, sobretudo, problemas agrícolas, da morte de animais e da secagem de barragens. A causa principal que as matérias apontaram para a seca foi a falta de chuva. Ou seja, nas 33 matérias, que citam a seca mais ou menos diretamente, o tema está atrelado à falta ou má distribuição de chuva no local ou em matérias onde houve a presença intensa de chuvas, recuperando os “estragos” causados pela seca.

Essa característica das causas de um problema social está relacionada ao que a rede de jornalismo de soluções explica que “uma solução deve ser explicada no contexto do problema que está tentando resolver. Documentando as causas desse problema é possível identificar uma oportunidade de uma solução para criar influência e impacto”.

Com isso, percebemos que as matérias apontam a falta de chuva como a principal causa para os problemas de seca, mas existe uma crítica por parte desse trabalho em relação à contextualização, já que o tema era tratado como a “Seca em Sergipe”, sem levar em conta as particularidades dos municípios. O entendimento sobre o contexto é importante, já que traz uma proximidade e respeito às particularidades do local. A generalização pode ser muito perigosa, por trazer uma ideia de que o problema está ocorrendo da mesma forma em todos os locais.

Exemplos de matérias onde não há uma apresentação das causas do problema são conteúdos ao vivo para divulgar o workshop da caatinga, a realização do projeto Dom Helder, a chegada das chuvas - que fez com que a safra de milho fosse maior do que o esperado e a apresentação do balanço de produção aos produtores rurais. De modo geral, as matérias que falaram sobre “causa do problema” trouxeram a falta de chuva e a estiagem como motivos.

Somente 6% ou duas matérias apresentaram uma explicação mais detalhada sobre como implementar a resposta proposta, como por exemplo, da barragem de Tobias Barreto que secou e precisou de um projeto que trouxe água da Bahia e que explicou também sobre a distribuição de água de forma provisória na cidade.

Quadro 11 - Matéria que exemplifica a implementação da resposta



MATÉRIA SOBRE A BARRAGEM DE TOBIAS BARRETO - ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA DESO, QUE É RESPONSÁVEL PELA DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA NO ESTADO. OCORREU UMA ENTREVISTA AO VIVO, COM MAIS DE 10 MINUTOS PARA FALAR SOBRE O DESABASTECIMENTO DE ÁGUA NA CIDADE DE TOBIAS BARRETO, QUE CONTA COM MAIS DE 35 MIL HABITANTES.

 9 8116-9448

Já passou da hora de se realizar uma política séria de fornecimento de água. Ela não pode faltar pra ninguém.

REPÓRTER: EU VOU APROVEITAR PARA MOSTRAR AQUI AO LADO O MAPA DA CIDADE DE TOBIAS BARRETO, PORQUE HÁ ALGUNS DISTRITOS. COMO VOCÊS VÃO TRABALHAR PARA ABASTECER A CIDADE?

REPRESENTANTE DESO: ESSE PLANO DE CONTINGÊNCIA QUE A GENTE TÁ IMAGINANDO FAZER QUE ELE VAI SER UTILIZADO SUBSIDIARIAMENTE SE A GENTE TIVER ALGUMA PROBLEMÁTICA ATÉ A ADUTORA (QUE VAI TRAZER ÁGUA DA BAHIA) FICAR PRONTA. A IDEIA É TRAZER ÁGUA DA BAHIA, ABASTECER A CIDADE ATRAVÉS DOS POÇOS, CLARO QUE EM UM VOLUME REDUZIDO, ENTÃO SERIA UM SISTEMA DE RODÍZIO DE MANOBRA, QUE SERÁ DIVULGADO NA SEMANA QUE VEM, SOBRE QUAIS SETORES FICARÃO OU NÃO COM ÁGUA, MAS TODOS DEVEM TER ÁGUA NA MEDIDA DO QUE DEVE SER OFERTADO. ESSA PLANTA ILUSTRA UMA TERCEIRA OPÇÃO. FALAMOS AQUI DE UMA AÇÃO GRANDE, QUE FOI UMA OBRA DE 7 MILHÕES DE REAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA ADUTORA, QUE ESTÁ EM ANDAMENTO E TEM PRAZO DE FINALIZAÇÃO ATÉ A PRIMEIRA SEMANA DE JANEIRO, E ESTA AQUI SERIA UMA OUTRA ALTERNATIVA, CASO HAJA OUTRO PROBLEMA. OU SEJA, A DESO E O GOVERNO DO ESTADO ESTÃO PREOCUPADOS COM A SITUAÇÃO DE TOBIAS BARRETO. ENTÃO O PREFEITO NÃO ESTÁ SOZINHO, EXISTE UM CORPO TÉCNICO.

REPÓRTER: ENTÃO VAMOS LÁ, EXISTE UMA OBRA EM ANDAMENTO QUE TEM PREVISÃO DE CONCLUSÃO PARA ATÉ A PRIMEIRA SEMANA DE JANEIRO E CASO ISSO NÃO

	<p>ACONTEÇA, A CIDADE JÁ ESTARIA DIVIDIDA EM DISTRITOS, COM ESSES PONTOS AMARELOS QUE SÃO CAIXAS D'ÁGUA.</p>
	<p>REPRESENTANTE DA DESO: E NÃO SOMENTE SE A ADUTORA NÃO FICAR PRONTA, MAS É UMA AÇÃO QUE OCORRERÁ NO LOCAL.</p>
	<p>REPÓRTER: E COMO FUNCIONARIA?</p>
	<p>REPRESENTANTE DESO: A CIDADE ESTÁ DIVIDIDA EM 19 DISTRITOS. AVISAREMOS POR RÁDIO, CARROS DE SOM PARA QUE AS PESSOAS TOMEM CONHECIMENTO SOBRE OS LOCAIS ONDE ELAS PODEM REABASTECER DE ÁGUA. AS CAIXAS DE ÁGUA TERÃO 10 MIL LITROS PARA QUE A POPULAÇÃO POSSA FAZER E COMO ESSE CONTINGENCIAMENTO SERÁ FEITO, EXPLICAREMOS MELHOR NA SEMANA QUE VEM.</p>

Fonte: Globoplay

O jornalismo de soluções entende que é importante explicar como uma resposta foi ou será implementada, mostrando o que está funcionando ou não. Com isso, percebemos que existe uma lacuna por parte dos conteúdos investigados no momento de apontar um detalhamento sobre o funcionamento e usabilidade da resposta, já que só foi possível perceber uma explicação com mais detalhes em dois conteúdos analisados.

Ademais, somente em 24,2% dos conteúdos, a resolução do problema foi central para a narrativa. Neste aspecto, a rede de jornalismo de soluções considera essa característica como uma narrativa que seja “impulsionada por resolver o problema e a tensão está localizada na dificuldade inerente em resolver um problema.” Ou seja, uma matéria que se foca mais na resolução do problema, dedica mais atenção às respostas e aspectos inerentes à solução.

Como exemplo, podemos citar a matéria de melhoria genética dos animais para a produção de leite na área de Nossa Senhora da Glória, que está no semiárido, assim como em discussões sobre desertificação, a resolução da falta de água na barragem em Tobias Barreto,

em debates sobre a seca na assembleia legislativa com projetos que seriam implementados em locais do semiárido e também em reuniões e eventos para discutir a gestão hídrica do município.

Quadro 12 - Matéria sobre a melhoria genética do gado em Nossa Senhora da Glória

	<p>REPÓRTER: A PRODUÇÃO DO LEITE VEM SE SUSTENTANDO EM ALGUMAS PROPRIEDADES RURAIS MESMO COM A CRISE DO CULTIVO DE MILHO NO ESTADO. ALÉM DA BOA ALIMENTAÇÃO, OUTROS FATORES SÃO ESSENCIAIS PARA GARANTIR MAIOR PRODUTIVIDADE DO REBANHO, COMO POR EXEMPLO, A MELHORIA GENÉTICA DOS ANIMAIS.</p>
	<p>REPÓRTER: NESTE ESTABELECIMENTO RURAL, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA, 85 VACAS ESTÃO EM LACTAÇÃO, ESTÁGIO EM QUE ELAS SÃO CONSIDERADAS PARA A PRODUÇÃO LEITEIRA.</p>
	<p>FALA DO ENTREVISTADO: COM CHUVA 30% DA MÉDIA, NÃO CONSEGUIMOS PRODUZIR NADA DE VOLUMOSO AQUI NO SERTÃO, QUE É ONDE ESTÁ LOCALIZADO 80% DO LEITE DO ESTADO, FOI 0 DE PRODUÇÃO. GRAÇAS A DEUS AINDA TEMOS SOBRE A SILAGEM DO ANO PASSADO E A PALMA. POR ENQUANTO, ESTAMOS TOCANDO E ESPERAMOS COMPRAR SILAGEM NA ZONA AGRESTE E SUL (APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA)</p>
	<p>REPÓRTER: AQUI, A MAIOR PARTE DO REBANHO SE REPRODUZIU POR INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL. O MÉTODO AUMENTOU A PRODUÇÃO, QUE VEM ALCANÇANDO EM MÉDIA,</p>

	<p>1650 LITROS DE LEITE POR DIA.</p> <p>FALA DO ENTREVISTADO: EM UM MOMENTO DESSE, DE CRISE, VEMOS QUE É CADA VEZ MAIS NECESSÁRIO TER UM BOM REBANHO, UMA BOA GENÉTICA PARA TER UMA BOA PRODUÇÃO, SENÃO NÃO CONSEGUIMOS PAGAR OS GASTOS.</p> <p>REPÓRTER: A TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO IN-VITRO É OUTRA ESTRATÉGIA UTILIZADA. O PRODUTOR INVESTE NA COMPRA DE EMBRIÕES GERADOS POR ANIMAIS DE OUTROS ESTADOS E ESTRANGEIROS QUE TENHAM MELHOR QUALIDADE GENÉTICA. ATRAVÉS DA TÉCNICA DE REPRODUÇÃO, O CICLO É CONCLUÍDO EM UMA VACA DE BARRIGA DE ALUGUEL EM UMA DAS VACAS DA PROPRIEDADE.</p> <p>FALA DO ENTREVISTADO: TEMOS UM TRABALHO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL, QUE NOS PERMITE MULTIPLICAR MATRIZES SUPERIORES. AQUI É UMA PEQUENA AMOSTRA DA QUALIDADE DO MELHORAMENTO GENÉTICO (CONTINUA APRESENTANDO O PROCESSO)</p>
---	--

Fonte: Globoplay

Além da resposta ser central para a narrativa, outra característica investigada diz respeito à limitação da resposta. Isso porque, a rede de jornalismo de soluções entende que não há uma solução perfeita para os problemas vivenciados na sociedade, existem riscos e eles precisam ser ditos. Percebemos que existe uma matéria que cita a limitação da resposta relacionada à irrigação, ao explicar sobre o aumento no custo da energia elétrica. Essa citação é feita de forma breve, mas está presente no conteúdo por meio da fala de fonte testemunhal.

Outra característica investigada é se o conteúdo apresentou as evidências da resposta proposta. Somente 4 matérias apresentaram evidências relacionadas às respostas, ou seja, falaram sobre os resultados ou algo que esteja funcionando.

Quadro 13 - Trecho ao vivo sobre o Senar realizar o credenciamento para produtores de leite

	<p>ENTREVISTADO: JÁ TEMOS CASOS DE SUCESSO EM QUE PRODUTORES PRODUZIAM CERCA DE 120 LITROS POR DIA E AGORA PRODUZEM 300 LITROS POR DIA COM A MESMA QUANTIDADE DO REBANHO. ISSO JÁ DÁ UMA DIMENSÃO DO IMPACTO DESSE PROJETO PARA SERGIPE.</p> <p>REPÓRTER: ISSO QUE EU IA PERGUNTAR. UMA GRANDE IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA DO ESTADO. QUANDO O PRODUTOR ESTÁ BEM CAPACITADO, TREINADO E PODE GERENCIAR SUA PRODUÇÃO.</p> <p>ENTREVISTADO: COM CERTEZA, PORQUE ELE RECEBE A ASSISTÊNCIA TÉCNICA , CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL POR MÊS, A VISITA DO TÉCNICO QUE PASSA 4 HORAS NO LOCAL (...) O FOCO DO PROGRAMA É GERENCIAMENTO DE PROPRIEDADE, QUE HOJE É UM GRANDE PROBLEMA. O PRODUTOR SABE O CUSTO DE PRODUÇÃO DO LEITE DELE.</p>
---	---

Fonte: Globoplay

Além disso, 15 conteúdos (ou 45,4%) apresentam algum tipo de lição ensinável, ou seja, trazem algum tipo de ação, atividade ou experiência que pode ser “copiada” ou servir de inspiração para outros órgãos públicos ou os moradores e agricultores no local. Dentre eles, podemos citar a orientação em relação ao decreto da situação de emergência, tecnologia para a criação de animais ou a realização de eventos para discutir sobre o bioma da caatinga ou a questão dos recursos hídricos.

Outro ponto que merece destaque diz respeito que 9% das matérias deram mais atenção à resposta, do que quem realizou a resposta. Quando existe um enfoque em quem

realizou a resposta, é possível promover um órgão ou instituição. E isto se relaciona com as fontes encontradas no material. Uma crítica que existe é em relação à diversidade das fontes, pois vale ressaltar que das 33 matérias investigadas, que apresentaram alguma citação de solução ou resposta, 17 delas, ou seja, mais de 50% contavam somente com fontes oficiais, 9 com fontes oficiais e testemunhais e somente 5 com fontes estritamente testemunhais. Uma das matérias contava com fontes oficiais, testemunhais e experts e somente uma fonte expert.

Isso representa dizer que em 27 matérias havia algum tipo de fonte oficial e que por outro lado, o conteúdo sobre a seca e soluções foram citados ou propostos sem contar com uma fonte testemunhal sendo ouvida em 17 conteúdos. Ou seja, são matérias que, na maioria das vezes, apresentaram soluções somente como uma citação, sem apresentar como fazer, como implementar em uma determinada comunidade e pelo fato de ouvir muitas vezes, somente fontes oficiais na proposta de soluções, são matérias que acabam trazendo como solução e foco ações realizadas por órgãos oficiais, sobretudo, do governo. Neste caso, o foco é maior em quem realizou a ação. O oficialismo das fontes, que já discutimos neste trabalho, é retomado a partir do momento que as fontes oficiais apresentam uma predominância de fala na cobertura da seca, sem dar foco às fontes testemunhais.

Com isso, existe um modelo em que os moradores realizam o envio de fotos ou vídeos sobre o problema, do seu breve relato sobre as perdas em relação ao gado e à plantação, sem que ocorra um questionamento crítico da imprensa em relação à efetividade de ações do poder público.

Quadro 14 - Descrição de parte da matéria “gado morre de sede e fome no sertão sergipano”

	<p>APRESENTADOR: A ESTIAGEM PROLONGADA EM TODO O NORDESTE. EM SERGIPE, CERCA DE 30 CIDADES JÁ PEDIRAM A DECRETAÇÃO DA SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA. E NÃO SOMENTE ISSO, O GADO ESTÁ SOFRENDO MUITO. RECEBEMOS FOTO DE BEBETO DA ONÇA. AS FOTOS QUE ELE TIROU DO GADO MORRENDO POR CAUSA DA ESTIAGEM PROLONGADA, NÃO TEM COMIDA PARA O GADO E ELE ACABA MORRENDO. É TRISTE DE VER ISSO QUE ESTÁ ACONTECENDO NO SERTÃO SERGIPANO. VAMOS FALAR</p>
---	--



COM BEBETO DA ONÇA, DE POÇO REDONDO. A ESTIAGEM ESTÁ CASTIGANDO BASTANTE O SERTANEJO E O GADO ESTÁ MORRENDO. ESSAS FOTOS FORAM TIRADAS QUANDO?

ENTREVISTADO: FORAM TIRADAS ONTEM.

APRESENTADOR: FORAM QUANTAS CABEÇAS DE GADO QUE VOCÊ CONSEGUIU REGISTRAR E QUE ESTÃO SOFRENDO?

ENTREVISTADO: SÓ ONTEM FORAM SEIS, MAS TENHO INFORMAÇÕES DE MAIS DE 200 CABEÇAS DE GADO EM POÇO REDONDO.

APRESENTADOR: BEBETO, TEM CHEGADO CARRO-PIPA AÍ? O GOVERNO TEM AJUDADO?

ENTREVISTADO: OS CARROS-PIPA ELES VÊM POR CONTA DO EXÉRCITO, ANTES ERAM 20 CARROS E AGORA SÃO 12, E A DEFESA CIVIL DESDE 2015 NÃO COLOCA UMA GOTA DE ÁGUA. É O PREFEITO QUE TEM TENTADO ABASTECER A CIDADE, MAS ELE NÃO DÁ CONTA SOZINHO. PRECISA DA AJUDA DO GOVERNO DO ESTADO E DO GOVERNO FEDERAL PARA MANDAR ÁGUA E ALIMENTO URGENTE PARA OS ANIMAIS QUE ESTÃO MORRENDO DE FOME.

APRESENTADOR: CERTO, OBRIGADA POR SUA PARTICIPAÇÃO. ESSA SEMANA, A BANCADA DE SERGIPE EM BRASÍLIA SE REUNIRAM PARA TRATAR SOBRE ESSE ASSUNTO COM O MINISTRO DA INTEGRAÇÃO E O DINHEIRO, SEGUNDO O GOVERNADOR FOI POUCO, MAS A GENTE ESPERA QUE CHEGUE UM PEDAÇO NÃO SOMENTE EM POÇO REDONDO, MAS SÃO 30 MUNICÍPIOS

	NESSA SITUAÇÃO.
--	-----------------

Fonte: Globoplay

Além disso, não há uma crítica na matéria à falta de alimento ao gado, que poderia ser distribuído em programas de doação de ração animal. Outras matérias também citam sobre a ida do carro-pipa a um local que não conta com abastecimento público de água, sem questionar os motivos pelos quais esses locais ainda não contam com o abastecimento.

Dito isto, a partir da consolidação das 9 características que são abordadas no “*The solutions journalism tool kit*”, o relatório anual realizado pela rede de Jornalismo de Soluções apontou 5 pilares que são considerados essenciais para o jornalismo de soluções. São eles “apresentar uma resposta”, “apresentar como a resposta funcionou”, “se trouxe um insight para as pessoas”, ou seja, se é uma ação que pode ser replicada e que incentiva uma motivação do público e por fim, se trouxe evidências como as limitações da resposta.

Tabela 8 - 5 pilares do jornalismo de soluções e as matérias que atenderam a essas características

APRESENTOU UMA RESPOSTA	33	66%
APRESENTOU COMO UMA RESPOSTA FUNCIONA	07	21,2%
TROUXE UM INSIGHT PARA AS PESSOAS	15	45,4%
APRESENTOU A EVIDÊNCIA DA RESPOSTA	04	12,1%
APRESENTOU AS LIMITAÇÕES DA RESPOSTA	01	3,03%

Fonte: Autora da dissertação, baseado nos pilares do jornalismo de soluções

De modo geral, encontramos como problemas nas construções do conteúdo, 3 dos 5 itens. A rede de jornalismo de soluções entende que ao apresentar uma resposta, o seu funcionamento deve ser dito. Isso representa dizer que citar não é suficiente para promover um engajamento nas pessoas ou trazer uma orientação, sendo necessário apontar como essa resposta tem sido feita, aplicada e implementada no local.

A rede de jornalismo de soluções entende que “é fundamental apresentar evidências da resposta e no caso de um assunto ser novo, ou seja, não ter muitas evidências, o repórter pode

apresentar isso ao público, explicando que ainda se trata de um processo em teste, que é uma novidade.” (*ANNUAL REPORT*, 2020,p.6, tradução nossa).

Além disso, em relação às limitações da resposta, a rede entende que elas “também são essenciais porque uma história de soluções podem ter deficiências, até porque, elas podem funcionar muito bem para uma comunidade e falhar em outras. É por isso que o contexto se torna tão importante e que a imprensa perde ao generalizar.” (*ANNUAL REPORT*, 2020,p.6, tradução nossa). A partir disso, separamos as 33 matérias que citavam alguma perspectiva de solução e resposta e a partir disso, identificamos as características e possíveis pontos de melhoria.

Quadro 15 - Matérias analisadas e com algumas características do jornalismo de soluções

Título	Quantidade de características vinculada ao Jornalismo de soluções	Quais foram essas características?	Aspectos gerais	Pontos que precisam de melhoria a partir das características
Governador pede a Temer celeridade nas ações da seca e obras do aeroporto SE 2ª Edição 11/01/2017	02	<ul style="list-style-type: none"> • A história explica as causas de um problema social • A história apresenta uma resposta associada a esse problema 	A nota cita a viagem do Governador à Brasília, para solicitar ao presidente Michel Temer, investimento para ações de combate à seca. Como o material é uma nota, trata-se apenas de um resumo.	Nenhuma ação é citada de forma específica, somente de forma genérica, indicando que a viagem tinha sido feita para solicitar ações de combate à seca, com apoio do Governo Federal. Seria importante detalhar ou ao menos explicar quais ações são essas e como isso será feito.
Gado morre de sede e fome no sertão sergipano SE 1ª Edição 09/02/2017	02	<ul style="list-style-type: none"> • A história explica as causas de um problema social? • A história apresenta uma resposta associada a esse problema? 	A entrevista ocorreu por telefone com um criador de animais, que relata a necessidade de aumentar a frota de carros-pipa, ocorre uma crítica à Defesa Civil e pede também	Durante a entrevista, aparecem muitas imagens de gado morto, o que pode contribuir para reforçar um estereótipo da seca. É um conteúdo que tem a população cobrando uma

			<p>alimentação para o gado por meio de auxílio do Governo Federal e Estadual.</p> <p>A solução é apresentada do ponto de vista de cobrança de ações governamentais que o local necessita, do ponto de vista desse morador.</p>	<p>solução ou resposta por parte do poder público, mas isso não é cobrado ou verificado pelo jornal em relação aos órgãos citados, que é quem praticaria a ação. Com isso, o conteúdo fica com uma fonte testemunhal cobrando, sem ter uma resposta sobre as possíveis soluções que foram propostas. Outro aspecto, é que a matéria apresenta ações, somente do ponto de vista emergencial, como carros-pipa e decreto da situação de emergência.</p>
<p>Sertão continua sem chuva em Sergipe SE 2ª Edição 20/2/2017</p>	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>A nota coberta mostra uma oposição entre locais do estado que estão recebendo chuva, diante do sertão, que segue sem água. Mostra a expectativa da chuva e fala sobre o decreto de emergência.</p>	<p>Neste aspecto, a nota é enquadrada nessa análise por citar o decreto de emergência pelos municípios apresentados, mas, pode ser criticada do ponto de vista de depositar uma expectativa de resolução do problema em cima de uma questão climática, que é a chuva. Com isso, a chuva é apresentada como uma resposta, assim como o decreto de situação de emergência é citado.</p>
<p>Seminário discutirá as consequências</p>	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p>	<p>O material trata-se de um ao vivo, com entrevista ao</p>	<p>Apesar desse conteúdo explorar algumas soluções</p>

<p>da seca em Sergipe Bom dia Sergipe 23/02/2017</p>		<p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>superintendente dos recursos hídricos, Ailton Rocha. A entrevista se dá para convidar as pessoas a participarem de um seminário que vai discutir a seca em Sergipe, focando-se no Programa de financiamento do Banco do Nordeste e renegociação de dívidas. A conversa também cita que o aquecimento global tem causado secas mais longas e em curto espaço de tempo e que é necessário fornecer o suporte forrageiro aos agricultores, assim como acompanhar os reservatórios de água e contar com o programa Garantia Safra. Além disso, é citado a necessidade de se fortalecer a estrutura hídrica do local.</p>	<p>que podem ser estruturantes, como a palma forrageira e o fortalecimento da rede hídrica no estado, o conteúdo não dá os detalhes ou caminhos de como seria possível fazer isso em Sergipe, as limitações das ações citadas, além de compreender em quais locais do estado essas ações poderiam ser implantadas, sem tratar a seca com ações iguais em todo o estado e sim, com as particularidades que têm. Além disso, há falta de envolvimento por parte da comunidade, já que somente uma fonte oficial é entrevistada.</p>
<p>Engenheiros da Aease e membros da OAB elaboram projetos sobre crise hídrica Bom Dia Sergipe 29/03/2017</p>	<p>03</p>	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p>	<p>O material é um ao vivo com a entrevista de uma fonte oficial que convoca as pessoas, assim como políticos para uma reunião que discutirá sobre o Canal de Xingó. Explica que serão 300 km de canal</p>	<p>Por ser um ao vivo, o tempo fica mais limitado para abordar quais são esses projetos voltados à crise hídrica, como eles podem ser implementados, a importância e em que área serão abrangidos.</p>

			de concreto, que sairá de Paulo Afonso e atingirá 5 municípios sergipanos. Fala brevemente sobre a importância de cuidar da vitalidade do Rio São Francisco e de contar com apoio governamental.	Além disso, o projeto do Canal do Xingó é discutido há muitos anos, sem sair do papel e isso não é apontado no material como uma forma de contextualizar.
Situação da seca em Sergipe é tema de debate na assembleia legislativa SE 1ª edição 04/04/2017	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p>	<p>O material trata-se de um ao vivo da repórter na sala da assembleia legislativa, no qual há uma discussão sobre a seca em Sergipe. A intenção da reunião foi discutir sobre o projeto Dom Távora, que vai atingir 15 municípios sergipanos, inclusive, do sertão, com recursos da FIDA e da Onu. Com previsão de chegar até o final de 2018, a repórter explica que os deputados estão questionando o secretário da agricultura para saber como esse recurso será aplicado, quais serão as famílias beneficiadas e como o projeto ocorrerá no estado. O Programa Dom Távora é citado. Apesar de não ser um projeto "infinito", ele pode ser classificado como permanente</p>	<p>Falta apresentar os detalhes da implementação do projeto Dom Távora nos 15 municípios, as limitações da resposta e ficou uma lacuna sobre as informações restantes, pelo fato de se tratar de um ao vivo sobre uma reunião que ainda estava em andamento. As fontes oficiais praticaram a ação de solução ou resposta.</p>

			<p>por se tratar de uma ação do estado em parceria com o Fida, ter apoio e investimento anual e realizam ações com o objetivo de promover o desenvolvimento de negócios agropecuários e não agropecuários, por meio de financiamento de planos de negócios para associações e cooperativas de agricultores familiares. (impacto não estimado em tempo)</p>	
<p>Décima edição do Encontro de Recursos Hídricos em Sergipe reúne profissionais e estudantes Bom Dia Sergipe 23/03/2017</p>	04	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p> <p>A história dá mais atenção à resposta do que a um líder / inovador / benfeitor?</p>	<p>O material trata-se de um ao vivo, no qual o coordenador do CEPETEC/INPE é entrevistado por dar uma palestra, durante o Encontro de Recursos Hídricos. Durante a entrevista, o entrevistado explica a necessidade de criar ações proativas para o desenvolvimento da região, apontando sistemas de previsão climática bem desenvolvidos, que podem contribuir para um melhor preparo do sertanejo. Aponta a reposição de açudes, explica que no Nordeste existem 3 regimes de chuva e questiona que devemos utilizar melhor as informações climáticas.</p>	<p>Por se tratar de um tema que também tem um aspecto preventivo, seria interessante se houvesse um conteúdo mais aprofundado sobre isso, sobretudo, no sentido de orientar o produtor como ele pode se preparar para vivenciar um período intenso de seca, a partir de uma observação dos dados climáticos. Pelo fato de ser um ao vivo, o material encontra limitações de tempo e por isso, a dificuldade em trazer exemplos práticos ou aprofundamento sobre o conteúdo.</p>

<p>I Workshop da caatinga fala sobre a proteção do bioma Bom Dia Sergipe 25/04/2017</p>	01	<p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>A matéria é um ao vivo com duas fontes oficiais, explicando sobre o I workshop que será realizado em homenagem ao Dia Nacional da Caatinga. O evento tem o objetivo de trazer a conscientização das pessoas sobre os cuidados e a importância de preservar o bioma.</p>	<p>Apesar de falar que é necessário realizar programas de combate à desertificação, ações de educação ambiental, assim como a recuperação de áreas degradadas no bioma, falta um detalhamento posterior, em outros conteúdos sobre como isso pode ser implementado, como a comunidade pode ser integrada e de forma prática como é possível cuidar da caatinga, do manejo desse bioma sem ficar de forma subjetiva que um cuidado é necessário. Ou seja, falta apresentar detalhes de implementação, desafios e limitações da resposta.</p>
<p>Secretário da agricultura fala sobre seca em Sergipe Estação Agrícola 01/06/2017</p>	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>O material é um ao vivo que trata sobre a boa safra de milho, arroz e feijão em Sergipe, que fez com o ano fosse de recuperação, já que em 2016, a seca intensa afetou a produção. Cita que existe uma boa expectativa para a produção em 2018 e brevemente, aponta a necessidade de que o governo</p>	<p>Falta um detalhamento sobre quais são esses programas e que ações, do ponto de vista prático podem ser feitas para auxiliar a pessoa que trabalha no campo e por ser um conteúdo que conta somente com um representante do governo, não existe uma crítica ou cobrança e sim, uma forma de elogiar o bom trabalho realizado e</p>

			tenha bons programas para auxiliar o homem do campo	o bom clima.
<p>Especialista fala sobre desertificação em área do agreste e do semiárido sergipano Estação Agrícola 12/11/2017</p>	04	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>O material trata-se de um ao vivo, no qual o secretário do estado de agricultura é entrevistado e fala sobre um comitê que irá discutir sobre problemas relacionados à desertificação no semiárido, assim como a salinização do solo. Na ocasião, ele aborda sobre a importância de desenvolver uma conscientização do sertanejo em relação à caatinga, apontando a importância da produção de mudas, barragens de matas ciliares para que o impacto da produção seja o menor possível. Como problemas, ele aponta a elevada exposição ao sol, remoção da vegetação, produção de forma desorganizada, uso de tecnologia incorreta como elementos que podem causar esses problemas.</p>	<p>A crítica é que não há um desenvolvimento da abordagem, um acompanhamento desse comitê e matérias com as ações que estão sendo realizadas, além de não demonstrar uma integração com a comunidade. Falta apresentar também um detalhamento das ações, a questão da implementação da resposta, as limitações e até mesmo, evidências.</p>

<p>Seca ainda prejudica alguns municípios de Sergipe Estação Agrícola 19/11/2017</p>	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>A matéria explica sobre um período de chuva que trouxe uma recuperação da seca em alguns pontos do estado, sendo que restavam 3 municípios com Decreto de Situação de Emergência. Nesse aspecto, a matéria orienta sobre o período de verão, que intensifica a falta de recursos hídricos e da necessidade de verificar as perdas para solicitar ajuda de recursos por meio do decreto de emergência. A matéria explica também a atuação da defesa civil em auxiliar no preparo do documento para a solicitação do decreto de estado de emergência, assim como em ações preventivas, como a construção de aguadas, perfuração de poços, barragens, dentre outros.</p>	<p>A matéria é voltada, de forma predominante, à atuação da defesa civil e o decreto de estado de emergência, que permanecia em 3 municípios. Com isso, a matéria foca-se somente nesse aspecto de uma solução emergencial e atrela a boa recuperação dos outros municípios à chuva, ressaltando que com a chegada do verão, outros locais podem acabar solicitando o decreto.</p>
<p>Seminário sobre Recursos Hídricos dos Vales dos Rios Sergipe e São Francisco é realizado</p>	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>O material é um ao vivo, no qual ocorrerá um evento em Itabaiana com o objetivo de discutir sobre o</p>	<p>Apesar da importância do rio ser dita de forma breve no conteúdo, o material é um ao vivo que não consegue trazer</p>

<p>Bom Dia Sergipe 29/11/2017</p>		<p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>clima e o aspecto da água em Sergipe. O agrônomo explica que passamos por um período de seca e que precisamos ter uma capacidade de resposta ao problema. Por isso, convida agricultores, prefeitos e sociedade civil para palestras sobre o assunto.</p>	<p>detalhamento das ações que podem ser feitas para revitalizar o rio. Na verdade, percebe-se que o objetivo é divulgar de fato o seminário e não o tema voltado à necessidade de preservar, discutir e revitalizar os recursos hídricos.</p>
<p>Sergipe registra maior safra de milho da região do Nordeste Estação Agrícola 18/02/2018</p>	<p>02</p>	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>A matéria fala que em 2017, a safra de milho foi a maior do Nordeste, em Sergipe. Com isso, entrevista o secretário da agricultura que parabeniza os produtores, a chuva e o bom inverno, assim como o programa de Distribuição de sementes do Governo do Estado.</p>	<p>A resposta relacionada à distribuição de sementes é apenas citada, sendo um material sem detalhes sobre como isso foi feito e de fato, quem foi beneficiado com essa ação. Ou seja, é um conteúdo que fala somente com o secretário de agricultura, sem ouvir fontes testemunhais e que de certa forma, acaba trazendo um órgão do estado como realizador das ações positivas, em conjunto com a chuva.</p>
<p>Municípios sergipanos serão beneficiados com projeto Dom Helder Bom Dia Sergipe 03/04/2018</p>	<p>02</p>	<p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p>	<p>O material é um ao vivo, no qual o delegado faz um convite para as pessoas participarem da reunião que vai apresentar a segunda etapa do projeto Dom Helder em</p>	<p>Apesar desse projeto ser bem interessante, ele já tem as famílias selecionadas. Por isso, fica uma lacuna sobre novas famílias ou pessoas que assistem ao material e não podem se inscrever.</p>

			Sergipe.4.500 famílias serão beneficiadas, famílias que lidam com agricultura familiar, inclusive, no semiárido sergipano. Oferecerá assistência técnica aos produtores e um investimento de custeio para o produtor.	Também existem limitações no conteúdo quanto à forma de implementação do projeto e uma contextualização sobre como ele foi realizado.
Dia Nacional da caatinga será comemorado em Sergipe Bom Dia Sergipe 27/04/2018	01	A história apresenta uma resposta associada a esse problema?	O material é um ao vivo que trata sobre o Dia Nacional da Caatinga, que é um evento que será promovido em uma Unidade de Conversação, que é voltada para a preservação e recuperação da caatinga.	A fonte oficial apresenta o evento brevemente e depois a entrevista volta-se para a homenagem que será feita no local ao capitão Oliveira, que foi assassinado e cobria a região. Ou seja, é um material que acaba fugindo da pauta sobre a preservação da caatinga.
Senar Sergipe abre credenciamento para produtores de leite Bom Dia Sergipe 17/07/2018	06	A história explica as causas de um problema social? A história apresenta uma resposta associada a esse problema? A história aborda os detalhes de como fazer para a implementação? O processo de resolução de problemas é central para a narrativa? A história apresenta evidências de resultados vinculados à resposta? A história transmite uma visão ou lição ensinável?	A matéria é um ao vivo que trata sobre o programa do SENAR com o SEBRAE, que vai atender 8 municípios do semiárido, que atuam na produção de leite. Esses produtores cadastrados, terão 2 anos de assistência técnica e orientação diante do gerenciamento de sua propriedade. O presidente explica a importância disso para a economia, para a produção, aponta	Como ponto de crítica, seria interessante ter um conteúdo contextualizando sobre a produção de leite em Sergipe e junto com a fala de fontes oficiais seria interessante trazer um acompanhamento desse credenciamento e das ações de melhoria realizadas pelos produtores, além de trazer mais compreensão sobre o que é essa assistência técnica e sua importância para o produtor.

			como problema o produtor não conhecer o custo médio de produção e explica que na fase 1 do projeto já existem evidências de aumento da produção de produtores que estavam vinculados ao programa.	
<p>Estiagem compromete safra de milho em Sergipe Estação Agrícola 29/07/2018</p>	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>A matéria apresenta uma palestra e reuniões para discutir sobre a seca no alto sertão, que segundo a fonte, causou danos na plantação do milho e produção do leite. Outro detalhe é que a má distribuição de chuvas é apontada como a causa do problema e algumas soluções emergenciais são citadas, na tentativa de amenizar o problema causado. Outras ações discutidas em reunião apontam a necessidade da realização de vistorias às lavouras, para que os produtores emitam os laudos de perdas, para que os bancos possam ser acionados. Além disso, é citado a atuação política junto à diretoria financeira, com</p>	<p>Sobre as soluções e respostas apresentadas, pode-se afirmar que falta um detalhamento sobre a implementação, uma orientação sobre como o agricultor pode ter acesso aos benefícios, além de que a má distribuição de chuvas é apontada como a causa dos problemas vivenciados pelos agricultores.</p>

			acionamento do Ministério da Agricultura e Conab para reforço do estoque de grãos.	
Doze municípios de Sergipe estão em situação de emergência por causa da seca SE 1ª Edição 31/07/2018	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>A matéria explica que 12 municípios de Sergipe decretaram situação de emergência por causa da seca. Aponta também os caminhões-pipa, por meio de entrevista com representante da Defesa Civil, que estima que a situação de seca vai continuar.</p>	<p>Na ocasião, o decreto de situação de emergência foi apontado pela Defesa Civil sem trazer outras alternativas para o problema vivenciado e sem abordar os detalhes, assim como as limitações da resposta proposta.</p>
Monitor das secas tenta amenizar situação em Sergipe Bom Dia Sergipe 15/08/2018	04	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>A matéria explica sobre o monitor de secas, que é um programa do Governo Federal, por meio da Agência Nacional de Águas (ANA). Apesar disso, os dados são atualizados e mantidos a partir de levantamentos realizados por órgãos do estado, assim como pela Codevasf, Cohidro e etc. Apresenta o monitor de secas, como uma espécie de elemento que agrega uma "previsão", para que o Governo já possa se preparar para tomar medidas voltadas à necessidade por água.</p>	<p>Falta uma integração com a comunidade, já que o monitor não ameniza a situação da seca e sim, traz uma previsão climática sobre a intensidade do fenômeno, o que pode servir como um preparo ao produtor e ao governo em relação à estiagem. Ou seja, é um tema que poderia ser mais explorado nas matérias, por apresentar um tom preventivo e de orientação prática ao agricultor, sobre como ele pode se preparar a partir da visualização do monitor de secas. Também há lacunas na falta de explicação sobre a</p>

				implementação da resposta, como utilizar o Monitor, as limitações e as evidências de seu funcionamento.
Produção de milho em Sergipe será debatida em Itabaiana Bom Dia Sergipe 15/08/2018	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	O material é um ao vivo, onde o presidente do Senar convida as pessoas a participarem de uma reunião em Itabaiana para discutir a questão do milho em Sergipe. Por conta da estiagem, 75% da colheita foi perdida e por isso, a reunião é para tentar manter os 25%, conhecendo quais são os custos do produtor, para formular melhores políticas públicas de distribuição.	A resposta apresentada consiste nessa reunião, no qual, produtores e o Senar irão discutir sobre como tentar recuperar os 25% restantes da produção de milho. É uma reunião com tom emergencial, que é coberta posteriormente pela imprensa e reforça a questão da seca, sem ouvir as fontes testemunhais ou apontar o que foi decidido para ajudar a amenizar o problema.
Projeto Campo Futuro reúne produtores rurais, técnicos e agente bancários em Itabaiana Estação Agrícola 26/08/2018	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	A matéria trata sobre uma reunião que aconteceu em Itabaiana, para discutir o painel do custo da produção do milho em Sergipe. Para a questão da estiagem e perda de 75% não há mais solução, mas, existe uma tentativa de manter os 25% por meio desse estudo do painel, que consegue direcionar o custo médio da produção.	Falta detalhamento sobre quais são as melhorias discutidas, como esse produtor pode melhorar o custo de sua produção, ensinamento na prática sobre como funciona o projeto, dentre outros aspectos.
Seca provoca prejuízo no	03	A história explica as causas de um problema	A matéria começa mostrando o	É um conteúdo que culpabiliza a

<p>agreste de Sergipe Bom Dia Sergipe 03/09/2018</p>		<p>social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>prejuízo causado pela falta de chuva em Carira, que afetou a produção de milho. A matéria ressalta que a estiagem pôs tudo a perder e que por falta de chuva, as plantas não cresceram. Nesse sentido, mostra no final um empresário que vai transformar esse milho perdido em silagem, na tentativa de obter lucro. Depois disso, o apresentador chama um ao vivo, que indica a situação de emergência dos municípios em Sergipe e tenta explicar brevemente a atuação da defesa civil.</p>	<p>questão climática de forma intensa e traz uma alternativa de um empresário somente ao final da matéria, na tentativa de recuperar o milho perdido, transformando-o em silagem. Não existe uma aplicação prática de ações que os agricultores podem fazer para minimizar ou reduzir os problemas. O conteúdo é voltado em sua maioria à perda da lavoura de milho.</p>
<p>Empresa leiteira garante alimento do gado em regiões do médio e alto Sertão Estação Agrícola 16/09/2018</p>	<p>03</p>	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>A matéria apresenta uma empresa leiteira (sem citar o nome) que tem produzido alimento para o gado e em troca, compra o leite dos produtores. As vacas alimentadas conseguem produzir o leite e não serem afetadas com a fome, que foi causada, segundo a matéria, pela seca. Outra solução apresentada: entrega de ração animal feita pela empresa privada a</p>	<p>O foco da matéria é sobre a ação da empresa e ocorre uma explicação sobre como funciona a ação, que acaba trazendo um mérito para a empresa. Apesar de ser uma iniciativa interessante, essa pauta poderia ser mais explorada, no sentido de buscar também outras iniciativas na região que estivessem trabalhando com o gado nesse período de estiagem.</p>

			partir de plantação.	
<p>Melhoria genética ajuda na produção de leite em Nossa Senhora da Glória Estação Agrícola 07/10/2018</p>	06	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p> <p>A história apresenta evidências de resultados vinculados à resposta?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p> <p>A história dá mais atenção à resposta do que a um líder / inovador / benfeitor?</p>	<p>A matéria é voltada para a explicação sobre a melhora genética, a transferência in vitro e inseminação artificial como estratégias para que o rebanho tenha um aumento da produção de leite, mesmo em períodos de seca, como o que ocorreu em Nossa Senhora da Glória. As fontes eram de administradores de fazenda e produtores rurais que utilizam essa técnica em suas fazendas.</p>	<p>Faltou apresentar as limitações da realização da melhoria genética, sobretudo, para o pequeno produtor, mas de modo geral, é uma matéria muito interessante sobre o aumento da produtividade leiteira, mesmo que em períodos de crise, que acaba integrando outros produtores do local.</p>
<p>Seca preocupa moradores do sertão sergipano SE 2ª Edição 26/11/2018</p>	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>A matéria aponta a seca como um problema que está afetando a plantaço e causando a morte do gado, já que não há alimento para eles. Aponta como resposta a questão da necessidade de chover no local para melhorar a vida do agricultor, assim como a expansão da frota de carros pipas e traz também algumas solicitações dos agricultores por parte do poder público, mas sem trazer uma</p>	<p>A população cobra a expansão do número de carros-pipa, limpeza das barragens, suporte forrageiro com a palma e a entrega de cesta básica a populações mais carentes. Não há uma contra resposta ou cobrança da imprensa em relação ao poder público. Não estimula o engajamento da população, pois a chuva é apontada como uma solução, sem explorar as ações locais.</p>

			resposta desses órgãos cobrados.	
<p>Municípios sergipanos estão em emergência por causa da seca SE 2ª Edição 26/12/2018</p>	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história dá mais atenção à resposta do que a um líder / inovador / benfeitor?</p>	<p>A matéria traz o carro-pipa como uma possível solução, mostrando o abastecimento de água em algumas famílias de Poço Redondo, que ocorre 1 x por mês</p>	<p>A única solução apresentada é a questão do carro-pipa e a matéria explora a emoção do agricultor em receber essa água, sem abordar outras ações e iniciativas que não sejam ligadas somente ao aspecto emergencial, sem apontar as limitações dessa resposta e com a culpabilização do clima pela situação vivenciada.</p>
<p>Barragem seca e deixa mais de 35 mil famílias sem água em Tobias Barreto SE 1ª Edição 27/12/2018</p>	04	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história aborda os detalhes de como fazer para a implementação?</p> <p>O processo de resolução de problemas é central para a narrativa?</p>	<p>A matéria conta com 3 momentos: o primeiro, mostra vídeo de um telespectador que mostra que a barragem de Tobias Barreto secou. Depois, fala de uma reunião emergencial entre Deso, prefeitura e outros órgãos, partindo para uma entrevista com o prefeito da cidade via telefone. Depois, o superintendente da Deso é questionado dos motivos que levaram a barragem a ficar sem água, sendo que a falta de chuva é posta como problema. A solução apresentada</p>	<p>Apesar de ser um conteúdo ao vivo, o total de exibição entre fala com o prefeito e com o representante da Deso teve um tempo total de 18 minutos. Com isso, o conteúdo tem uma crítica à Deso e um tom de cobrança em relação ao abastecimento de água no local, que ficou comprometido por conta da “seca”. O material não aponta evidências vinculadas à resposta proposta, que é remover água da Bahia, assim como quais são as limitações disso.</p>

			trata-se de adutora de emergência e instalação de caixas de água para abastecer a cidade, além dos carros-pipa.	
Produtores de milho estão na expectativa pela chegada das chuvas Estação Agrícola 17/03/2019	01	A história apresenta uma resposta associada a esse problema?	Apresenta irrigação e a boa distribuição de sementes, em qualquer época do ano, tanto de inverno como de verão.	O município é fora da região do semiárido. Não explica como o sistema de irrigação funciona, não aponta as limitações da resposta e não traz um problema como contexto. A matéria explica que a chuva é bem vinda, mesmo tendo um sistema de irrigação e que essa chuva vem de uma tradição e fé em São José, para que haja uma melhora da produtividade.
Safra de milho em Sergipe deve ser maior que o esperado Estação Agrícola 12/07/2019	03	A história apresenta uma resposta associada a esse problema? A história apresenta evidências de resultados vinculados à resposta? A história transmite uma visão ou lição ensinável?	A matéria explora a fé do agricultor no dia de São José. A crença diz que se não chover nesse dia, os agricultores sofrerão com a estiagem, mas existe a fé na chuva, apesar do local contar com um sistema de irrigação e boas sementes.	Município fora do semiárido. A matéria é mais voltada em ressaltar a fé do agricultor, assim como a religiosidade, do que nas soluções físicas, explicando sobre a irrigação, por exemplo.
Balço da produção de leite em Sergipe é apresentada aos produtores rurais Bom Dia	02	A história apresenta uma resposta associada a esse problema? A história transmite uma visão ou lição ensinável?	A matéria apresenta uma reunião que houve para apresentar um balanço do custo da produção de leite em Sergipe para os produtores	Não há uma contextualização sobre a crise na produção leiteira em Sergipe e nem um ensinamento prático de como o produtor pode

Sergipe 30/07/2019			rurais. O objetivo foi mostrar esse custo, para facilitar o gerenciamento da produção.	verificar o custo de sua produção, para que essa mensagem atinja mais pessoas e não somente as que estiveram na reunião.
Chuvas acima da média animam produtores da Região Agreste de Sergipe Estação Agrícola 12/07/2019	05	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história apresenta evidências de resultados vinculados à resposta?</p> <p>A história explica as limitações da resposta?</p>	<p>A matéria aborda que São Pedro surpreendeu e enviou muita chuva para a área agreste de Sergipe, em Itabaiana, que estava sofrendo com a estiagem. A barragem no local há um tempo estava operando com 3% de sua capacidade e as chuvas, a barragem encheu. Essa água serve para sistemas de irrigação e durante a crise, alguns moradores instalaram poços artesianos. A matéria traz esse tom de que a chuva finalmente caiu para ajudar os moradores, já que depender somente da irrigação traz um gasto de energia maior ao produtor. Além disso, a fonte expert cita sobre a necessidade de realizar a limpeza e expansão da barragem, para aumentar a capacidade de armazenamento de água na região. Existe evidência ligada à resposta da irrigação, já</p>	<p>A matéria somente cita algumas respostas, sem dar detalhes da implementação sobre como aumentar a capacidade hídrica do local.</p>

			que as plantações deram certo por causa de um sistema irrigado, mesmo em um período de estiagem mais intensa.	
Recuperação de barragens é iniciada em Sergipe Estação Agrícola 12/03/2017	03	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p> <p>A história transmite uma visão ou lição ensinável?</p>	<p>A matéria inicia falando que choveu abaixo do esperado em Sergipe, nas regiões do litoral, Sertão e Agreste. Cita que existem municípios em situação de emergência e que precisam da verba do Governo Federal. Ao final, o apresentador fala sobre a recuperação de barragens que está ocorrendo no programa do Governo do Estado, no qual 12 reservatórios serão recuperados onde foram decretados a situação de emergência. A ação do decreto de emergência é citada e da barragem, existem algumas imagens para apoiar.</p>	<p>Culpabiliza a situação por conta da falta de chuva. O momento da matéria em si não traz a solução ou resposta como foco, já que o problema da seca aparece com mais evidência do que a resposta trabalhada. No momento de citar sobre a recuperação das barragens, falta um aprofundamento e até mesmo, um detalhamento da importância de recuperar as barragens. Por exemplo, para completar o assunto, um especialista poderia ter sido chamado ao estúdio para conversar sobre isso.</p>
Federação da Agricultura e Pecuária de Sergipe fala sobre Dia do Agricultor Estação Agrícola 28/07/2019	02	<p>A história explica as causas de um problema social?</p> <p>A história apresenta uma resposta associada a esse problema?</p>	<p>O material é uma entrevista em estúdio para falar sobre o dia do agricultor e homenageá-lo. Nesse cenário, a matéria fala sobre as chuvas, que deixaram os açudes cheios e</p>	<p>As ações que funcionam como respostas e desafios para os próximos anos são somente citadas, sem apontar um detalhamento de como isso pode ser feito e quais serão os benefícios para o</p>

			que existe uma previsão de nos próximos 5 anos, o agricultor conseguir realizar sua produção sem grandes dificuldades por conta da seca. Aponta os desafios para os próximos anos, falando sobre a necessidade de tornar o campo mais seguro e de trazer assistência técnica ao produtor.	agricultor. Ou seja, falta apresentar como implementar essas possíveis soluções ao longo do tempo. Além disso, não há um enfoque em soluções e sim, em uma homenagem ao agricultor.
--	--	--	---	---

Fonte: Autora da dissertação

A partir dessas considerações, é possível observar que em 66,6% dos conteúdos analisados acima, há de 2 a 3 características do jornalismo de soluções, sobretudo, a história apresentar uma resposta, explicar as causas do problema e transmitir uma lição ensinável. Além disso, somente 9,09% dos conteúdos apresentaram entre 5 a 6 características. É interessante que neste aspecto, as grandes lacunas dizem respeito à resposta ter mais enfoque que o problema, assim como os detalhes de como fazer a implementação e também apontar evidências e limitações de uma resposta.

Com essa lacuna, temos conteúdos sem aprofundamento e que em diversos momentos, por conta das imagens e falas do repórter e personagens, reforçam a seca como um problema climático, sem dar um retorno sobre as soluções possíveis para o local. Além disso, o jornalismo de soluções procura dar mais enfoque na solução do que no problema propriamente dito, porque esse problema já consolidado, ou seja, ao dar mais enfoque ao problema, a imprensa corre o risco de estereotipar e acabar reforçando uma pré-imagem que existe sobre o local.

5.5.1 A análise de matérias fora das características do jornalismo de soluções

Durante a análise, foi possível perceber a presença de 17 conteúdos que não chegaram a apontar respostas para a seca vinculadas às políticas públicas, técnicas de convivência com o fenômeno e ações de orientação. São matérias em que a chuva ou a religiosidade eram citadas

como respostas, sem citar outras soluções, do ponto de vista emergencial, estruturante ou permanente.

Além disso, constataram-se também matérias apresentando ações de solidariedade como resposta e outras, que não chegaram a abordar nenhum tipo de solução e resposta (nem mesmo a chuva). Apesar dessas matérias não terem características do jornalismo de soluções, foi importante analisá-las para compreender outras abordagens e percepções que foram feitas em relação a respostas sobre o tema da seca.

5.5.1.1 A chuva/Deus apresentada como solução para a seca, sem citar outras respostas

De modo geral, a chuva como a solução para o problema da seca é vista em todas as matérias que citam a seca diretamente, mas outras soluções e respostas são citadas para amenizar o problema da falta de água no local. Porém, isso não ocorre nas matérias abaixo, que conseqüentemente, não foram analisadas do ponto de vista do jornalismo de soluções. Boa parte dessas matérias foram feitas em períodos de recuperação climática, após a estiagem e em outros casos, existe uma esperança de que chova para melhorar a vida do agricultor.

Quadro 16 - Conteúdos que abordam somente a chuva como resposta

Conteúdos abordados	Descrição do conteúdo
Depois da seca severa, chuva alivia sofrimento em Sergipe (Estação Agrícola)	O material consiste na exibição de vídeos e fotos do telespectador e da Cohidro, mostrando que as chuvas encheram os reservatórios, perímetros e barragens na região de Lagarto, Malhador, Areia Branca e Riachuelo, assim como Tobias Barreto e Itabaiana. A chuva foi vista como uma solução para ajudar no problema da seca, já que por causa dela, a barragem encheu. O centro de meteorologia foi citado posteriormente, com as métricas da chuva, que foram maiores do que o esperado.
Safra recorde de milho movimentou comércio no agreste de sergipe (Estação Agrícola)	A matéria fala sobre a safra de milho em Carira, que deu certo. A repórter diz que dessa vez a chuva não falhou e veio na hora e medida certa. Além disso, os moradores dizem que é uma benção de Deus o que está ocorrendo com eles. Neste aspecto, tanto a chuva como a religiosidade são vistas como o motivo de uma safra recorde de milho.
Chuvas aumentam nível de barragem em Sergipe (SE 1)	A nota coberta aborda sobre as chuvas que aumentaram o nível da barragem em Tobias Barreto, que foi coberta há um tempo e estava seca por causa da estiagem.
Chuvas de março tem alegrado produtores de	A matéria cita o município de Laranjeiras, que está

<p>Sergipe (Estação Agrícola)</p>	<p>fora da área do semiárido, assim como Areia Branca, Itabaiana, Malhador, Riachuelo e Moita Bonita. A repórter explica que a seca do ano passado deixou muitas perdas, mas que graças à chuva, a produção voltou ao município. Ou seja, mesmo em um conteúdo que não está ligado ao semiárido de forma direta, houve a incidência de um período “seco”, que contou com a recuperação da chuva.</p>
<p>Especialista fala sobre monitoramento do clima em Sergipe (Estação Agrícola)</p>	<p>A matéria é uma entrevista com o especialista em meteorologia e mostra um quadro climático, que aponta os locais de Sergipe em que houve ganho e perda de chuva, sobretudo, na área do semiárido, que as chuvas foram abaixo do esperado, o que pode acarretar problemas. Ou seja, nesse caso, a falta de chuva pode ser vista como a causa do problema da estiagem e sua presença, o que traz uma solução à seca no local.</p>
<p>Chuva ajudou na safra do milho verde em Sergipe (SE 2ª)</p>	<p>A matéria é gravada em Japarutuba e diz que é “milho a perder de vista”. Apesar do município não ser uma referência na produção de milho e nem pertencer à área do semiárido, existe uma generalização de que a chuva ajudou a safra. A matéria tem uma ligação cultural com os produtos do milho e o São João, que é uma época festiva e conta com muitas comidas típicas. A matéria tem um tom de religiosidade também, em agradecimento a São João e São José. Neste caso, a religiosidade está ligada ao aspecto dos santos.</p>
<p>Seca mata gado e destrói plantações (SE 2ª)</p>	<p>O material se divide em dois, primeiro, existe a entrevista com fonte oficial, que explica que a chuva que ocorreu no sertão não foi suficiente para recuperar a seca prolongada da seca no estado. E por conta da falta de chuva e do “avanço impiedoso da seca”, que é destacado na matéria, ocorre um desaparecimento de riachos e açudes. A população entrevistada fala que se Deus não abrir as portas do céu, a situação vai piorar. A matéria termina com um tom de religiosidade, tragédia e que só Deus pode enviar a chuva para resolver esse problema. Ao final da matéria, a âncora traz uma notapê de que a sociedade civil tem se organizado para fazer doação de alimentos e água para população e pede que as pessoas saibam mais informações no G1. Nenhuma solução ou resposta é apresentada durante a matéria. Nesse conteúdo, portanto, a falta de chuva tanto é culpabilizada como representa a esperança e Deus é o ser, vinculado à religião, que pode ajudar.</p>
<p>Seca severa atrapalha safra de feijão no centro-sul de Sergipe (Estação Agrícola)</p>	<p>A falta de chuva é atribuída como problema e existe uma expectativa religiosa que Deus envie chuva para ajudar os agricultores. A matéria explica a sensibilidade do feijão diante da falta de água e conseqüentemente, como isso afetou a plantação em Sergipe. Em alguns momentos, essa relação de causa e consequência, que é muito complexa, se confunde, se foi a falta de chuva que causou a seca, ou se a seca</p>

	causou a falta de chuva no local.
Chuva ameniza transtornos causados pela seca em Sergipe (Estação Agrícola)	A matéria tem como base o município de Japaratuba, que está no leste do estado e não está na delimitação considerada como semiárido. Nesse sentido, a matéria fala da chuva, que caiu no período correto, fazendo com que as plantações dessem certo. Ainda, anuncia a previsão do tempo de mais chuva, na área centro sul e agreste.
Chuvas regulares garantem boa safra de milho em Sergipe (SE 2ª)	A matéria ressalta que a chuva provocou uma safra de milho que foi positiva. Em alguns momentos, a matéria apresenta dados de fontes oficiais para reforçar o conteúdo da matéria e finaliza com os produtores dizendo que é só agradecer a Deus, "a gente não esperava, mas como Deus é maravilhoso, tá essa grandeza". A chuva foi satisfatória e por isso, eles estavam bem.
Secretário da Agricultura de Sergipe comemora resultado da produção de milho (Estação Agrícola)	O secretário da agricultura destaca que graças ao bom inverno, houve uma recuperação de safras do milho e do feijão, por exemplo. Para 2018, aponta uma previsão de chuvas, esperam recuperar os prejuízos que tiveram no campo.

Fonte: Autora da dissertação

Deste total de 11 matérias, é possível perceber que 5 são de 2017, 1 de 2018 e 5 de 2019. Sobretudo nos ano de 2017, que é o mais próximo ao período intenso da seca que ocorreu entre 2012 e 2016, é possível perceber uma intensidade maior do fenômeno nos primeiros meses do ano e posteriormente, um início de recuperação climática.

Porém, como a seca não se dá no estado de Sergipe de forma uniforme e como a característica do semiárido pode contar com a má distribuição de chuvas, em alguns momentos parece que a imprensa está em um paradoxo, já que no mesmo ano temos matérias que são altamente ligadas aos prejuízos causados pela seca do ponto de vista agrícola e em contrapartida, produções elevadas e recorde de milho. Esse paradoxo pode ser causado pela falta de particularização, contexto do local e por existir generalização excessiva da distribuição da seca no estado.

Quadro 17- Trecho da matéria: seca mata gado e destrói plantação

	<p>REPÓRTER: RIACHOS, AÇUDES, DESAPARECEM DIA APÓS DIA NO AVANÇO IMPIEDOSO DA SECA.</p> <p>FONTE 1: NUNCA VI SECA DESSE JEITO, SEM DAR NADA.</p> <p>REPÓRTER: NA TERRA, O GADO</p>
---	---



Fonte: Globoplay

Ao abordarmos essa crítica à imprensa em colocar a religiosidade e a chuva como soluções para a seca, não estamos dizendo que não é importante chover no semiárido. Pelo contrário, é importante que chova, porém, é uma característica do local contar com essa irregularidade de chuvas. Por isso, com os recursos que há e com o avanço tecnológico, será que não existem formas de se preparar para um período mais intenso de estiagem?

Diante disso, é possível ter uma interpretação que evidencia uma cobertura midiática televisiva focada no factual, o que é reforçado por meio da exibição de imagens fortes, sem ter a preocupação com as respostas (ou com outras abordagens) de problemas sociais que são comuns a determinado local.

Figura 7 - Exemplo de imagem nas matérias ao abordar a chuva como resposta



5.5.1.2 Os casos de solidariedade

É importante levar em conta os casos de solidariedade que estiveram presentes por meio de mobilização popular para doações. O jornalismo de soluções, segundo a rede, não atua pedindo doações e não se trata de uma história de sensibilização, como ocorreu nessas matérias. Por isso, elas foram analisadas fora de uma perspectiva das características do jornalismo de soluções, apesar de apresentarem como resposta para amenizar a situação da seca a realização de doações. Inclusive, as duas matérias que tratavam sobre o aspecto da solidariedade envolveram fontes testemunhais como agentes de atuação das respostas. Ou seja, a população só foi vista como um agente de mudanças em pautas que abordavam a solidariedade.

Quadro 18 - Conteúdos que abordam casos de solidariedade

Conteúdos abordados	Descrição do conteúdo
Sergipanos se mobilizam para ajudar os afetados pela seca (Bom dia SE)	A matéria mostra uma mobilização da população de um bairro de Aracaju para fazer doações no município de Poço Verde e Porto da Folha. Eles convidam as pessoas a doarem, convidando por meio de número e com a disponibilização de uma escola para as doações. A matéria mostra 2 ações e projetos que estão arrecadando água para pessoas que moram nesses locais, incentivando as doações. A matéria traz uma solução que pode ser considerada como emergencial e que apesar de ser uma ação que pode incentivar outras pessoas, restringe-se ao município de Polo Verde e Porto da Folha. Com isso, quando a matéria cita que vai ajudar os afetados pela seca, dá uma ideia de uniformidade, sendo que somente algumas pessoas, em locais específicos serão ajudados.
Solidariedade ajuda famílias que sofrem com a falta de água no interior sergipano (SE 2ª edição)	A matéria mostra uma mobilização da população em Nossa Senhora do Socorro para fazer doações de água e cestas básicas, além de conseguir um carro-pipa para pessoas do município de Poço Redondo. A matéria é em torno das doações, com o objetivo de incentivar a população a doar para o grupo, que fará a ação no sertão. Mostra a mobilização de um grupo popular que trabalha em prol de levantar ajuda para esse público.

Fonte: Autora da dissertação

Apesar das ações de solidariedade serem importantes do ponto de vista de ajuda ao próximo e de mobilização popular, existe uma lacuna do ponto de vista de promover essa integração da comunidade como agente de resposta para a seca, com ações e projetos que não tenham somente um caráter emergencial. Inclusive, os conteúdos que mostram uma mobilização populacional estão ligados a aspectos de doação e não a outras discussões que envolvem o tema.

5.5.1.3 Matérias ligadas ao aspecto da seca, sem apresentar soluções

Ao longo da observação, também foi possível perceber conteúdos que somente falavam da seca, sem apontar outras soluções. Esses conteúdos serviram para falar que a seca provocou desemprego no estado, juntamente com o aumento do preço de alguns produtos, como é o caso do amendoim. Neste aspecto, apresentamos dois conteúdos abaixo.

Quadro 19 - Conteúdos ligados à seca, sem soluções

Título da matéria	O que ela apresenta?	O que ela poderia apresentar?
Seca provoca desemprego no estado de Sergipe (SE 2ª edição)	A matéria não apresentou soluções para a questão da seca. Ela junta vários agricultores falando das perdas causadas pela seca, que afetou a economia da cidade de Carira também. Ou seja, é uma matéria mais voltada para destacar os prejuízos que os moradores tiveram por conta da queda na safra do milho, que foi ocasionada pela estiagem.	Poderia saber por parte do poder público se existem ações para ajudar os moradores de Carira, assim como levantar projetos e atividades realizadas no município para tentar amenizar as perdas. Era interessante que a matéria não generalizasse, já que se refere somente ao município de Carira e um expert na parte de produção de milho poderia ser consultado para saber o que poderia ser feito para ajudar esses produtores.
Seca reduz produção e preço do amendoim sobe em Sergipe (SE 1ª edição)	Matéria gravada em Aracaju, na orla de Atalaia, culpabiliza a seca pelo aumento no preço do amendoim. Reforça também que o amendoim é afrodisíaco e em alguns momentos, foge da pauta.	Essa matéria é problemática porque torna-se repetitiva em relação à afirmação de que as pessoas comem amendoim na orla, mas que o preço está caro e que o principal motivo é a seca e depois, parte para falar que ele é afrodisíaco. Seria interessante que a matéria tentasse mostrar essa cadeia e ciclo de produção mais de perto, falando com agricultores, vendedores e por fim, os clientes. Ao constatar o problema do aumento do preço que se deu porque a plantação se viu afetada, era possível consultar um especialista ou estudioso da área para entender o que prejudicou a plantação, se existe uma perspectiva de melhora e o que pode ser feito para ajudar esse público.

Fonte: Autora da dissertação

5.5.1.4 Matérias relacionadas ao sertão, mas que não se encaixam nas outras delimitações

Durante a análise, foi possível perceber dois conteúdos que abordavam sobre o sertão nordestino, mas sem se ligar necessariamente a soluções ou a um problema ocasionado pela seca. Esses conteúdos, por exemplo, abordaram sobre o “frio” em Nossa Senhora da Glória, assim como ocorre um ao vivo com o meteorologista para explicar sobre a previsão do tempo nos próximos dias, indicando a incidência de muito calor na área do sertão.

Quadro 20 - Conteúdos ligados à seca, sem outras delimitações

Matéria	Descrição do conteúdo
Inverno muda rotina no Sertão de Sergipe (SE 1ª edição)	A matéria é realizada para mostrar uma queda nas temperaturas em Nossa Senhora da Glória e mostra sobre a rotina do agricultor, no sentido de proteger os animais do frio e conversar com algumas donas de casa. A repórter explica que um local, que costuma ter temperaturas tão quentes, a população estranha essa chegada do frio.
Meteorologia prevê temperatura acima de 40°C no sertão sergipano (SE 1ª edição)	O meteorologista Overland Amaral fala sobre a previsão do tempo em várias partes do estado de Sergipe, inclusive, no Sertão. A matéria não tem um tom de abordar soluções, ou de falar sobre a seca em si, somente serve para apontar o aumento das temperaturas no verão.

Fonte: Autora da dissertação

5. 6. Os agentes que praticaram a solução ou resposta

Durante a investigação, foi possível constatar uma predominância de órgãos públicos como agentes responsáveis pela possível solução ou resposta. Vale ressaltar que essa solução ou resposta não necessariamente chegou a ser requerida pelo órgão público porque também há casos em que ela é solicitada pela população, como uma forma emergencial para lidar com a seca.

O Governo Federal tem uma predominância como agente que era responsável pela realização da solução, estando presente ou sendo citado 09 vezes (27,2%). Um dos motivos que podem justificar isso é o fato de respostas como decreto de situação de emergência e outras liberações de verba dependerem de ação federal. Seguindo de órgão federal, o Governo Estadual também aparece em 6 citações como um agente de respostas.

A Defesa Civil também foi bastante requisitada, sobretudo, para falar sobre a presença de carros-pipa, situações de alerta por conta da intensidade da seca, assim como o decreto de

situação de emergência (5 aparições). A Secretaria de Estado de Agricultura (Seagri), juntamente com a SEMARH, estiveram presentes em 4 e em 5 matérias, respectivamente, como agentes de soluções ou respostas, seja na distribuição de sementes, de monitoramento técnico e agrícola ou pela realização de eventos e workshops voltados à caatinga. É importante ressaltar também a presença de entidades como a Confederação Nacional de Agricultura (CNA), que abrange também a Federação de Agricultura e Pecuária do estado de Sergipe e o SENAR, que é o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Juntos e com o porta-voz, Ivan Sobral, que era presidente em Sergipe, houve a incidência na prática por soluções ou respostas em 07 vezes.

Essas respostas eram voltadas para ações de orientação, como credenciamento de produtores de leite, reuniões para discutir a situação da seca em Sergipe e reunião que houve para apresentar um balanço do custo da produção de leite em Sergipe para os produtores rurais. O objetivo foi mostrar esse custo, para facilitar o gerenciamento da produção.

Os moradores ou agricultores, apesar de terem um quantitativo significativo de personagens, aparecerem como agente de respostas em 04 ações, sendo que em metade dos casos, houve ações de doação e mobilização popular para ajudar pessoas prejudicadas pela seca e os outros 50% consistem em ações de convivência com a seca, como inseminação artificial, transferência in vitro e na transformação do milho perdido em silagem, na tentativa de obtenção de lucro.

Figura 8 - Agentes que realizam as soluções



Essas ações não necessariamente são respostas efetivas para a questão da seca, tanto que posteriormente, compreenderemos que muitas das ações realizadas por parte dos órgãos públicos e que foram abordadas pela imprensa televisiva são de caráter emergencial. Outro aspecto importante de se ressaltar é que o tema da seca, por apresentar ampla complexidade, não se resume a somente uma resposta, mas um conjunto de esforços e ações.

5.7 Soluções por predominância

A análise investigou as soluções que foram citadas pela imprensa, de forma predominante, ou seja, aquelas que mais apareceram nas reportagens ou ao vivo. É importante ressaltar que essas ações podem ter sido somente citadas e não explicadas de forma aprofundada para a população.

As soluções foram investigadas a partir do levantamento de técnicas de convivência com a seca e políticas públicas em vigência no período de análise, que abordamos no capítulo 3. A partir disso, foi feita uma entrevista com o Ailton Rocha (Apêndice B), vinculado à SEMARH, na qual foi possível categorizar essas soluções a partir de um caráter de predominância, no qual ficaram definidas as seguintes classificações: emergencial (até 1 ano - curto prazo), estrutural de médio prazo (1 a 5 anos), estruturante de longo prazo (de 5 a 10 anos) e ações com caráter permanente, que podem ser desde políticas de estado ou ações com realizações anuais.

Para obter essa classificação, realizamos uma entrevista no formato semi-estruturado, que é caracterizado por ter questionamentos a partir de hipóteses, dentro do tema pesquisado, mas que pode sofrer modificações a depender da resposta do entrevistado (TRIVINOS, 1987). Manzini (1990) também detalha que a entrevista semi-estruturada apresenta um roteiro com as perguntas que serão realizadas pelo pesquisador e que podem ser complementadas a depender das respostas, que são mais livres e sem uma determinada padronização.

A partir disso, no dia 06 de dezembro de 2021, a entrevista²⁶ foi realizada no prédio da SEMARH e por meio dela foi possível compreender uma solução emergencial como um aspecto realizado dentro do período de até 01 ano e que tem como foco uma gestão reativa a seca, ou seja, ocorre em um período de crise. Também existem ações consideradas como estruturantes de médio prazo de 1 a 5 anos e de longo prazo, de 5 anos a 10 anos, que estão

²⁶ Ver apêndice B

vinculadas a ações de convivência com o fenômeno. Ações com caráter permanente foram classificadas do ponto de vista de serem uma política de estado, ou seja, terem realização anual ou serem subjetivas, do ponto de vista da classificação, ou seja, não sabermos o período que isso pode ocorrer. Com essa delimitação sobre as soluções, o quadro abaixo mostra os resultados encontrados, ressaltando que algumas matérias citaram mais de uma solução ou resposta.

Tabela 9 - Soluções por predominância e quantificação das matérias ²⁷

SOLUÇÃO EMERGENCIAL - CURTO PRAZO - ATÉ 1 ANO	13
SOLUÇÃO ESTRUTURANTE - MÉDIO PRAZO - DE 1 A 5 ANOS	08
SOLUÇÃO ESTRUTURANTE - LONGO PRAZO- DE 5 A 10 ANOS	03
AÇÃO DE CARÁTER PERMANENTE - POLÍTICA DE ESTADO OU COM PREVISÃO DE REALIZAÇÃO ANUAL	17

Fonte: Autora da dissertação

A partir desse quadro é possível perceber uma predominância da citação acerca de ações com caráter permanente, que são políticas de estado, ações que apresentam uma realização anual ou que não podem ser quantificados por delimitação temporal (em 17 reportagens), seguida por soluções emergenciais, presentes em 13 conteúdos. Das soluções emergenciais que foram apresentadas, o decreto de situação de estado de emergência esteve presente em 76,9% do conteúdo, seguido por carro-pipa (61,5%).

É importante ressaltar que a situação do decreto de emergência ocorre quando existe uma situação de calamidade, que pode causar uma instabilidade em uma região ou país. De modo geral, os estados possuem sua própria regulamentação para declarar esse tipo de situação, que ocorre quando um desastre natural acontece, crises financeiras, guerras e até mesmo, no caso de uma epidemia. Quando o estado de emergência é declarado, o governo consegue direcionar suas ações para planos que vão conter uma determinada situação e solicitar receita do Governo Federal.

Em Sergipe, essa ação ocorre por meio da Defesa Civil, solicitando recursos ao Governo Federal. O prazo de vigência do decreto é de 180 dias e durante o período de análise, tiveram conteúdos que indicaram a presença de mais de 30 municípios em situação de estado de emergência. Levando em conta que 29 municípios estão na delimitação oficial do

²⁷ Um conteúdo poderia citar mais de uma solução ou resposta para a seca.

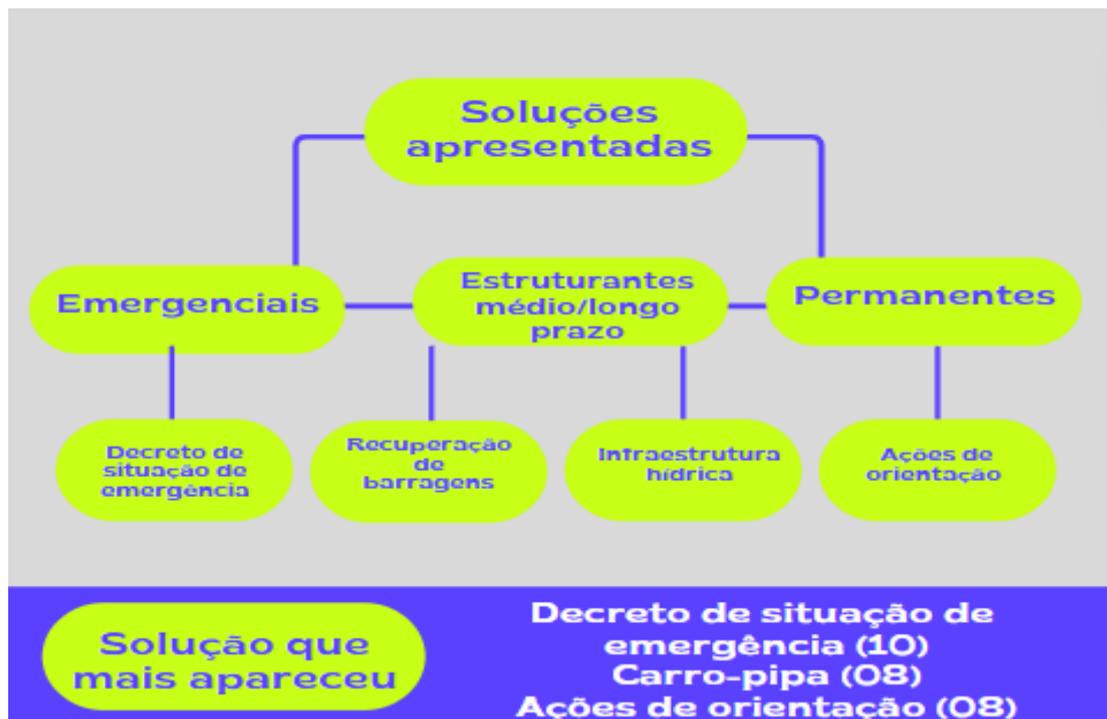
semiárido, é possível perceber o impacto da seca em outras divisões do estado, com temperaturas mais elevadas até mesmo no litoral.

Após o predomínio de ações relacionadas ao decreto de situação de emergência e os carros-pipa, é importante ressaltar a entrega de cestas básicas e ações de solidariedade da população para a entrega de água em alguns municípios do semiárido, que estiveram presentes em 15% do conteúdo que lidou com o aspecto emergencial. Apesar de se tratar de uma ação emergencial e de não haver uma cobrança ou maior responsabilização do poder público, essas matérias demonstravam um apelo e mobilização da comunidade na tentativa de ajudar pessoas que vivem em locais afetados pela seca. Em relação às “ações de caráter permanente”, que representam políticas de estado ou com caráter anual, a predominância foi para “Ações de orientação ao produtor”, em 47,1%, sobretudo, em ações de reuniões, palestras ou seminários.

Vale a pena ressaltarmos também a presença de programas que foram citados. Ao entrevistar Ailton Rocha, ele explicou que os programas deveriam ser avaliados a depender das atividades realizadas e ao analisar os programas citados, percebemos uma predominância de ações de caráter permanente, ou pela realização anual ou por se tratar de ações de orientação e assistência técnica ao produtor. Em 4 conteúdos, tivemos os seguintes programas citados: Dom Helder (que oferece assistência rural, investimento financeiro e volta-se para a qualificação do produtor), Dom Távora (traz um suporte técnico para o desenvolvimento de um negócio, baseado na área rural e com auxílio de famílias que estão na pobreza), Sertão empreendedor (por meio do Senar, com o cadastro de produtores rurais, o programa defende a implantação de tecnologia e inovação no semiárido, por meio da qualificação profissional) e por fim, o projeto Campo Futuro (que consiste em reuniões com apresentação de painéis sobre custo de produção e serve para orientar o produtor).

Essas ações de orientação podem ser aplicadas em eventos e correspondem a um caráter técnico de visitas a um determinado local, abrangendo famílias que estão vinculadas a um determinado programa. A distribuição de sementes também aparece em 17,6% das matérias que citam ações permanentes, algumas, no sentido de cobrar o governo, pedindo o envio das sementes. Com o mesmo percentual (17,6%) aparecem também as ações de educação ambiental que também foram passadas em eventos como de homenagem à caatinga.

Figura 09 - Soluções por predominância



Fonte: Autora da dissertação

Com esse gráfico, é possível perceber que mesmo as ações permanentes apresentando maior quantidade de reportagens ou participação no telejornal, as duas soluções com maior incidência tratam-se de ações emergenciais, como é o caso do decreto de situação de emergência e carro-pipa.

Do ponto de vista de ações permanentes que foram listadas, era possível que a imprensa conseguisse explorar mais temas relacionados à capacitação de técnicos agrícolas, o apoio à qualificação do produtor (apresentando exemplos práticos), ações de educação ambiental que de fato orientassem a população em relação à preservação da caatinga, assim como mecanização agrícola e tecnologia para a criação de animais. Essas ações ocorreram nos eventos que foram divulgados, mas não foram exibidas de forma prática à população.

Os percentuais dessas ações foram poucas e elas, de fato, aplicadas na prática, podem servir como elementos de orientação para quem convive com a seca. Essas orientações poderiam ter sido mostradas de forma prática, por meio de um projeto, ação ou com a própria experiência do agricultor. É exatamente isso, que segundo Lima (2004) diferencia o jornalismo de outras atividades.

O que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa. O alimento dessa função é a ocorrência social, sobre a qual se debruça o jornalismo para, a partir daí, manter a sua audiência a par dos acontecimentos, possibilitando-lhe orientar-se diante da avalanche de ocorrências relevantes na sociedade moderna (LIMA, 2004, p.11).

Isto representa dizer que a sociedade busca o jornalismo porque necessita dessa troca informativa e deseja ser orientada. Ao orientar o público, a mídia pode exercer também um papel educativo e uma função pedagógica. Só que em relação aos temas de orientação, nota-se o convite à participação da população em eventos por meio de entrevistas ao vivo e não conteúdos práticos.

Em relação às soluções estruturantes, levando em conta as ações de médio prazo, podemos destacar a predominância de matérias sobre a recuperação e implantação de barragens (37,5%), assim como a implantação da palma forrageira (25%). Algumas matérias chegaram a citar a importância de manejar corretamente a caatinga, a necessidade de recuperar áreas degradadas e instalar adutoras, mas sem existir um aprofundamento ou aplicação prática do tema. Isso vale também para soluções estruturantes de longo prazo, que contaram com uma predominância de 66,7% do conteúdo voltado para a necessidade de instalar uma rede de distribuição de água com infraestrutura hídrica.

É interessante refletirmos que o imediatismo da televisão pode afetar a escolha de pautas que tem tom emergencial, deixando de lado reportagens que poderiam falar de ações estruturantes, que são importantes para a vida do agricultor e que podem ter um impacto mais duradouro, de preparo e até mesmo, preventivo em relação a um possível período de seca. Em contrapartida, a presença de pautas com tom permanente são vistas como ações de estado que podem ocorrer todos os anos ou que não podem ter sua classificação medida em relação a um impacto temporal, sendo praticada por fontes oficiais.

Isso ocorreu bastante em relação à divulgação de eventos que tinham um interesse na pauta ambiental, seja por meio de ações de conscientização, verificação do custo da produção agrícola do milho e do leite, por exemplo. De qualquer forma, mesmo se tratando de uma solução com tom “permanente”, a divulgação de um evento torna a pauta “quente”, ou seja, traz uma relevância temporal para o jornalismo.

Outro aspecto reflexivo no sentido de abordar as soluções é se essas soluções foram mostradas na prática ou apenas citadas por um morador ou pela imprensa, de forma superficial. Isso implica em problemas de reprodução de uma solução por parte de outras pessoas, assim como de compreender as limitações da resposta exposta e de como essa ação

pode ser implementada. Somente 7 matérias abordaram de forma mais detalhada e explicativa as ações propostas. Ou seja, basta somente citar uma solução e ter fontes para confirmar um problema? Ou é necessário verificar o que tem sido feito para “resolver” esse problema?

Outro aspecto que leva a crer na generalização do Nordeste em relação à seca por parte da imprensa, assim como de soluções com caráter emergencial e permanente (do ponto de vista de políticas de estado), é o fato de lidarmos com um tema amplamente complexo. Como a seca pode ter vários impactos sociais, tentar explicá-la em 2 minutos, apontando uma solução que seja eficiente, as limitações da resposta, às evidências e como funciona o processo de implementação torna-se um grande desafio pela delimitação do tempo.

Outra questão impactada pela complexidade do assunto é que, como já abordamos em capítulos anteriores, foi construído um imaginário sobre a seca, ou seja, gerar um estereótipo acaba sendo mais prático para os jornalistas, do que iniciar uma reportagem investigativa. Com isso, o jornalista pode acabar recorrendo a um senso comum para produzir seus conteúdos. Além disso, percebemos que 14 conteúdos eram ao vivo, o que pode limitar uma profundidade nas respostas, já que existe uma pressão do tempo. Só que o formato do “ao vivo” é viabilizado em muitos telejornais, sobretudo, no jornal da manhã e do meio dia, pelo fato de ter um menor tempo para a produção de uma reportagem ou matéria.

Diante desses apontamentos, entendemos que o jornalismo de soluções pode ser afetado por limitações de tempo e espaço nos telejornais noturnos, assim como ser afetado pela correria da produção nos jornais matutinos. Além disso, as redações estão menores, as empresas de jornalismo estão cortando gastos o que limita um processo de apuração. O jornalismo de soluções também pode esbarrar em outros problemas e adversidades, pois, um excesso de “solucionismo”, pode acabar trazendo uma obrigação para o cidadão de realizar modificações em esferas da sociedade que não são de sua responsabilidade. O cidadão não precisa ser culpabilizado e por isso, as soluções apontadas apresentam limitações e respeitam o contexto de um local. O interesse privado, que também atua no jornalismo, pode servir também como uma barreira, já que muitas matérias acabam tendo um interesse privado.

Apesar disso, defensores do jornalismo de soluções entendem que “ particularmente em comunidades com um longo histórico de coberturas esmagadoramente negativas, apresentar perspectivas da comunidade que fazem uma análise crítica das respostas aos problemas sociais, oferece uma oportunidade de fortalecer as conexões entre residentes, mídia e organizações comunitárias”. (WENZEL, GERSON, MORENO, 2016, n.p. tradução nossa).

Mas, então, por que discutir sobre isso, já que aparentemente, já existe um modelo consolidado para o telejornalismo e na forma de pautar a seca?

Porque o jornalismo de soluções trabalha com uma perspectiva que pode ser adaptada pelos jornalistas. As mudanças podem ocorrer gradativamente e o jornalismo voltado para soluções não se encaixa (e nem deve) em todas as pautas. Por isso, é importante que os jornalistas conheçam esse método de produção de reportagens e compreendam que as soluções e o aspecto de orientação de como lidar com um problema também faz parte do interesse público, além de ajudar na tomada de decisões em sua vida social.

Além disso, o jornalismo de soluções também contribui para que o jornalismo consiga cumprir suas finalidades, pois “ao se aproximar das comunidades, passa a ser o porta-voz de suas carências, atuando como um elo entre os cidadãos e o governo. A exposição das melhores soluções encontradas para os problemas confere uma referência para os cidadãos, que funciona como uma forma de vigilância sobre os poderes instituídos, pressionados a resolver situações que anteriormente poderiam ser vistas como aceitáveis”. (SOUZA, 2017, p.70).

Ainda, a autora explica que ao realizar o jornalismo de soluções, a imprensa consegue fortalecer seu vínculo com uma comunidade, o que é ainda mais importante quando falamos de jornalismo local, conseguindo também fornecer uma “informação útil que agrega valor à atividade”. (SOUZA, 2017, p.70).

6. Aspectos complementares ao tema

Existem alguns aspectos que são complementares à discussão e que envolvem o jornalismo de soluções em uma temática preventiva, assim como propostas de cobertura sobre o tema da seca que poderiam ser abordados pela imprensa televisiva. Essas discussões foram consideradas como relevantes, pois representam uma contribuição acadêmica por parte deste trabalho.

6.1 Jornalismo de soluções e prevenção: uma combinação possível de conceitos?

Durante o levantamento teórico nesta dissertação, compreendemos que o jornalismo de prevenção e de riscos estão voltados para a antecipação de uma questão que pode ocorrer, ou seja, existe a intenção de se evitar um problema, sendo que no jornalismo de soluções um problema social existe e soluções são levantadas. Mas, como a seca é um fenômeno que exige preparo por parte dos moradores, assim como, os agentes políticos têm tentado trabalhar de forma proativa, ou seja, em um gerenciamento anterior à crise, resolvemos refletir até que ponto o jornalismo de preventivo não pode ser considerado uma solução, quando lidamos com esta temática.

Por isso, durante a análise dos conteúdos, verificamos em quantos deles havia um tom preventivo por parte do entrevistado ou do repórter. Constatamos que em 89,4% das matérias não houve nenhuma apresentação de tom preventivo em relação à seca. Somente 05 matérias apresentaram algumas características preventivas em suas discussões. Uma aborda os problemas que podem causar desertificação, com o objetivo de reduzir os impactos no semiárido.

A desertificação é um problema ambiental que pode ser ocasionado por fatores climáticos, mas também, por questões como um superpastoreio e uma exploração inadequada dos recursos naturais, consequência do desmatamento (ARAUJO, SOUZA, 2011). Com isso, os solos podem tornar-se áridos e terem uma redução de sua produtividade. Diante deste problema, os autores até chegam a propor e analisar no artigo “Estudo do processo de desertificação na Caatinga: uma proposta de educação ambiental”, a necessidade de ensinar os alunos sobre a educação em suas áreas de convivência. É a partir daí, que começamos a refletir ações de educação ambiental, orientação ao produtor e até mesmo, técnicas de convivência do ponto de vista preventivo.

Uma outra matéria que foi analisada explica de forma breve que a defesa civil tem uma das funções preventivas de solicitar a construção de aguadas, perfuração de poços e ampliação de barragens, mas não ocorre um detalhamento disso. Esses elementos podem servir como reservatórios de água no momento da chuva, contribuindo para o abastecimento da população em um momento de maior criticidade.

Além disso, durante um ao vivo, uma das fontes aponta que o canal do Xingó é uma chance de prevenir situações de secas tão intensas. De forma a contextualizar, apontamos que existe uma expectativa que a construção desse canal abasteça 3 milhões de pessoas em Sergipe e na Bahia, alcançando 300 km de extensão e abrangendo os municípios de Porto da Folha, Monte Alegre de Sergipe e Nossa Senhora da Glória.

Em outro conteúdo, o apresentador explica sobre a barragem recuperada para combate às próximas secas, ou seja, o ato de limpar as barragens, assim como expandi-las como uma forma de se preparar por meio do armazenamento de água e por fim, verificamos um conteúdo ao vivo, que aponta o desenvolvimento da previsão do tempo, que traz as condições hídricas dos próximos meses e serve para que o produtor se prepare em relação à seca. Ou seja, basicamente, o entrevistado aponta que existem ferramentas avançadas do ponto de vista meteorológico que podem ajudar o agricultor no aspecto preventivo e de preparo, assim como o governo. Com isso, se lidarmos com o fenômeno da seca de forma preventiva, é mais fácil se preparar para ela.

Uma sugestão de cobertura para a imprensa seria abordar o monitor das secas mensalmente, trazendo um parâmetro dos resultados mensais e uma estimativa dos próximos meses. A partir dos resultados obtidos, era interessante produzir uma matéria questionando os governantes como está o preparo em relação a isso e junto aos agricultores. De certa forma, ao abordar uma previsão do tempo, já existe uma necessidade de compreender os efeitos climáticos com maior antecedência. O problema é que na maioria das vezes, a previsão abordada nos telejornais são “imediatistas”, ou seja, é a previsão para o final de semana, para os próximos dias e no caso específico do semiárido, não dá tempo de se preparar.

O monitor das secas mostra se houve alterações climáticas de um mês a outro e também aponta os impactos de longo prazo na zona do semiárido e em todos os estados do país. Ou seja, é uma excelente ferramenta para ajudar na preparação em relação ao fenômeno. Apesar de sua extrema importância no aspecto preventivo, ele só foi citado como solução uma vez e com consulta somente por fonte oficial.

O Monitor de Secas, por definição, “é um processo de acompanhamento regular e periódico da situação da seca, cujos resultados consolidados são divulgados por meio do

Mapa do Monitor de Secas. Mensalmente informações sobre a situação de secas são disponibilizadas até o mês anterior, com indicadores que refletem o curto prazo (últimos 3, 4 e 6 meses) e o longo prazo (últimos 12, 18 e 24 meses), indicando a evolução da seca na região.” (GOV, 2021)²⁸.

O Monitor de Secas apresenta como objetivo realizar a integração entre conhecimento técnico e científico para compreender pontos que afetam as condições para a seca, como é o caso de sua severidade e os impactos. “O Monitor facilita a tradução das informações em ferramentas e produtos utilizáveis por instituições tomadoras de decisão e indivíduos, de modo a fortalecer os mecanismos de Monitoramento, Previsão e Alerta Precoce.” (GOV, 2021).

Acreditando nesse modelo de reportagem para o envolvimento dos cidadãos, propomos uma abordagem da cobertura da seca para a imprensa televisiva.

6.2 Proposta de cobertura da seca para o telejornalismo

A partir da identificação de como a TV Sergipe e seus programas realizaram a cobertura da seca e compreendendo as particularidades que existem em um veículo televisivo, realizaremos uma proposta de como a cobertura da temática da seca pode ser realizada no estado de Sergipe, além de apontar sugestões de pautas. Essa proposta tem como base os conceitos do jornalismo de soluções que apontamos nesse trabalho e as observações da pesquisadora.

A nossa proposta tem início com o levantamento da pauta, que contribui para direcionar o encaminhamento que será dado à matéria. Nossa proposta é que a seca seja abordada de forma contextualizada, referenciada e com a proposta de soluções como foco, já que se trata de um problema social persistente e um fenômeno natural. Diante disso, é importante que a pauta já seja um direcionador para o repórter em relação a um encaminhamento de perguntas, que levem o entrevistado a refletir sobre o que tem ou pode ser feito no local.

Por exemplo, em alguns conteúdos, foi possível visualizar a repórter dizendo: “e não há nada mais triste do que ver o campo assim, não é seu João?”. Ao invés de confirmar o

²⁸ Monitor de Secas no Brasil. Disponível em: <https://monitordesecas.ana.gov.br/mapa?mes=1&ano=2022>. Acesso: 12/09/2021.

problema e reforçar a dor do personagem, o repórter pode fazer questionamentos como “O que o senhor acha que poderia ser feito para melhorar essa situação?”, “O senhor conhece algum projeto ou ação que busque lidar com a seca?”, “como o poder público poderia contribuir para ajudá-lo?” e até mesmo “Esse é um problema que ocorre todo ano por aqui?”.

Com isso, o repórter pode questionar o que a comunidade e os moradores fazem para conviver com a seca, assim como questionar o poder público quanto às políticas públicas. Esses são modelos de perguntas que ajudam a estimular uma resposta a partir de um pensamento e reflexão do personagem e não somente um aspecto que reforça o seu sofrimento ou dificuldade. Ainda na pauta, é importante pensar em quais são as fontes que irão compor uma matéria. É evidente que no campo, o repórter pode expandir isso, mas de modo geral, é importante pensar em uma pluralidade de conhecimentos. Isso não representa reforçar que o animal morreu ou que a plantação está seca com falas rápidas de 5 ou 6 moradores e depois conversar com um técnico da EMDAGRO, que somente reforçará o problema.

Pelo contrário, representa ouvir os moradores com maior interesse e profundidade, buscando extrair o conhecimento que eles têm e as estratégias que eles adotam para lidar com determinado problema. Além disso, fontes oficiais podem e devem ser consultadas, mas não somente com um tom para reforçar o problema e sim, do ponto de vista crítico. Por exemplo, como temos matérias que apontam que os animais morreram de fome por falta de ração? Não existe nenhum programa governamental para isso? Nenhum recurso pode ser direcionado para a compra de ração para esses animais, minimizando os impactos da seca?

São questionamentos como esses que levam a um processo reflexivo de entender que a seca e falta de chuva causam impactos no campo, mas que existem ações que podem amenizar esse impacto. Ações emergenciais, apesar de serem de uma gestão reativa à seca, também são pensadas pelo poder público. Como elas não são suficientes, é importante que o jornalista pergunte se existem ações estruturantes ou com um tom permanente sendo realizado.

Outro aspecto importante diz respeito às fontes experts. É muito importante ouvir o que especialistas não ligados a órgãos governamentais têm a dizer. Esses especialistas são pesquisadores, professores, cientistas, agrônomos e pessoas que se dedicam em pesquisas para compreender o fenômeno da seca. Essas pesquisas e resultados precisam ser mostrados, em uma união entre ciência e jornalismo.

Isso serve até mesmo do ponto preventivo da seca, que neste trabalho, estamos considerando como vinculado ao jornalismo de soluções. Existem aspectos de previsão do

tempo, estudos sobre barragens, açudes, poços artesianos, projetos hídricos e de irrigação que precisam ser discutidos na imprensa e que não foram abordados de forma direta nas matérias. Houve o convite para participação de eventos que iriam discutir soluções para a seca, mas sem aprofundamento. Por isso, um mesmo conteúdo pode mesclar essas fontes, trazendo um conhecimento amplo.

Uma alternativa para expansão desse conteúdo com maior aprofundamento e levando em conta o tempo disponível na televisão, é possível apostar em um conteúdo que seja transmídia, ou seja, que tenha continuidade na internet ou em um podcast, por exemplo. Ou seja, enquanto uma matéria abordou em 5 minutos um projeto ou uma pauta sobre técnicas de convivência ou uma política pública sobre seca, haverá um podcast com um pesquisador ou especialista e um passo a passo em forma de matéria sobre como aplicar uma determinada técnica ou sobre do que se trata, de forma aprofundada, determinada política pública.

Compreendemos que dessa forma, o público alcançado pode ser diferente, já que não são todas as pessoas que têm acesso à internet, mas ao mesmo tempo, reconhecemos essa estratégia como uma boa opção para começar a implementar pautas diferenciadas sobre a seca e com as características do jornalismo de soluções.

Outro aspecto interessante é que o público precisa entender o contexto de cada situação da seca e um dos fatores que podem contribuir para isso é deixar claro o local de atuação para reduzir a ideia de generalização em cima de um tema. Ou seja, ao invés de afirmar que a seca em Sergipe realizou tais ações, é importante deixar claro o local onde isso tem ocorrido, trazendo maior proximidade e precisão às informações dadas. Essa contextualização também pode contribuir para a redução de uma superficialidade nas coberturas, que também costumam ser acríicas, em relação à seca e por se tratar de um fenômeno natural.

6.3 Propostas de pauta

A partir da necessidade de trazer um aprofundamento do conteúdo, assim como um contexto, evidências e limitações da resposta, propomos algumas pautas que podem ser exploradas pelos veículos de imprensa.

- Explicar, por meio de pesquisadores e experts, o que é o monitor das secas e na prática, como o agricultor pode consultá-lo de modo a se preparar para a seca. Se o veículo

encontrar algum agricultor que faz o acompanhamento do monitor pode ser uma estratégia interessante para promover o engajamento.

- Palma forrageira: como o agricultor tem utilizado essa planta na alimentação animal e se existem técnicas de plantio e colheita.

- Técnicas de preservação da caatinga: corte de plantas, queimada do solo, conservação dos rios e matas ciliares (na prática) com a entrevista com especialistas, pesquisadores e o conhecimento de pessoas e projetos que trazem a educação ambiental na caatinga como pauta.

- Formas de otimizar o uso da água na irrigação do solo, com exemplos práticos.

- Projetos e ações voltadas para a melhoria da qualidade da água, solo e da criação de animais. Esses projetos precisam ser explicados apresentando suas evidências, formas de implementação, aplicação, quem é mobilizado e as limitações que ele enfrenta.

- Técnicas de armazenamento de água em água praticadas pela comunidade.

- Rações ou alimentos para o gado que podem ser feitos utilizando elementos da caatinga.

- Estratégias de plantio no semiárido adequadas à área investigada.

- Pautas sobre tecnologia e inovação ao mostrar plantas e animais adaptados ao semiárido, assim como projetos vinculados ao tema.

- O impacto que o aquecimento global pode ter sobre o semiárido.

- Técnicas de captação e armazenamento adequado da água da chuva, a partir do contexto local.

Algumas dessas pautas já são discutidas a anos por pesquisadores, sobretudo, em universidades, comunidades e em órgãos como a EMBRAPA. Neste aspecto, por que não falarmos dessas soluções e orientações para o produtor? Esse é um tipo de conteúdo que pode causar mudanças na vida das pessoas que vivem no semiárido, do que simplesmente reforçar que os animais estão morrendo e que a plantação de milho não vingou porque a chuva não caiu na hora certa.

Esse é um problema comum a milhares de pessoas, com suas particularidades e por isso, soluções precisam ser apontadas pela imprensa, com um tom de cobrança e criticidade também, sobretudo, dos órgãos públicos. O desafio é como produzir isso em pouco tempo e

neste trabalho, acredita-se, que o ponto chave está em primeiramente abrir o olhar em relação ao semiárido, a reduzir o juízo de valor pré-existente e buscar diversificar as perguntas, além de buscar compreender o contexto do local.

CONCLUSÃO

Ter acesso à informação jornalística é fundamental e um direito para a população. A informação de modo qualificado é aquela que propicia a “formação e consciência política, social, cultural dos indivíduos livre e isonomicamente”. (LOPES, 1997, p.190). Uma população bem informada consegue tomar decisões assertivas sobre determinada situação, que neste caso, diz respeito à seca.

A informação de modo qualificado, que discutimos neste trabalho, envolve também a ação de interpretação e análise da realidade, que é proposta como uma das finalidades por Reginato (2019) e até mesmo consegue se relacionar com outras finalidades já apontadas neste trabalho. Essa interpretação da realidade é uma mediação que o jornalista exerce entre os fatos e o público e deve agregar conhecimento, atribuindo sentido ao acontecimento.

A partir do momento que identificamos matérias jornalísticas reproduzindo um estereótipo da seca, assim como uma culpabilização do clima, sem trazer um aspecto reflexivo, essa ação informativa de modo qualificado passa a ser questionada. Essa ideia associada à seca no semiárido, mostrando o negativismo, pode ser explicada como um dos valores-notícia que norteiam a imprensa há muitos anos.

Por exemplo, Galtung e Ruge (1999)²⁹, pesquisadores que eram da Dinamarca e foram os primeiros a tentar identificar quais valores-notícia eram escolhidos pelos jornalistas e a influência disso no fluxo das notícias, apresentaram uma série de doze fatores que deveriam ser levados em conta para a noticiabilidade, ou seja, para que um fato ou acontecimento se tornasse notícia. Dentre os principais, podemos destacar a frequência, imprevisibilidade; referências a nações de elite, referência a pessoas de elite e referência a algo negativo (GALTUNG E RUGE, 1999, p.71).

Ao longo dos estudos em comunicação, outros autores realizaram levantamentos bibliográficos para identificar os valores-notícia. Moreira (2014, p.165) construiu uma tabela com estes valores para realizar sua análise. Seu embasamento partiu de 13 autores como Herbet Gans (1970), Mauro Wolf (1989), Pamela Shoemaker (1991) e Walter Lippmann (1922). Neste levantamento, o quadro de valores-notícia apresentados pela autora envolvia a “Atualidade/ineditismo”, “importância”, “emoção/dramaticidade; Suspense; entretenimento”,

²⁹ O estudo original é de 1965: GALTUNG, J. e RUGE, M. The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, n.1, 1965. O texto foi traduzido e publicado em língua portuguesa, em 1999, com o título “A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em jornais estrangeiros” como capítulo do livro organizado por Nelson Traquina: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2. Ed. Lisboa: Veja, 1999, *apud* Silva, 2010.

“excepcionalidade”, “conflito/controvérsia”, “proximidade”, “interesse público/social” e “negatividade”.

É interessante verificar que após uma perspectiva de análise de vários autores que tiveram uma importância para os estudos em comunicação, a negatividade seja vista como um valor-notícia, levando em conta infração, ilegalidade, falha, anormalidade, violência (MOREIRA, 2014).

Ou seja, o jornalismo trabalha com o negativismo como sendo um assunto que deve ser levado em consideração. Isso é ressaltado ainda mais pela televisão, já que desde o seu surgimento, o “desastre passa a ser noticiado bem mais pela televisão do que por outros veículos, como as revistas” (TRAQUINA, 2005b, p.68 e 69). Não é que o negativismo não deva ser mostrado pela imprensa, pois isso traria uma ideia de “mundo idealizado”, mas o que propomos neste trabalho, é a abordagem de uma nova forma de cobertura para a seca, levando em conta as soluções discutidas sobre a temática. A partir das discussões que realizamos e das pautas que propomos, é possível compreender que existem novas formas e questionamentos que podem ser discutidos pela imprensa quando o assunto é seca.

Essas soluções envolvem uma exibição e expansão do conhecimento do público em relação à presença ou ausência de políticas públicas no local, assim como conhecimentos relacionados à técnicas de convivência com a seca e o respeito pelo bioma da caatinga, já que seu desmatamento pode ter consequências negativas ao produtor.

Entendemos neste trabalho que uma cobertura que somente aponta a seca em Sergipe, de forma generalizada, cíclica (ou seja, todo ano as mesmas pautas se repetem, com abordagens semelhantes), não trazem o enriquecimento do conhecimento, não promovem o engajamento e reforçam estereótipos. Para Genro Filho (1987), como já discutimos neste trabalho, o jornalismo deve trazer um contexto sobre as informações, pois somente assim é possível construir um conhecimento voltado à realidade. A partir do momento que ocorre esse excesso de generalização, existe uma ideia de uniformidade sobre os problemas apresentados.

Além disso, durante a análise, encontramos outras lacunas ao abordar respostas aos problemas da seca. A primeira delas do ponto de vista da falta de contexto, seguida da falta de orientação em relação à implementação da resposta, de evidências, das limitações e de vermos fontes testemunhais como agentes de solução e não somente, fontes oficiais. Com isso, podemos ter problemas na formação do conteúdo e um oficialismo excessivo de fontes, pois a falta de contexto gera a generalização. Além disso, sem apontar a implementação e evidências de uma resposta, não agregamos conhecimentos ao público e o jornalismo não cumpre seu papel pedagógico, pois não traz orientações ao público.

Se as limitações não são apresentadas trazemos uma ideia de “solução perfeita”. Outra questão que visualizamos neste trabalho é que o telejornalismo pela sua característica do imediatismo e pela força que suas imagens carregam, as soluções apresentadas de forma predominante, focaram-se em aspectos emergenciais, como decreto de situação de emergência e carro-pipa e as ações de orientação estarem concentradas na divulgação de eventos e não de forma prática.

Além dos próprios desafios exigidos pelo meio de comunicação, que trabalha com o imediatismo e a instantaneidade, o jornalismo de soluções ainda é um assunto pouco discutido na academia, do ponto de vista teórico e muitas vezes, os jornalistas desconhecem ou têm pouco conhecimento sobre essa forma de abordagem. Existe uma confusão de que o jornalismo voltado para soluções precisa apresentar “boas” notícias, o que pode trazer uma visão equivocada de falta de cobrança por parte da imprensa.

O jornalismo de soluções também enfrenta o desafio da apuração e da necessidade da pluralidade de fontes, o que exige tempo. Tempo que é cada vez menor nas redações, já que elas estão enxutas e com uma necessidade muito rápida de apurar um fato, o que pode levar a uma superficialidade do conteúdo, com predomínio de uma visão pré-estabelecida e de fontes já comuns na agenda midiática.

Isso ocorre também porque, como já discutimos neste trabalho, os jornalistas podem validar o seu senso de notícia a partir do trabalho de outros colegas, de uma visão predominante, do trabalho de assessorias de imprensa, das fontes oficiais já consolidadas com o ideal de credibilidade no governo e também pela lógica da cabeça de rede, que é influenciada por vínculos mercadológicos. Diante disso, esse trabalho entende que é necessário realizar uma continuidade da investigação para próximas pesquisas e publicações na área acadêmica, dessa vez, com uma entrevista e consulta aos produtores, repórteres e profissionais que atuam na TV Sergipe sobre o processo de produção.

Apesar de todas essas barreiras e dificuldades, este trabalho acredita que o jornalismo de soluções pode conter elementos que promovem o engajamento com o público e que podem trazer mobilização social e gerar mudanças. Isso, por meio do estímulo ao desenvolvimento do senso crítico, oferta do conhecimento e promoção da cidadania. Além disso, defendemos também que o jornalismo de soluções e jornalismo preventivo estreitem relações do ponto de vista acadêmico, pois, este modelo de jornalismo busca trazer orientações em relação a situações que ainda vão ocorrer.

Compreendendo que a seca é um fenômeno que vem sendo monitorado nos últimos anos e que existe tecnologia para ajudar na previsão do seu impacto, entendemos isso como

uma possível solução ou resposta para ajudar na convivência com a seca. Não somente o tema da seca pode ser explorado no vínculo entre jornalismo de soluções e preventivo, mas diversas pautas ambientais e climáticas.

Reconhecemos também que existe uma dificuldade de acompanhamento e/ou rastreamento por parte da imprensa de como uma ação está ocorrendo. Por exemplo, ao divulgar uma ação que o governo irá realizar, não há um acompanhamento de como a verba foi liberada, como isso poderá contribuir para a questão da seca e de fato, quem será beneficiado.

O jornalismo de soluções é um desafio para a imprensa, sobretudo, a mídia televisiva que tem suas particularidades e que trabalha com um tema (a seca) que possui uma certa consolidação quanto à imagem criada na sociedade. São desafios culturais, organizacionais e também no processo de formação do profissional, que desde cedo, aprende o direcionamento de seu conteúdo voltado ao negativismo. Porém, este é um modelo que pode contribuir tanto do ponto de vista mercadológico, já que existe uma expectativa de que matérias com orientações voltadas à solução atendem a um aspecto de interesse público e portanto, podem aumentar a audiência, assim como do ponto de vista social, já que faz com que a comunidade compreenda as discussões sobre o tema e possa ser um dos agentes de transformação, seja para a cobrança de órgãos públicos, ações sociais e mobilizações locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. Um Trabalhador da Notícia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997 *apud* VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 4ª edição. Porto Alegre. 2005. Edipucrs. EDIPUCRS, 2005

AGUIAR, Leonel. **Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo**. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.219-235)

AGUIAR, Sônia. **Territórios do jornalismo - Geografias da mídia local e regional no Brasil** - Editora Vozes - Editoria PUC Rio. 2016.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVES, Elder. **A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina**. UNB. Tese de doutorado. 2009.

AMARAL, Overland. **Análise da Variabilidade das Chuvas por Regiões em Sergipe (2000 a 2017) e Balanço Hídrico Edáfico climático (2017) das Fazendas Sta. Maria e Menino Jesus em N S das Dores e adjacências; Siriri e Sta Rosa de Lima**. Material enviado via email, datado como 10 de janeiro de 2018.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1988.

ANTUNES, Elton. **Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

ARAÚJO, Cristina; SOUSA, Antonio. **Estudo do processo de desertificação na Caatinga: uma proposta de educação ambiental**. Ciênc. educ. (Bauru) 17 (4) • 2011 • <https://doi.org/10.1590/S1516-73132011000400013>.

BANSAL, Sarika; COURTNEY, Martin. **The Solutions Journalism Toolkit**. 2015. Disponível em: <https://reedkath.files.wordpress.com/2017/04/new-sjn-toolkit-20162.pdf>. Acesso: 25/05/2021.

BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. Revista Alceu, v. 4, n. 8, 2004, p. 156-167.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1977.

Baumeister, R. F., Bratslavsky, E., Finkenauer, C., & Vohs, K. D. (2001). Bad is stronger than good. *Review of General Psychology*, 5(4), 323 *apud* McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production**. *The Journal of Media Innovations* 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 13/05/2021.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal. Um estudo da cobertura dos 500 anos de descobrimento do Brasil.** Rio de Janeiro. 2ª edição, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BIROLI, Flávia. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 71-98.

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual do Telejornalismo.** Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 1993.

BOND, Fraser. Introdução ao jornalismo. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das letras. 2000.

BRASIL, Antonio; EMERIM, Cárilda. **Por um modelo de análise para os telejornais universitários.** Seminário Internacional de Análise de Telejornalismo, evento do Grupo de Pesquisa Análise em Telejornalismo, UFBA, Salvador, 2011. Disponível em: https://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf. Acesso em: 29/05/2021.

BREED, Warren. "Controlo social na redação. Uma análise funcional" *apud* TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2ª edição. Lisboa: Vega, 1999, p. 91-100.

CAMPOS, J.N.B.; STUDART, T. M. C. **Secas no nordeste do Brasil: Origens, Causas e Soluções.** Congresso Brasileiro de Meteorologia. Foz do Iguaçu. CBMET, 2002.

CAMPOS, José. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos.** Estudos avançados 28 (82), 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000300005. Acesso em: 04/06/2020.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada.** 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 13/06/2021.

CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo. **Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica.** Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 7, n. 1, 2016. Disponível: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso: 07/08/2021.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo: Summus, 1994.

COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárilda. **Telejornalismo local: teorias e conceitos**. Coleção Jornalismo Audiovisual. Volume 8. Editora Insular. Florianópolis, 2019.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone. **Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público. Colóquio Internacional de televisão e realidade**. 2008. Disponível em: <http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 23/07/2020.

CUNHA, Rita. **Definição de cenários de referência para avaliação dos impactos das secas**. Relatório de Projeto submetido para satisfação parcial dos requisitos do grau de Mestre em Engenharia Civil — Especialização em Hidráulica. 2008.

CURRY, Alexander; HAMMONDS, Keith. **The Power of Solutions Journalism**. 2014. Disponível em: https://mediaengagement.org/wp-content/uploads/2014/06/ENP_SJN-report.pdf. Acesso: 23/05/2020.

DANTAS, Reuwer; GOMES, Marcília. **O Nordeste na TV: produção de sentido e o discurso da seca**. 2008. Disponível em: <[O Nordeste na TV: produção de sentido e o discurso da seca](#)¹ Reuwer DANTAS² Marcília GOMES³ Universidade do Estado do Rio>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

CAMARA. **DESAFIOS À CONVIVÊNCIA COM A SECA**. Centro de Estudos e Debates Estratégicos. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/altosestudios/seminarios/lancamento-desafios-a-convivencia-com-a-seca/publicacao-desafios-a-convivencia-com-a-seca>. Acesso em: 19/10/2020.

EMBRAPA, 2019. **Portfólio de convivência com a seca**. Disponível em: https://www.embrapa.br/portfolio/convivencia-com-a-seca-no-semiarido?p_auth=MOSMuEaR&p_p_id=82&p_p_lifecycle=1&p_p_state=normal&p_p_mode=view&_82_struts_action=%2Flanguage%2Fview&_82_redirect=%2Fportfolio%2Fconvivencia-com-a-seca-no-semiarido&_82_languageId=en_US. Acesso em: 11/09/2021.

EMBRAPA. **ABC da Agricultura Familiar: Preservação e uso da Caatinga**. 2007. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/11949/2/00081410.pdf>. Acesso em: 11/09/2021.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 1991

FERNANDES, Márcia; MATRICARDI, Eraldo; ALMEIDA, André; FERNANDES, Milton. **Mudanças do Uso e de Cobertura da Terra na Região Semiárida de Sergipe**. Departamento de Engenharia Florestal, Universidade de Brasília – UnB, Brasília/DF, Brasil. Departamento de Engenharia Agrícola – DEA, Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão/SE, Departamento de Ciências Florestais, Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão/SE, Brasil. 2015.

FERNANDES, Mario. **A proximidade como critério de noticiabilidade.** In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.139-156)

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. **Análise de Conteúdo.** In DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia: pistas para percibir el mundo.** Barcelona: Paidós, 2017.

FOUHY, Edward M. **Civic Journalism: rebuilding the foundations of democracy.** Civic Practices Network, 1996.

FRANCISCATO, Carlos. **Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade.** In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.85-113)

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** Tese de Doutorado. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>. Acesso: 11/12/2021.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais.** São Cristóvão: Ed. UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005, 274 pgs.

FRANCISCATO, Carlos; SILVA, Gilson. **Desafios do jornalismo no cenário sergipano.** In: FRANCISCATO, Carlos; GOÉS, Cristian. Jornalismo em Sergipe: dilemas, recortes e contextos. Florianópolis, editora Combook. 2020. (p.41-60).

GAILLARD, Philippe. **O jornalismo.** Lisboa: Europa-América, 1971

Galtung, J., & Fischer, D. (2013). High road, low road: Charting the course for peace journalism. In Johan Galtung: Pioneer of Peace Research (pp. 95-102). New York: Springe apud McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production.** The Journal of Media Innovations 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 20/05/2021.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIELAN, Michelle; FURL, Brent ; JACKSON, Jodie. **Solution-focused News increases.** Disponível em: <http://michellegielan.com/wp-content/uploads/2017/03/Solution-focused-News.pdf>. Acesso: 15/03/2021.

Girardi IMT, Loose EB, Steigleder DG, Belmonte RV, Massierer C, p.286, 2020. **A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental.** Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/145522>. Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. Acesso: 10/05/2021.

GOMES, Adriano; CID, Rosado. **Ideologia, poder e discurso da seca na mídia.** Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN. Natal, 2018.

GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo na produção da notícia.** São Cristóvão, editora UFS; Aracaju, Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

GUERRA, Josenildo. **Uma discussão sobre o conceito de valor notícia.**In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.39-50)

HAAS, Tanni. **The pursuit of public journalism: theory, practice, and criticism.** New York, London:Routledge, 2007

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad.Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Hall S. The narrative construction of reality: an interview with Stuart Hall. South Rev. 1984; 17(1):3-17 *apud* TRAQUINAa, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Parte 1. Ed. Florianópolis, editora Insular. 2005

HERSCOVITZ, Heloiza G. **Análise de Conteúdo em jornalismo.** In: LAGO, Cláudia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) – 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Fazer Jornalismo). p.123-142.

Huffington, A. (2015, February 6). **What's working: All the news that's fit to print. The Huffington Post.** Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/arianna-huffing-ton/whats-working-all-the-news_b_6603924.html. Acesso: 23/06/2021.

JAMBEIRO, Othon. **Raízes históricas da regulação da TV no Brasil.** In: JAMBEIRO, Othon. A TV no Brasil no século XX. – Salvador: EDUFBA, 2001, (p. 37-67).

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Edusc. 2001.

Kinnick, K. N., Krugman, D. M., & Cameron, G. T. (1996). Compassion fatigue: Communication and burnout toward social problems. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 73(3), 687-707 *apud* McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production.** *The Journal of Media Innovations* 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 20/05/2021

KOVACH; Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2004 *apud* REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores.** Tese de doutorado. Porto Alegre, 2016.

LAGE, Nilton. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular, 2001

LAGO, C. (2010). **Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo.** Brazilian Journalism Research. V. 6, N. 1. Brasília: SBPJor, 2010.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. **De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta.** Intertexto, Porto Alegre, n.34, p.606-622, set/dez 2015.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. **Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões.** Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 35, n. 1, 2012, p. 133-155.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1998

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, Marcus; FILHO, Jorge. **Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico.** Intercom – RBCC. São Paulo, v.35, n.2, p. 39-60, jul./dez. 2012

LIPPMANN, W. **Opinião Pública.** Nova York: MacMillan, 1922.

LOOSE, Eloisa; GIRARDI, Ilza. **Antes do desastre: notas a respeito do Jornalismo, da comunicação de risco, da prevenção e do envolvimento cidadão.** Vol. 17 (2018): 209-222. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329571154_Antes_do_desastre_notas_a_respeito_d_o_Jornalismo_da_comunicacao_de_risco_da_prevencao_e_do_envolvimento_cidadao. Acesso em: 15/05/2021.

LOOSE, Eloisa. **Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudos sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro G1.** 2019. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/91468/cap.%204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 05/05/2021.

LOPES, Vera Maria de Oliveira Nusdeo. **O direito à informação e as concessões de rádio e televisão.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1997.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza,** 1998, p. 19)

MARENGO, José; ALVES, Lincoln; BESERRA, Elder; LACERDA, Francinete. **Variabilidade e mudanças climáticas no semiárido brasileiro**. Campina Grande, 2011. Disponível em: http://plutao.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/plutao/2011/09.22.18.52.30/doc/Marengo_Variabilidade.pdf. Acesso em: 10/11/2020.

MARENGO, José. **Vulnerabilidade, impactos e adaptação à mudança do clima no semiárido do Brasil**. 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro**. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS Francisco (Orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.p. 23-41.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

McIntyre, K. E. (2015). **Constructive journalism: The effects of positive emotions and solution information in news stories (Unpublished doctoral dissertation)**. The University of North Carolina at Chapel Hill. Chapel Hill, NC

McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production**. The Journal of Media Innovations 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 20/05/2021.

MENESES, Verônica Dantas; MONTORO, Tânia Siqueira. **Emissoras locais e redes na TV aberta: um perfil da programação**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

MONTEIRO, Luana Carolina; RODRIGUES, Kadma Marques. **A perspectiva abissal na representação do sertão nordestino**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 14 n. 1 Junho. 2019 . Teoria e cultura.

MOREIRA, Fabiane. **Os valores-notícia em O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo**. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. **Crêterios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicaçôes**. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.157-182).

MOTA, Joanne. **Mercado sergipano de televisão aberta: TV Sergipe e TV Atalaia e a invasão do “Sudeste way of life”**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação– Foz do Iguaçu,PR – 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0244-1.pdf>. Acesso em: 15/05/2020.

MULLER, Egle . **Jornalismo audiovisual: Gêneros e formatos na televisão e internet**. Revista Alterjor. USP, São Paulo, vol. 2, ed. 6, julho-dezembro de 2012.

NEGRINI, Michele. **A morte em horário nobre: a espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro.** 2010. Porto Alegre. Tese de doutorado. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2153/1/000422409-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 10/09/2020.

NETO, Antonio Pinheiro Torres. **Os valores-notícia: a seca do Nordeste no jornalismo nacional e regional** Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação do Departamento de Comunicação Social - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2016.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta (org.) **Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia.** Salvador: Arcadia / Fapesb, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista: memórias profissionais de Ricardo Noblat.** Editora Record, São Paulo, 2004.

NORDESTRENG, Kaarle. **‘Four theories of the press’ reconsidered.** In: In: CARPENTIER, Nico et. all. (eds.). *Researching media, democracy and participation.* Tartu, Estonia: Tartu University Press, 2006. p. 31-45

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV.** Rio de Janeiro. Editora Campus. 1999.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino: Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina.** São Paulo: Cortez. 1992.

PEREIRA, F. H. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão.** 2004.a

PEREIRA, F. H. **De Gramsci a Ianni: condições histórico-estruturais para a emergência do “intelectual jornalista”.** In: Anais do II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Salvador, 2004, b.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. cap. 2, p. 77-85.

PERUZZO, Cicilia; VOLPATO, Marcelo. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças.** *Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009.*

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos.** *Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 1, n. 2, p.13-30, 2o semestre de 2004.*

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo :o que dizem veículos, jornalistas e leitores.** Tese de doutorado. Porto Alegre, 2016.

REGINATO, Gisele. **Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas.** *Estudos em jornalismo e mídia.* 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2020v17n1p43>. Acesso em: 23/09/2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus. 2000
Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROCHA, Ailton Francisco. **Panorama da seca no Estado de Sergipe: Impactos e ações de enfrentamento** 2017.

ROCHA, Vinícius. **O local e o regional na TV Sergipe: peculiaridades nos contextos estadual e nordestino**. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13105/2/LocalRegionalTVSergipe.pdf>. Acesso em: 10/02/2021.

Rodríguez, M. E. R.; Puga, A. B. **Comunicación de riesgos, cambio climático y crisis**. 2017. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/3294>. Acesso: 30/05/2021.

SALHANI, Jorge. **A comunicação para a paz em organizações não-governamentais brasileiras e espanholas**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155828/000889931.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12/05/2021.

SANTANA, Géssica. **A representação do sertanejo e a imagem do sertão nordestino no cinema nacional**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2016. Curso de literatura em letras. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/326/1/Trabalho%20de%20conclusao%20de%20curso%20TCC%20Letras%20Gessica%20Pires>. Acesso: 12/10/2020

SANTANA, Jerriana. **O sertão nordestino nas telenovelas: uma abordagem das representações televisivas**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). 2013. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/368/1/Tcc%20jerriana.pdf>. Acesso: 12/10/2020

SANTIAGO, Adriana. **Para que serve o jornalismo? Um caminho para estudar funções da instituição jornalística no Brasil**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Santa Cruz do Sul – UNISC – Novembro de 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/11357878/Para_que_serve_o_jornalismo_Um_caminho_para_estudar_as_fun%C3%A7%C3%B5es_da_institui%C3%A7%C3%A3o_jornal%C3%ADstica_no_Brasil. Acesso em: 10/01/2022.

SANTOS, José. **Seca é seca, falta de água é política**. 2008. Disponível em: <https://irpaa.org/publicacoes/artigos/seca-e-politica.pdf>. Acesso em: 09/06/2020.

SANTOS, Maria José; ARAUJO, Lincoln; OLIVEIRA, Edinete; SILVA, Bernardo. **Seca, Precipitação e captação da água**. Engenharia Ambiental - Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 1, p. 055-073, jan/abr 2009

SANTOS, R., & PEREIRA, G. (2008). **Entrevista a Michael Schudson**. Comunicação & Cultura, (5), 173-179. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura>. 2008, p.464.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Editora Vozes; 1ª edição (1 janeiro 2010).

SCHMITZ, Aldo. **As Fontes nas Teorias do Jornalismo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0779-1.pdf>. Acesso: 03/01/2022.

SILVA, Andressa; FOSSÁ, Maria Ivete. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. 1Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015). Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 21/05/2021

SILVA, Carlúcia. **Mobilização comunitária**, p. 322-324, *in* Dicionário das políticas públicas. Castro, Carmem Lúcia Freitas de, org.; Amabile, Antônio Eduardo de Noronha, org.; Gontijo, Cynthia Rúbia Braga, org. 2012. Publicado por Barbacena : EdUEMG

SILVA, Eliézer; BEZERRA, Josué. **Região e território: um breve olhar sobre a nova delimitação do semiárido**. (Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 14, volume 2, p. 65-82, Jan/Dez/2020) Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/457/294>. Acesso: 05/01/2021

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1 - 1º Semestre de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>. Acesso: 20/10/2020.

SILVA, Marcos Paulo. **Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade**. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis, editora Insular. 2014. (p.71-83)

SILVA, Marcos Paulo; GIMENES, Ana Karla. **Nuances de oficialismo e estreitamento no espectro de vozes: uma análise das fontes e dos canais de informação do caso Marielle Franco nos Jornais Folha de S. Paulo e El País**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, Ano XXIII - Nº 46. Jul/dez. 2020.

SILVA, Sarah; MASSUCHIN, Michele. **Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do jornal hoje**. Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 185 – 207, jul./dez. de 2019

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo**. Estudos em Mídia. v. 1 n. 2 (2004): Os Relatos Jornalísticos. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071>. Acesso em: 12/07/2021.

SOUZA, Celina. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/6YsWyBWZSdFgfSqDVOhc4jm/?lang=pt>. Acesso em: 23/06/2021.

SOUZA, Mariana. **Jornalismo de soluções: um caminho possível**. 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177692/001063353.pdf?sequence=1>. Acesso: 10/08/2021.

SOUZA, Tarcis Duarte de; TARCITANO, Bruna Pratali; MARTINS, Maria Paula; SAQUY, Bruna Dutra; OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Análise Crítica das Abordagens da JMJ – Jornal Nacional e Jornal da Record**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Uberlândia - MG – 19 a 21/06/2015.

SUASSUNA, João. **“Semiárido: proposta de convivência com a seca”**. Cadernos de estudos sociais – Recife, v. 23, nº 1-2, pág 135-148, jan/dez. 2007.

TEMER, Ana Carolina. 2014. **Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa**. Capítulo 1. (ORG) VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. Telejornalismo em questão. 2019. Florianópolis, Insular, p. 27-52..

TEMER, Ana Carolina. **Gêneros jornalísticos e a Análise de Conteúdo: um aporte brasileiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0222-1.pdf>. Acesso: 05/12/2021.

TOMM, K. (1988). Interventive interviewing: Part III. Intending to ask lineal, circular, strategic, or reflexive questions? Family Process, 27(1), 1-15 apud McINTYRE, Karen; GYLDENSTED, Catherine. **View of Constructive Journalism: Applying Positive Psychology Techniques to News Production**. The Journal of Media Innovations 4.2 (2017), 20-34. Disponível em: <https://journals.uio.no/TJMI/article/view/2403/5102>. Acesso: 20/05/2021.

TRAQUINA, Nelson. **As notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999

TRAQUINA, N.; MESQUITA, M. **Jornalismo Cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo cívico**. presented at the 2015. Coimbra, 2015. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/jornalismo_c%C3%ADvico. Acesso em: 17/05/2021.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINAa, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Parte 1. Ed. Florianópolis, editora Insular. 2005

TRAQUINAb, Nelson. **Teorias do Jornalismo - a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Parte 2. Florianópolis, editora Insular. 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TRAVASSOS, Ibrahim; SILVA, Anieres; SOUZA, Bartolomeu. **Secas, desertificação e políticas públicas no semiárido nordestino brasileiro**. Universidade Federal da Paraíba. Revista OKARA: Geografia em debate, v.7, n.1, p. 147-164, 2013. ISSN: 1982-3878 João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana**. Salvador: EDUFBA, 2011.

VILLA, M. A. **Vida e Morte no Sertão**, São Paulo: Ática, 2001.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte; BORGES, Luciana. **Dispositivos didáticos no NE1: o lugar de referência na prática do telejornalismo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1983/1193>. Acesso em: 12/01/2021.

VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. Florianópolis: Insular. 2014.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. 4ª edição. Porto Alegre. 2005. Edipucrs. EDIPUCRS, 2005

WENZEL, Andrea; GERSON, Daniela; MORENO, Evelyn. **Engaging Communities Through Solutions Journalism**. 2016. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center_reports/engaging_communities_through_solutions_journalism.php. Acesso: 17/05/2021

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fonte, 2003.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

ZANFORLIN, Sofia. **Entre arcaísmos e modernidades imaginadas: Nordeste em cena nos textos da mídia**. Unisinos. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 10, n. 1, 2008, p. 23-28.

APÊNDICE A

Apêndice - Organização das matérias analisadas por data, título e programa

Título	Data de exibição	Programa
Governador pede a Temer celeridade nas ações da seca e obras do aeroporto	11/01/2017	SE 2ª Edição
Sergipanos se mobilizam para ajudar os afetados pela seca	23/01/2017	Bom dia Sergipe
Gado morre de sede e fome no sertão sergipano	09/02/2017	SE 1ª edição
Solidariedade ajuda famílias que sofrem com a falta de água no interior sergipano	11/02/2017	SE 2ª edição
Seca reduz produção e preço do amendoim sobe em Sergipe	11/02/2017	SE 1ª edição
Sertão continua sem chuva em Sergipe	20/2/2017	SE 2ª edição
Seca mata gado e destrói plantações em Sergipe	21/02/2017	SE 2ª edição
Seminário discutirá as consequências da seca em Sergipe	23/02/2017	Bom Dia Sergipe
Recuperação de barragens é iniciada em Sergipe	12/03/2017	Estação Agrícola
Décima edição do Encontro de Recursos Hídricos em Sergipe reúne profissionais e estudantes	23/03/2017	Bom Dia Sergipe
Engenheiros da Aease e membros da OAB elaboram projetos sobre crise hídrica	29/03/2017	Bom dia Sergipe
Situação da seca em Sergipe é tema de debate na assembleia legislativa	04/04/2017	SE 1ª edição
I Workshop da caatinga fala sobre a proteção do bioma	25/04/2017	Bom Dia Sergipe
Secretário da agricultura fala sobre seca em Sergipe	01/06/2017	Estação Agrícola

Depois da seca severa, chuva alivia sofrimento em Sergipe	04/06/2017	Estação Agrícola
Chuvas regulares garantem boa safra de milho em Sergipe	30/10/2017	SE 2ª edição
Secretário da Agricultura de Sergipe comemora resultado da produção de milho	05/11/2017	Estação Agrícola
Especialista fala sobre desertificação em área do agreste e do semiárido sergipano	12/11/2017	Estação Agrícola
Seca ainda prejudica alguns municípios de Sergipe	19/11/2017	Estação Agrícola
Seminário sobre Recursos Hídricos dos Vales dos Rios Sergipe e São Francisco é realizado	29/11/2017	Bom Dia Sergipe
Meteorologia prevê temperatura acima de 40°C no sertão sergipano	25/12/2017	SE 1ª edição
Safra recorde de milho movimentou comércio no agreste de sergipe	31/12/2017	Estação Agrícola
Sergipe registra maior safra de milho da região do Nordeste	18/02/2018	Estação Agrícola
Municípios sergipanos serão beneficiados com projeto Dom Helder	03/04/2018	Bom dia Sergipe
Dia Nacional da caatinga será comemorado em Sergipe	27/04/2018	Bom dia Sergipe
Chuva ajudou na safra do milho verde em Sergipe	23/06/2018	SE 2ª edição
Senar Sergipe abre credenciamento para produtores de leite	17/07/2018	Bom dia Sergipe
Estiagem compromete safra de milho em Sergipe	29/07/2018	Estação Agrícola
Doze municípios de Sergipe estão em situação de emergência por causa da seca	31/07/2018	SE 1ª edição
Inverno muda rotina no Sertão	07/08/2018	SE TV 1ª edição

de Sergipe		
Monitor das secas tenta amenizar situação em Sergipe	15/08/2018	Bom Dia Sergipe
Produção de milho em Sergipe será debatida em Itabaiana	15/08/2018	Bom dia Sergipe
Projeto Campo Futuro reúne produtores rurais, técnicos e agente bancários em Itabaiana	26/08/2018	Estação Agrícola
Seca provoca prejuízo no agreste de Sergipe	03/09/2018	Bom Dia Sergipe
Seca provoca desemprego no estado de Sergipe	08/09/2018	SE TV 2ª edição
Empresa leiteira garante alimento do gado em regiões do médio e alto Sertão	16/09/2018	Estação Agrícola
Melhoria genética ajuda na produção de leite em Nossa Senhora da Glória	07/10/2018	Estação Agrícola
Seca preocupa moradores do sertão sergipano	26/11/2018	SE TV 2ª edição
Municípios sergipanos estão em emergência por causa da seca	26/12/2018	SE TV 2ª edição
Barragem seca e deixa mais de 35 mil famílias sem água em Tobias Barreto	27/12/2018	SE TV 1ª edição
Chuva ameniza transtornos causados pela seca em Sergipe	17/02/2019	Estação Agrícola
Produtores de milho estão na expectativa pela chegada das chuvas	17/03/2019	Estação Agrícola
Chuvas de março tem alegrado produtores de sergipe	07/04/2019	Estação Agrícola
Seca severa atrapalha safra de feijão no centro-sul de Sergipe	26/05/2019	Estação Agrícola
Especialista fala sobre monitoramento do clima em Sergipe	09/06/2019	Estação Agrícola
Safra de milho em Sergipe deve ser maior que o esperado	12/07/2019	Estação Agrícola

Chuvas acima da média animam produtores em Sergipe	12/07/2019	Estação Agrícola
Chuvas aumentam nível de barragem em Sergipe	12/07/2019	SE 1º edição
Federação da Agricultura e Pecuária de Sergipe fala sobre Dia do Agricultor	28/07/2019	Estação Agrícola
Balanço da produção de leite em Sergipe é apresentada aos produtores rurais	30/07/2019	Bom Dia Sergipe

Fonte: Globoplay com organização da autora do projeto

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistado: Ailton Rocha - Superintendente de Recursos Hídricos da SEMARH

1. Queria começar com a definição do que vocês consideram como ações que tenham um caráter emergencial e estruturante.

Ailton: Veja só, a gente tem trabalhado pela gestão proativa, que substitui a gestão reativa, que é mais voltada para ações emergenciais. Só que a seca é um fenômeno natural silencioso, diferente da chuva, ela vai ocorrendo e vai se instalando. Ela tem o processo de instalação e um processo para a saída. Por isso, o que buscamos na gestão proativa? É justamente monitorar para encontrar as soluções a partir do monitoramento. Isso ocorre pelas previsões climáticas, assim como pelos impactos do que ocorre, por meio do monitor de secas, que estabelece o estágio de gravidade que a seca se encontra mês a mês.

Para cada estágio, os impactos são apresentados de curto, médio e longo prazo. Isso é importante para a defesa civil no processo de decreto de situação de emergência, mas também no setor produtivo, pois a partir daí pode-se tomar alguma decisão de convivência com a seca. Dentro dessa seara da gestão prática, algumas ações emergenciais são necessárias. Por exemplo, você não pode abdicar do carro-pipa no momento de uma falta de água, ajudando no abastecimento humano e na dessedentação animal, assim como o suporte forrageiro para atender a demanda dos animais.

Ao mesmo tempo, em virtude das mudanças climáticas, a seca passou a ser mais recorrente e por isso, a infraestrutura hídrica instalada precisa ser aprimorada e ampliada. Por exemplo, precisamos reduzir perdas na irrigação, utilizando uma tecnologia direcionada para isso. Ações mais robustas também são necessárias como ampliação de adutoras, canal de xingó, construção de barragens. Sempre é necessário vislumbrar as obras estruturantes para atender as demandas atuais e também futuras. A engenharia calcula a partir do crescimento populacional e a renda per capita e assim, um cálculo é feito e projetado ao longo do tempo, sem que haja um colapso.

Nesse aspecto, fomos bem sucedidos. Sabemos que parte do rebanho foi dizimada, algumas comunidades precisaram de carro-pipa e Tobias Barreto que foi mais afetado, porque zerou o reservatório e precisou pegar água do município vizinho, na Bahia. Com o monitor das secas, verificamos a situação dos reservatórios. Mensalmente, fazemos uma reunião com SEDURBS, SEBES, DESO COHIDRO, Defesa Civil e o pessoal da coordenadoria de mudanças climáticas faz uma apresentação da situação de chuva e nosso pessoal de

coordenadoria de segurança hídrica apresenta a situação dos reservatórios, para tomarmos providências. A nível de gestão é isso que fazemos em Sergipe, claro que precisamos de chuva, mas uma boa gestão ajuda a mitigar os impactos.

- 2. Então, só para confirmar, o entendimento que vocês têm sobre uma ação emergencial é uma ação mais imediata e estruturante é o que vocês tentam trabalhar na gestão proativa, de médio ou longo prazo?**

Ailton: Isso mesmo.

- 3. Agora, em relação ao tempo, em meses ou anos, em quanto tempo podemos classificar uma ação emergencial e uma ação estruturante de médio e longo prazo?**

Ailton: Isso é muito subjetivo, porém, gosto de trabalhar ações emergenciais com caráter até 1 ano, médio prazo de 1 a 5 anos e de longo prazo, de 5 anos a 10 anos.

- 4. A partir disso, eu vou citar o nome de algumas ações e pedir que você classifique, por gentileza, a partir da predominância dessas ações como de caráter emergencial, médio ou longo prazo.**

Ailton: O carro pipa é emergencial, o monitor de secas pode ser considerado como uma política de estado, por isso, ela não se classifica, é uma ação permanente. No caso da entrega de cestas básicas e ações de solidariedade, consideramos como ações emergenciais, assim como a declaração de estado de emergência. No caso da distribuição de sementes pode ser considerada como permanente, porque essa ação ocorre todos os anos. Projetos como o Dom Távora e Dom Helder devem ser classificados a partir das ações que eles fizeram e não do projeto em si.

No caso de programas de combate à desertificação, podemos considerar como algo permanente, assim como a fiscalização de recursos hídricos, capacitação de técnicos agrícolas, entendendo o permanente como política de estado ou com período de realização anual.

Isso vale também para o apoio de qualificação ao produtor, ações de educação ambiental, tecnologia para a criação de animais, o monitoramento dos reservatórios, assistência técnica

aos perímetros irrigados. No caso da instalação de caixas de água, podemos considerar como de longo prazo, inclusive, reservar água é essencial para quem vive no semiárido, ou seja, a pessoa implanta e vai ter um longo tempo para se beneficiar.

No caso da instalação ou recuperação de adutoras, poços tubulares e dessalinizadores, classificamos como predominantemente de médio prazo.

Ações de orientação ao agricultor ou comunidade podem ser vistas como de caráter permanente e a recuperação de ampliação de barragens, assim como a recuperação de áreas degradadas no caso da caatinga podem ser consideradas de médio prazo. Outras ações de médio prazo são a implantação da palma forrageira, modernização de sistemas de irrigação e técnicas de ações e armazenamento de água em casa.

APÊNDICE C - Imagens relevantes para a análise

Atuação do repórter em campo



Fonte: Globoplay

Exemplo de imagem nas matérias ao abordar a chuva como resposta



Fonte: Globoplay

Morte de animais em evidência



Fonte: Globoplay